U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Vozes Vivas da *Escola do Porto.*

Entre estórias e partilhas, o contributo da Memória no reconhecimento da Identidade.

Ana Filipa Sousa Capela

M

2022

Vozes Vivas da *Escola do Porto*:

Entre estórias e partilhas, o contributo da Memória no reconhecimento da Identidade.

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Sob a orientação de:

Professora Doutora Maria José Lopes Casanova
Professor Doutor André Miguel Guimarães dos Santos

Ana Filipa Sousa Capela

Porto, 2022

Nota Prévia

As citações de línguas estrangeiras foram traduzidas livremente para a língua portuguesa.
As conversas realizadas foram também transcritas livremente, suprimindo-se repetições ou expressões comuns ao discurso oral.
As imagens apresentadas ao longo do corpo de texto foram cortadas e/ou sofreram alterações cromáticas relativamente às originais.

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria José Casanova e ao Professor Doutor André Santos, pelo acompanhamento, apoio e dedicação, que na sua dualidade complementar, constituíram um estímulo essencial para a concretização desta etapa.

À memória do arquiteto José Quintão, que nos deixou durante o processo de desenvolvimento desta dissertação, pela sua ajuda, disponibilidade e sensibilidade, e pela oportunidade de puder contribuir para o testemunho das suas memórias.

Ao arquiteto José Gigante, pela constante boa disposição, amizade e atenção, e pela vontade e entusiasmo com que partilhou a sua vida connosco.

Ao arquiteto Pedro Ramalho, pela confiança, interesse e generosa contribuição, e pela enorme amabilidade e disponibilidade com que sempre nos acolheu.

A todas as personagens com quem contactámos diretamente no âmbito do projeto de investigação Vozes Vivas, pela simpatia e consideração com que disponibilizaram o seu tempo, e por todos os seus imprescindíveis testemunhos e contributos.

À Doutora Teresa Godinho, do *Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura* da FAUP, e à Doutora Isabel Barroso, do *Serviço de Documentação e Informação* da FBAUP, por toda a ajuda e colaboração.

Aos meus pais e aos meus irmãos, pela constante compreensão e apoio, durante todo este percurso e pela muita paciência.

Aos meus amigos pela partilha e incentivo e, em especial, à Margarida por ser a minha parceira.

Ao Francisco, por ser a minha motivação e por estar ao meu lado, todos os dias.

Resumo

A presente dissertação, enquadrada no projeto de investigação Vozes Vivas, tem como propósito uma aproximação e compreensão do papel da Memória no processo de reconhecimento da Identidade, com base numa leitura pessoal dos testemunhos de um conjunto de personagens que integraram a *Escola do Porto*.

Deste modo, apesar da singularidade e especificidade de cada um, será através do cruzamento dos seus discursos, testemunhados a partir das suas vivências e lembranças passadas, que se procurará encontrar uma visão de conjunto, a qual importa conhecer e registar.

Se a identidade de cada participante se foi construindo a partir de um percurso que se suporta, continuamente, de vivências entre colegas e professores, dentro e fora da *Escola*, académica, profissional, social ou culturalmente, ou seja, através das suas memórias, também a Identidade da *Escola do Porto* foi seguindo um caminho de consciencialização. Esse processo seria moldado pelas circunstâncias externas, pelos contextos sociais, políticos e culturais, mas acima de tudo, moldado pelas personalidades que lhe deram vida, pelos seus valores, práticas e interrelações, pelo que primeiro adquiriram e posteriormente procuraram transmitir.

Assim, percorrendo as suas memórias, procura-se reconhecer a indissociabilidade da identidade de cada um – testemunhadas pela participação e intervenção de cada um, pelos seus contributos – da Identidade da *Escola do Porto*.

Palavras-Chave

Memória, Identidade, *Escola do Porto*, Estórias, Personagens.

Abstract

The present dissertation, framed by the Vozes Vivas research project, aims to approach and understand Memory's role in the process of acknowledgement of the Identity, based on a personal reading of a group of characters' testimony, whom integrated the *Oporto School*.

Therefore, despite the uniqueness and specificity of each one, through the intersection of their discourses, witnessed from their experiences and past memories, a group vision will be sought after, which should be known and recorded.

If each participant's identity was built from a path continuously suported by experiences between colleagues and professors, inside and outside the *School*, academically, professionally, socially or culturally, in other words, through their memories, then the *Oporto School*'s Identity is also following a path of awareness. This process would be molded by external circumstances, by social, political and cultural contexts, but above all, molded by the personalities that gave it life, by their values, practices and interrelationships, by what they first acquired and later sought to transmit.

Thus, wandering through their memories, one seeks to recognize the inseparability of each character's identity – witnessed by their participation and intervention, by their contributions – from the Identity of the *Oporto School*.

Keywords

Memory, Identity, *Oporto School*, Stories, Sharing, Characters.

Sumário

	Agradecimentos	5
	Resumo	6
	Abstract	7
	• **Introdução**	**10**
Capítulo 1	• **Memória e Identidade**	**16**
1.1	**Memória: Entre o Passado e o Presente**	**18**
1.1.1	Memória Individual	29
1.1.1	Memória Coletiva	33
1.1.1	Memória Institucional	35
1.2	**Identidade: Entre o Eu e o Outro**	**40**
1.2.1	Identidade Individual	49
1.2.2	Identidade Coletiva	50
1.2.3	Identidade Institucional	53
1.3	**Encontros: Recordo, logo Existo**	**57**
Capítulo 2	• **Contextos**	**60**
2.1	**Entre a ideia e a consolidação da Escola do Porto**	**62**
2.2	**Entre a intenção e a oportunidade**	**72**
2.3	**Entre a decisão pela Arquitetura e a entrada na Escola**	**75**
2.3.1	a infância e as origens familiares	78
	Pedro Ramalho	*79*
	José Quintão	*82*
	José Gigante	*84*

Capítulo 3 • **Aquisições e Contributos** **88**
3.1 Entre as aprendizagens, as colaborações e as convivências 90
3.1.1 *Escola*: as lições com os mestre e as partilhas com os colegas 91
Pedro Ramalho *92*
José Quintão *106*
José Gigante *112*
3.1.2 Atelier: os trabalhos com os professores e as salas com os colegas 127
Pedro Ramalho *128*
José Quintão *135*
José Gigante *140*
3.1.3 Cidade: as atividades extracurriculares e os espaços culturais e recreativos 147
Pedro Ramalho *150*
José Quintão *159*
José Gigante *163*
3.2 Entre a docência e a profissão 170
3.2.1 a decisão pelo ensino e a atividade pedagógica 171
Pedro Ramalho *172*
José Quintão *181*
José Gigante *188*
3.2.2 o primeiro trabalho e as experiências profissionais 195
Pedro Ramalho *196*
José Quintão *201*
José Gigante *208*
3.3 Entre a Memória e a Identidade 214

• **Considerações Finais** **226**

Referências e Fontes 230
Índice de Imagens 240

Introdução

"Cada um com uma personalidade bem vincada e cada um bem diferente dos outros, todos desempenham um trabalho que reflectindo essa personalidade engrandeceu o ensino e a Escola."[1]

Enquadramento

Integrada no projeto de investigação VOZES VIVAS[2], coordenado pelos Professores André Santos e Maria José Casanova e sediado no *Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo* (CEAU), da *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto* (FAUP), a presente dissertação surge como possibilidade de complementar e dar continuidade ao referido projeto, ensaiando uma abordagem que procura construir um ponto de vista a partir de uma perspetiva pessoal.

Este projeto tem como objetivo desenvolver uma investigação centrada nas diversas vivências e experiências de um conjunto de arquitetos, pintores, escultores, e historiadores que, durante o século XX, estudaram e lecionaram na *Escola Superior de Belas Artes do Porto* (ESBAP), atual *Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto* (FBAUP), ou, posteriormente, de-

[1] **UNIVERSIDADE DO PORTO, FACULDADE DE ARQUITECTURA** – *Arquitectura, pintura, escultura, desenho: património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. (p. 12).

[2] Constitui equipa do projeto de investigação VOZES VIVAS os docentes André Santos, Helder Casal Ribeiro, Luís Soares Carneiro, Luís Viegas, Marco Ginoulhiac, Maria José Casanova, Marta Rocha e Rui Ramos, integrados na linha *Habitação Plurifamiliar, Teoria, Desenho e Ensino* (HPTDeE) do grupo de investigação *Atlas da Casa* (AdC).

sempenharam funções de docência, ou outras, na *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Para estas premissas e condições que estabelecem a elegibilidade e inclusão de personalidades na definição do universo de estudo, acresce-se a condição de aposentação, isto é, que presentemente já não desempenharem qualquer cargo ou responsabilidade nesta última instituição.

Com o objetivo de desenvolver uma aproximação ao processo de investigação, capaz de proporcionar um conhecimento sustentado de cada um dos personagens, o trabalho é orientado essencialmente sobre questões de cariz pessoal que melhor contribuem para a compreensão e caracterização das várias e sucessivas gerações. Incidindo sobretudo numa dimensão particular – como a circunstância familiar, o período de formação académica, enquanto discentes e docentes, a atividade profissional, onde se incluem as colaborações com outros colegas, bem como as estórias e as viagens que se constituem como cruzamentos de percursos e vivências –, definem-se os aspetos que, necessariamente enquadrados pelos contextos sociais, culturais, políticos e económicos das diferentes épocas, consubstanciam e consolidam o conhecimento destas personagens paradigmáticas na construção e afirmação da identidade da Escola do Porto.

Objeto

A oportunidade de participar e integrar, bem como, posteriormente, dar continuidade à investigação desenvolvida no âmbito do projeto VOZES VIVAS, incentiva e viabiliza uma reflexão sobre um conjunto de personagens que motivam o desenvolvimento da presente dissertação.

Assim, o presente trabalho incide sobre o processo de construção da Identidade da instituição de ensino, a partir de e na sua relação com as Memórias Individuais dos seus personagens. Ou seja, atenta na leitura e reinterpretação do percurso de vida de um conjunto de intervenientes, que estiveram imbuídos no processo pedagógico da ESBAP e da FAUP, quer tendo em consideração as suas recordações particulares e pessoais, quer relacionando e cruzando estórias, vivências e momentos coletivos, que esclarecem a sua participação e o seu contributo para a narrativa daquela que é conhecida como *Escola do Porto*.

Reconhece-se a pertinência de compreender e conotar o trabalho com diversas questões, quer de índole individual ou coletiva, como pessoal ou social, quer também de índole extracurricular ou interrelacional, que tanto aproximam como diferenciam cada personagem, de forma a verificar e clarificar o contributo de cada um na construção e consolidação da identidade da instituição. Assim, um conjunto de intervenientes será convocado a partir das várias abordagens às temáticas. Apesar da singularidade e especificidade de cada um, será através do cruza-

mento dos seus discursos, testemunhados a partir das suas vivências e lembranças passadas, que se procurará contribuir para uma visão de conjunto, a qual importa conhecer e registar.

Paradigmáticos nas suas múltiplas facetas, os personagens que se pretendem conhecer, incorporam e personificam os objetivos da presente dissertação, uma vez que demonstram uma preocupação constante pela partilha, preservação e posterior comunicação das estórias e vivências que marcaram o seu quotidiano. Entre os episódios narrados e as estórias contadas; as relações partilhadas e as ligações que se permitiram estabelecer; as práticas institucionais e as atividades pedagógicas que procuraram desenvolver e proporcionar no interior e exterior da *Escola*, presentes ao longo dos seus discursos e percursos, considera-se a oportunidade de reconhecer uma consciência e sentimento de pertença a um grupo.

Objetivos

De geração em geração, a sucessão de personagens que continuamente construíram a *Escola do Porto*, contribuiu para o processo de constituição da sua Memória e afirmação da sua Identidade.

Neste sentido, com base na recolha e registo de testemunhos de um pequeno grupo de intervenientes selecionado e na observação e cruzamento das suas rotinas do quotidiano, a presente dissertação tem como objetivo contribuir para manter vivo um legado de memórias, porventura menos consideradas e até desvalorizadas, que, complementam a conhecida e pública História da instituição, ao contar e dar a conhecer os acontecimentos e vivências de âmbito mais quotidiano, informal e, até, privado. Considerando as particularidades e especificidades características de cada personagem, avoca-se essencial conhecer os seus percursos, nas suas diversas facetas e multiplicidades.

Através das estórias narradas e dos episódios evocados pelas personagens, que se constituem como parte integrante da *Escola do Porto*, procura-se conhecer e clarificar diferentes aspetos menos abordados do seu contributo na conformação de uma ideia de *Escola*. Ao registar as vivências de cada um e observar as relações e interações que estabelecem entre si e com o restante coletivo da instituição, procura-se perceber como intervieram no processo de construção de um sentido de Identidade.

As circunstâncias e experiências do quotidiano destes personagens, bem como os sucessivos paradigmas em que as suas vidas se desenrolam, elucidam e informam o seu percurso, o qual se procura completar e conhecer a partir dos seus diversos discursos. Num momento em que as vivências pessoais se misturam e se tornam indissociáveis da vida coletiva, a reflexão sobre os seus percursos e a compreensão dos envolvimentos e laços estabelecidos com colegas e professores

constrói e caracteriza um retrato possível das ambiências e vivências da *Escola*. Da decisão pela Arquitetura à entrada na *Escola*, dos muros do jardim de São Lázaro às vivências pela cidade do Porto, das lições com os mestres à partilha com os colegas, das atividades extracurriculares aos espaços culturais, das experiências profissionais às primeiras colaborações, da docência à profissão, o reconhecimento deste conjunto de dinâmicas clarifica o papel fundamental de cada personagem na construção e consolidação da Memória Coletiva da *Escola do Porto*.

Como objetivo último pretende-se ainda perscrutar se os vários discursos individuais, tecendo uma complexa narrativa construída a partir de estórias, vivências e lembranças, refletem o desenvolvimento de um pensamento de grupo e de uma consciência de identidade associados à *Escola*.

Metodologia

Tendo em consideração o intuito de conhecer, caracterizar e comunicar os percursos de um conjunto de personagens da *Escola do Porto*, foi adotada uma metodologia de investigação organizada em vários momentos sequenciais, de modo a garantir a efetiva concretização dos objetivos traçados.

Assim, o conhecimento global dos vários personagens inseridos no universo de estudo do referido projeto e a consequente realização de conversas diretas com alguns destes intervenientes, possibilitou a seleção e aproximação a um conjunto de personalidades exemplificativas e representativas de diferentes dinâmicas e vínculos com a *Escola*, observadas e interpretadas a partir dos objetivos do presente trabalho.

Num momento posterior à seleção das personagens, a leitura e cruzamento das suas memórias parte de diversas fontes de informação, das quais se salientam os arquivos pessoais das personagens e os arquivos da FAUP e da FBAUP – nos quais se encontram disponíveis os processos de aluno, de docente, e as fichas de matrículas –, fontes disponíveis online, em bibliotecas, bem como entrevistas publicadas ou outros recursos audiovisuais. Estas são permanentemente conciliadas com os testemunhos retirados da partilha e contacto direto com as personagens elegidas, bem como a posterior troca de informação e documentação pertinente. Prossegue-se com a realização de mapas visuais, esquemas comparativos, e cronologias, que permitam ensaiar formas de registo gráfico e visualizar espacial e temporalmente os seus percursos, cruzando-os e relacionando-os.

De modo a inserir e enquadrar estes intervenientes no contexto da *Escola do Porto*, adiciona-se ainda um momento de reflexão sobre a sua narrativa, cruzando diferentes abordagens sobre

a caracterização da sua origem e da sua Identidade. Considera-se, nesse sentido, a leitura e estudo de diversas fontes bibliográficas, direcionadas a esta temática.

Por último, tendo em conta que a presente dissertação procura observar as vivências destas personagens, observando o seu passado na relação com a *Escola do Porto* e atentando nas especificidades que as caracterizam, considera-se relevante abordar as temáticas da Memória e da Identidade, que orientam a leitura e cruzamento dos percursos dos intervenientes. Convoca-se assim a leitura de bibliografia sobre estes conceitos, que estabeleça também uma correlação entre as duas áreas. Reconhece-se ainda a oportunidade de reunir um vasto número de contribuições que convocam autores de diferentes campos disciplinares, abordando particularmente áreas de cariz social, que permitam estruturar um posicionamento crítico e parecer informado sobre estas noções, a fim de possibilitar tecer considerações e formular leituras claras sobre as personagens.

Estrutura

Além dos momentos introdutório e conclusivo, a organização da presente dissertação divide-se em três partes, estruturadas em três capítulos, que sequencialmente guiam a narrativa.

No primeiro capítulo, *Memória e Identidade*, pretende-se identificar e clarificar uma posição individual sobre as temáticas e conceitos fundamentais para o desenvolvimento da presente dissertação. Reconhecem-se as considerações sobre a relação do processo de construção da memória e do seu papel no desenvolvimento da identidade, procurando refletir sobre um nível individual, sobre um nível coletivo, mas também sobre um nível institucional. Apesar do estudo sobre os conceitos de memória e identidade não ser o objetivo final deste trabalho, entendendo-os, pelo contrário, como base essencial para o seu desenvolvimento, procurou-se construir um fundamento para a leitura das personagens convocadas no decurso desta dissertação. Assim definem-se e caracterizam-se as temáticas à luz das quais os percursos das personagens serão posteriormente observados.

O segundo capítulo, *Contextos*, organiza-se em dois momentos distintos. O primeiro momento, desenvolvido no subcapítulo *Entre a ideia e a consolidação da* Escola do Porto, introduz a noção de identidade institucional da *Escola do Porto*. Pretende-se identificar e compreender as abordagens dos diferentes discursos em torno da sua designação, os momentos em que começa a ser utilizada, bem como as principais personagens conotadas com esse momento, a fim de clarificar um posicionamento sobre o entendimento da designação.

O segundo momento, correspondente aos dois subcapítulos seguintes, apresenta as identi-

dades individuais. Em *Entre a intenção e a oportunidade*, procura-se clarificar e explicitar o processo de seleção das personagens abordadas nesta dissertação, identificando aquelas cujos percursos serão observados e cruzados. E em *Entre a decisão pela Arquitetura e a entrada na Escola*, apresentam-se os intervenientes, aprofundando-se a fase inicial das suas vidas, as origens familiares, as memórias de infância e adolescência, até ao momento de entrada no curso de Arquitetura da ESBAP e início do seu percurso académico.

No terceiro capítulo, *Aquisições e Contributos*, organizado em três subcapítulos, pretende-se expor as memórias dos momentos seguintes das suas vidas, contextualizando os seus enquadramentos políticos, sociais e culturais. Seguindo a mesma estrutura, em cada subcapítulo, todas as partes em que estes se subdividem exploram e comunicam os percursos das personagens observadas, apresentando-os sempre na mesma ordem.

Assim, ao primeiro subcapítulo, *Entre as aprendizagens, as colaborações e as convivências*, dividido em três partes, cabe explorar as vivências enquanto alunos. A primeira parte explora as experiências num âmbito escolar, marcadas quer pelos professores, como pelos colegas, pelos momentos de aprendizagem, interajuda e partilha. A segunda parte, referente a um contexto profissional, expõe as experiências em torno das colaborações com professores ou com colegas, mapeando os espaços ou salas e os ateliers onde iniciavam a atividade prática. A terceira parte, por sua vez, identifica e clarifica os contextos sociais e culturais dos seus tempos de juventude, definiam os espaços de encontro e convívio, as atividades e iniciativas que ocupavam o tempo extracurricular.

O segundo subcapítulo, *Entre a docência e a profissão*, pretende conhecer e caracterizar as vivências como docentes e arquitetos, organizando-se em duas partes. A primeira clarifica o momento de reentrada na ESBAP, agora no papel de docentes, observando as suas memórias, por forma a esclarecer as suas visões e ações como pedagogos. A segunda parte pretende descrever e caracterizar as suas primeiras experiências profissionais após a obtenção do diploma de arquitetura, quer em ateliers em nome próprio ou em colaborações.

Por fim, o terceiro subcapítulo, *Entre a Memória e a Identidade,* procura observar os cruzamentos e relações dos percursos das personagens, quer a partir das aquisições dos tempos enquanto estudantes, salientando alguns dos contributos da *Escola* na construção das suas Identidades, quer, posteriormente, a partir das práticas e visões que procuram transmitir, evidenciando os seus contributos na construção da *Escola do Porto*.

Capítulo 1

Memória e Identidade

"... um estudo da forma como nos lembramos – a forma como nos apresentamos nas nossas memórias, a forma como definimos as nossas identidades pessoais e coletivas através das nossas memórias, a forma como ordenamos e estruturamos as nossas ideias nas nossas memórias e a forma como transmitimos essas memórias a outros – é um estudo sobre a forma como somos."[3]

[3] **FENTRESS, James; WICKHAM, Chris** – *Social Memory: New Perspectives on the Past*. (p. 7).

Na consciência de um conhecimento menos consolidado sobre a complexidade dos conceitos de Memória e de Identidade, procurou-se iniciar uma reflexão sobre estes termos que contribua para o seu enquadramento e caracterização e que estabeleça pontos de contacto entre os dois campos.

Assim, no decurso desta dissertação, convocam-se inicialmente estes conceitos, desenvolvidos a partir de fundamentos cruciais e imprescindíveis à sua total contextualização, que orientam e dinamizam a narrativa. Para a sua compreensão considera-se a pertinência de utilizar diferentes visões, de autores de diversas áreas, apropriando-se dos seus discursos e conceções para construir uma base de desenvolvimento da sua sensibilidade e conhecimento.

Com o propósito de encontrar um entendimento e clarificar mais aprofundadamente uma síntese própria que afirme os entendimentos apreendidos sobre estes conceitos, salienta-se ainda a relevância destes como mote através do qual se observam e relacionam o percurso e vida das personagens evocadas posteriormente.

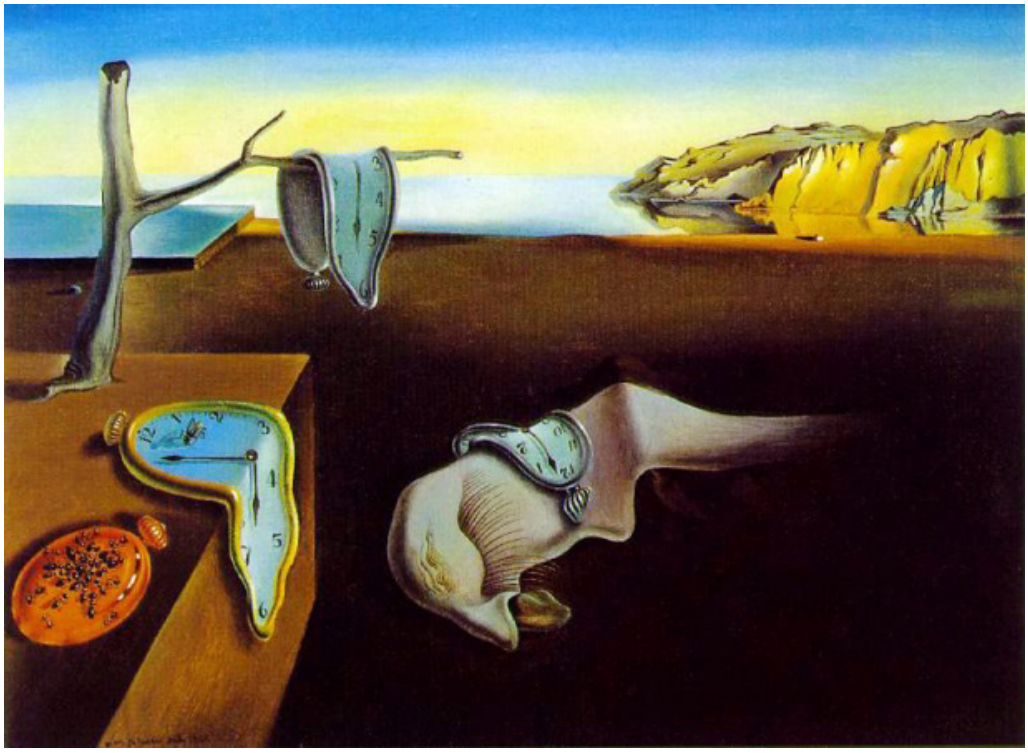


fig. 1

A noção de memória remete a um tempo interior, inconsciente, que tem a sua própria forma de ser contado e que foge à racionalidade, tal como a visão de temporalidade subjacente neste quadro.

Salvador Dalí, *A Persistência da Memória*, 1931.

1.1 Memória: entre o passado e o presente

"*A memória como elemento da indagação humana, talvez seja tão antiga quanto o próprio homem.*"[4]

A memória é, frequentemente, definida como a capacidade de convocar o passado. Simplesmente descrita, pode ser entendida como a "*... faculdade pela qual o espírito conserva ideias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço.*"[5], como uma lembrança, uma recordação. Da variedade de significados que, de uma forma instintiva, lhe pode ser conferida, a memória acaba igualmente por ser associada a um conjunto de ações que assinalam o quotidiano. Fixar o nome das pessoas, decorar o percurso para a escola, lembrar a letra de uma canção, recitar um texto de cabeça, recordar momentos vividos e lembranças passadas, são algumas das experiências que, involuntária e automaticamente, caracterizam diferentes fenómenos indistintamente classificados como memória.

Nesse sentido, as noções rápidas e por vezes simplistas, que habitualmente resultam de uma primeira tentativa de definição de memória, demonstram a multiplicidade de significados associados a este termo. Longe de se pretender compreender toda a complexidade da ideia memória, importa, nesse sentido, clarificar e contextualizar este conceito, por si, tão elaborado e de difícil definição. O seu significado foi passando por constantes e complexas modificações, sendo objeto de múltiplos estudos, quer filosóficos ou científicos, biológicos ou físicos, sociológicos ou psicológicos, variando de acordo com a sociedade e cultura de cada época. A possibilidade de dispor e revisitar acontecimentos passados tornou-se então motivo de inúmeras investigações, dentro das quais, consideradas fundadoras, se encontram os trabalhos de autores como Bergson na Filosofia, Freud na Psicanálise, Ebbinghaus na Psicologia, Bosi na

[4] **KESSEL, Zilda** – *A memória escolar no virtual: Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), lugares da memória e da cultura escolar*. (p. 11).

[5] "memória", *In* Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, (2008-2021).

Psicologia Social, Halbwachs e Pollak na Sociologia, Proust na Literatura, Le Goff[6] e Nora na História, entre outros não menos importantes.

Etimologicamente, tem origem no latim *memoria*, *ae*, de *mĕmor*, *ōris*, e significa aquele que se lembra, que se recorda. Assim, o termo exprime a "*... faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos ...*"[7]. Segundo Jacques Le Goff, por memória entende-se "*... um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou colectiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.*"[8]. Neste sentido, a identidade, tendo no presente o seu lugar de formação, só é construída mediante o uso da memória, se houver recordação do passado, o que torna os dois conceitos indissociáveis.

De facto, as várias contextualizações que se foram estabelecendo à volta da noção de memória já foram procurando explicar tanto a sua criação, forma de funcionamento, ligações com as esferas sociais, formulação inconsciente, como, inclusivamente, uma outra dimensão do ato de lembrar, o esquecimento. Se na memória não estão presentes os momentos esquecidos, a própria consciência do ato de esquecer revela-se um fenómeno que denuncia a complexidade de clarificação deste conceito. Nesse sentido, a capacidade de conservar e atualizar impressões do passado, para Le Goff, está associada a um conjunto de funções psíquicas[9]. A visão do historiador permite situar a memória numa dimensão intermediária entre natureza e espírito, corpo e mente, indivíduo e sociedade, passado e presente. Essa dialética de dimensões poderia ainda ser transposta para o campo da imaginação, uma vez que lembrar e inventar têm ligações profundas.

É Pallasmaa[10] quem também recorda o vínculo que se pode estabelecer com o imaginário inventado quando afirma, "*Temos uma capacidade inata de lembrar e imaginar lugares. Percepção, memória e imaginação estão em interação constante; a esfera do presente se funde com imagens de memória e fantasia.*"[11]. Contudo, não há memória que seja unicamente imagi-

[6] **Jacques Le Goff** (1924-2014) foi um historiador francês. Membro da precursora *Escola dos Annales*, que incorporava métodos das Ciências Sociais à História, Le Goff, com mais de seis décadas de produção académica, publicou estudos que renovaram a pesquisa histórica, sobre mentalidade e sobre antropologia da Idade Média. Procurou levar a História além do mundo académico, apresentando um programa na rádio estatal francesa, *France Culture*.

[7] **HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro** – *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. (p. 2451).

[8] **LE GOFF, Jacques** – "Memória". *In* **ROMANO, Ruggiero (dir.); GIL, Fernando (coord**.) – "Memória-História". (p. 46).

[9] *Idem*. (p. 11).

[10] **Juhani Pallasmaa** (1936-...) é um arquiteto e professor finlandês. A sua obra é amplamente conhecida, debatendo temas sobre filosofia, psicologia e teoria da arquitetura e da arte, da qual se destaca *Os olhos da pele* (1996), *As mãos inteligentes* (2009), *A imagem corporificada* (2011) e *Habitar* (2016).

[11] **PALLASMAA, Juhani** – *Os Olhos da Pela. A arquitetura e os sentidos*. (p. 64).

nação pura e simples. Implicando um processo de revisitar, perceber, selecionar e manter, a memória não se reduz apenas à capacidade de recordar o passado no presente, mas, concomitantemente, resulta da capacidade de rememoração, retenção, exclusão e conservação, consequente de um verdadeiro trabalho de organização e representação, e nesse sentido, de construção, tanto consciente como inconsciente.

Porventura, a definição da memória, atualmente, afirma a sua incapacidade de recuperar um passado plena e completamente real. A rejeição, quase unânime, dessa caracterização justifica-se pelo facto de a perceção desse passado estar sempre sujeita a vários filtros indissociáveis entre si: o indivíduo, a sociedade e o tempo. Ao tradicional debate sobre a relação entre indivíduo e sociedade, adicionou-se uma nova noção de temporalidade, "*... pela qual a influência do passado sobre o presente passa a ser incorporada às análises da sociedade contemporânea ...*"[12]. Simultaneamente, tal como proposto por Santos[13], "*De um modo geral (...), os novos estudos do passado se consolidaram ao resgatar a importância de experiências individuais e popularizar estudos da vida cotidiana.*"[14]. A partir da observação da vida diária, juntamente com a demarcação de certos momentos referência nos contextos sociais, torna-se então possível localizar temporalmente lembranças e recordar factos passados.

O processo de construção da memória passa, dessa forma, necessariamente, por um primeiro referencial, o sujeito. Aquele que lembra é o sujeito. Contudo, se *a priori* a memória era considerada um fenómeno pessoal, algo relativamente íntimo e próprio da pessoa, Halbwachs[15] veio asseverar a memória sobretudo como um fenómeno social, construído socialmente. À posição defendida pelo sociólogo foram atribuídos grandes méritos, visto que foi introduzida numa época em que o termo era basicamente apenas associado a uma capacidade mental de recordar puramente individual, sendo os seus estudos "*... essenciais a qualquer análise relativa à formação de identidade do indivíduo contemporâneo, seja ela pensada de forma subjetiva ou material, individual ou coletiva.*"[16].

[12] **SANTOS, Myrian** – "O Pesadelo da Amnésia Coletiva: Um Estudo sobre os Conceitos de Memória, Tradição e Traços do Passado". (p. 127).

[13] **Myrian Sepulveda dos Santos** é uma professora brasileira. Leciona na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sendo a sua principal área de pesquisa a sociologia da cultura, com enfoque sobre memória, identidade, práticas e políticas culturas e teoria social.

[14] **SANTOS, Myrian** – "O Pesadelo da Amnésia Coletiva: Um Estudo sobre os Conceitos de Memória, Tradição e Traços do Passado". (p. 128).

[15] **Maurice Halbwachs** (1877-1945) foi um sociólogo francês. Inicialmente discípulo de Henri Bergson, o qual o influenciou enormemente, o seu pensamento foi-se desenvolvendo e acabou por se aproximar da escola Durkheimiana. Halbwachs foi um dos autores que mais contribuiu para o estudo do conceito de memória coletiva, sendo o primeiro autor a enfatizar a importância dos quadros sociais da memória.

[16] **SANTOS, Myriam** – "O Pesadelo da Amnésia Coletiva: Um Estudo sobre os Conceitos de Memória, Tradição e Traços do Passado". (p. 130).

fig. 2

O mistério do *Eu* sem memória.

Christopher Nolan, *Memento* (*Memento*), 2000.

Num contínuo processo de transformação, um indivíduo é confrontado com uma complexidade única de situações ao longo da sua vida, que se traduzem necessariamente em memórias únicas, próprias, diferentes das de todos os outros. As experiências anteriores que vivenciaram, construíram e incorporaram, as quais recordam o seu passado, ajudam a moldar a personalidade dos indivíduos, que se forma nestes contextos sociais e "*... interativos, de forma fragmentada e aberta a múltiplas composições.*"[17] e justificam, por isso, determinados comportamentos apresentados no presente.

Nesse sentido, salienta-se o carácter social da memória. Seja pelo conjunto de noções e convenções comuns à vida material e moral das sociedades às quais se pertence, seja pelas interações com diversos contextos mais demarcados pela vida quotidiana, e pelas relações estabelecidas com o outro, a memória deve ser entendida como um fenómeno construído socialmente. Halbwachs veio salientar a importância dos quadros sociais da memória sobre qualquer lembrança do passado, "*... por mais que pareçam resultado de sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais ...*"[18]. Desse modo, a memória não é apenas construída socialmente, é também a manutenção de aspetos do passado dos quais não se tem consciência. É a representação de um tempo que se forma, a cada época, influenciada pelos pensamentos, sentimentos, hábitos e atitudes dominantes da sociedade, é um aspeto fundamental na construção da sociedade.

Ao compreender a relação das lembranças de cada indivíduo, não como memórias exclusivamente individuais, mas como partes de um contexto social, que as contém e que as antecede, consegue-se percecionar a sua relação com o tempo, uma vez que o passado se configura no presente através dessas estruturas ou configurações sociais. Se o outro é essencial na perceção de um indivíduo sobre a sua realidade, se os quadros sociais da memória "*... fornecem uma imagem de permanência e estabilidade crucial para nossa inserção no mundo.*"[19], também a noção de temporalidade constitui um elemento integral na tradução das experiências do passado.

A visão sobre momentos, acontecimentos, sensações ou situações que decorreram num tempo passado, constitui-se como um processo de consciencialização sobre o mesmo, criado e apropriado num tempo presente. Determinados traços ou experiências vividas anteriormente podem não ser completamente incluídos, nem facilmente compreendidos e percecionados no presente. De facto, não haveria passado, ou uma perceção dele, se não houvesse memória. Por esse motivo, as diferentes posições sobre a memória, que abordaram a relação que se pode estabelecer com o passado, foram divergindo e evoluindo ao longo dos tempos. Bosi[20],

[17] **SANTOS, Myriam** – "Sobre a Autonomia das Novas Identidades Coletivas: Alguns Problemas Teóricos". (p. 11).

[18] *Idem*. (p. 4).

[19] *Idem*. (p. 9-10).

[20] **Ecléa Bosi** (1936-2017) foi uma psicóloga e escritora brasileira. Com destaque para a sua obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994), foi professora emérita e titular do *Departamento de Psicologia Social e do Trabalho no Instituto de Psicologia* (IP) da *Universidade de São Paulo* (USP), local onde, através das suas iniciativas, se passou a acolher maiores de 60 anos nos cursos regulares do programa *Universidade Aberta à Terceira Idade*.

procurou apresentar algumas reflexões próprias das visões de determinados autores, tecendo, primeiramente, alguns comentários à perceção que Bergson[21] faz sobre a memória, para, na sua sequência, dedicar algumas considerações aos conceitos de Halbwachs[22]. Assim, a dicotomia entre conservação e reconstrução, especificada por Bosi, esclarece apropriadamente a principal diferença das visões dos dois autores. A visão filosófica de Bergson "*... quer mostrar que o passado se conserva inteiro e independente no espírito; e que o seu modo próprio de existência é um modo inconsciente.*"[23], e, de modo contrário, Halbwachs afirma a lembrança como "*... uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.*"[24].

As preocupações e situações estabelecidas no presente assumem um papel fundamental no contínuo processo de reconstrução do passado. Como refere Pollak[25], "*A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.*"[26]. Por oposição, a abordagem de Halbwachs, radical face a outras posições, negava qualquer influência do passado sobre o presente, qualquer transposição ou transferência de sentimentos ou valores passados, "*... uma vez que «lembrar» significa atividade racional em que um indivíduo está sempre em relação com todo um conjunto de noções comum a muitos outros, e, neste sentido, sempre reformulando heranças desconexas do passado de acordo com preocupações e situações atuais.*"[27]. A essa extrema abordagem da dialética entre passado e presente, poder-se-á opor o sentido de tradição, que, muitas vezes inconscientemente, movimenta e orienta as ações dos indivíduos.

Nesse sentido, as heranças e transmissões precedentes conjugam-se com o conhecimento acumulado a partir de experiências e sentimentos já vivenciados, para moldarem e influenciarem

[21] **Henri Bergson** (1859-1941) foi um filósofo e diplomata francês. Frequentemente situado na história da filosofia como espiritualista evolucionista, Bergson adotou a biologia, a psicologia e a sociologia como fundamentos de seu pensamento filosófico. O seu pensamento está fundamentado na afirmação da possibilidade de o real ser compreendido pelo homem através da intuição da *durée*, cujos resultados viriam da experiência.

[22] Respetivamente intitulados, «Bergson, ou a conservação do Passado» e «Halbwachs, ou a reconstrução do Passado», no livro de Eclá Bosi, *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1979).

[23] **BOSI, Ecléa** – *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* (p. 14).

[24] **HALBWACHS, Maurice** – *A memória coletiva*. (p. 70).

[25] **Michael Pollak** (1948-1992) foi um sociólogo e historiador austríaco. Trabalhou como investigador do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), dedicando o seu interesse, inicialmente, para as relações entre política e ciências sociais, e estendendo-se a diversos outros campos de pesquisa, que confluíram para uma reflexão sobre o problema da identidade social em situações limite.

[26] **POLLAK, Michael** – "Memória e identidade social". (p. 204).

[27] **SANTOS, Myrian** – "O Pesadelo da Amnésia Coletiva: Um Estudo sobre os Conceitos de Memória, Tradição e Traços do Passado". (p. 133).

os atos do presente. Ao observar o pretérito, em diálogo com o presente, contribui-se para a reconstrução da memória.

É nesta perspetiva que importa diferenciar, nesta apropriação do tempo, o passado da sua representação, decorrente no tempo presente. Se a memória, elaborada com base em variadíssimos estímulos, "*... é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências e experiências ocorridas no passado.*"[28], então, a sua representação resulta unicamente da presença deste no presente. Influenciada pelas próprias vivências e experiências passadas, a memória cria, no presente, imagens e representações das recordações que um indivíduo foi adquirindo ao longo da vida. Essa expressão e projeção do passado, nunca conseguindo representá-lo exatamente como ocorreu na realidade, surge sob a forma de imagem reconstruída, como mediação entre passado e presente, ainda que envolvendo um certo distanciamento ao verdadeiro passado.

Interessa, também, salientar o entendimento da memória "*... como um processo criador intimamente ligado às condições existentes e experiências sedimentadas do passado.*"[29], as quais resultam muitas vezes de processos de seleção anteriores, nos quais o indivíduo não participou. As lembranças ou esquecimentos transmitidos ou impostos são precedentemente definidos sobre aqueles que os recebem, em virtude de surgirem através de estruturas simbólicas da sociedade.

De acordo com Pollak, "*A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registado.*"[30] Nesse sentido, importa ressalvar como certas relações de manipulação ou dominação acabam por ser determinantes no processo de seleção da memória, uma vez que "*Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação colectiva.*"[31]. A memória acaba por surgir como objeto de luta entre diferentes classes, grupos ou indivíduos, cuja grande preocupação se prende com o que deve ser lembrado ou esquecido, e pela procura de domínio e controlo sobre essa decisão. Através do seu registo fixa-se aquilo que se escolheu lembrar. Nessa perspetiva, a escrita afigura-se como uma das principais formas de documentar e preservar, que para Halbwachs, pode até ser considerada como o único meio de salvar determinadas lembranças, ao "*... fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem.*"[32].

No entanto, apesar desse registo permitir a conservação de momentos do passado, a escolha do que conservar, estando sujeita a essas possíveis manipulações ou omissões, quer conscien-

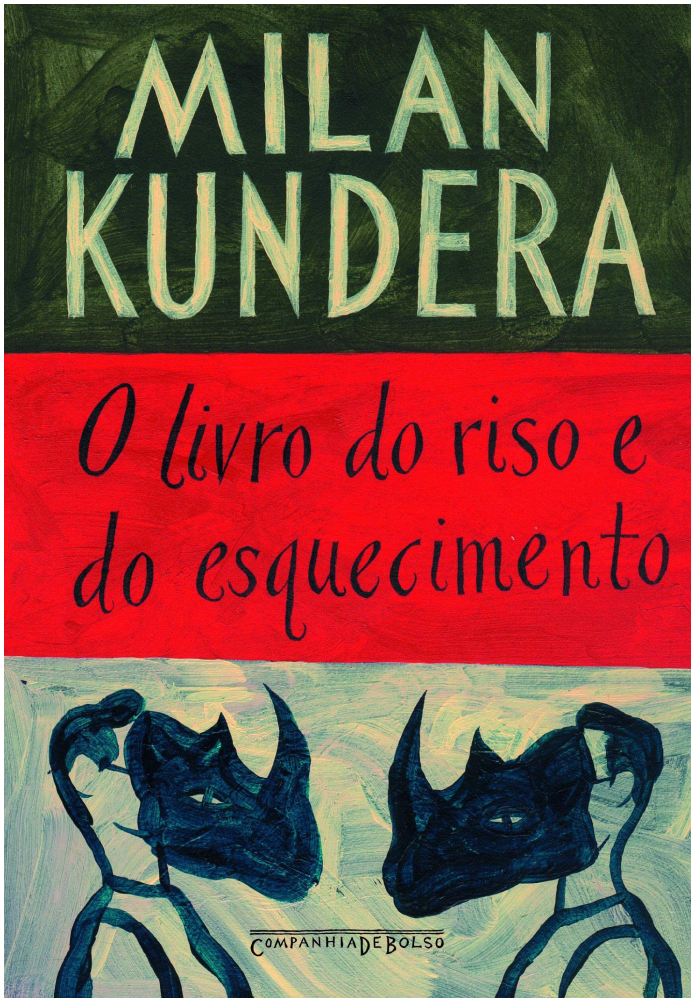
[28] **KESSEL, Zilda** – "Memória e memória coletiva". (p. 2).

[29] **SANTOS, Myrian** – "O Pesadelo da Amnésia Coletiva: Um Estudo sobre os Conceitos de Memória, Tradição e Traços do Passado". (p. 135).

[30] **POLLAK, Michael** – "Memória e identidade social". (p. 203).

[31] **LE GOFF, Jacques** – "Memória". *In* **ROMANO, Ruggiero (dir.); GIL, Fernando (coord.)** – "Memória-História". (p. 13).

[32] **HALBWACHS, Maurice** – *A memória coletiva*. (p. 80-81).



"É 1971, e Mirek diz:
A luta do homem contra o
poder é a luta da memória
contra o esquecimento."

fig. 3
Milan Kundera, *O Livro do Riso e do Esquecimento* (*Kniha smíchu a zapomnění*), 1978.

tes ou inconscientes, poderá não ser reveladora da total realidade do passado, quer retratada pela Memória, quer documentada pela História. Dominando sobre determinados momentos considerados de menor escala, "*A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens.*"[33]. Em consonância, Kessel afirma que os estudos da História privilegiaram uma aproximação e compreensão apoiada em documentos que, garantindo a veracidade dos seus acontecimentos, favoreciam os momentos de grande proporção[34]. Nesse sentido, a procura por registar "*... temas relativos ao quotidiano, às mentalidades e às experiências dos diferentes grupos.*"[35], que acabavam muitas vezes por ser pouco articulados e negligenciados pela memória histórica, torna-se ainda mais essencial.

De notar, a memória, enquanto fenómeno construído socialmente e de representação do passado, constitui-se, de acordo com Pollak, como resultado de diversos elementos que concorrem para a sua formação: acontecimentos, pessoas ou personagens, e lugares. Complementarmente, o autor categoriza cada um desses aspetos de acordo com a sua relação de proximidade ao sujeito que os vivencia. Essa organização dispõe-se, da ligação mais próxima para a mais longínqua: em aspetos experienciados pessoalmente, aspetos *experienciados por tabela* e aspetos que não se situam dentro do espaço-tempo do indivíduo[36].

Os acontecimentos, em primeiro lugar, expressam todo o tipo de vivências, experiências, atividades e ações que fazem parte da vida do indivíduo. Quando vividos presencialmente, implicam necessariamente uma dimensão pessoal. Por outro lado, os acontecimentos vividos por um coletivo, ao qual o indivíduo pertence, tão relevantes para esse grupo que se tornam difíceis de dissociar das próprias vivências grupais, mas nos quais o sujeito poderá não ter participado, são experienciados por tabela. Já os acontecimentos fora do espaço-tempo de um indivíduo podem resultar de projeções de ocorrências passadas, com as quais ele se identifica, nas quais se reconhece, como é o caso de eventos ou memórias herdadas[37].

Conjugados com esses acontecimentos, estão as pessoas ou personagens intervenientes na memória, que seguem o mesmo esquema de categorização. Assim, de forma análoga, podem existir cruzamentos com pessoas encontradas no decorrer da vida, de pessoas consideradas quase conhecidas, relacionadas por tabela, ou igualmente, de personagens com as

[33] **HALBWACHS, Maurice** – *A memória coletiva*. (p. 80).

[34] Exemplo disso, é a escolha da matéria e dos saberes que deverá integrar os livros escolares, e dos conhecimentos necessários a todos os alunos: "*(...) lidos em livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados, são escolhidos, aproximados e classificados conforme as necessidades ou regras (...)*". *Idem*. (p. 80).

[35] **KESSEL, Zilda** – "Memória e memória coletiva". (p. 5).

[36] **POLLAK, Michael** – "Memória e identidade social". (p. 201-202).

[37] *Ibidem.*

quais não houve contacto ou relação direta, por não pertencem ao mesmo espaço-tempo do indivíduo[38].

Já com os lugares, a relação de proximidade torna-se um pouco mais complexa, posto que não é necessariamente a proximidade física que traduz uma maior relação com a memória. Destacam-se certos lugares exemplificativos das principais situações, como os espaços físicos particularmente ligados a uma lembrança pessoal, relacionados nomeadamente com passagens esporádicas em certas localidades; os lugares de apoio da memória e de comemoração, numa esfera mais pública; e os lugares fora do espaço-tempo do indivíduo, onde este pode mesmo nunca ter estado, mas não por isso menos marcantes, como se verifica no caso de famílias de emigrantes.

As relações que um indivíduo constrói com determinado espaço, bem como as memórias que neles habitam, encontram nos lugares uma importante referência para a sua construção. Independentemente de a preservação da memória não estar subordinada a lugares, as modificações a que poderão estar sujeitos acarretam variações importantes na memória de um indivíduo[39].

Se importa destacar estes elementos constitutivos da memória, interessa simultaneamente salientar, por um lado a existência de "*... marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis.*"[40], e por outro a "*... característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual como coletiva ...*"[41]. Ao primeiro, pertencem os elementos irredutíveis que, de alguma forma, impossibilitaram a ocorrência de mudanças, o que ocorre por existir uma importante solidificação da memória desse momento. Ao segundo, correspondem as transformações e mudanças a que a memória está constantemente submetida, variável muitas vezes pela dificuldade de recordar factos que não obedeçam a uma ordem cronológica facilmente identificável. A presença de momentos chave invariáveis, está também relacionada com a fixação de determinados factos, ou seja, com *"... aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento.*"[42] marcante para a sociedade, e ora assimilada, ora separada da vida privada.

Assim, no decurso desta dissertação, estas várias noções contribuem para o esclarecimento da conceção acolhida para o termo memória, dos quais se reitera que "*Se as lembranças às vezes afloram ou emergem quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição*."[43]

[38] **POLLAK, Michael** – "Memória e identidade social". (p. 201-202).

[39] *Ibidem.*

[40] *Idem.* (p. 201).

[41] *Ibidem.*

[42] *Idem.* (p. 202).

[43] **BOSI, Ecléa** – *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* (p. 3).

Memória Individual

"*A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória.*"[44]

Se regularmente não era aceite qualquer asserção que desvinculasse a memória de um corpo ou mente, ou seja, como faculdade exclusivamente particular, atualmente esta encontra-se plenamente associada e inserida no contexto social, quer se esteja a abordar as suas formas mais individuais, ou as mais coletivas. Nesse sentido, considera-se agora esse registo da memória própria e particular, que remete para um estado de consciência individual. De facto, certas formas de lembrar organizam-se em torno de uma pessoa definida, que toma o ato de recordar sob o seu ponto de vista, no quadro da sua personalidade e singularidade, da sua vida pessoal.

Considerar a memória como "*... uma faculdade propriamente individual, isto é, que aparece numa consciência reduzida a seus próprios recursos, isolada dos outros, e capaz de evocar, quer por vontade, quer por oportunidade, os estados pelos quais ela passou antes.*"[45], carece de ter em consideração, de enquadrar e de contextualizar, o quadro social na qual ela se integra. Não existe, nesse sentido, memória individual inteiramente isolada e fechada, uma vez que não é exequível que um indivíduo não interaja com o seu contexto, nem consequentemente que por ele seja influenciado e moldado.

No quadro destas inevitáveis relações e interações estabelecidas com o exterior – "*... quer seja com a política da época, quer seja com os costumes sociais, quer seja com o grupo ao qual se pertence.*"[46] – e que formam um conjunto de referências e símbolos comuns à sociedade, cada indivíduo vai continuamente reconstruindo as suas lembranças, densas e complexas. Quer isto dizer, que essas recordações particulares se compõem através do relacionamento com as memórias dos diferentes grupos que as rodeiam, que foi imbuída de representações exteriores. A constituição da memória, da visão e perceção de cada indivíduo sobre o que o enquadra, não consegue ser independente dessa envolvência, constituindo-se a partir do conjunto de experiências passadas, ou seja, dos quadros de referência social particulares a cada um[47]. De igual modo, retorna-se a salientar o papel fundamental do outro nos processos de produção da memória ao considerar a necessidade de frequentemente recorrer e apelar às suas memórias, refugiando-se nelas para clarificar o seu próprio passado. Nesse sentido, o indivíduo "*... reporta-se a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela socieda-*

[44] **BOSI, Ecléa** – *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* (p. 29).

[45] **HALBWACHS, Maurice** – *A memória coletiva*. (p. 57).

[46] **TOGNOLI, Sônia** – "Maurice Halbwachs. A memória coletiva". (p. 4).

[47] **KESSEL, Zilda** – "Memória e memória coletiva". (p. 3).

fig. 4

No plano da esquerda, a ausência do corpo do protagonista, regista a memória do seu corpo, o seu contorno, projetando uma espécie de janela onde se pode ver o horizonte.

René Magritte, *Decalcomania*, 1966.

de. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou do seu meio."[48].

Assim, integrar e situar as lembranças particulares em contextos coletivos, balizá-las entre datas e lugares paradigmáticos quando considerados no panorama social, que só têm sentido na relação com os grupos aos quais se pertence, geralmente permite visualizá-las, reconhecê-las e reconstruí-las mais facilmente, mesmo que estas fossem isoladas, ou seja, que nada tivessem a ver com esse acontecimento social.

Complementarmente, mesmo que o contexto não seja exclusivamente individual, mesmo com todas as interações com o meio e o exterior, mesmo sujeita a diálogos ou confrontos com o outro, a memória pertence a um indivíduo, é inteiramente sua, está inteiramente em si[49], devendo sempre ser remetida a um sentido pessoal, de consciencialização própria, de sensibilização particular. Não se confundindo com a de qualquer outro indivíduo, recordando o "*... que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo ...*"[50], a memória acaba por estar submetida a estreitas limitações nos campos do espaço e do tempo.

Essa condição social da realidade de um indivíduo, que o insere e integra numa comunidade, não pretende restringi-lo ou reduzi-lo unicamente ao coletivo, a um sentido de pertença grupal. Pelo contrário, procura contextualizá-lo e introduzi-lo na narrativa e enredo social, ao reafirmar a memória individual como situada e aliada a um acontecimento coletivo, podendo "*... para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela: nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância.*"[51].

Desde a esfera mais singular à mais global, as relações de dependência de uma sobre a outra, e vice-versa, procuram evidenciar a impossibilidade de as dissociar, em virtude quer da posição que um indivíduo ocupa no coletivo, quer da relação desse coletivo com o meio social. Não obstante esta perspetiva permitir afirmar a memória de cada indivíduo como um ponto de vista sobre a memória coletiva, mesmo tendo em consideração tudo o que dela empresta, é o indivíduo que recorda, isto é, "*Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum.*"[52].

[48] **HALBWACHS, Maurice** – *A memória coletiva*. (p. 54).

[49] *Idem*. (p. 55).

[50] *Idem*. (p. 54).

[51] *Idem*. (p. 53).

[52] **BOSI, Ecléa** – Memória e sociedade: lembranças de velhos. (p. 333).

fig. 5

Da memória à compreensão da realidade.
Florian Zeller, *O Pai* (*The Father*), 2021.

Memória Coletiva

"... a memória colectiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção."[53]

O entendimento da importância do indivíduo enquanto membro de uma coletividade, bem como da influência que a esfera mais pública e social assume na conformação e caracterização de certos atributos da vida das comunidades, torna oportuno trazer para o estudo essa dimensão coletiva. Embora naturalmente mais ampla que a individual, a memória coletiva pode acabar por representar uma visão mais esquemática e fragmentada do passado, uma vez que a sua elaboração e o ato de lembrar são sempre particulares ao indivíduo. Esse sentido de consciência pessoal modifica-se assim que é confrontado com um conjunto de situações de âmbito coletivo, mesmo que muitas vezes nele estivesse apoiado. Portanto, "*A memória coletiva, (...) envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas.*"[54].

Assim, os costumes, crenças e tradições que foram sendo estabelecidos, mantêm-se vivos no inconsciente coletivo, e observados no conjunto de acontecimentos sociais e culturais importantes e reconstruídas pela memória dessa coletividade. A memória coletiva, nesse sentido, pode funcionar como elemento identificativo de cada grupo, servindo "*... para a integração e a continuidade destes grupos, para o nascimento de sentimentos de pertencimento nos componentes dos mesmos, assim como para a reconstrução do passado de acordo com interesses particulares destes conjuntos.*"[55].

Em concordância, Bosi defende o desenvolvimento da dimensão coletiva da memória a partir do próprio processo evolutivo dos seus membros, dependente de laços, convivências e interações, seja em grupos familiares, escolares ou profissionais, o qual sofre acrescentos, unificações, diferenciações ou correções, ou seja, é colmatado pela memória coletiva[56].

Resultando também como objeto de conquista social, é Le Goff quem confere e clarifica ainda esta manifestação da memória enquanto instrumento de poder, enquanto ferramenta de fixação da recordação e da tradição, que "*... procura salvar o passado para servir o presente e*

[53] **LE GOFF, Jacques** – "Memória". *In* **ROMANO, Ruggiero, (dir.); GIL, Fernando, (coord.)** – "Memória-História". (p. 46).

[54] **HALBWACHS, Maurice** – *A memória coletiva*. (p. 53).

[55] **OLIVEIRA, Rita** – "Memória individual e memória coletiva". (p. 5).

[56] **BOSI, Ecléa** – *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* (p. 332-333).

o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória colectiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens."[57].

Simultaneamente, a memória coletiva, sendo socialmente negociada, pode ser entendida como um processo de construção grupal. Uma vez que as lembranças são, nesse sentido, constituídas no interior de um coletivo, a memória ao guardar informações relevantes para os sujeitos, procura *"... garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros.*"[58], que compartilham memórias de um passado comum. Nesse sentido, a origem da memória coletiva ocorre da interação e do significado comum que a lembrança tem para os membros do grupo, garantindo o sentimento de identidade do mesmo.

Face a essa integração do indivíduo dentro de entidades coletivas, que normalmente pressupõe uma convivência diária, importa perceber que tal inclusão não consegue resultar meramente num qualquer "*... conjunto de pessoas que se encontram num determinado momento num determinado lugar,* [já que] *um grupo será* uma realidade na medida em que exista uma interacção entre as pessoas, uma vida afectiva comum, objectivos comuns e uma participação de todos, mesmo se essa existência grupal não for consciente e mesmo que não exista qualquer organização oficial que a exprima ..."[59].

A compreensão de grupo é também clarificada por Bosi, que estabelece uma analogia entre turma e grupo. Ao ressalvar a dificuldade de um professor em recordar e reter a fisionomia ou o perfil de um aluno, compara-a à reminiscência do carácter de um grupo, também esta difícil, quando a sua natureza é efémera ou incerta. Assim, de acordo com a psicóloga, "*O grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso o seu passado.*"[60].

Tendo em consideração que "*... a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo.*"[61]. Ainda assim, deve procurar fugir a uma narrativa puramente individual, corrigindo os relatos de cada membro, a fim de clarificar possíveis distorções e não refletir somente interesses particulares ao indivíduo. Nesta perspetiva, a reconstrução da memória ajusta-se à posição que este ocupa na consideração do grupo a que pertence e modifica-se conforme as relações que estabelece dentro do mesmo.

Tal rearticulação está, naturalmente, sujeita a questões inconscientes de desigualdades ou repartições intergrupais. Se, positivamente, o afeto, o apreço e a solidariedade resultam de pala-

[57] **LE GOFF, Jacques** – "Memória". *In* **ROMANO, Ruggiero (dir.); GIL, Fernando (coord.)** – "Memória-História". (p. 47).

[58] **KESSEL, Zilda** – "Memória e memória coletiva". (p. 5).

[59] Muchielli (2000, p.206) *cit.* por **BORGES, Maria** – *Professores. Imagens e Auto-Imagens*. (p. 157).

[60] **BOSI, Ecléa** – *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* (p. 336).

[61] **HALBWACHS, Maurice** – *A memória coletiva*. (p. 51).

vras e ações acariciadas, estimadas e agradecidas pelo grupo, procurando zelosamente recordá-las, guardá-las e perpetuá-las, inversamente, pontos de vista desiguais originam momentos de índole negativa, mais hostis, ao censurar, reprovar ou condenar determinados gestos internos, considerando-os insignificantes para o grupo e provocando o seu esquecimento. É nesse confronto, comunicação e receção de impressões, entre testemunho e esquecimento, que as lembranças ganham consistência, dado que estas "*... se apoiam umas às outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal.*"[62]. Balançam, nesse sentido, entre tendências e preconceitos grupais.

No contexto coletivo, o indivíduo, como seu constituinte, "*... seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo.*"[63]. Não querendo reduzir a representação coletiva a um mero somatório de lembranças individuais, somente a conjugação e interligação das lembranças de cada um dos membros, que correspondem a reproduções parciais e distorcidas, sobre determinado acontecimento, permitiria a reconstrução mais completa e próxima do verdadeiro momento passado. Ainda assim, "*Por uma parte de minha personalidade, estou engajado no grupo, de modo que nada do que nele ocorre, enquanto dele faço parte, nada daquilo que o preocupou e transformou antes de que nele entrasse me é completamente estranho.*"[64]. Este conhecimento de realidades exteriores, vividas por tabela, ou mesmo completamente fora do espaço temporal do indivíduo, que este toma como suas, e delas se apropria, contribuem para a consolidação dessa memória coletiva.

Memória Institucional

> "*... a memória é um elemento primordial no funcionamento das instituições. É através da memória que as instituições se reproduzem no seio da sociedade, retendo apenas as informações que interessam ao seu funcionamento.*"[65]

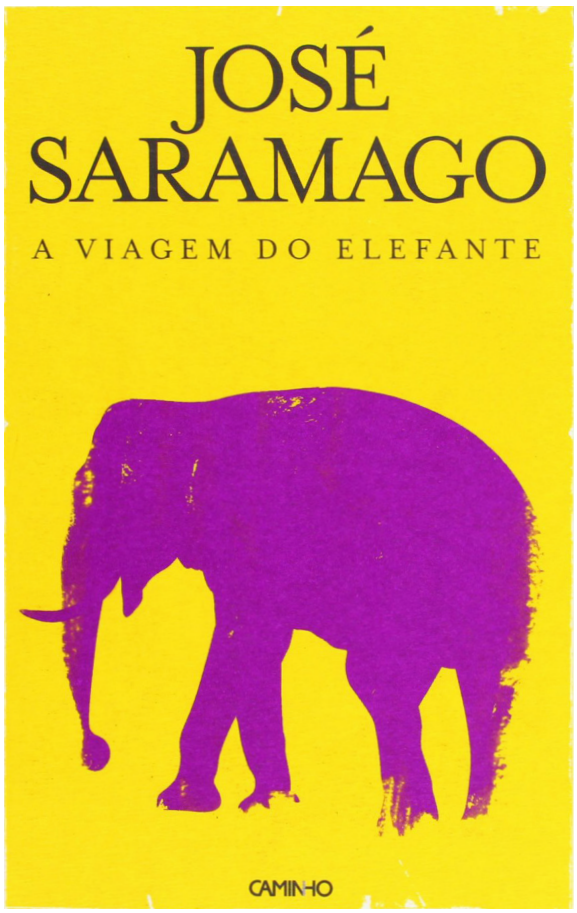
Se as teorizações acerca do conceito de memória foram construindo reflexões quer sobre o nível individual, quer sobre o nível coletivo, importa, de igual forma, conhecer e adequar o desenvolvimento desse estudo para um campo de análise centrado agora na memória insti-

[62] **BOSI, Ecléa** – *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* (p. 336).

[63] **HALBWACHS, Maurice** – *A memória coletiva*. (p. 53).

[64] *Idem*. (p. 54).

[65] **COSTA, Icléia** – *Memória Institucional. A construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. (p. 145).



"No fundo, há que reconhecer que a história não é apenas selectiva, é também discriminatória, só colhe da vida o que lhe interessa como material socialmente tido por histórico e despreza todo o resto, precisamente onde talvez poderia ser encontrada a verdadeira explicação dos factos, das coisas, da (...) realidade."

fig. 6

José Saramago, *A Viagem do Elefante*, 2008.

tucional, que, por sua vez, procura ter sempre em consideração a dialética de interação da instituição com a estrutura social que integra.

Fixar, difundir e preservar constituem os principais objetivos da memória de qualquer instituição. Não procurando apenas reconstruir o passado, a memória assinala o tempo e a experiência de todos os que participaram dessa instituição, cujas experiências dão dimensão e estabelecem os contornos temporais e espaciais da mesma. Assim, "*... ao mesmo tempo que reúne, organiza e disponibiliza fontes e informações contidas nos seus documentos, armazenadas em diferentes suportes (fotografias, filmes, áudios, textos).*"[66], quer nos materiais e fontes internos, como fora dos muros institucionais, a memória, em permanente elaboração, reflete também o conjunto de atributos, estórias, momentos e trajetória que os seus membros vivenciaram, conformando a instituição. Retornar a um tempo passado que perspetiva "*... tudo aquilo que contabilizamos na história como conquistas, legados, acontecimentos, mas também vicissitudes, servidões ...*"[67], permite reconstruir a sua memória no tempo presente, com vista a um tempo futuro que ainda está por decidir.

A singularidade da memória institucional compõe-se na relação que as instituições estabelecem entre si, num processo seletivo próprio de cada uma e segundo regras e limitações estabelecidas por cada uma, que incorpora "*... os elementos, os acontecimentos que constituirão aquilo que fica e que vale para aquele grupo no qual ela se constrói.*"[68]. As próprias instituições acabam por estar interessadas em divulgar e propagar as suas realizações e produções, de acordo com a imagem que pretendem projetar perante a sociedade. Em virtude desse trabalho de pesquisa, seleção, organização e divulgação, essa memória torna-se suscetível a manipulações e contestações, jogos e disputas de poder.

O processo de institucionalização é, nesse sentido, definido pelos comportamentos, pelas ações e pelas práticas do fazer institucional e conjuga a articulação de discursos, de técnicas e de saberes, a fim de mutuamente estabelecerem as matrizes da sua génese e possibilitaram a sua emergência. Nesta perspetiva, as instituições devem ser tomadas como "*... formas fundamentais de saber-poder, que emergem no seio das sociedades e possuem duas faces simétricas: lembrar e esquecer.*"[69]. Esse processo dicotómico e paradoxal entre reter, conservar ou perpetuar e omitir, negar ou manipular, numa constante disputa pelo poder, contribuí para a formação e manutenção das memórias das instituições, e é operado a dois níveis: quer pelo comportamento dos membros que integram as instituições e respetivas práticas insti-

[66] **BETHANCOURT, Eliana** – "Memória Institucional: uma relação íntima com Identidade e Cultura Organizacional".

[67] **COSTA, Icléia** – *Memória Institucional. A construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. (p. 147).

[68] **OLIVEIRA, Carmen** – "Memória e Identidade Institucional: um estudo de caso". (p. 96).

[69] **COSTA, Icléia** – *Memória Institucional. A construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. (p. 5).

tucionais; quer em interação com critérios, mecanismos e padrões de conduta vigentes na sociedade. Uma instituição define-se, assim, como "*... obra coletiva, criação social, cultural, acontecimento.*"[70], que procura integrar e incorporar parcialmente os interesses e paixões dos seus membros, convertendo-os em comportamentos gerais, institucionalizando-os. Ao invés dessa integração, em contrapartida, o processo de seleção por vezes recusa, ignora ou descarta certas informações, esquecendo-as. Nesse equilíbrio entre o esquecimento e a memória, a escolha do que preservar e reproduzir gera inúmeras crises institucionais, "*... onde o que está em jogo é a atualização de valores, regras e comportamentos, saberes e poderes.*"[71].

Procurando completar o entendimento da memória que se pretende caracterizar como institucional, importa ainda convocar o sujeito enquanto membro integrante da instituição, a fim de clarificar os limites do indivíduo dentro da instituição. Perceber se os indivíduos absorvem ou, inversamente, se sujeitam às memórias produzidas e reproduzidas pela instituição, torna-se essencial para compreender esses fronteiras.

Esse entendimento deverá fugir de posições extremistas que aceitem a ação dos indivíduos completamente autónoma do espaço institucional, ou que acreditem nos indivíduos meramente como recetores de imposições institucionais, oscilando equilibradamente entre essas disposições. Assim, a circunscrição de um indivíduo na realidade social permite, não apenas, reduzi-lo a "*... sujeito assujeitado, submetido aos constrangimentos institucionais e sociais, mas analisar o sujeito como atividade - nem passivo, nem ativo - mas como processo*."[72].

A memória institucional resulta, desse modo, de um processo que atenta ao seu contexto, para internalizar as práticas e ações das instituições, de acordo com as relações e interações que estabelece com o exterior. Sendo definida pelo percurso percorrido no tempo passado, visualizado no presente e projetado para o futuro, "*... é o reflexo dessa trajetória, não como* mimesis*, mas um cristal com suas múltiplas e infinitas facetas.*"[73].

Assim, no contexto institucional, as diferentes crises que vão surgindo e que a instituição enfrenta e procura resolver, podem ser demarcadas por problemas de diferentes dimensões. Num âmbito global, podendo implicar mudanças e diferenças que ameacem o sentido institucional, o processo de transformações determinado por uma crise prolonga-se durante extensos períodos de duração até que se efetue, visto que contesta e põe em causa valores já institucionalizados.

[70] *Idem*. (p. 80).

[71] *Idem*. (p. 138).

[72] *Idem.* (p. 24).

[73] **COSTA, Icléia** – *Memória Institucional. A construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. (p. 146).

Já numa perspetiva referente ao indivíduo, cada representante de uma entidade, que dela faz parte, nela cria, alcança e conquista é confrontado com a abundante multiplicidade de práticas e ações diversas, por vezes, divergentes ou conflituosas com as suas. A construção da memória institucional é, desse modo, naturalmente importante para os seus herdeiros, "*... que entendem seu compromisso institucional, preservando e mantendo as bases que as fizeram fundamentais ao contexto em que se desenvolveram e se mantiveram.*"[74].

***

As considerações que até aqui se foram tecendo procuraram identificar e conciliar diferentes ideias e visões sobre o conceito de Memória, fundamentando-o, permitindo construir uma noção e posicionamento da autora sobre o mesmo. É na Memória que se encontram os registos do passado e do presente que contribuem para a formação da Identidade, os quais se constituíram pela envolvência, pelas relações, pelas interações com o outro, integrados nos contextos sociais.

Socialmente construído, o ato de recordar não significa meramente guardar e convocar as lembranças do passado, presentes no inconsciente de cada indivíduo. Pelo contrário, não se pode acreditar na sobrevivência integral dos acontecimentos passados, tal como foram, uma vez que lembrar, na verdade, significa, refazer, reconstruir, repensar as experiências e vivências do pretérito, de acordo com as imagens, ideias e visões do presente, constituindo as representações que povoam na consciência atual.

Numa permanente dialética entre lembrança e esquecimento, da Memória importa ainda destacar o seu atributo flutuante e mutável, que, à medida que vai sendo constantemente transformada, é simultaneamente inserida e situada em momentos socialmente preponderantes, considerados marcos invariáveis, os quais auxiliam e facilitam a reconstrução das lembranças do passado.

Assim, por Memória entende-se um constante processo, uma paciente reconstrução, uma infindável narrativa contada sobre um momento passado, no instante presente, olhando um tempo futuro.

[74] **BETHANCOURT, Eliana** – "Memória Institucional: uma relação íntima com Identidade e Cultura Organizacional".

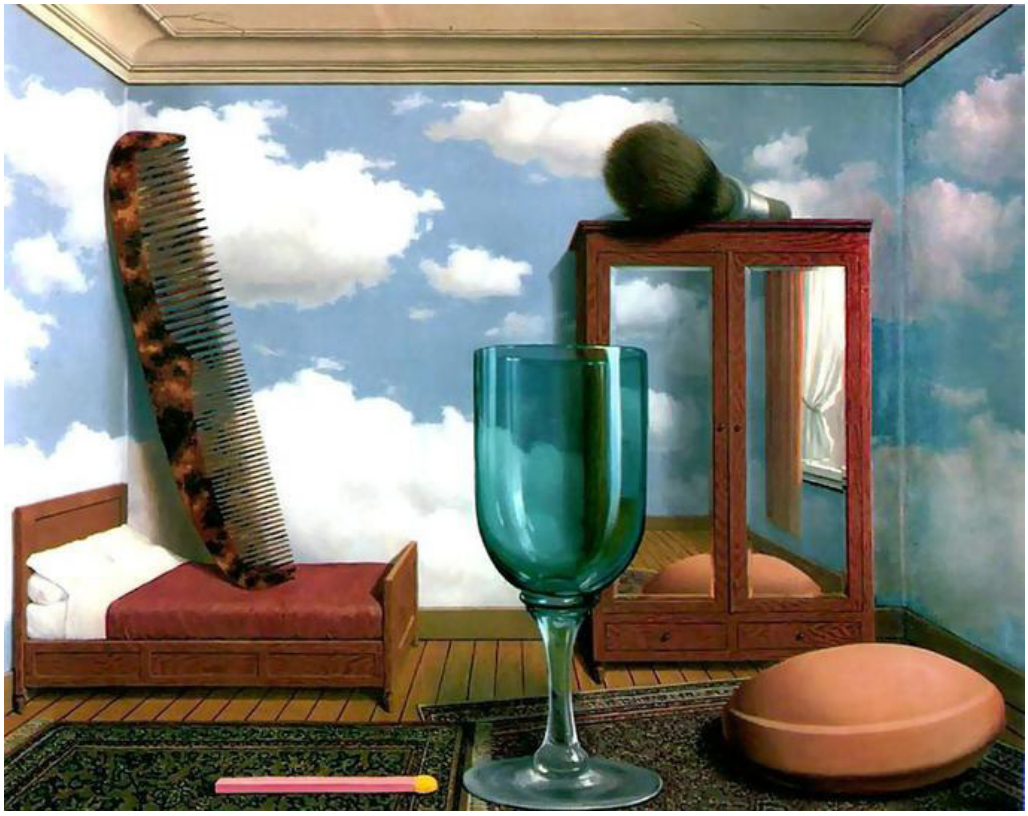


fig. 7

Também certos objetos pessoais se tornam identificavitos de um indivíduo, pelo que quando são apresentados em porporções completamente incomuns causam uma certa desorientação.
René Magritte, *Valores Pessoais*, 1952.

1.2 Identidade: Entre o Eu e o Outro

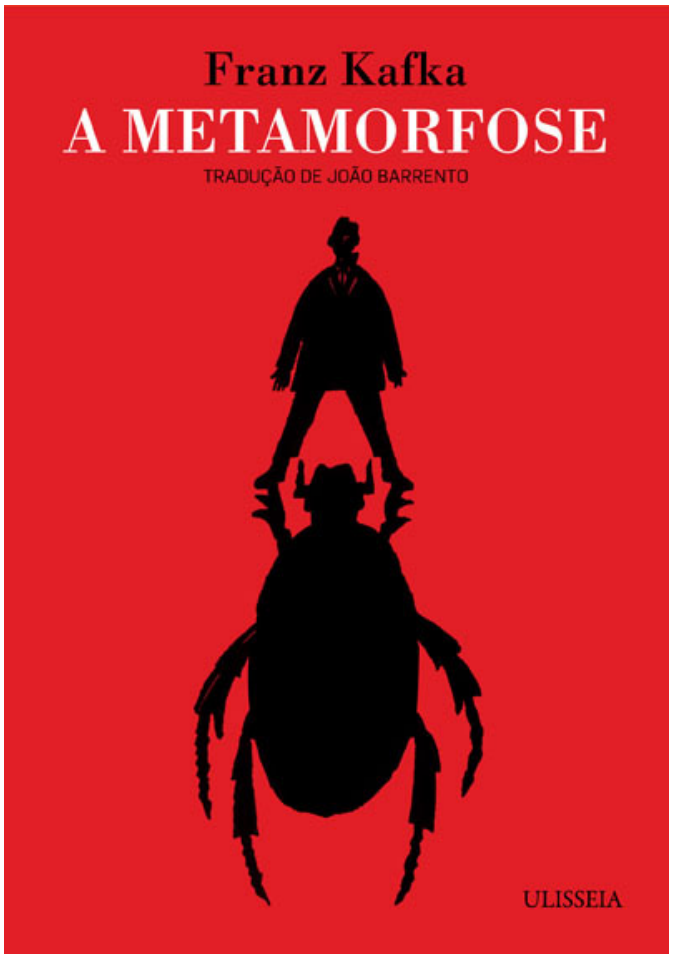
"*Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto.*
Identidade é metamorfose.
É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infindável transformação."[75]

Todos os indivíduos são cidadãos de uma região, todos os indivíduos têm uma cultura dominante, todos os indivíduos pertencem a uma classe social, todos os indivíduos têm um género, uma língua, um nome próprio. Todos têm algo que os distingue dos outros, mas que simultaneamente lhes confere semelhanças e particularidades em comum. É este conjunto de características que os identifica e torna reconhecíveis e que ajuda a construir e formar a sua identidade.

Se o cartão de cidadão, o passaporte ou a carta de condução traduzem os objetos materiais que, primeiramente, se associam a um sentido de identificação e reconhecimento, a profissão, os gostos, as relações, as culturas, os lugares, a gastronomia, o clima, acabam por ser também reveladores dos múltiplos desdobramentos e determinações a que a identidade está sujeita, e através dos quais se manifesta. Este conjunto de referentes sociais e subjetivos, de um modo geral, ajudam a desvendar o conceito de identidade e possibilitam uma primeira aproximação ao seu significado, mas não são suficientes para verdadeiramente o clarificar. De facto, pensar em identidade, em cada momento da sua evolução, é ir conhecendo lenta e gradualmente as suas diversas manifestações e representações.

À semelhança do conceito de memória, ainda que a noção de identidade possa parecer, à partida, simples e evidente, o seu conceito revela-se, na verdade, um fenómeno complexo e

[75] **CIAMPA, Antônio** – "Identidade". *In* **LANE, Silvia; CODO, Wanderley (orgs.)** – *Psicologia social: o homem em movimento*. (p. 74).



"Quando Gregor Samsa despertou uma manhã depois de um sono intranquilo, encontrou-se sobre a sua cama convertido num monstruoso insecto."

fig. 8

Franz Kafka, *A Metamorfose* (*Die Verwandlung*), 1915.

multidimensional. De difícil clarificação, a identidade, como representação de algo, é entendida como o "*... conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou coisa e graças às quais é possível individualizá-la ...*"[76].

De entre os diversos autores que aportaram importantes contribuições à temática, ressalvam-se Luckman, Berger, Hall, Giddens e Dubar no campo da Sociologia, Mead e Ciampa no campo da Psicologia Social, Freud e Erikson na Psicanálise e Goffman na Antropologia. Já na Filosofia, o estudo da identidade vem sendo aprofundado desde a Grécia Antiga, nomeadamente com Heráclito e Aristóteles, e continuamente estudado ao longo dos anos, nomeadamente, com as reflexões de Dewey e Foucault, entre outros.

Assim, o termo identidade, na origem etimológica proveniente do latim, *Identitas, -ātis*, significa a mesma coisa, ou similarmente, o "*... estado do que não muda, do que fica sempre igual; (...) o que faz que uma coisa seja a mesma (ou da mesma natureza) que outra ...*"[77] e diz respeito aos atributos específicos de determinado objeto, indivíduo, grupo ou instituição.

Importa perceber que, atualmente, falar sobre identidade é emergir numa multiplicidade de ângulos de análise. Mesmo quando observado sob diferentes perspetivas, a ambiguidade do conceito é inegável, surgindo da oscilação entre diferença e igualdade, entendida por Antônio Ciampa[78] como "*... uma primeira noção de identidade.*"[79].

O termo designa igualmente o que é único e o que é partilhado, distinguindo-se e diferenciando-se irredutivelmente dos outros, e ao mesmo tempo qualificando e aproximando o que é perfeitamente semelhante. Como defende Claude Dubar[80], "*Não há, nesta perspectiva, identidade sem alteridade*."[81]. A identidade revela-se assim um fenómeno complexo e paradoxal, cuja construção se inscreve num processo evolutivo dinâmico e mutável. Não se trata, por isso, de uma construção estável, estática, fixa, nem linear, na medida em que se forma, reor-

[76] **HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro** – *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. (p. 2029).

[77] *Ibidem.*

[78] **Antônio Ciampa** (1968 – 2009) é um psicólogo brasileiro. Considerado precursor dos estudos sobre identidade como categoria da Psicologia Social, a sua produção científica, tecnológica e artístico-cultural contextualiza-se ainda na metamorfose humana, emancipação e identidade social. Lidera o grupo interdisciplinar de pesquisa sobre identidade humana da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde iniciou a sua carreira docente, desde 1986 até à atualidade.

[79] **CIAMPA, Antônio** – "Identidade". *In* **LANE, Silvia; CODO, Wanderley (orgs.)** – *Psicologia social: o homem em movimento*. (p. 63).

[80] **Claude Dubar** (1945-2015) foi um sociólogo francês. Foi professor de Sociologia na Universidade de Versailles-Saint Quentin en Yvelines e dedicou-se ao estudo das relações estabelecidas entre a sociologia da educação e do trabalho, com especial enfoque na sociologia das identidades profissionais, que estão no centro do seu trabalho, refletindo também no seu processo de socialização.

[81] **DUBAR, Claude** – *A Crise das Identidades. A interpretação de uma mutação.* (p. 9).

ganiza e altera progressivamente ao longo da vida. Dessa forma, não deve ser entendida como algo dado ou adquirido à nascença, mas sim como consequência de um processo de formação, definição e consolidação. Este processo, sendo construído também socialmente, "*... altera-se de acordo com as mutações sociais dos grupos de referência e de pertença (...), conforme estes alteram as suas expetativas, valores influentes e configurações identitárias.*"[82].

De acordo com Anthony Giddens[83], "*De uma forma geral, a identidade está relacionada com os entendimentos que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para elas.*"[84]. Ora incidindo na imagem de si ou representação de si, na essência e sentimento pessoal de cada um; ora recaindo numa visão social, grupal, coletiva; ora refletindo numa dimensão biográfica e relacional, nas vivências e nas atribuições do olhar do outro, a identidade é construída numa dinâmica de interação permanente, implicando quer uma representação de si e dos outros, quer um reconhecimento para si e para os outros, numa dinâmica que não pode ser quebrada.

No entanto, esta visão sobre o conceito de identidade, como já referido, não é estática ou estanque. Tendo evoluído ao longo dos tempos, foi assumindo aceções diversas. É tendo em conta essa evolução que Dubar afirma a existência de um movimento histórico, que faz a passagem dum certo modo de identificação para outro[85]. Quer isto dizer que, dentro das diversas abordagens nas quais se pode agrupar possíveis visões da noção de identidade, houve um movimento de transição entre três grandes correntes: a essencialista, a nominalista e a das formas identitárias.

Assentando "*... sobre a crença nas «essências», nas realidades essenciais, nas substâncias ao mesmo tempo imutáveis e originais.*"[86], a primeira corrente pode, em concordância, ser denominada essencialista. Possuir um conjunto de aspetos que constituem e configuram a essência, é fundamental para se ser igual a si próprio e a todos quantos partilham esses aspetos. Assim, o reconhecimento da similitude dos próprios indivíduos, possível pela permanência da essência, é complementado pela partilha de pontos comuns, fundamentais para os tornar semelhantes entre si. Agrupam-se todos os seres idênticos a uma mesma essência, mas diferente de todos os outros, definindo-se o seu ser específico. Uma vez que "*A identidade dos seres existentes é o que faz com que permaneçam idênticos, no tempo, à sua essência.*"[87], esta pode ser

[82] **FIALHO, Joaquim** – "A Construção da Identidade Social e Profissional através da Ação das Redes de Sociabilidade Laboral". (p. 142)

[83] **Anthony Giddens** (1938-...) é um sociólogo britânico. Reconhecido pela sua Teoria da Estruturação, na qual se sustenta que a ação humana é realizada e dependente do contexto da estrutura social pré-existente, Giddens, através da sua visão holística das sociedades modernas, procura reconciliar as teorias sociais e ainda renovar a social-democracia, popularizando a ideia da Terceira Via, entre o Capitalismo Liberal e o Socialismo.

[84] **GIDDENS, Anthony** – *Sociologia*. (p. 29).

[85] **DUBAR, Claude** – *A Crise das Identidades. A interpretação de uma mutação.* (p. 9).

[86] *Idem.* (p. 7).

[87] *Idem.* (p. 8).

entendida como a fidelidade de cada ser a si próprio, na sua singularidade, sendo, portanto, uma identidade para si. Por sua vez, a segunda corrente, a posição nominalista, opõe-se à anterior. O sentido de fluido, móvel, mutável defendido nesta conceção não consegue ser concordante com a posição precedente, contrariando até a ideia de permanência que esta assinalava. Como explica Dubar, "*Não há essências eternas. Tudo é submetido a mudança. A identidade de qualquer ser empírico depende da época considerada, do ponto de vista adoptado.*"[88], está sujeita à mudança dos tempos, do vivido, do experimentado, dos grupos, da sociedade. Não é apenas a existência que constrói a identidade, mas a existência em interação e em relação com os outros, definindo-se, nesse sentido, uma identidade para os outros.

Procura-se assim encontrar o equilíbrio entre as posições anteriores, "*... as identificações atribuídas pelos outros – identificações para outro – e as identificações reivindicadas por si próprio – identidades para si. É a relação entre estes dois processos que está na base das formas identitárias ...*"[89]. Nesta terceira posição, o processo de constituição da identidade, ou das formas identitárias usando o termo de Dubar, define-se num contexto de atribuições e reivindicações negociadas de identificações inseparáveis e indissociáveis, para si e para o outro.

Se as identificações atribuídas pelos outros podem ser aceites, e por isso adquiridas e interiorizadas pelo sujeito, ou recusadas e negadas, utilizando "*... palavras diferentes das categorias oficiais utilizadas pelos outros.*"[90], já as identificações reivindicadas pelo sujeito, sendo autodeterminadas, resultam da imagem e representação construídas e projetadas por ele, e podem ser reconhecidas e confirmadas, ou divergir e discordar das apreciações dos outros.

As identificações que se espera que o sujeito assuma, que este pode adotar e ser, encontram-se assim num movimento de tensão com o desejo do próprio sujeito em ser, assumir e aderir a determinadas identidades. É desta articulação que resulta o processo de construção das formas identitárias, que "*... constituem, então, sistemas de designação, historicamente variáveis, religando as identificações por e para o Outro e as identificações por e para Si*."[91].

Na perspetiva do sociólogo, a identidade resulta também de uma dialética entre diferenciação e generalização, de um paradoxo entre a identificação de e pelo outro. Decorrente desta dupla operação, será através da diferenciação que se pode definir a singularidade de cada um, a diferença, enquanto a generalização permite encontrar o ponto comum daqueles que são diferentes, aquilo que é partilhado com os outros, a pertença comum.

[88] **DUBAR, Claude** – *A Crise das Identidades. A interpretação de uma mutação.* (p. 8).

[89] **TAVARES, Manuel** – "As Faces das Identidades: Declínio e Horizontes Fraturados". *In* **TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra; OLIVEIRA, Cláudia (orgs.)** – *Identidades*. (p. 32).

[90] **DUBAR, Claude** – *A Crise das Identidades. A interpretação de uma mutação.* (p. 9).

[91] *Ibidem.*

fig. 9

O desafio da perceção da identidade própria.
Peter Weir, "*The Truman Show - A Vida em Direto*"
("*The Truman Show*"), 1998.

Importa ainda salientar que a constituição das formas identitárias se assume como um processo biográfico e relacional. A ocorrência do primeiro diz respeito à identidade para si, sujeita a transações mais subjetivas dependentes da vontade de conservar identificações anteriores ou de criar novas identidades para si, no qual o sujeito dá continuidade ou rompe com o passado. Ao processo relacional corresponde a identidade para os outros, cujas transações assumem um caráter mais objetivo, onde predomina a atribuição e no qual as trajetórias vividas forjam identidades que podem ser reconhecidas ou não pelos outros. Com esta dualidade concorre-se assim para a produção das identidades[92].

Partindo deste entendimento, pode-se afirmar que o processo de construção da identidade só é possível no âmbito da socialização, numa dialética estabelecida entre o indivíduo e a sociedade. A identidade concretiza-se assim num triplo processo que conjuga a socialização, com a personalização e a crise. Nesse sentido, a identidade vai-se construindo e reconstruindo paulatinamente desde o nascimento, passando pela adolescência, quando a personalização se processa de forma intensa, e prossegue ao longo da vida, atravessando ainda momentos de crise de identidade. Ainda que condicionando personalidades, valores e comportamentos, no decurso da socialização surge também liberdade e individualidade, pois cada indivíduo "*... desenvolve um sentido de identidade e a capacidade para pensar e agir de forma independente.*"[93].

Assim, como destacam Peter Berger[94] e Thomas Luckmann[95], "*A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social.*"[96]. As formas identitárias integram-se assim no processo de interação com os outros, com o meio e com a sociedade, estando por isso dependentes de interações inseridas em contextos sociais, que influem e contribuem para a construção da identidade. De modo inverso, das sociedades e das suas narrativas podem emergir identidades particulares, feitas por indivíduos com identidades específicas e singulares, que, no contacto com a estrutura social reagem sobre a mesma, "*... mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a*."[97].

[92] **SILVA, Ana** – *Formação e Construção de Identidade(s). Um Estudo de Caso centrado numa Equipa Multidisciplinar*. (p. 31-32).

[93] **GIDDENS, Anthony** – *Sociologia*. (p. 29).

[94] **Peter Berger** (1929-2017) foi um sociólogo e teólogo luterano austro-americano. As suas contribuições sobre teoria sociológica, sociologia política, globalização e desenvolvimento do Terceiro Mundo são inúmeras, contudo a sua maior dedicação científica centrou-se no campo da sociologia da religião.

[95] **Thomas Luckman** (1927-2016) foi um sociólogo e filósofo esloveno. Lecionou Sociologia na Universidade de Constança, na Alemanha. Tornou-se conhecido pelo seu livro *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge* (1966) publicado em coautoria com Peter Berger, obra considerada uma das mais influentes no seu campo.

[96] **BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas** – *The Social Construction of Reality. A Treatise in the Sociology of Knowledge*. (p. 194).

[97] *Ibidem.*

"A cada dia, e de ambos os lados da minha inteligência, o moral e o intelectual, fui-me assim aproximando cada vez mais dessa verdade, por cuja descoberta parcial eu fora condenado a um tão terrível naufrágio: a de que o homem não é na verdade um, mas dois."

fig. 10

Robert Luis Stevenson, *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde* (*The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde*), 1886.

Identidade Individual

"*A sensação de identidade pessoal, reforçada pela arte e pela arquitetura, permite que nos envolvamos totalmente nas dimensões mentais de sonhos, imaginações e desejos.*"[98]

Considerando as diferentes esferas da vida em sociedade e as identidades que delas resultam, ao tentar compreender o seu polo mais privado, procura-se refletir sobre o processo de desenvolvimento pessoal através do qual os indivíduos formulam uma noção intrínseca de si mesmos, ou seja, sobre o modo como se constitui a identidade individual. Embora ancorada na construção, representação e imagem de si, a identidade individual resulta igualmente de um permanente processo de interação com a realidade, uma vez que "*A negociação constante do indivíduo com o mundo que o rodeia ajuda a criar e moldar a sua noção de identidade. O processo de interacção entre o eu e a sociedade contribui para ligar o mundo pessoal e o mundo público.*"[99], permitindo aos indivíduos tomar consciência quer da própria natureza, quer do mundo social.

Por sua vez, a essa constante envolvência e interação com o outro e com o meio, soma-se um sentido de continuidade temporal, que diz respeito à capacidade de se permanecer o mesmo. A construção progressiva que cada indivíduo formula, o passado, presente e futuro de cada um, está assim sujeito a um processo pessoal de contínuas mudanças, modificações, evoluções e conversões[100].

Deste modo, a identidade individual constitui-se muitas vezes na contrastante conjugação de certas heranças identitárias, características ou papeis predefinidos inerentes à família e ao nascimento, com as múltiplas e variáveis escolhas pessoais, que muitas vezes se distinguem e rompem com o passado. Confrontadas com as predeterminações e transmissões geracionais, as crenças individuais, embora se possam afastar das heranças precedentes, não procuram rejeitá-las ou excluí-las, nem eliminar um sentido de continuidade. Conjugado com um sentimento de coerência, será esta característica de continuidade – um individuo é sempre o mesmo, no espaço e no tempo – que permitirá que este se conheça e reconheça ao longo da sua vida, e que aqueles que o rodeiam verifiquem e legitimem essa similitude.

No quadro das características que definem o conceito geral de identidade, vários são os traços que ajudam também a qualificar a construção das identidades pessoais. Assim, quando se procura entender este polo individual, para além do sentido de continuidade e de coerên-

[98] **PALLASMAA, Juhani** – *Os Olhos da Pela. A arquitetura e os sentidos*. (p. 11).

[99] **GIDDENS, Anthony** – *Sociologia*. (p. 30).

[100] **BORGES, Maria** – *Professores. Imagens e Auto-Imagens*. (p. 144).

cia, são ainda de relevar os sentimentos de unidade e unicidade (cada indivíduo é único), de singularidade e diferença (todos os indivíduos são diferentes dos outros e cada um tem determinadas características), de individualidade (cada indivíduo é ele próprio), que constituem parte integrante da identidade individual. A memória, como um dos signos que diferencia a identidade de cada indivíduo, representa "*... esta imensa capacidade de registar as experiências afectivas e pessoas de todas as épocas da vida, que permite materializar a permanência da individualidade ...*"[101].

Assim, a identidade individual é igualmente um conceito complexo e multiforme, "*... que se constitui através das relações, interacções com os outros – através das tensões, dos choques, dos conflitos que as próprias interacções geram – que se constrói através ainda das crenças, dos valores, dos afectos, dos aspectos cognitivos ...*"[102] e que permite aos indivíduos reconhecerem-se enquanto seres integrados na sociedade, na comunidade, ou nos grupo nos quais se inserem.

Identidade Coletiva

"*As identidades partilhadas - decorrentes de um conjunto de objectivos, valores e experiências comuns - podem constituir um importante ponto de partida para movimentos sociais.*"[103]

Uma vez clarificadas as considerações acerca do polo individual da identidade, considera-se a pertinência de convocar para a narrativa outra dimensão social, enfatizando o papel preponderante do polo coletivo. Importa relembrar que "*A identidade não se esgota na expressão da singularidade dos sujeitos, nos seus processos de construção biográfica.*"[104]. Assim sendo, reconhece-se novamente o papel fundamental que a interação social assume na sua conceção, que, através de um processo de construção eminentemente relacional, também se pode exprimir em identidades coletivas.

A identidade coletiva reencontra ideias presentes nas reflexões anteriores sobre identidade individual, particularmente quando se destaca o processo de socialização que constrói e conforma ambas as dimensões, individual e coletiva. Essenciais para a compreensão da coletividade, os grupos e os indivíduos que os compõem interligam-se numa dialética que assenta numa dupla relação

[101] **Campeau** [et. al.] (1998, p. 93) *cit*. por **BORGES, Maria** – *Professores. Imagens e Auto-Imagens*. (p. 146).

[102] **BORGES, Maria** – *Professores. Imagens e Auto-Imagens*. (p. 150).

[103] **GIDDENS, Anthony** – *Sociologia*. (p. 30).

[104] **SILVA, Ana** – *Formação e Construção de Identidade(s). Um Estudo de Caso centrado numa Equipa Multidisciplinar*. (p. 30).

– entre o indivíduo e os membros do grupo; entre o grupo e outros grupos – construindo-se constante e mutuamente, numa dialética que ocorre constantemente entre si. Essa relação ajuda a formular a identidade do coletivo, e resulta de trocas e interações permanentes, que ocorrem numa "... poética *na vida quotidiana e que ainda que nem sempre reconhecida, oficializada, canonizada, não é menos geradora de sociabilidade. É constituída por pequenas e minúsculas atitudes quotidianas, trajectos, discussões, bricolages, receitas, passeios, pesquisas, indumentárias* (...) *atitudes através das quais um grupo de indivíduos se reconhece enquanto tal ...*"[105].

Salienta-se assim a importância do conceito de grupo, enquanto coletividade com identidade própria, que organiza a sua vida desenvolvendo atividades semelhantes, segundo um conjunto de valores compartilhados. Ao invés de exprimirem uma personalidade individual, os membros do grupo expressam-se como parte integrante de uma coletividade identitária, resultante por um sistema de ideias, sentimentos e hábitos e representante do sentido que orienta a "*...partilha dos significados, para além da partilha dos saberes, dos saber-fazer, dos poderes*."[106].

O reconhecimento de uma identidade grupal coesa assume uma importância preponderante sob as relações estabelecidas quer dentro do grupo, quer do grupo com o exterior. Essa coesão, para além de poder significar uma interação entre os membros clara, simples e descomplicada, favorece também um sentimento de confiança interna. Estas dinâmicas intergrupais transportam consigo uma verdadeira identidade coletiva, por si única e particular. Porventura, os parâmetros de inclusão, de indivíduos iguais sob determinado ponto de vista, ou de exclusão, de indivíduos diferentes do núcleo grupal, acabam por estar em conformidade com a identidade coletiva. Criado num sistema de ação concreta, o sentimento de pertença comum a um grupo "*... será mais significativo quanto maior for a identidade coletiva e relacional do indivíduo, envolvendo a sua participação nas atividades coletivas formais e informais que lhe permitem obter uma representação social de si mais favorável ...*"[107].

Assim, as vivências experienciadas pelos integrantes de um grupo, subjetivas à sua perceção, que constituem as suas memórias; a consciência de pertença e inclusão a um coletivo, comum a todos os membros; o afastamento, distinção ou até oposição a outros grupos; o conjunto de representações, atitudes e imagens que se exprimem no discurso e percurso da coletividade, revelando um sistema de princípios orientadores[108], confluem para a construção e contribuem para a consolidação da identidade coletiva.

[105] **Maffesoli** (1979, p. 58) *cit*. por **BORGES, Maria** – *Professores. Imagens e Auto-Imagens*. (p. 151-152).

[106] **BORGES, Maria** – *Professores. Imagens e Auto-Imagens*. (p. 168).

[107] **FIALHO, Joaquim** – "A Construção da Identidade Social e Profissional através da Ação das Redes de Sociabilidade Laboral". (p. 148).

[108] **BORGES, Maria** – *Professores. Imagens e Auto-Imagens*. (p. 171).

fig. 11

A similaridade entre os indivíduos representados por Magritte - igualmente vestidos, igualmente espaçados entre si, a cair, a flutuar ou a pairar - revela a ténue linha entre identidade de grupo e individualidade.

René Magritte, *Golconda*, 1953.

Identidade Institucional

"*É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.*"[109]

Estabelecidas as considerações base sobre os processos de construção de identidades individuais e coletivas, adequa-se o desenvolvimento das reflexões para a identidade institucional. Nesse sentido, procurando esclarecer um entendimento base de identidade institucional, poder-se-á considerar, de igual forma, como esta está sujeita aos mesmos processos dinâmicos e contraditórios que se vem encontrando nos anteriores registos de identidade, não devendo por isso "*... ser analisadas à revelia do curso histórico e conjuntural que fundamentam a estruturação de todos os quadros identitários ...*"[110]. Os contextos sociais sob os quais a construção da identidade institucional se desenvolve são, por isso, preponderantes. As instituições às quais se pertence e nas quais se participa, tornam-se quadros relevantes na estruturação das identidades dos seus membros, os quais imprimem também nestas as suas marcas próprias.

Face ao contexto particular e singular no qual a identidade institucional se constrói, sobre esta foram-se desenvolvendo considerações que a entendem como uma forma específica de identidade coletiva, como uma possível ramificação ou vertente da identidade coletiva, na qual as ações individuais e coletivas dos seus membros são, neste caso, dinamizadas e orientadas em torno da instituição. Nesse sentido, as práticas que se desenvolvem no interior de uma instituição, "*O conjunto de princípios e valores em torno dos quais se constituiu, as suas funções de natureza social representam os fundamentos da construção de uma instituição.*"[111], e permitem uma melhor compreensão da sua identidade.

Assim, os estudos sobre identidade que se ocupam da análise do núcleo institucional, "*Procuram compreender a natureza das instituições formadoras, especialmente os atributos e as carac-*

[109] **HALL, Stuart** – "Quem precisa de identidade?". *In* **SILVA, Tomaz (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn** – *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. (p. 109).

Stuart Hall (1932-2014) foi um sociólogo e teórico cultural britânico-jamaicano. Foi uma das figuras fundadoras da escola de pensamento hoje conhecida como Estudos Culturais Contemporâneos, fortemente influenciados pelo marxismo e pela Nova Esquerda, na Universidade de Birmingham. Pioneiro do multiculturalismo, Hall procurou conciliar a dimensão cultural das práticas sociais e o ativismo político.

[110] **TAVARES, Manuel** – "As Faces das Identidades: Declínio e Horizontes Fraturados". *In* **TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra; OLIVEIRA, Cláudia (orgs.)** – *Identidades*. (p. 44).

[111] **GOMES, Sandra** – "Performatividade e Identidade Profissional: Um Estudo Sobre a Universidade Federal do ABC". *In* **TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra; OLIVEIRA, Cláudia (orgs.)** – *Identidades*. (p. 128).

fig. 12

Sob falsas premissas e novas identidades.
Bong Joon-ho, *Parasitas* (*Gisaengchung*), 2019.

terísticas que as tornam únicas e distintas em relação às demais."[112], e visam entender o modo como estas se formam, se orientam, se diferenciam e se perpetuam.

A identidade institucional resulta, portanto, da relação dialética que ocorre num determinado espaço geográfico entre indivíduos e grupos, cujas instituições se definem através de um conjunto de ideias, valores, símbolos, leis e rotinas[113]. Estas dimensões, quando reconhecidas pelos outros, surgem como referenciais simbólicos da identidade particular de cada instituição que conferem sentido e orientam o fazer institucional. Esses referenciais definem a identidade e podem-se organizar por parâmetros, que se dispõem em torno: de um eixo central, relativo ao conjunto de valores e crenças que mobilizam os membros da instituição para adotarem comportamentos comuns e estratégias equilibradas; de um eixo distintivo, referente às particularidades e singularidades institucionais, como os objetivos, a filosofia, a missão e a própria cultura, distintas das restantes instituições; de um eixo de continuidade, que diz respeito à duração e consequente estabilidade da própria instituição face a mudanças ou aversões ao longo do tempo[114].

Uma vez que o próprio "*... conceito de pertença a uma instituição define, com clareza, o modo como os sujeitos internalizam os princípios institucionais.*"[115], as ações que os indivíduos dessa instituição empreendem quotidianamente, os procedimentos que aplicam no seu núcleo e os ideais que partilham contribuem para promover os objetivos e fins da instituição. Quanto mais intensa for a crença nos valores e ativa a prática das normas que dirigem uma instituição, mais veementemente se consolidará a identidade da mesma. Não obstante às contradições, tensões e mudanças a que está também sujeita, a sua identidade constrói-se a partir das relações inerentes ao meio onde está inserida, e através das quais se forma a sua essência, que a diferencia das demais[116].

Segundo Berger e Luckmann torna-se possível transmitir e compartilhar a identidade de uma instituição com as gerações seguintes quando, utilizando um mecanismo que a legitime, se instala um controlo social. Parte-se da divisão de funções, da distribuição de poder e das visões do futuro, para se institucionalizar essa construção e dar assim início à formação da identida-

[112] **TREVISOL, Joviles** – "A Construção da Identidade Institucional nas Instituições de Educação Superior: Análise de uma Experiência". *In* **TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra; OLIVEIRA, Cláudia (orgs.)** – *Identidades*. (p. 180).

[113] **BAPTISTA, Marisa** – "O Estudo de Identidades Individuais e Coletivas na Constituição da História da Psicologia".

[114] **TREVISOL, Joviles** – "A Construção da Identidade Institucional nas Instituições de Educação Superior: Análise de uma Experiência". *In* **TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra; OLIVEIRA, Cláudia (orgs.)** – *Identidades*. (p. 185).

[115] **GOMES, Sandra** – "Performatividade e Identidade Profissional: Um Estudo Sobre a Universidade Federal do ABC". *In* **TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra; OLIVEIRA, Cláudia (orgs.)** – *Identidades*. (p. 124).

[116] **TREVISOL, Joviles** – "A Construção da Identidade Institucional nas Instituições de Educação Superior: Análise de uma Experiência". *In* **TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra; OLIVEIRA, Cláudia (orgs.)** – *Identidades*. (p. 185).

de institucional[117]. Por sua vez, Dubar defende que a identidade "*... não é* transmitida *por uma geração à seguinte, ela é construída por cada geração com base em categorias e posições herdadas da geração precedente, mas também através das estratégias identitárias desenroladas nas instituições que os indivíduos atravessam e para cuja transformação real eles contribuem.*"[118].

Compreender os sentidos e fins que orientam as ações individuais e coletivas dos membros de uma instituição é fundamental para conhecer e caracterizar a sua identidade institucional, que procura ser diferente de todas as outras, mas também manter-se coerente consigo própria.

***

De modo a clarificar uma posição própria sobre as reflexões apresentadas, procura-se agora sintetizar e expressar sumariamente o entendimento construído sobre a noção de Identidade. É a identidade que atenta às memórias e lembranças do passado, considerando-as, mantendo-as e perpetuando-as como parte da sua constituição.

Caracterizando a natureza e especificidade de cada um, a identidade é construída na relação consigo própria e na relação com os outros, mutuamente, numa interação resultante do processo de compreensão de si próprios e da sua intervenção na realidade. O sentido de continuidade e coesão da identidade, a sua manutenção e conformação, estão dependentes destas relações dialéticas, de si com os outros, ao longo do tempo. A fantasia de uma alma ou mente, cuja essência permanece intacta, verifica-se impossível, uma vez que esta não consegue ser independente das experiências e interações com o mundo.

Os diversos processos de socialização, em conjunto, constroem a identidade dos indivíduos, dos grupos e das instituições, identificando-os e definindo-os, a qual resulta de um processo dinâmico simultaneamente estável e provisório, reajustado e renegociado, consciente e inconsciente.

Assim, por identidade apreende-se um movimento em constante transformação no tempo, um equilíbrio em permanente oscilação, uma composição onde estão presentes elementos de igualdade e diferença, entre o eu e o outro, em metamorfose.

[117] **BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas** – *The Social Construction of Reality. A Treatise in the Sociology of Knowledge*.

[118] **DUBAR, Claude** – *A Socialização. Construção das Identidades Sociais.* (p. 100).

1.3 Encontros: Recordo, logo Existo

"*Quando nos recordamos, representamo-nos para nós mesmos e para aqueles à nossa volta. Na medida em que a nossa* natureza – *aquilo que realmente somos – pode ser revelada em articulação, nós somos o que recordamos.*"[119]

Estudar o ato de recordar, ou seja, a memória, é também estudar a forma de ser, de existir, neste caso, a identidade. Considerar a natureza e constituição da memória ocupa um papel central e fundamental na reflexão sobre a noção de identidade.

Nesse sentido, não seria invulgar, numa primeira instância, afirmar que cada indivíduo não mais é do que o conjunto, colecionado e relativamente organizado, de recordações que acumula ao longo da sua vida. Analogamente à célebre frase de René Descartes, afirmar-se-ia: *Recordo, logo existo*. No entanto, o discurso de um indivíduo referente a si próprio – sobre a imagem adquirida por si próprio, sobre a representação construída por si e apresentada aos outros e a si próprio, que procura compreendê-lo e descrevê-lo[120] – quando é composto somente de reminiscências, não permite construir uma memória exata e verídica, uma vez que a essência desse passado é variável de acordo com o momento presente que o reconstrói. Ao invés de se reduzir a aceder a relatos e registos passados, a identidade procura na memória o seu substrato e fundamento, para que ambas se constituam mutuamente, ou seja, "*A memória apresenta o que fomos, para melhor consolidar as nossas construções acerca do que somos.*"[121].

É por esse motivo que a compreensão das diferentes formas e valências da memória se torna significativa para qualquer reflexão sobre a identidade, o mesmo verificando-se no sentido oposto. Quer isto dizer que Memória e Identidade estão indissoluvelmente ligadas, numa

[119] **FENTRESS, James; WICKHAM, Chris** – *Social Memory: New Perspectives on the Past*. (p. 7).

[120] **POLLAK, Michael** – "Memória e identidade social". (p. 204).

[121] **OLIVEIRA, Carmen** – "Memória e Identidade Institucional: um estudo de caso". (p. 96).

dialética em constante conjugação. A memória, ao mesmo tempo que molda e conforma o indivíduo, o grupo, a instituição, é também pelo indivíduo, pelo grupo, pela instituição moldada e conformada. A relação que uma estabelece com a outra, em que uma se apoia na outra, reciprocamente, constrói uma trajetória, um percurso, uma narrativa e permite compreender com maior clareza as interseções entre o individual e o social, entre o passado, a sua representação no presente, e a sua projeção no futuro.

Ao observar a partir da memória, os momentos de afirmação, quando é cristalizada e ganha forma e estabilidade, bem como as fases de transformação, introduzidas por questionamentos ou momentos desconexos e diferenciados, a constituição da identidade, ao longo dos tempos, pode conferir um sentido de continuidade identitária[122]. A apreensão de um sentimento de igualdade da própria identidade, que a ajuda a construir enquanto processo biográfico e relacional, só se torna possível a partir da memória. A identidade por si só já considera as lembranças e vivências recordadas como parte da sua constituição. Consequentemente, a memória da própria estória, a lembrança do próprio percurso, é essencial para garantir esse sentido de continuidade temporal da identidade.

As asserções de Pollak permitem clarificar algumas questões relativas à relação entre memória e identidade. Por um lado, a constituição e consolidação de ambas as noções desenvolve-se, natural e necessariamente, num processo socialmente construído, que organiza as lembranças de modo seletivo, permitindo à identidade escolher o que deve ser mantido e permanecer na memória. Por outro lado, o inevitável contributo da memória na formação da identidade, para si e para os outros. Segundo Pollak, "*... a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.*"[123]. Por último, o autor, colocando em enfase a ideia de legado e herança, correlaciona a memória herdada muito estreitamente com o sentimento de identidade, quer referente a valores pessoais ou familiares, intergrupais ou institucionais.

A relação dialética entre memória e identidade é ainda reforçada ao considerar que, para ambas as definições, existe um elemento preponderante na sua conformação, o outro. Assim, as intervenções vindas do meio social, na relação com os outros, estão sujeitas a transformações e mudanças profundas, motivo pelo qual não se deve compreender os fenómenos da memória e da identidade como essências imutáveis de um indivíduo, grupo ou instituição.

Assim, quando a ligação entre memória e identidade é de tal forma profunda, ocorre uma apropriação de valores e manifestações, que sustentam essa relação e se perpetuam ao lon-

[122] **BAPTISTA, Marisa** – "As relações entre identidade, memória e pesquisa da história da psicologia".

[123] **POLLAK, Michael** – "Memória e identidade social". (p. 204).

go da vida. Isto é, "*... quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações (...). Quando a memória e a identidade trabalham por si sós, isso corresponde àquilo que eu chamaria de conjunturas ou períodos calmos, em que diminui a preocupação com a memória e a identidade.*"[124].

Por fim, a memória como reconstrução do passado, é um recurso fulcral para a apreensão da identidade. A identidade não é definida apenas pelo passado que já foi vivido, mas também pelo futuro potencial, pelo sentimento de continuidade temporal que permite reconstruir o passado e as suas memórias, reconhecê-las e apropriar-se delas, para formar a identidade. O processo de reflexão e apreensão das memórias que construíram e formaram um percurso permite que haja um desenvolvimento progressivo e gradual da identidade. Estabelecer uma ligação com o passado e com a representação que deste se formula através das memórias, permite identificar uma continuidade e permanência temporal da identidade de um indivíduo, grupo ou instituição, a qual "*... depende tanto do que é lembrado, quanto o que é lembrado depende da identidade de quem lembra.*"[125].

[124] **POLLAK, Michael** – "Memória e identidade social". (p. 207).

[125] **SANTOS, Myriam** – "Sobre a Autonomia das Novas Identidades Coletivas: Alguns Problemas Teóricos". (p. 2).

Capítulo 2

Contextos

"*Este momento construiu um conjunto de leituras individuais apoiadas na memória, na circunstância da experiência vivida, ou relatada, e em factos, por vezes, documentados, mas também apenas recordados. Com isto se construíram os grandes temas da Escola, os momentos mais significativos, os personagens mais interventivos, as ideias fortes, mas também ficaram esquecidos, aleatoriamente ou não, outros episódios e outros personagens eventualmente relevantes.*" [126]

[126] **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. (p. 50).

À luz das temáticas expostas nos capítulos anteriores, o presente capítulo dividir-se-á em três momentos distintos, procurando introduzir as diversas identidades que orientam a dissertação, tanto individuais, como coletivas ou institucionais.

Num primeiro momento, no subcapítulo *Escola: Entre a ideia e a consolidação* procurar-se-á uma aproximação à ideia de identidade institucional da *Escola do Porto*. Num segundo momento, no subcapítulo *Personagens: Entre a intenção e a oportunidade* procura-se definir e explicitar o critério de escolha das personagens, competindo ao último momento, no subcapítulo *Origens: Entre a decisão pela Arquitetura e a entrada na Escola*, a apresentação das identidades individuais das personagens selecionadas e a exposição das origens dos seus percursos. Neste sentido, pretende-se ensaiar uma observação e cruzamento, decorrente de uma leitura pessoal, ainda que objetiva, dos percursos dessas personagens, de forma a contribuir para divulgar e preservar o registo de memórias partilhadas, através da sua fixação e comunicação.

2.1 Entre a ideia e a consolidação da *Escola do Porto*

"*Tentar compreender a* Escola do Porto *passa, necessariamente por aceitar a sua complexidade.*"[127]

A construção de uma ideia de *Escola do Porto* foi-se tecendo ao longo do tempo por caminhos complexos e contraditórios, num longo processo marcado por sucessivos debates, reflexões e conflitos. A assimilação cultural mais ampla do termo *Escola do Porto* adquiriu, por isso, diferentes sentidos e interpretações, por vezes vagos e simplificados, decorrentes do seu contexto disciplinar e cultural, motivo pelo qual se procurou conhecer e fixar esses possíveis significados e o seu interesse e pertinência para a presente investigação.

Nesse sentido, importa perceber a narrativa da *Escola do Porto*, conhecer os diversos testemunhos que contribuíram para a sua caracterização e reconhecimento, seja por contarem uma história mais oficial e ligada à evolução do ensino da Arquitetura em Portugal, ou por evocarem histórias esquecidas e memórias secundárias, que evidenciam a complexa realidade vivida nesta instituição.

No entanto, uma vez que a presente dissertação não se prende com a definição ou significado de *Escola do Porto*, procurou-se apenas enquadrar e sintetizar o desenvolvimento da sua narrativa através de um conjunto de diversas contribuições, confrontando perspetivas diferentes, em contextos temporais também diferentes, na medida em que o tema central incide no desenvolvimento da identidade desta instituição, temática que se prende com esta dissertação. Destas contribuições, pela sua relevância, salientam-se alguns autores, como Alexandre Alves Costa, Eduardo Fernandes, Gonçalo Canto Moniz, Jorge Figueira, Manuel Mendes, Nuno Portas, Pedro Bandeira, Nuno Faria e Raquel Paulino, bem como outros autores internacionais, como Keneth Frampton.

[127] **FARIA, Nuno; BANDEIRA, Pedro** – *Escola do Porto: Lado B, 1968-1978 (Uma história Oral)*. (p. 183).

De acordo com Jorge Figueira[128], considerando a *Escola do Porto*, "*... o epicentro da cultura arquitectónica das últimas quatro décadas do século XX português.*"[129], importa num primeiro momento contextualizar brevemente o quadro histórico desta instituição.

Efetivamente, os cursos de Arquitetura das *Escolas de Belas Artes* passaram, desde o século XIX, por sucessivas transições e transformações no panorama do ensino da Arquitetura em Portugal. O entendimento de cada modelo pedagógico adotado pressupõe assim a compreensão e assimilação dos debates e reflexões sobre o exercício e ensino da Arquitetura, decorrentes num contexto nacional e internacional característicos.

Com a criação da *Academia Portuense de Belas-Artes* (APBA), em 1836, na sequência das reformas liberais, como explica Gonçalo Canto Moniz[130], assistiu-se a uma primeira concretização e formalização do ensino da Arquitetura em Portugal[131]. A APBA integrava uma escola académica, e adotou como modelo de referência o sistema *Beaux-Arts*, da École *Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris*[132], (ENSBAP). Em 1881, propõe-se uma primeira tentativa de reforma das *Academias de Belas-Artes*, da qual resulta a criação das *Escolas de Belas-Artes* e do curso de Arquitetura. Assim, determinar-se-ia o desdobramento das *Academias de Belas-Artes* em "*... Academia propriamente dita e em Escola ...*"[133]. Consistindo na separação do "*... setor académico do sector pedagógico ...*"[134].

Em 1911, seria extinta "*... a Academia Portuense de Belas Artes, da qual dependia uma escola de Belas Artes, permanecendo esta como organismo agora autónomo, com a designação de Escola de Belas Artes do Porto.*"[135], (EBAP).

[128] **Jorge Manuel Fernandes Figueira Ferreira** é um arquiteto licenciado em Arquitetura na FAUP em 1992, tendo concluído o Doutoramento em 2009 pela *Universidade de Coimbra* com a tese intitulada *A Periferia Perfeita: pós-Modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60 – anos 80*. Leciona no Departamento de Arquitetura da *Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra* e colaborou no CEAU entre 1991 e 1996.

[129] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico*. (p. 17).

[130] **Gonçalo Esteves Oliveira do Canto Moniz** (1971-...) é um arquiteto e investigador natural do Porto. Frequentou o curso de Arquitetura da *Universidade de Coimbra*, que concluiu em 1995 e onde se doutorou em 2011, com a tese intitulada *O Ensino Moderno da Arquitectura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas Artes em Portugal (1931-69)*. É docente no Departamento de Arquitetura da FCTUC.

[131] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A reforma de 57: Em direção a um Ensino Universitário da Arquitetura". (p. 4).

[132] Com uma formação de matriz clássica, este modelo foi considerado "*... o centro da formação cultural e artística da modernidade ...*". **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. (p. 81).

[133] **REIMÃO, Rute; CRUZ, Maria João** – "Inventário Arquivo: Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (1836-1911)". (p. 14).

[134] **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. (p. 92).

[135] **REIMÃO, Rute; CRUZ, Maria João** – "Inventário Arquivo: Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (1911-1957)". (p. 11).

A figura de José Marques da Silva[136], substancialmente marcado pelos seus estudos na *École de Paris*, empenhou-se afincadamente no processo de reforma do ensino, desde a sua entrada na *Escola*, tornando-se a personagem central da formação clássica do arquiteto. A posterior implementação da *Reforma de 1931* contava já com o apoio do emergente governo do Estado Novo[137], e consolidava o sistema de ensino *Beaux-Arts*, o que, por um lado, evidenciou a desatualização dos seus princípios e, por outro, inviabilizou uma total e plena adesão ao moderno[138]. Se em 1936 foi iniciado um processo de revisão da reforma anterior, contestando os métodos de ensino clássico, a sua regulamentação só se viria a realizar anos mais tarde.

Motivada quer pelas várias transformações culturais, sociais e políticas que se faziam sentir na Europa do pós-guerra, quer pela profissão e pelos debates nacionais e internacionais que reivindicavam uma nova perspetiva sobre o papel do arquiteto na sociedade, a *Reforma de 1950* procurava conciliar o ensino artístico e o ensino técnico, consequentemente reclamando por uma formação do arquiteto moderno[139].

No entanto, a passagem de *Escola de Belas-Artes* a *Escola Superior de Belas-Artes*, foi a única medida que se concretizou, uma vez que a regulamentação da reforma resultou sucessivamente adiada até 1957[140]. Após estes sete anos de espera pela aplicação das suas regulamentações, esta *Reforma de 57* já se constituía desatualizada e obsoleta, requentada. Encontrava-se por isso desenquadrada do debate cultural, social e político, marcado por uma nova consciência e preocupações sobre a função do arquiteto na sociedade.

Consequentemente, "*... se o desejo de manutenção do legado da Escola – nomeadamente aquele que se forja na luta contra a Reforma de 57 – vai impedir a ruptura, o envolvimento político pressiona uma nova fundação, e é entre estes dois tempos que se vão estabelecer os contornos definitivos da Escola do Porto.*"[141]. Importa salientar o principal protagonista na luta pela sua

[136] **José Marques da Silva** (1869-1947) completou a sua formação na *Academia Portuense de Belas-Artes* em 1888, prolongando os seus estudos, entre 1889 e 1896, com a frequência da *École de Paris* sem bolsa. Após ter sido convidado a substituir José Sardinha em 1906, no ano seguinte venceu o concurso para professor de Arquitetura Civil, vindo a ocupar posteriormente o lugar de diretor da então já designada EBAP entre 1913 e 1939.

[137] O ***Estado Novo*** (1933-1974) foi o regime político ditatorial e autoritário, instituído sob a direção de António de Oliveira Salazar, sucedido por Marcello Catano, e que vigorou em Portugal durante 41 anos ininterruptos. Criou a sua própria estrutura de Estado e um aparelho repressivo (PIDE), apoiando-se na censura, na propaganda, nas organizações paramilitares (*Legião Portuguesa*), nas organizações juvenis (*Mocidade Portuguesa*), no culto do líder e na Igreja Católica.

[138] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A reforma de 57: Em direção a um Ensino Universitário da Arquitetura". (p. 4).

[139] **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. (p. 135).

[140] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A reforma de 57: Em direção a um Ensino Universitário da Arquitetura". (p. 190-193).

[141] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico*. (p. 58).

implementação, , cujo impulso dado ao debate sobre o ensino moderno foi preponderante no processo de modernização do ensino da *Escola*, o arquiteto Carlos Ramos[142].

Seguindo este contexto, após uma década, "*... a crise institucional aberta pelos estudantes e professores no final da década de 60 acabou com as aspirações da Reforma de 57 ...*"[143]. O *Regime Experimental de 1969*, surge assim na radicalidade da crise que tinha paralisado a *Escola*, numa tentativa de refundar uma estrutura de ensino, que reúne na arquitetura todas as atenções. Ainda que a sequência de eventos até 1974 não tenha conseguido consolidar uma orientação do ensino, foi com base na experiência que surgiram as bases para essa reformulação, e que se "*... possibilitou a construção de um novo modelo de ensino dentro da Universidade ...*"[144]. Em 1979, foi então criada a *Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto*, que funcionou paralelamente na ESBAP até 1987.

Nesse sentido, decorrente da própria circunstância política e cultural do país, a *Escola do Porto* foi sendo consecutivamente tomada por contradições. A sua identidade é, por isso, de difícil definição, estando associada a diferentes posições e discursos, nacionais e internacionais, que se foram modificando ao longo do tempo. De facto, o termo *Escola,* definida como instituição de ensino, não encerra aí o seu significado.

Consideravelmente distante da situação atual, segundo Fernando Távora[145], a *Escola* nos anos 50 "*... procurava um caminho, não tinha ainda qualquer projecção internacional e poucos eram os diplomados; o termo Escola significava então para nós apenas o edifício, não a instituição e menos ainda uma tendência, uma afirmação de princípio, um objectivo comum a docentes e estudantes.*"[146]. Também ainda não representava uma pedagogia de ensino ou um modelo de instrução específico, verificável numa linguagem arquitetónica específica.

[142] **Carlos João Chambers Ramos** (1897-1969) foi um arquiteto e professor natural do Porto. Ingressou na EBAL em 1915, no curso de Arquitetura, que concluiu em 1921, ano em que inicia a sua atividade profissional. Obteve o diploma de arquiteto em 1926. Em 1940 é convidado para professor da EBAP. Depois de uma experiência de dois anos em Lisboa, regressa em 1948 à *Escola do Porto*, da qual é nomeado diretor em 1952, até 1967, ano da sua jubilação. Dono de uma personalidade que se afirmava nas facetas de homem de sociedade, de cidadão, de artista e de pedagogo, e intitulado por diversos autores como o «Pai» da *Escola do Porto*.

[143] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A reforma de 57: Em direção a um Ensino Universitário da Arquitetura". (p. 12).

[144] *Ibidem*.

[145] **Fernando Luís Cardoso Meneses de Tavares e Távora** (1923-2005) foi um arquiteto e professor natural do Porto. Faz o curso de Arquitetura na EBAP entre 1942 e 1947 e obtém o seu diploma em 1950. Não remunerado, ingressa no corpo docente desta Escola em 1950 atividade que continua na passagem para a Faculdade, da qual foi Presidente da Comissão Instaladora. Exerce atividade profissional de arquiteto e colaborou no Inquérito à Arquitetura Portuguesa. Ressalva-se a sua importância, como pedagogo e catalisador de tendências renovadoras, na consolidação e evolução da *Escola do Porto*.

[146] **TÁVORA, Fernando** – "Para a História do Futuro: um texto de 1991". *In* **VIEIRA, Álvaro Siza; DIAS, Adalberto (sel.)** – *Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Percursos do Projecto.* (p. 22).

A designação *Escola do Porto* remete assim ao final da década de 70, quando "*... começa a ser usado, nos textos dos professores da ESBAP, para definir a sua identidade.*"[147]. Seria assim utilizada para relacionar a estratégia pedagógica com a prática disciplinar.

No entanto, será quando Nuno Portas[148] se refere à *Escola do Porto*, que se transcenderá a ideia de ensino ou instituição, quando conota "*... como designação de uma entidade claramente distinta da instituição de ensino, embora se relacione com esta: Portas refere-se à produção dos arquitectos do Porto (e não à sua pedagogia) como uma Escola de Rigor.*"[149].

Os discursos sobre a *Escola* foram sendo claramente diferentes, mas para Portas é inquestionável que "*... a mitologia que se fez sobre a singularidade da arquitectura portuense se* [tenha] *polarizado nos trinta anos do itinerário criativo de Álvaro Siza e do seu reconhecimento internacional.*"[150]. De facto, o crescente destaque e interesse internacional pela arquitetura de Álvaro Siza[151], globalizou o fenómeno *Escola do Porto*.

Consequentemente, com a projeção internacional da obra de Álvaro Siza, surge nalguns discursos a conotação de *Escola do Porto* a uma ideia de *estilo*. Ainda que a nível nacional seja um conceito vivamente contestado ou até completamente rejeitado, Figueira, posiciona a *Escola do Porto* como a "*... emanação de uma metodologia – a derivar num estilo ...*"[152]. Considera assim difícil erradicar essa noção de *estilo*, uma vez que "*... os dispositivos conceptuais, metodológicos e processuais seguem na continuidade da tradição* Beaux-Arts *e da* escola-atelier."[153], concluindo por isso que "*... a existência de um* estilo *da Escola do Porto é, para lá de todas as proclamações em sentido contrário, inevitável.*"[154].

[147] **FERNANDES, Eduardo** – *A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola*. (p. 678).

[148] **Nuno Rodrigo Martins Portas** (1934-...) é um arquiteto e urbanista natural de Vila Viçosa. Iniciou o curso de Arquitetura na ESBAL em 1951, mas apresenta a prova final na ESBAP em 1959. Trabalhou como colaborador de Nuno Teotónio Pereira a partir de 1957 com quem, posteriormente, desenvolveu trabalhos de coautoria, tal como com os arquitetos Bartolomeu Costa Cabral, Pedro Vieira de Almeida e Pedro Botelho. Dirigiu a revista *Arquitectura* entre 1958 e 1970. Foi *Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo* dos três primeiros *Governos Provisórios* após o 25 de abril e promoveu a *Operação SAAL*. Lecionou na ESBAL entre 1965 e 1971 e, a partir de 1983, na ESBAP apresentando a sua última aula em 2004. Fundou e dirigiu o CEAU da FAUP em 1984.

[149] **FERNANDES, Eduardo** – *A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola*. (p.678) referindo-se ao discurso de Nuno Portas: "*Na última década o círculo do Porto, que descrevi como a* escola de (um certo) rigor ..." *in* **PORTAS, Nuno** – *Arquitectura(s). História e Crítica, Ensino e Profissão*. (p. 245).

[150] **PORTAS, Nuno** – "Prefácio". *In* **PORTAS, Nuno; COSTA, Alexandre Alves [et. al.]** – *Páginas Brancas*. (p. 7).

[151] **Álvaro Joaquim Melo Siza Vieira** (1933-...) é um arquiteto natural de Matosinhos. Estudou na ESBAP entre 1949 e 1955. No início da carreira trabalhou com Fernando Távora. Estabeleceu escritório próprio em 1958. É autor de inúmeros projetos nacionais e internacionais onde se incluem a *Casa de Chá da Boa Nova*, o *Museu de Serralves*, a *Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto* e a *Igreja de Marco de Canaveses*.

[152] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico*. (p. 79).

[153] *Idem*. (p. 90).

[154] *Idem*. (p. 91).

Contudo, a visão de Figueira sobre a *Escola do Porto*, na verdade, sustenta-se principalmente a partir dos testemunhos das várias personalidades, cuja preponderância para a Escola objetivavam diluir-se na coletividade de um grupo. Assim, acredita que "*A história da Escola do Porto, sendo a história de uma plataforma colectiva que pressupõe uma sensibilidade comum, é, no essencial, feita por algumas poucas personagens.*"[155].

Ainda que Figueira limite a sua visão a um grupo mais restrito de indivíduos, na sua essência a sua posição não se afasta da de Alexandre Alves Costa[156]. O último defende a *Escola* como "*... sede de cumplicidades entre personagens tão ricos como Carlos Ramos ou Fernando Távora, Arnaldo Araújo ou Álvaro Siza e tantos mais.*"[157]. Considera por isso que ele próprio em conjunto com outras personagens foram a *Escola*, "*... no sentido de plataforma colectiva (...), não com o objetivo de academizar um património comum (...), mas com o desejo de transformar uma suposta inteligência comum do fenómeno da arquitectura em projecto pedagógico institucionalizado.*"[158].

Assim, contrariamente a Figueira, contesta a existência de um *estilo*, abordagem que considera ter sido imposta sobre a *Escola*[159]. Para si, a expressão refere-se "*... cada vez menos à produção corrente e cada vez mais a um grupo de arquitectos que se referenciam à existência de uma Escola ...*"[160].

Por sua vez, Eduardo Fernandes, concordando com Alves Costa, considera que o elemento de ligação entre as obras da *Escola do Porto*, "*... não se resume a uma linguagem comum, ou a um* estilo*, porque a linguagem diverge entre os diferentes arquitectos (e em alguns casos, entre diferentes obras do mesmo autor) ...*"[161]. Pelo contrário, defende que a expressão *Escola do Porto*, implicando "*... identidade que relaciona a pedagogia de uma instituição de ensino com as ideias e a prática arquitectónica dos seus professores e/ou antigos alunos.*"[162], ganha sentido a partir da transmissibilidade de uma "*... metodologia cognitiva, que se transmite (ou partilha) na escola e no ateliê: uma* maneira de pensar *articulada com uma* maneira de fazer *que associa um método de projecto a um conjunto de ideias sobre a arquitectura como disciplina e sobre o*

[155] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico*. (p. 18).

[156] **Alexandre Vieira Pinto Alves Costa** (1939-...) é um arquiteto natural do Porto. Concluiu o curso de Arquitetura em 1964, obtendo o diploma em 1966, na ESBAP. Trabalhou como colaborador de Arménio Losa e Mário Bonito entre 1957 e 1958 e de Álvaro Siza até concluir o curso. Entre 1974 e 1977 integrou a *Comissão Coordenadora do SAAL Norte* sendo responsável pelo setor de *Planeamento e Apoio ao Projeto*. Lecionou na ESBAP e, posteriormente, FAUP entre 1972 e 2010. Na década de 70 fundou o *Atelier 15*, com o arquiteto Sérgio Fernandez.

[157] **COSTA, Alexandre Alves** – "Prefácio". *In* **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto. Um mapa crítico*. (p. 12).

[158] **MILHEIRO, Ana Vaz; AFONSO, João (ed.)** – *Alexandre Alves Costa: candidatura ao Prémio Jean Tschumi: Prize nominee UIA 2005*. (p. 98).

[159] **COSTA, Alexandre Alves** – "Depoimentos". *In* **EUSÉBIO, Jaime (coord.)** – *Páginas Brancas II*. (p. 12).

[160] *Idem*. (p. 10).

[161] **FERNANDES, Eduardo** – *A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola*. (p. 727).

[162] *Idem*. (p. V).

papel do arquitecto face à sociedade."[163]. Nesse sentido, acredita que não será a renovação de gerações que se apresentará problemática nesta *transmissão de saber*, mesmo quando o contacto entre personagens não é direto.

Figueira, por outro lado, perceciona que "*... a* transmissibilidade *do que propõem vai ser, no mínimo, problemática, e daí nasce parte do drama de se montar esta Escola do Porto.*"[164]. Talvez seja nesse sentido que Pedro Bandeira e Nuno Faria defendem o equívoco em que assenta a utilização – ainda que benéfica – do termo *Escola do Porto*, uma vez que "*... o ambiente da ESBAP era tão diversificado que não se pode dizer que houvesse uma qualquer linha condutora capaz de atribuir coerência ou identidade às suas pedagogias, às suas metodologias, ou aos seus programas.*"[165]. Daí resulta a "*... dificuldade da instituição integrar consciente e criticamente as propostas mais válidas, e delas fazer sentido pedagógico e científico.*"[166], de acordo com Figueira.

Já Raquel Paulino[167], mais recentemente, adotou o termo *Escola do Porto* para designar "*... uma entidade e identidade construída por um coletivo ao qual está associado um modo de ver, pensar, fazer e ensinar arquitetura ...*"[168], ou seja, evoca uma definição que se assenta na metodologia de trabalho, transmissão de conhecimento pedagógico e prática projetual e não num *estilo* arquitetónico.

De facto, os discursos e abordagens sobre a *Escola do Porto* foram-se modificando ao longo do tempo e estabelecendo diversas associações. A caracterização e conformação da sua identidade é por isso bastante complexa, motivada ainda pelo debate em torno do seu surgimento. As interpretações e leituras relativas à figura que deu origem à *Escola do Porto* são divergentes, resultando muitas vezes em caracterizações estanques e setorizadas, "*... como se cada um começasse do nada e terminasse deixando o vazio ...*"[169], ora remetendo à personagem de José Marques da Silva, ora prendendo-se mais tarde com a ação de Carlos Ramos ora, ainda, centralizando o início da *Escola*, em Fernando Távora, ou ainda mais tarde.

Efetivamente, se a preponderância do contributo de Carlos Ramos para uma ideia de *Escola*

[163] **FERNANDES, Eduardo** – *A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola*. (p. 727).

[164] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico*. (p. 18).

[165] **FARIA, Nuno; BANDEIRA, Pedro** – *Escola do Porto: Lado B, 1968-1978 (Uma história Oral)*. (p. 183).

[166] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico*. (p. 18).

[167] **Raquel Geada Paulino** (1974-...) é uma arquiteta natural do Porto. Concluiu o curso de Arquitetura na FAUP em 1998, ano em que iniciou a prática profissional como colaboradora de Álvaro Siza e de António Madureira, até 2004. É Professora Auxiliar na FAUP e doutorada em Arquitetura com a tese intitulada *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984* (2013).

[168] **PAULINO, Raquel** – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984*. (p. 35).

[169] **COSTA, Alexandre Alves** – "À Memória Presente de Mestre Ramos". *In* **COSTA, Alexandre Alves** – *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*. (p. 81).

é consensual, os pontos de vista em relação à importância do seu antecedente, José Marques da Silva, extremam-se, não devendo por isso ser lidos individualmente, encerrados no início e fim da sua ação. Esses discursos ou estabelecem continuidade com o passado ou interrompem a ligação com a atividade pedagógica de Marques da Silva.

Assim, o sentido de continuidade da ação deste diretor era defendido por Alves Costa, que acreditava que "*... o brilhantismo da geração que o vai contestando no interior da escola ...*"[170], na verdade, resultava da continuada ação pedagógica de Marques da Silva. Relaciona por isso a estratégia pedagógica por este adotada com a consequente ação de Carlos Ramos nas propostas de avanço e desenvolvimento do ensino. Alves Costa tinha, por isso, "*... dificuldades em considerar uma ruptura de fundo ...*"[171], que interpretasse simplificadamente a ação de Carlos Ramos na *Escola*, "*... olhada sem passado ou como negação absoluta a ele.*"[172].

A visão coincidente de Figueira defende também a direção de Marques da Silva como um primeiro momento na construção da *Escola do Porto*, uma vez que a sua matriz *Beaux-Arts* não foi "*... propriamente inibidora de um tempo novo ...*"[173]. Ao tecer ainda essa associação com o Moderno, esclarece que "*... das evidências mais* modernas *as gerações seguintes poderão tirar algum proveito e assim se irá fazendo a Escola.*"[174].

Ainda em concordância, Canto Moniz defende que foi este diretor que "*... construiu, entre 1907 e 1939, a Escola do Porto à sua imagem (...). Assim, a Escola do Porto poder-se-á confundir ora com a Escola de Ramos, ora com a Escola de Marques da Silva.*"[175].

No entanto, a entrada de Carlos Ramos como seu sucessor não constitui para todos um momento de continuidade, pelo contrário, Octávio Lixa Filgueiras[176] revela uma "*... sucessão* sem *continuidade.*"[177], defendendo a lição de Carlos Ramos como a verdadeira *Escola do Porto*. Já Fernando Távora considerava que "*Aquela que é hoje chamada Escola do Porto tem a sua*

[170] **COSTA, Alexandre Alves** – "À Memória Presente de Mestre Ramos". *In* **COSTA, Alexandre Alves** – *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*. (p. 84).

[171] *Ibidem*.

[172] *Idem*. (p. 82).

[173] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico*. (p. 27).

[174] *Ibidem*.

[175] **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. (p. 213).

[176] **Octávio Lixa Filgueiras** (1922-1996) foi um arquiteto, investigador e pedagogo natural do Porto. Frequentou o curso de Arquitetura da EBAP entre 1942 e 1951. Apresenta o CODA em 1954, a primeira tese teórica permitida. Durante a sua elaboração, deu início a um estudo sobre as embarcações do Douro, que o levou a ser um dos mais conceituados especialistas em Arquitetura Naval.

[177] **FILGUEIRAS, Octávio Lixa** – "A Escola do Porto (1940-69)". *In* **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN** – *Carlos Ramos: Exposição Retrospectiva da sua obra*. (p. 4).

origem remota na instituição do ensino artístico na cidade, no fim do século XVIII, e a sua origem próxima em 1940 quando é convidado como professor da Escola de Belas-Artes do Porto o Arquitecto Carlos Ramos que, em 1952, ocuparia a direcção."[178].

Igualmente, Pedro Bandeira e Nuno Faria consideram que "*A* Escola do Porto *tem uma história oficial que começa em Carlos Ramos, é estruturada por Fernando Távora, e internacionalizada primeiro por Álvaro Siza e depois por Eduardo Souto de Moura*."[179].

De facto, de um modo geral os vários discursos sobre a *Escola do Porto* estabelecem entre esta instituição e Carlos Ramos uma clara associação. Para Alves Costa essa ligação tece-se a partir do "*... que mais importante nos deixou – um sentido de escola.*"[180]. Por isso acredita que, "*Juntamente com o muito que ainda nos identifica, o amor pela arquitectura, a qualificação do seu ensino, a valorização da instituição e o entendimento da sua função social, a criação de uma cadeira de solidariedade na diversidade dos seus elementos, a dignidade do arquitecto, a modernidade e em muitas outras coisas, certamente as menos importantes, não pensamos, hoje, como ele pensava, nem actuamos como actuava, nem acreditamos no que acreditava. E todos sabemos que sem ele não seriamos o que somos.*"[181].

Apesar da importância de Carlos Ramos para a *Escola do Porto* ser, de facto, praticamente unânime nos vários discursos, o momento da sua saída é interpretado de diferentes formas. Por um lado, Lixa Filgueiras, idealizando em Carlos Ramos o momento fundador da *Escola*, vincula o afastamento do cargo de diretor como a "*... consumação do fim da «Escola do Porto»*.". De certa forma, também Paulino vê na nomeação de António Brito[182] como sucessor de Carlos Ramos na Direção o desaparecimento do "*... que restava da sua Escola do Porto, rompendo-se o elo de compromisso e solidariedade que a caracterizava.*"[183].

Por outro lado, Alves Costa encontra já na Faculdade algum seguimento da ação de Carlos Ramos ao defender que "*... é por não fazermos dele uma leitura estática ou estabilizadora, espécie de cristalização mítica, que se pode dizer que a Faculdade está na sua continuidade, tantas*

[178] **TÁVORA, Fernando** – "Para a História do Futuro: um texto de 1991". *In* **VIEIRA, Álvaro Siza; DIAS, Adalberto (sel.)** – *Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Percursos do Projecto.* (p. 19).

[179] **FARIA, Nuno; BANDEIRA, Pedro** – *Escola do Porto: Lado B, 1968-1978 (Uma história Oral)*. (p. 9).

[180] **COSTA, Alexandre Alves** – "À Memória Presente de Mestre Ramos". *In* **COSTA, Alexandre Alves** – *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*. (p. 75).

[181] *Idem*. (p. 77).

[182] **António Maria Cândido de Brito** (1904-1989) foi um arquiteto natural do Bonfim, no Porto. Iniciou o curso de Arquitetura na EBAP em 1921 e diplomou-se em 1926. Na atividade pedagógica, lecionou na EBAP e, posteriormente, na ESBAP, destacando-se a regência na disciplina de *Geometria Aplicada – 1.ª parte* desde 1943. Foi secretário da Direção da *Escola* entre 1958 e 1960 e Diretor da ESBAP entre 1967 e 1973.

[183] **PAULINO, Raquel** – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984*. (p. 134).

vezes conflitiva, adaptada à realidade contemporânea ..."[184]. Também para Canto Moniz a *Escola do Porto* não se esfuma com o afastamento de Carlos Ramos, uma vez que Octávio Lixa Filgueiras e Fernando Távora "*... vão, como professores, dar continuidade à mensagem de Carlos Ramos, fazendo do seu programa a matriz da Escola do Porto.*"[185]. Nesse sentido, destaca a importância de Távora, acreditando que a sua "*... actuação como pedagogo, teórico e arquitecto está simultaneamente a construir a identidade da Escola do Porto.*"[186].

***

De facto, ao longo do tempo, várias foram as abordagens e visões sobre a ideia de *Escola do Porto*, muitas vezes convencionadas em conceitos generalistas ou entendimentos apaziguadores do seu verdadeiro significado. A caracterização da sua identidade tomou, por isso, diferentes abordagens que ultrapassam a simples definição enquanto instituição de ensino, ora tendo subjacente uma ideia onde a pedagogia e a prática profissional surgem relacionadas, ora prendendo-se com uma metodologia, que define uma maneira de ver, pensar, fazer e ensinar arquitetura, ora sendo associada a uma linha de *estilo* ou *tendência*.

No entanto, apesar das múltiplas sensibilidades quanto à sua identificação, importa acima de tudo salientar um dos pontos comuns em todas as considerações: o entendimento de *Escola do Porto* como uma *escola de pessoas*, e o ser de pessoas, no contexto do projeto de investigação e desta dissertação, constitui-se como fator paradigmático e essencial. O papel preponderante dos seus intervenientes, para além dos diferentes protagonismos, complementa e conforma uma visão mais complexa de *Escola do Porto*, num sentido mais inclusivo para todos os que para a construção da sua narrativa contribuíram. É por esse motivo, e considerando a evolução dos modelos de ensino do curso de Arquitetura, as diferentes visões e abordagens que a sua designação foi tomando e as pessoas que contribuíram para a sua conformação, que a presente dissertação evoca o percurso de três intervenientes, focando-se nas suas vivências e memórias.

[184] **COSTA, Alexandre Alves** – "À Memória Presente de Mestre Ramos". *In* **COSTA, Alexandre Alves** – *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*. (p. 77-78).

[185] **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. (p. 41).

[186] *Idem*. (p. 66).

2.2 Entre a intenção e a oportunidade

"... Escola do Porto *que, mais do que um local de ensino, designa sobretudo um modo especial de ver o mundo, de estar no mundo e, sobretudo, de atuar e construir esse mundo.*"[187]

Tendo em consideração a evolução dos modelos de ensino do curso de Arquitetura, as diferentes visões e abordagens que a designação *Escola do Porto* foi tomando e as inúmeras pessoas que contribuíram para a conformação da sua Identidade, torna-se essencial evocar o percurso dos seus intervenientes, focando-se nas suas vivências e memórias. Cada um com papéis relevantes, mas distintos no seu desenvolvimento permanente, estes personagens protagonizaram e marcaram indelevelmente a narrativa da *Escola*, não apenas pelo que transmitiram e ensinaram, pelo que projetaram ou escreveram, mas também e, sobretudo, pelo modo como agiam no quotidiano, pelas suas estórias e experiências, pelas interações e relações que teceram nos vários contextos sociais, políticos, culturais e profissionais que circundavam o contexto da ESBAP.

Procurando que a construção da memória da *Escola* partisse da observação e leitura do percurso das personagens intervenientes na sua narrativa, então os seus testemunhos e discursos diretos constituir-se-iam como a fonte de referência que melhor informaria as suas vivências. Nesse sentido, a realização de uma conversa com estas personalidades que possibilitasse o contacto e partilha direta das suas estórias e memórias, tornou-se essencial para conhecer, caracterizar e completar os seus percursos.

Organizada em torno de um conjunto de temas que possibilitaram o enquadramento e cir-

[187] **LOPES, Nuno Lacerda** – *Arquitectura e modos de habitar: Sérgio Fernandez.* (p. 6).

cunscrição temporal e espacial das personagens, ora focando âmbitos individuais sobre o percurso de cada um, ora centrando-se em momentos coletivos que serviram como pontos chave de baliza e cruzamento, a estrutura destas conversas compôs-se seguindo uma organização de perguntas temática e, sempre que possível, cronológica.

Assim, primeiramente, abordaram-se questões relativas às origens pessoais e de teor mais familiar, que permitiram construir uma base de conhecimento sobre cada personagem. Seguidamente, as temáticas dividiram-se em dois grandes momentos, a juventude e a vida adulta. Enquadrado na entrada na *Escola Superior de Belas Artes do Porto*, o momento da juventude procurou focar-se em questões de percurso académico, relativas à discência, retratadas pelas suas memórias e ensinamentos enquanto alunos. Já o momento da vida adulta centrou-se, quer no percurso profissional, quer no percurso de docência, mas também nos vínculos e relações estabelecidas com as ambiências da ESBAP. O momento final da conversa reservava-se para um conjunto de questões de um foro mais coletivo e institucional, focando-se nos contributos individuais de cada personagem na *Escola do Porto*, bem como na hipótese de uma sequência e continuidade de uma ideia de *Escola* até à atualidade.

Assim, da totalidade de personagens que definem o universo de estudo do Projeto de Investigação *Vozes Vivas*, a seleção de um conjunto de intervenientes, a observar na presente dissertação, centrou-se primeiramente no grupo com o qual, dependendo do sentido de oportunidade e capacidade, já havia sido possível concretizar estas conversas prévias. Esse grupo, no momento de início de desenvolvimento da dissertação, era ainda reduzido.

Desse conjunto de personagens, tornou-se claro que o nível de informação já disponível e comunicada sobre as suas histórias não era equitativo. Certas personagens eram menos conhecidas, haviam porventura ficado mais esquecidas. Estabeleceu-se, por isso, que se pretendia dar luz a um conjunto desses percursos nem sempre tão considerados e valorizados, ou seja, às vivências e estórias dessas personagens, procurando acrescentar informação menos consistente e contribuir para a sua divulgação e reconhecimento.

Mas, de facto, esta seleção surgia e motivaria, acima de tudo, a possibilidade de testar e explorar um ensaio experimental das várias relações estabelecidas com o pequeno conjunto de intervenientes escolhidos, demonstrando uma perspetiva pessoal, que se almeja objetiva.

Nesse sentido, a dissertação procura observar estes percursos e testar cruzamentos entres estes, verificando se as recordações pessoais, estórias, vivências e momentos coletivos de cada um encontram pontos em comum, mas, de igual importância, vínculos distintos. Numa tentativa de ensaiar essas leituras e cruzamentos procurou-se selecionar intervenientes que estabelecessem diferentes relações e vínculos distintos com a *Escola*, ou seja, personagens cuja

participação e intervenção tivesse atuado e contribuído de formas diversificadas na construção da Identidade da *Escola do Porto*.

Atentando então à informação recolhida com os seus testemunhos diretos, cruzada ainda com outras fontes disponíveis online, em bibliotecas ou arquivos, de recursos escritos ou audiovisuais, encontraram-se e reconheceram-se três personagens – o arquiteto José Gigante, o arquiteto José Quintão e o arquiteto Pedro Ramalho – com os quais se ensaiou uma metodologia de exploração desses cruzamentos.

O conhecimento base que se havia recolhido sobre cada um destes três docentes permitia, à partida, assumir que os seus percursos seriam relativamente distintos, mas acima de tudo que as suas personalidades e idiossincrasias os levariam a estabelecer relações muitos diversas no contexto da ESBAP. Importava nesse sentido conhecer e verificar essas ligações: no caso do arquiteto José Gigante tecidas pelas múltiplas facetas e ocupações que o identificam, no caso do arquiteto José Quintão, estabelecendo um vínculo entre gerações, pelas relações de proximidade que criava com os alunos, e no caso do arquiteto Pedro Ramalho, presente na relação direta que o seu percurso faz entre escola e prática, originada pelo seu forte vínculo entre profissão e instituição.

A leitura das suas recordações e lembranças não será conduzida por uma única linha cronológica, mas sim pelas narrativas das três personagens observadas. Não sendo contemporâneas entre si, as suas vivências inserem-se na narrativa da *Escola do Porto* em períodos distintos. Nesse sentido, o percurso de cada uma das personagens é exposto cronologicamente, seguindo o ano de nascimento de cada um e lido desfasadamente dos restantes, o que possibilita a observação das fases de vida de forma paralela. Procura-se construir uma organização das estórias e vivências de cada personagem que as circunscreva em diferentes fases da vida, como alunos, docentes ou profissionais, e as relacione com determinados acontecimentos coletivos, a fim de permitir observar e estabelecer ligações entre os seus percursos, relacionando-os diretamente.

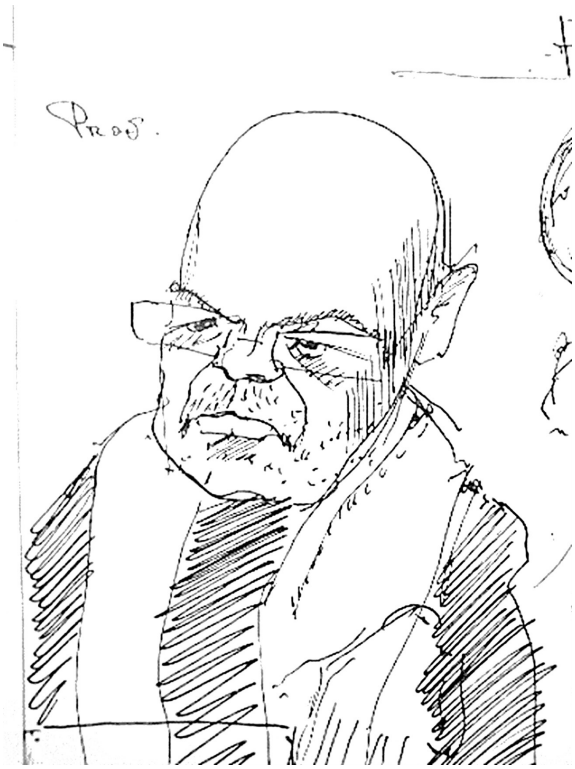
Assim, estas três personagens serão convocadas a percorrer as suas memórias, procurando-se verificar a indissociabilidade das suas identidades – testemunhadas pela participação e intervenção de cada um, pelo que primeiro adquiriram e posteriormente procuraram transmitir, pelo seu contributo – de uma Identidade coletiva da *Escola do Porto*.

2.3 Entre a decisão pela Arquitetura e a entrada na *Escola*

No capítulo seguinte pretende-se conhecer as procedências familiares em que se inscreve cada personagem, temporal e espacialmente, nos convívios sociais da fase inicial da vida, de modo a identificar os primeiros e principais indícios de uma aproximação ao mundo da arquitetura, marcantes na deliberação e posterior decisão de entrada no curso de Arquitetura da *Escola Superior de Belas-Artes do Porto*.

O momento do nascimento demarca o início do processo de construção da identidade que cada personagem disporá ao longo da vida, pelo que as origens e raízes familiares se tornam decisivas sobre esse percurso. Consequentemente, será a família o primeiro grupo e contexto com o qual cada um se relacionará e através do qual cada um fica exposto a um ambiente de socialização e interação com o meio exterior. No seguimento deste primeiro contacto, partindo da família, com os modelos e ideias da sociedade em que a criança se inscreve, os quais devem ser por ela assimilados e apropriados como normas de vida pessoal, com a entrada na escola e, posteriormente, no Liceu define-se um novo momento de confronto e interação social.

Seja pelas lembranças da primeira casa em que viveram, pela recordação do primeiro dia de aulas, ou pela reminiscência dos amigos de infância, as memórias adquiridas nos primeiros anos de vida caracterizam as primeiras experiências individuais e são fortemente influenciadas pela contextualização social do indivíduo, a qual, nos tempos de criança, está vinculada e é praticamente determinada pela família, que a insere nessas ambiências.



PEDRO RAMALHO

JOSÉ QUINTÃO

JOSÉ GIGANTE

2.3.1 a infância e as origens familiares

"*É o grupo da família que nos inscreve num contexto social que especifica os lugares e as relações de cada um nós com e em relação aos outros; é a família que permite a cada um de nós apropriar-se de um conjunto de valores, que transmite as normas, que será enfim e também* a correia de transmissão de um certo número de valores, de ideais, de modos de pensar e de acção na sociedade em que se encontra inserida."[188]

[188] **BORGES, Maria Paula** – *Professores. Imagens e Auto-Imagens*. (p. 152-153).

Pedro Ramalho

Pedro Cândido Almeida de Eça Ramalho, nasce a 16 de junho de 1937, em Caminha, Viana do Castelo[189], filho de Cândido Ferreira da Silva Ramalho e Maria Carolina de Moura Coutinho de Almeida de Eça Ramalho. Tem um irmão mais novo, Luís Ramalho, também arquiteto.

Para Pedro Ramalho, a decisão pela arquitetura afigura-se muito cedo, desde pequenino. Ao longo da sua infância em Caminha, onde viveu até aos noves anos, é possível encontrar diversos momentos ou acontecimentos simbólicos que assinalaram e conduziram o caminho até à data em que entrou nas Belas-Artes. De facto, as suas memórias de menino foram imediatamente afetadas e dominadas pela *Guerra Civil Espanhola*[190], dada a localização da sua cidade natal na fronteira com o país vizinho. O impacto do conturbado contexto sociopolítico vivido em Espanha nessa época, acompanhado, paralelamente, pelas consequências da *Grande Guerra*[191], cujas repercussões se faziam sentir em Portugal, acabaram por abalar e marcar muitas das vivências de Pedro Ramalho. Reconhecendo que, "*Ainda que o* [seu] *ambiente fosse diferente, enfim, de uma média burguesia.*"[192], a sua grande sensibilidade, preocupação e empatia pelos outros, pelas suas condições e forma de viver, advêm das circunstâncias a que foi exposto na infância, pelas dificuldades sentidas pela população durante as guerras. Já na escola primária, que frequentou em Caminha, se apercebia da diferenciação social presente, inclusive, dentro da sala de aula, "*... aquela coisa dos meninos das famílias estarem à frente*

[189] **U. PORTO** – *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: Pedro Ramalho*.

[190] A ***Guerra Civil Espanhola*** foi um conflito armado que ocorreu em Espanha, entre 1936 e 1939, entre os republicanos aliados aos anarquistas e comunistas, e os nacionalistas, que juntava falangistas, monarquistas, carlistas e católicos, liderada pelo General Francisco Franco.

[191] A ***Primeira Guerra Mundial***, comumente denominada como *Grande Guerra*, começou em 1914 e durou até 1918, quando os Aliados, com base na Tríplice Entente entre o Reino Unido, a França e a Rússia, saíram vitoriosos sobre os Impérios Centrais, a Alemanha e a Áustria-Hungria.

[192] **RAMALHO, Pedro** – *Orgânico Racional: Entrevista a Pedro Ramalho*. [Entrevista concedida a] José Miguel Rodrigues.

nas carteiras e depois atrás uma data de miúdos que traziam o cheiro da chuva, porque no inverno chovia muito... e depois vinham com umas samarras chumbadas em água, que tinha um cheiro muito especial. E sempre me sensibilizou muito a maneira como aquela gente, no fundo, suportava um tipo de vida tremendo... no tempo da guerra, de fome, uma miséria extrema."[193].

De facto, o gosto e aptidão pelo desenho começaram a tonar-se evidentes ainda muito novo, motivo pelo qual as pessoas à sua volta lhe reconheciam, assumidamente, uma vocação para a arquitetura. Na escola a professora pedia aos alunos que fizessem um desenho, uma das atividades que normalmente se realizava como forma de acalmar e tranquilizar as crianças, "*... punha-se-lhe uma folha de papel e uns lápis de cor...*"[194]. Porventura, ter-lhe sido atribuído, desde muito novo, uma certa relação ao mundo da arquitetura, pela sua propensão para o desenho, acabou por levar Pedro Ramalho a apropriar-se dessa ideia, a qual se foi gradualmente entranhando, ainda que este "*... não* [acredite] *que uma qualidade de desenho leve propriamente à arquitetura.*"[195], ou seja, "*... que uma habilidade para desenhar não chega para ser arquiteto.*"[196].

Simultaneamente, guarda na memória a visita a uma casa em Caminha, cujo proprietário era amigo do seu pai, que o marcou profundamente. A residência, segundo Ramalho atualmente bastante adulterada, havia sido encomendada a um arquiteto portuense, uma construção que se revelou "*... de uma modernidade enorme ...*"[197], completamente diferente e contrastante com as casas a que estava habituado. A principal característica que a demarcava das normalmente pouco fenestradas e escuras habitações, era, realmente, a luz. A distinta sensação de luminosidade que a casa transparecia, provocou nele uma enorme admiração, espantando-o profundamente. Nesse sentido, a memorável visita modificou a sua perceção sobre a importância da luz sobre um espaço, criando "*... realmente em mim qualquer coisa de diferente, de como é que passei a ver as coisas, ainda que fosse muito miúdo.*"[198].

Se as suas vivências de criança estavam balizadas num contexto sociopolítico complicado e controverso, os anos de adolescência não foram muito diferentes. Em consonância, foram vividos durante um regime de autoritarismo, retrógrado e opressivo, em que o ensino era controlado ideologicamente, representando uma experiência, muito fechada e limitativa. Tal como refere,

[193] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[194] **RAMALHO, Pedro** – *Orgânico Racional: Entrevista a Pedro Ramalho*. [Entrevista concedida a] José Miguel Rodrigues.

[195] *Ibidem*.

[196] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[197] *Ibidem*.

[198] **RAMALHO, Pedro** – *Orgânico Racional: Entrevista a Pedro Ramalho*. [Entrevista concedida a] José Miguel Rodrigues.

"*Nos tempos em que frequentei o Liceu D. Manuel II, hoje Rodrigues de Freitas, o ambiente era muito pesado, muito austero, o reitor era um nazi autêntico. Havia um clima muito desagradável e aqueles sete anos não foram nada bons.*"[199]. À sua instrução liceal, naturalmente enquadrada pelo quadro ditatorial que vigorava no país, associam-se principalmente memórias circunscritas a um ambiente de rigidez e inflexibilidade, bastante depressivo, que limitava a participação popular e proibia a liberdade de expressão, do qual não tem uma boa recordação. Salvaguardam-se determinadas exceções, que procurou preservar, como as lembranças dos colegas Alexandre Alves Costa e Manuela Alexandra[200], a única rapariga que estudava no *Liceu D. Manuel II*[201], os quais seguiram o mesmo percurso, entrando juntos no curso de Arquitetura da ESBAP.

Assim, desde criança foi progressivamente surgindo um certo intento, foi-se traçando um plano que Ramalho acabou por apreender e assumir, tomando-o como seu propósito. Nesse sentido, as possíveis dúvidas que recorrentemente vão surgindo sobre a perspetiva de uma futura carreira profissional foram-se esbatendo, ou, na verdade, nunca chegaram verdadeiramente a cristalizar-se. Enquanto outros colegas revelaram sempre alguma apreensão em escolher o ramo profissional da arquitetura, acabando por, primeiramente, experimentar ir "*... para a engenharia, para a pintura, (...) de uma forma um bocado, talvez, ingénua, eu assumi sempre que ia ser arquiteto.*"[202]. Pedro Ramalho afirma, com segurança, que "*Toda a minha vida, no fundo, andou à volta da Arquitetura e continua a andar...*"[203].

[199] **LIVRARIA LELLO** – *Porto by Pedro Ramalho*.
Com a reforma do ensino liceal e a criação de duas áreas administrativas na cidade, destina-se a cada uma delas um estabelecimento de ensino secundário, em detrimento da existência de um só liceu. Nesse sentido, o edifício atual do *Liceu D. Manuel II*, cuja denominação foi alternando com a designação atual, *Liceu Rodrigues de Freitas*, foi construído em 1933, pelo arquiteto José Marques da Silva, dedicado à parte ocidental da cidade.

[200] **Manuela Alexandra Queiroz de Barros Ferreira** (1938-...) nasceu em Braga. Entrou no curso de Arquitetura em 1957, mas em 1960, tendo sido presa pela PIDE, foi obrigada a perder dois anos de estudo. Quando reingressa na ESBAP, opta por trocar para o curso de Pintura. Casou com Cláudio Torres, arqueólogo e diretor do *Campo Arqueológico de Mértola*, com quem fugiu do país para não ser enviado para a Guerra Colonial. Foram, durante onze anos, locutores da *Rádio Bucareste*. Atualmente vivem em Mértola.

[201] Manuela Barros referiu, anos mais tarde, que "*Dois colegas tornaram-se meus anjos da guarda. Ainda hoje os consider os meus maiores amigos de sempre.*". **CARNEIRO, Mariana (coord.)** – "Mulheres de Abril: Testemunho de Manuela Barros".

[202] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[203] *Ibidem*.

José Quintão

José César Vasconcelos Quintão, nasceu a 4 de outubro de 1940, em Quelimane, capital de Zambézia, uma província de Moçambique[204]. O seu pai, Alexandre Quintão, militar de formação, nasceu na mesma província, no distrito vizinho de Chinde. A sua mãe, Amélia Vasconcelos, de origens bracarenses, foi datilografa na direção dos serviços de fazenda e contabilidade de Moçambique[205].

Deixou a sua cidade natal, local que não conhece e onde nunca mais voltou, com apenas dois anos, momento em que foi viver para Moçambique até aos quinze anos de idade. Da infância no Ultramar Português[206] guarda recordações felizes, fazendo por esquecer ou ultrapassar os momentos menos positivos. Após a morte do pai, aos dezasseis anos, veio viver para Braga, juntamente com a sua mãe, cidade onde moravam os tios maternos[207], e onde conclui o 7º ano no *Liceu Nacional de Braga*[208].

Logo após essa conclusão académica, ainda no ano de 1956, parte para a Invicta, como forma

[204] **QUINTÃO, José** – *José César Vasconcelos Quintão*. Abr. 2009. Curriculum Vitae. (p. 1).

[205] O pai, Alexandre Eugénio Viana Quintão, nasceu em 1910, em Chinde, Moçambique, e faleceu em 1956, num acidente de viação.

A mãe, Amélia Candida Carvalho Vale e Vasconcelos, nasceu em 1909, e faleceu em 1981, com 72 anos.

[206] Designação utilizada para referenciar os territórios das colónias portuguesas localizadas do outro lado do mar mediterrâneo, além-mar.

[207] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[208] **REIMÃO, Rute; CRUZ, Maria João** – "Inventário Arquivo: Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (1911-1957)". (p. 8-9).

O plano de reforma à instrução pública de Passos Manuel assiste à criação de um liceu na capital de cada distrito; em 1945, inaugura-se o *Liceu Nacional de Braga*, passando a ser denominado *Nacional Central de Braga*, e posteriormente *Liceu Nacional de Sá de Miranda*. Adaptou-se as instalações do extinto *Colégio do Espírito Santo*, efetuadas por Moura Coutinho, para a atual *Escola Secundária de Sá de Miranda*.

de viabilizar o progresso dos estudos para o ensino superior. Se o primeiro interesse numa área de estudo o aproximaria das Letras, o típico ditado conhecido na época, *letras são tretas*[209], rapidamente o afastou dessa hipótese. De facto, a escolha que seguiu, ainda que, por não representar os verdadeiros interesses do jovem, se tenha revelado temporária, acabou por o aproximar do percurso que realmente pretendia seguir, a Arquitetura.

A entrada no curso de Engenharia, primeiramente sem sucesso, ocorre, quando numa segunda tentativa, em 1959, é aprovado no exame de aptidão. Essa decisão, concernente com a impressão e visão que, na altura, existia da profissão do arquiteto, levou-o a optar numa primeira instância pela Engenharia. Como refere José Quintão, "*... eu sou de uma época em que se dizia que não valia a pena ser arquiteto, um engenheiro fazia as vezes de arquiteto.*"[210]. Ainda assim, quando expôs ao seu pai o gosto por esta área, este demonstrou-se bastante recetivo, afirmando "*... tu vais ser aquilo que tu quiseres, e não farei rigorosamente nada para te contrariar.*"[211].

No entanto, inscrito no primeiro ano do curso de Engenharia, procurou prosseguir com os estudos nessa área, mas com as dificuldades sentidas, acabou por não o concluir. De facto, a única cadeira onde demonstrou alguma facilidade, tinha sido *Geometria Descritiva*, uma clara indicação da vertente que já na altura lhe interessava. A inevitável transição para o curso de Arquitetura ocorreu, assim, naturalmente, e quando a esta área de conhecimento chegou, "*... para o bem e para o mal, nunca mais de lá* [saiu].*[212]*"

[209] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[210] *Ibidem.*

[211] *Ibidem.*

[212] *Ibidem.*

José Gigante

José Manuel dos Santos Gigante, nasce a 19 de março de 1952, no Porto[213]. As suas lembranças de criança recordam a primeira casa por cima de um talho, na rua Costa Cabral, com os pais, Maria Eduarda e Jorge Gigante, e mais tarde a irmã Mena[214].

Naturalmente, a influência do pai revelou-se de extrema preponderância sobre o seu percurso. Engenheiro, arquiteto e professor, Jorge Gigante, pela pluralidade da sua formação, acabou por se tornar um profissional de referência para os seus contemporâneos. Antes de iniciar a sua formação em Arquitetura, terá concluído em 1942 o curso de *Condutor de Obras Públicas e Minas* no *Instituto Industrial do Porto* (IPP). Trabalhou no Couto Mineiro de Rio de Frades, em Arouca, até 1946 e no *Gabinete de Urbanização* da *Câmara Municipal do Porto* (CMP), desde 1948 a 1954. Através destas experiências de trabalho começou a estabelecer um primeiro contacto com a arquitetura, que persegue ao iniciar o curso de Arquitetura da ainda EBAP, entre 1948 e 1958[215]. A sua entrada tardia no curso verificou-se um elemento positivo na sua instrução, por lhe permitir conciliar as duas formações, motivo pelo qual "*... foi uma pessoa sempre muito interessada pela componente construtiva do projeto.*"[216]. Em 1956, ainda durante o curso, constitui atelier de arquitetura, na rua de D. Hugo, juntamente com o colega Francisco Melo[217].

[213] **U. PORTO** – *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: José Gigante*.

[214] A mãe, Maria Eduarda de Sousa Delgado da Silva Ribeiro dos Santos Gigante, nasceu a 5 de Maio de 1919, no Porto. O pai, Jorge Guimarães Gigante, nasceu a 23 de dezembro de 1919, na freguesia de Pêrre, Viana do Castelo, e morreu a 27 de junho de 1994, no Porto. A irmã, Filomena Gigante, nasce a 25 de Agosto de 1957, no Porto.

[215] **U. PORTO** – *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: Jorge Gigante*.

[216] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[217] **Francisco Figueiredo Melo** (1930-2020) foi um arquiteto natural do Porto. Concluiu o curso de Arquitetura, em 1959, na ESBAP. Durante o período de estudante trabalhou como colaborador de Marques de Aguiar, Agostinho Ricca e João Andersen. Participou na *Operação SAAL*, na Brigada Técnica de Ovar liderada por Domingos Tavares, entre 1974 e 1976.

Concluída a sua formação[218], começou a lecionar na ESBAP, tornando-se um dos mais proeminentes professores da sua geração, "*... um dos grandes vultos da Escola do Porto, ...*"[219].

Para José Gigante, o atelier do pai acaba por se manifestar como um lugar de variadíssimas memórias de infância, "*... desde o tempo em que, ainda menino, eu passava tardes a rabiscar desenhos* (...) *sentado naqueles altíssimos bancos de estirador com as pernitas magras penduradas a balançar.*"[220]. As visitas constantes e todo o tempo lá passado, ficaram naturalmente marcadas pela presença permanente do colega de trabalho do pai, no qual, maravilhado, fixava a sua atenção sobre "*... a notável habilidade de mãos do Melo, sobretudo com a destreza e precisão com que construía pacientemente as maquetas.*"[221]. Ao papel e lápis de cor, juntam-se todas as outras proveitosas vivências do mundo do seu pai, tanto dentro do atelier, pelos diversos debates sobre construção, materiais e a forma de os relacionar, como espalhadas pela cidade do Porto, com as inúmeras visitas às obras em construção. Esses passeios prolongavam-se para fora dos tempos profissionais do pai, que durante os fins-de-semana o levava a conhecer e visitar os monumentos da cidade. Esta comunicação, interação e diálogo com o pai acabou por lhe ir despertando o entusiasmo e aguçando a curiosidade sobre o campo arquitetónico[222].

Assim proporcionou-se, desde muito cedo, o contacto com grandes e conhecidas personagens da *Escola do Porto*. Nomes como Fernando Távora, Alcino Soutinho[223], Álvaro Siza, Arménio Losa[224] e, mais tarde, Pedro Ramalho, foram proclamados no quotidiano da sua infância, no fundo os amigos e colegas da geração do seu pai. Tanto gostos e interesses, como momentos de dúvidas e incertezas eram partilhados com os colegas de profissão, como refere Álvaro Siza a propósito de Jorge Gigante, "*Tinha um colega que era uma pessoa extraordinária, um grande amigo. Era o arquiteto Gigante, pai do também arquiteto José Gigante.* (...) *Era uma pessoa*

[218] Apresentou, para o *Concurso de Obtenção do Diploma de Arquiteto* (CODA), um projeto intitulado *Uma habitação para um industrial*, classificado com 19 valores.

[219] **MILANO, Maria** – *José Gigante*. (p. 9).

[220] **GIGANTE, José** (José Gigante) – *Hoje, pela noite, enquanto lá fora a chuva caía, recebi a triste notícia.*

[221] *Ibidem.*

[222] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[223] **Alcino Peixoto de Castro Soutinho** (1930-2013) foi um arquiteto e professor natural de Vila Nova de Gaia. Ingressou na EBAP em 1948 e diplomou-se em 1957, iniciando a sua atividade profissional que interrompe, em 1961, para fazer investigação na área da Museologia em Itália. Em paralelo, trabalhou na *Fundação das Caixas de Previdência* até 1971. Desde 1973 exerce atividade docente na ESBAP, e mais tarde FAUP até 1999.

[224] **Arménio Taveira Losa** (1908-1988) foi um arquiteto e urbanista natural de Braga. Ingressou na ESBAP em 1925, no curso de Pintura, optando no ano seguinte pelo curso de Arquitetura, que completa em 1932. Ainda estudante, colabora no atelier de Marques da Silva. Ajudou a fundar a ODAM e participou no 1º *Congresso dos Arquitetos Portugueses*, em 1948. Mantendo sociedade com Cassiano Barbosa, constitui-se como uma das principais figuras do primeiro plano da arquitetura portuguesa do século passado. A atividade urbanística ocupou os últimos anos da sua vida profissional.

encantadora, engraçadíssima, divertida, como o filho é. (...) *Visitava o atelier dele, que era na Praça Filipa de Vilhena. Sempre que tinha uma dificuldade, lá ia eu ao Gigante.*"[225].

À produção arquitetónica do seu pai, construída ao longo de cerca de quarenta anos de atividade, assoma-se um vasto acervo fotográfico. O gosto pela fotografia, percorria já várias gerações, desde o avô paterno, que tinha uma loja de fotografia em Viana do Castelo.

Similarmente, se o pai representou a figura tutelar na Arquitetura, foi a mãe quem lhe incutiu, desde pequenino, um grande interesse pela escrita. Estimada pelo filho como "*... uma pessoa muito parecida comigo, aliás, eu é que sou parecido com ela... Uma pessoa alegre e sempre pronta para a brincadeira.*"[226], era funcionária pública da *Câmara Municipal do Porto* (CMP). Mãe e filho partilhavam essa propensão para o verso livre e espontâneo, realizado no momento sem grandes preocupações estilísticas, ao contrário do pai, que escrevia menos, mas mais cautelosa e cuidadosamente. Tornou-se prática regular nas festas de Natal da família a realização e leitura de um poema, de tom brincalhão e muitas vezes até satírico sobre as pessoas presentes, conjugando ainda, em diversas ocasiões, a realização de um espetáculo de teatro ou música.

Aos 14 anos estreou-se no hóquei em patins, inicialmente na primeira divisão do clube *Estrela e Vigorosa Sport*, durante dois anos, seguindo mais tarde para o *Centro Desportivo Universitário do Porto* (CDUP). A entrada neste desporto, acabou por servir como referencial em termos de atividade coletiva, na qual tomou o gosto pelo trabalho em equipa. Gigante recorda o dia em que "*... um stick com fita-cola a toda a volta que era verde*.[227]", pertence ao amigo e colega do seu pai, Álvaro Siza, chega a sua casa, oferecido pelo arquiteto que tinha também jogado hóquei[228]. Nessa altura, já ávido jogador e habituado ao seu próprio stick, acabou por nunca usar o de Siza.

No entanto, ainda que esta prática se tenha prolongado durante dezoito largos anos de atividade, a tenra juventude ficou marcada pelo período de frequência do *Liceu Alexandre Herculano*[229] envolto no pesado e inflexível ambiente do regime ditatorial. A indignação com que viveu a formação liceal, indissociável do contexto político então vigente em Portugal, é sintomática do clima de opressão imposto, principalmente contestado pelo jovem face à obrigatória separação de géneros instituída no processo educativo. Ainda assim, destes rígidos anos manteve algumas

[225] **SIZA, Álvaro** – *A primeira obra foi a sensação incrível de ver pela primeira vez no espaço o que antes só tinha desenhado*. [Entrevista concedida a] Valdemar Cruz.

[226] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[227] *Ibidem*.

[228] Devido à miopia, o pai de Siza proibiu-o de continuar a jogar. **SIZA, Álvaro** – *Siza fala da vida de Álvaro*. [Entrevista concedida a] Anabela Mota Ribeiro.

[229] A par da criação do *Liceu D. Manuel II*, dedicado à parte ocidental da cidade, foi fundado *o Liceu Central da Zona Oriental*, instalado inicialmente na rua das Taipas. Servindo a área administrativa oriental do Porto, passou a designar-se *Liceu Central Alexandre Herculano*, e a construção das suas novas instalações, na *Quinta de Sacais*, foram concluídas em 1921, por José Marques da Silva.

amizades com colegas que frequentavam o mesmo Liceu. Conhece o arquiteto Francisco Barata[230], cuja casa de família passa a frequentar regularmente, nos últimos anos do ensino liceal, e com quem formou uma fortíssima amizade, que manteve ao longo dos anos, principalmente, durante a frequência do ensino superior. Similarmente, reencontrará mais tarde o colega Carlos Prata[231], cujos percursos se aproximarão terminados os tempos do Liceu.

Desde pequeno, as mais diversas vivências e relações que vai tecendo, desde o gosto, habilidade e afeição pelo campo artístico, a prática coletiva e as atividades em equipa, às interações e convivências no *atelier* do pai, os passeios e visitas a obras, o permanente contacto com esse contexto, confluíram para uma decisão que o iria encaminhar para os portões dos muros de São Lázaro, para o curso de Arquitetura.

***

As memórias de infância de Pedro Ramalho ficaram indelevelmente marcadas pelos diversos momentos que lhe foram conferindo um enorme gosto e interesse pela Arquitetura, quer pelo seu jeito inato para desenhar, quer pela admiração e curiosidade assomadas pelas formas, luzes e contrastes espaciais, ou ainda pela empatia e sensibilidade social que ainda em criança nele se revelaram. Já pela observação do percurso de José Quintão, reconhece-se uma primeira dúvida, que o distingue dos demais, sobre a disciplina a seguir no ensino superior, natural pelas circunstâncias da profissão à data. A indecisão e deliberação que antecedem a sua decisão de entrada no curso de Arquitetura, acabaram mesmo por primeiramente o aproximar da área de Engenharia, que rapidamente admitiu não ser o caminho certo. Paralelamente, será no percurso de José Gigante qualquer alusão aos primeiros tempos de vida estabelecerá indubitavelmente um vínculo ao mundo da arquitetura, pelo facto de praticamente todas as suas vivências de criança aludirem às visitas ao atelier do seu pai e às obras em construção, aos passeios de domingo pela cidade e às relações com personalidades da área.

[230] **Francisco José Barata Fernandes** (1950-2018) foi um arquiteto natural do Porto. Concluiu o curso de Arquitetura na ESBAP em 1975. Inicia a atividade de docência em 1979 na ESBAP e, posteriormente, na FAUP até 2018. Trabalhou como colaborador de Fernando Távora entre 1971 e 1978 e, posteriormente, de Alfredo Matos Ferreira e de Bernardo Ferrão entre 1978 e 1986. Da atividade profissional, destaca-se o projeto da *Cooperativa de Habitação de Massarelos*, no Porto, desenvolvido entre 1990 e 1995 com o arquiteto Manuel Fernandes de Sá.

[231] **Carlos Adriano Magalhães Macedo Prata** (1950-...) é um arquiteto natural do Porto. Entrou no curso de arquitetura da ESBAP em 1969, recebeu o diploma em 1980, iniciando a docência até 1990. É novamente convidado a retomar a atividade docente em 1999 até 2020. Ainda enquanto estudante integra a brigada técnica da *Operação SAAL* do *Bairro da Sé* (1974-76). Em 1977, torna-se colaborador de Arménio Losa, onde já trabalhava o colega Henrique de Carvalho, até 1979, data em que juntos estabeleceram uma sociedade. Em 1985, passa a exercer profissão em gabinete próprio.

Capítulo 3

Aquisições e Contributos

"*Oh!, que longo seria contar a minha infância, que longo e difícil falar da minha adolescência, que impossível descrever a minha vida (como qualquer outra) se me propusera ser historiador, ser minucioso, ser completo! Por que veredas me perderia em que labirintos me embrenhara, a que becos sem saída iria dar! Recuso-me a tal pretensão; tanto mais que não sou literato que saiba tapar os vazios com palavras, e consiga outras maneiras ao que não é possível mostrar pela maneira como é. Da minha vida ou de mim não darei aqui senão alguns fragmentos, e o fio que mais ou menos me parece que os une. Mas cada um recomponha a teia como quiser ou puder: de que servira pedir-se mais a cada um? Dito isto principio.*"[232]

[232] **COSTA, Alexandre Alves** – *Dissertação expressamente elaborada para o concurso de habilitação para a obtenção do título de professor agregado*. (p. 13).

O momento de entrada no curso de Arquitetura da *Escola Superior de Belas-Artes do Porto* assinala um novo tempo de cruzamentos e interações sociais, assinalável nos percursos das três personagens observadas, e que vincará e influenciará as personalidades, as visões e formas de estar no mundo de cada um e, consequentemente, na relação com o mundo de todos os outros. Expostos a um novo ambiente de interação com a sociedade, as suas vivências e experiências no contexto escolar desmultiplicar-se-ão em novas relações, preconizadas por ambiências quer profissionais ou sociais, quer culturais ou políticas. Estas memórias, preponderantes sobre todos os percursos seguintes das suas vidas, estão naturalmente entrelaçadas com a vida da *Escola*, tanto na juventude enquanto estudantes, como na vida profissional enquanto docentes e arquitetos.

Procurando clarificar estas realidades, este capítulo recorre sobretudo às conversas realizadas com cada uma das personagens, apoiando-se nos seus testemunhos diretos, essenciais para conhecer e caracterizar as especificidades das suas experiências.

3.1 Entre as aprendizagens, as colaborações e as convivências

Seria impossível ambicionar compreender o papel destas personagens na narrativa da *Escola do Porto* sem conhecer alguns dos aspetos particulares das suas memórias enquanto alunos desta instituição. Assim, o presente subcapítulo pretende contextualizar e conhecer as suas vivências nos tempos de estudantes.

Os percursos escolares notoriamente distintos de cada um destes jovens, são assim marcados pelo ambiente da *Escola* – quer pelas lições com os mestres, como pelos momentos de entreajuda e partilha com os colegas –, pelas particularidades das dinâmicas que estabeleciam a nível profissional, num prolongamento da *Escola* – quer nos ateliers onde colaboravam com professores ou arquitetos do Porto, quer nas salas que arrendavam com os colegas para iniciarem a atividade profissional –, e pela sua relação com os contextos culturais e recreativos que, ocupando os seus tempos extracurriculares, se desdobravam em múltiplos palcos de aprendizagem, convocados respetivamente nos três primeiros subcapítulos (*Escola: as lições com os mestres e as partilhas com os colegas*, *Atelier: os trabalhos com os professores e as salas com os colegas* e *Cidade: as atividades extracurriculares e os espaços culturais e recreativos*).

3.1.1 a Escola: as lições com os mestre e a partilha com os colegas

"*Muitas vezes se tem salientado a importância do período de formação na actividade de qualquer profissional. A* escola *é determinante e nenhum autodidactismo a substitui, pesem as excepções com algum significado.*"[233]

[233] **RAMALHO, Pedro** – *Itinerário*. (p. 8).

fig. 16 (acima)

Pedro Ramalho, 1957.

fig. 17 (abaixo)

Estudantes inscritos na ESBAP no ano de 1956-57, na *Reforma Antiga*. Pedro Ramalho no meio, na segunda fila.

Pedro Ramalho

O início do percurso de Pedro Ramalho na *Escola Superior de Belas Artes do Porto*, no final da década de 50, enquadra-se num quadro político, social, cultural e disciplinar paradigmático a diversos níveis. Ultrapassada a crítica e obscura fase vivida durante o Liceu, toldada pelo ambiente de austeridade do regime, a sua entrada na ESBAP enquanto aluno, demarca um dos momentos mais assinaláveis na sua formação e, até mesmo, na sua vida, dado que esta instituição "*... tinha um ambiente completamente diferente, não só em relação aos liceus como em relação a outras faculdades ...*"[234].

À anterior separação de géneros, dos tempos de Liceu, opôs-se um sabor a liberdade, um deslumbramento pelo distinto ambiente escolar, transversal a toda a *Escola*, que se intensificava através de novas relações e agora possíveis convivências, quer entre os alunos mais velhos e os mais novos, quer entre as três Artes[235], como ainda entre os dois géneros. Como salienta, "*... os alunos mais velhos frequentavam muito os primeiros anos de pintura e escultura porque maioritariamente eram* [frequentados por] *raparigas, interessava-lhes. Fizeram-se imensos casamentos entre arquitetos e pintoras.*"[236].

Com efeito, o panorama político ditatorial do país, ditava um tempo cultural e social muito particular, marcado por um clima de opressão e autoritarismo, do qual a *Escola* se procurava afastar e contrariar. A figura de Carlos Ramos foi, nesse sentido, indubitavelmente preponderante para a criação e difusão de um ambiente de enorme libertação, particularmente diferente do habitual no ensino superior, procurando estabelecer uma ligação entre os vários cursos e entre os vários docentes, motivo pelo qual "*A relação entre professores e alunos era algo que*

[234] **LIVRARIA LELLO** – *Porto by Pedro Ramalho.*

[235] O ensino da ESBAP era constituído por três cursos superiores: Arquitetura, Pintura e Escultura.

[236] **LIVRARIA LELLO** – *Porto by Pedro Ramalho.*

parecia verdadeiramente excepcional."[237]. Também a própria relação entre diretor e alunos era marcada por um certo paternalismo, que levava Pedro Ramalho a considerar Carlos Ramos, no fundo, o pai da *Escola do Porto*[238]. Tratava-se por isso de uma personagem com caráter singular, "*... talvez, o único arquitecto e professor da sua geração que tem uma proposta de ensino quando começa a leccionar em 1940, uma proposta de Escola quando começa a dirigir a ESBAP em 1952 e uma proposta legislativa quando prepara a Reforma de 1950-57.*"[239].

De facto, como refere Raquel Paulino, do ponto de vista formativo, Pedro Ramalho "*... entrou para a ESBAP num momento de implementação de um novo modelo de ensino, definido na Reforma de 1957, ao qual estava associada uma nova lógica de formação ...*"[240]. Na realidade, o início do seu percurso na *Escola*, em 1956, antecedeu ainda a regulamentação formal do novo currículo. O modelo de ensino em vigor aquando da sua entrada, definido pela *Reforma de 1950*[241], "*... se por um lado permitia profissionalizar os alunos, colocando-os frente a uma parte da prática profissional, por outro lado era geralmente limitativo no campo da pesquisa e da experimentação, quando não mesmo negativo pelo trabalho rotineiro nos mesmos ateliers.*"[242].

Em concordância, alguns dos exercícios que se propunham na *Antiga Reforma* e que Ramalho ainda chegou a realizar, acabaram por demonstrar a sua desatualização face às problemáticas e inquietações que iam ganhando maior preocupação no panorama disciplinar. Esses trabalhos, "*... em que se dava uma folha de papel, um polígono inscrito, com o Norte indicado, sem topografia, sem nada, e o objeto era colocado em cima daquela folha.*"[243], revelavam o contexto de composição anteriormente utilizado no ensino, completamente desintegrado do sítio, do lugar. Os reflexos da participação e contacto de alguns docentes com o *Inquérito à Arquitetu-*

[237] **CENTRO DE INOVAÇÃO EM ARQUITECTURA E MODOS DE HABITAR** – *Pedro Ramalho – Coleção "Conversas com Arquitectos".*

[238] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[239] **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69).* (p. 213).

[240] **PAULINO, Raquel** – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984.* (p. 585).

[241] Apesar das falências do Ensino reconhecidas na anterior *Reforma de 1931* e, da consequente necessidade de intervenção, a longamente esperada implementação da *Reforma de 1950*, acabou por não ter grande desenvolvimento formal, com a exceção da passagem das *Escolas de Belas Artes* a *Escolas Superiores de Belas Artes*. As restantes recomendações que se pretendiam implementar foram sendo sucessivamente adiadas, até à sua posterior regulamentação, na *Reforma de 1957*. **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69).* (p. 190).

[242] **RAMALHO, Pedro** – *Itinerário*. (p. 25-26).

[243] **RAMALHO, Pedro** – *Orgânico Racional: Entrevista a Pedro Ramalho*. [Entrevista concedida a] José Miguel Rodrigues.

ra Popular Portuguesa[244], introduziram novas noções e preocupações absolutamente decisivas no ensino, que provocaram uma desvalorização e abandono desse tipo de exercício, atribuindo importância sobre a envolvente e a construção.

É nesta perspetiva que surge o convite do diretor Carlos Ramos para que, juntamente com Alexandre Alves Costa e Manuela Alexandra, sendo estudantes com alguma intervenção e presença na *Escola*, desistissem da *Velha Reforma*[245], perdessem esse primeiro ano já concluído, e no ano que se seguiria, em 1957, iniciassem novamente os estudos com a *Nova Reforma*[246].

Segundo Canto Moniz, ainda que Carlos Ramos não alienasse a sólida formação académica Beaux-Arts, a sua intervenção já procurava introduzir "*... ainda antes de 1957, uma acção pedagógica renovadora dentro dos limites impostos pela Reforma de 31.*"[247], com vista à implementação de um ensino moderno. Logo, quando convidado a ingressar no novo modelo curricular, para o jovem estudante "*Foi uma decisão difícil, mas que no fundo, tomei com entusiasmo.*"[248], na qual a influência e recomendação do diretor foram simplesmente decisivas.

Efetivamente, num primeiro momento, colocava-se na *Nova Reforma* uma grande esperança e confiança, impulsionadas pelo diretor[249]. A atualização e renovação que esta aplicaria nos programas curriculares do ensino da arquitetura, acrescer-lhe-ia uma maior credibilidade a nível pedagógico. Assim, a *Nova Reforma* consistiria, no fundo, na introdução de um conjunto de cadeiras de cariz tecnocrático, organizados a partir de um currículo moderno que estabeleceria um certo compromisso com a tradição clássica[250].

É neste contexto que as diversas mudanças que também se iam fazendo sentir na disciplina, nos diferentes paradigmas da arquitetura produzida na época, definiam uma viragem

[244] O **Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa** designa o trabalho de campo efetuado na década de 50 que tinha como objetivo catalogar a arquitetura vernacular portuguesa. A ideia foi proposta pela primeira vez em 1947 por Francisco Keil do Amaral e José Huertas Lobo na revista *Arquitetura: Revista de Arte e Construção*, mas foi apenas em 1955 que se iniciou o inquérito através de um subsídio apoiado pelo Governo. O trabalho dividia o território em seis áreas (Minho, Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Alentejo, Algarve) e contou com a participação de vários arquitetos nacionais. Os resultados foram publicados em 1961 sob o título *Arquitetura Popular em Portugal*.

[245] Várias eram as expressões utilizadas para a *Reforma de 1931-32*, como *Antiga Reforma* ou *Velha Reforma*.

[246] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[247] **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. (p. 51).

[248] **CENTRO DE INOVAÇÃO EM ARQUITECTURA E MODOS DE HABITAR** – *Pedro Ramalho – Coleção "Conversas com Arquitectos"*.

[249] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969". (p. 61).

[250] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

no pensamento arquitetónico. Pedro Ramalho, na sua dissertação[251], salienta a crescente divisão de posições perante o movimento da Arquitetura Moderna, enquadradas entre "*... a rejeição pura e simples desse passado próximo ou a sua aceitação como base esclarecida da sua transformação.*"[252]. Transportada para o ensino, esta dicotomia entre a conciliação da arquitetura tradicional e uma crescente vontade de ser moderno, acabava por se revelar incontornável, exercendo por isso influência sobre o percurso formativo dos alunos do curso de Arquitetura. O arquiteto enfoca algum destaque na emergência de um conjunto de referências, por oposição aos mestres modernos, que refletem o impacto das correntes nacionais e internacionais com maior significado e apoiam o seu período de formação. Estas referências foram sumarizadas por Canto Moniz na sua Dissertação de Doutoramento em nove pontos-chave: "*...Coderch e o manifesto* non son génios lo que necessitamos ahora*; Bruno Zevi e o espaço interno,* a planta vai de dentro para fora; o exterior é o resultado do interior*; Frank Lloyd Wright e* espaço contínuo, materiais de construção e integração*; E. de Marés,* os edifícios são de facto para servir os seres humanos*; Brutalismo e Louis Kahn,* o rigor no uso dos equipamentos técnicos das construções (e os materiais) (...) são na realidade parte integrante da sua linguagem*; Keil e o Inquérito* na procura da nossa própria identidade *e de* humanizar a obra*; Fernando Távora proporciona* a emoção da obra visitada*; Revista Arquitectura* manifestando se criticamente sobre as alternativas que se colocavam para o espaço português*; Aalto e o contacto directo com uma nova atitude de* busca do essencial."[253].

Independentemente do caráter de maior ou menor convicção, essas referências foram-se traduzindo em conhecimentos e sensibilizações adquiridas e acumuladas durante a sua formação, que se manifestaram em diferentes momentos do seu percurso, por vezes abandonando ou promovendo influências. Separada por uma primeira incursão e experimentação na prática profissional, a sua trajetória escolar poderia ser dividida em dois tempos distintos – os três primeiros e os três últimos anos escolares –, para os quais contribuíram e intervieram múltiplas figuras que se mostraram preponderantes na evolução do ensino do curso de Arquitetura.

De facto, o testemunho de Carlos Ramos "*... para o desenvolvimento e consolidação de uma cultura moderna no país em geral e no seio da EBAP/ESBAP em particular.*"[254], tanto pela

[251] Dissertação expressamente elaborada para as Provas de Habilitação para obtenção do Título de Professor Agregado do curso de Arquitetura da *Escola Superior de Belas Artes do Porto*: "*Os assuntos tratados nesta dissertação revelam portanto, essencialmente, da minha experiência pessoal como arquitecto e a partir da formação escolar iniciada nos fins da década de 50 até ao presente.*". **RAMALHO, Pedro** – *Itinerário*. (p. 7-8).

[252] **RAMALHO, Pedro** – *Itinerário*. (p. 4).

[253] **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. (p.53-54) sobre **RAMALHO, Pedro** – *Itinerário*. (p. 13-21).

[254] **PAULINO, Raquel** – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984*. (p. 61).

implementação de uma nova estratégia pedagógica, como pela dinamização de uma intensa agenda cultural, permitiu por um lado uma aproximação progressiva aos métodos de ensino moderno, e por outro uma renovação do "*... entendimento de Escola instituído.*"[255]. Nesse sentido, "*... enquanto os professores já em fim de carreira mantêm em actividade as cadeiras da antiga reforma até meados da década de 60.*"[256], segundo Pedro Ramalho, a nova orientação lançada pelo diretor "*... marcou o ensino a partir de uma renovação do corpo docente.*"[257], através de um conjunto de arquitetos modernos da vanguarda da arquitetura da época[258]. No fundo, tratava-se de uma geração mais *demitida*[259], que dialogava exclusivamente através do próprio exercício, executando e esperando que, pelo exemplo, os alunos conseguissem ir acompanhando os seus ensinamentos[260]. Os métodos de ensino dos professores com mais anos de experiência, com uma prática mais centrada no ensino pelo exemplo, de certa forma, contrastavam com a renovação na pedagogia que a nova geração procurou introduzir. Pedro Ramalho acaba por acompanhar a integração de alguns desses novos assistentes no corpo docente da ESBAP, nomeadamente, quando no ano letivo de 1957-58, ao reiniciar a sua formação na *Nova Reforma*, contacta com Octávio Lixa Filgueiras, na cadeira de *Arquitetura Analítica I*.

Centrando a sua ação pedagógica mais num posicionamento de análise, em que o conhecimento leva à compreensão, Lixa Filgueiras procurou introduzir uma nova abordagem à cadeira de *Arquitetura*, ao "*... colocar os alunos em confronto com o real e principalmente com o fenómeno humano ...*"[261]. Para tal, a sua proposta pedagógica desenvolvia uma metodologia científica, propondo um conjunto de operações e inquéritos urbanos. Será este o contexto de formação do

[255] **PAULINO, Raquel** – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984*. (p. 63).

[256] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969". (p. 61).

[257] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[258] Do conjunto de arquitetos, convidados por Carlos Ramos para assistir a cadeira de Arquitetura, em 1950, sem remuneração, fazem parte Fernando Távora, Mário Bonito, José Carlos Loureiro e Delfim Amorim, substituído em 1951 por Agostinho Ricca, aos quais se juntam mais tarde ainda João Andersen, Octávio Lixa Filgueiras e Arnaldo Araújo. **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. (p. 59).

[259] Expressão utilizada por Pedro Ramalho, para representar um conjunto de professores de maior idade, mais cansado e conformado, e por vezes menos disposto a alterar os seus métodos de ensino. **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[260] Pedro Ramalho exemplifica essa distinção no ensino quando refere Heitor Cramês, professor da 3ª cadeira, na *Antiga Reforma*: "*Eu lembro-me nas aulas de desenho de estátua, de modelo, em que o Cramês, que era um homem extraordinário da modelar, os únicos reparos eram umas piadas, mas de resto... ele sentava-se e executava, e pelo exemplo achava que as pessoas deveriam chegar lá, nem sequer explicava uma técnica que usava, que era uma técnica espantosa, com os dedos modelava o carvão de uma forma interessantíssima.*". *Ibidem.*

[261] **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. (p. 47).

primeiro ano letivo de Pedro Ramalho, ao fim do qual Lixa Filgueiras, reconhecendo importantes valências e atributos na aprendizagem do estudante, o convida para trabalhar consigo.

Das restantes ações levadas a cabo na reestruturação do plano de estudos da *Reforma de 1957*, a obrigação da frequência das cadeiras científicas na *Faculdade de Ciências* começou rápida e fortemente a ser contestada pelos estudantes. Para além de, informalmente, servir como outro filtro no difícil acesso ao ensino superior, o enquadramento dessas cadeiras no plano de estudos revelou-se "*... profundamente negativo e dramático, foram verdadeiros anos de* chumbo."[262]. Importa salientar que as reivindicações dos estudantes não se prendiam tanto com o teor ou natureza do conteúdo programático destas cadeiras, mas pelo contrário estavam relacionadas com o seu contexto, completamente distinto do ambiente a que estavam habituados na *Escola* e desajustado do tempo e preocupações culturais e sociais que presenciavam.

As principais objeções de Pedro Ramalho e da maioria dos estudantes de Arquitetura, por um lado ressalvavam o contraste entre os docentes da ESBAP e os restantes professores universitários, uma vez que a regência das disciplinas científicas era atribuída a profissionais não arquitetos[263]; por outro lado, eram motivadas pela inevitável e consequente desarticulação e desadequação programática que estas cadeiras tinham em relação a uma possível conceção global de curso, e ao próprio exercício da arquitetura, apontando "*... a natureza enciclopédica da estrutura curricular definida, construída a partir de um somatório de disciplinas de natureza técnica, científica e compositiva ...*"[264]; por último, e de maior relevância, contestavam a obrigatoriedade de deslocação para além dos muros de São Lázaro.

A localização das aulas constituiu a principal contestação dos estudantes de arquitetura às cadeiras científicas, contando com o apoio do diretor, que mesmo considerado "*... um dos grandes entusiastas da Reforma também percebeu isso.*"[265]. Ainda assim, a frequência obrigatória na *Faculdade de Ciências* permaneceu até ao final da década de 60, consequência que segundo Pedro Ramalho "*Foi um desastre que levou 10 anos a reparar.*"[266]. O primeiro contacto com a natureza

[262] **CENTRO DE INOVAÇÃO EM ARQUITECTURA E MODOS DE HABITAR** – *Pedro Ramalho – Coleção "Conversas com Arquitectos".*

[263] Pedro Ramalho considerou que, em determinados episódios com alguns colegas de curso com quem frequentava as cadeiras científicas, os professores, mesmo podendo ser muito bons profissionais na sua disciplina, demonstraram por vezes um caráter autoritário e até, em certos casos, se revelaram conflituosos e injustos. **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[264] **PAULINO, Raquel** – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984.* (p. 70).

[265] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[266] **CENTRO DE INOVAÇÃO EM ARQUITECTURA E MODOS DE HABITAR** – *Pedro Ramalho – Coleção "Conversas com Arquitectos".*

PLANO DE ESTUDOS

REFORMA DE 57

1956-57	1957-58	1958-59	1959-60	1960-61	1961-62	1962-63	1963-64	1964-65	1965-66
1ª cadeira - 1ª parte António Brito	***Arquitetura Analítica I*** Octávio Lixa Filgueiras	***Arquitetura Analítica II*** Octávio Lixa Filgueiras	***Composição de Arquitetura I*** José Carlos Loureiro				***Composição de Arquitetura II*** José Carlos Loureiro	***Composição de Arquitetura III*** Fernando Távora	***Composição de Arquitetura IV*** Alfredo Viana deLima
2ª cadeira - 1ª parte Manuel Marques	***Desenho de Estátua*** António Marques	***Teoria das Sombras e Perspetiva*** António Brito	***Teoria e História da Arquitetura I*** Fernando Távora				***Teoria e História da Arquitetura II*** Arnaldo Araújo	***Teoria e Conceção das Estruturas*** José de Brito António Cândido de Figueiredo	***Estética e Teoria das Artes*** Flórido Vasconcelos
3ª cadeira - 1ª parte Acácio Lino Heitor Crâmes Dórdio Gomes	***História Geral da Arte I*** Jorge Pais da Silva	***História Geral da Arte II*** Jorge Pais da Silva	***História da Arte em Portugal*** Jorge Pais da Silva				***Geografia Física*** Miguel Monteiro	***Urbanologia I*** João Andresen Cristiano Moreira	***Urbanologia II*** João Andresen Cristiano Moreira Duarte Castel Branco
8ª cadeira - 1ª parte Rogério de Azevedo	***Matemáticas Gerais*** -	***Estereotomia*** António Brito	***Topografia Urbana*** Júlio José de Brito				***Higiene e Equipamento I*** Rogério de Azevedo Alfredo Viana de Lima	***Higiene e Equipamento II*** Rogério de Azevedo Alfredo Viana de Lima	***Economia*** Pedro Leão da Silva Cunha
11ª cadeira - 1ª parte Miguel de Mendonça Monteiro	***Geometria Descritiva*** Jayme Rios de Sousa	***Sociologia Geral*** -	***Estática aplicada à Construção I*** António Cândido de Figueiredo				***Estática aplicada à Construção II*** António Cândido de Figueiredo	***Geografia Humana*** Miguel Monteiro	
13ª cadeira - 1ª parte Rogério Barroca	***Curso Geral de Química*** -	***Curso Geral de Física*** -					***Edificações*** Rogério de Azevedo	***Organização de Projetos e Estaleiros*** Rogério de Azevedo	***Conjugação das Três Artes*** Cristiano Moreira
			Estática aplicada à Construção I António Cândido de Figueiredo						

fig. 18
Carlos Simão, Manuela Alexandra, Alexandre Alves Costa, Alexandra Losa e Pedro Ramalho.

fig. 19
Alexandre Alves Costa e Pedro Ramalho durante uma entrega de projeto escolar.

tecnocrática do currículo efetuava-se logo no primeiro ano com a difícil cadeira de *Matemáticas Gerais* e do *Curso Geral de Química*. A acrescer à própria dificuldade que a matéria e conteúdo destas cadeiras representava para os estudantes de arquitetura, Pedro Ramalho confronta-se com a divergência de pedagogias aplicadas no ensino universitário, que no caso do *Curso Geral de Química* resultavam até em diversos momentos de injustiça, desigualdade e parcialidade[267].

Assim, se o primeiro ano sinaliza, no percurso escolar de Pedro Ramalho, o momento de transição e adaptação entre a antiga e a *Nova Reforma*, com as diversas alterações pedagógicas que esta introduziu – tanto a nível de plano de estudos como do corpo docente que o pôs em prática, a partir da entrada de novos assistentes – consequentemente, o segundo ano revela e, de certo modo, comprova alguns problemas decorrentes da introdução das cadeiras de cariz científico.

Pedro Ramalho, como a maioria dos alunos, acabou por não assumir uma postura ou atitude de urgência em relação ao momento de conclusão dos estudos, uma vez que a relação que estes estabeleciam com o ensino e, consequentemente, com o curso de Arquitetura, acabava por os incentivar e permitir, ainda enquanto estudantes, iniciar a sua vida profissional. Essa atitude e vontade de exercer a profissão, na verdade, resultava do contexto sociocultural e profissional da época. Por um lado, o jovem estudante encontrava a necessidade de trabalhar e garantir sustento, já que constituiu família muito novo; por outro, a própria realidade profissional e, na altura, a falta de profissionais liberais, permitiram que conseguisse, tal como muitos dos seus colegas, exercer a profissão sem estar diplomado. Nesse sentido, quando Ramalho é confrontado com a complicada cadeira do *Curso Geral de Física*, e na primeira tentativa acaba por reprovar, a sua frequência acaba por se prolongar por diversos anos, durante os quais procura conciliar os estudos com a prática profissional que começava a desenvolver[268].

Quando Pedro Ramalho ingressou no ano letivo de 1959-60, a nova geração de assistentes ganhava progressivamente maior importância na ESBAP. Cada vez mais se tornava visível, para todos os estudantes, a existência de "*... um misto na* Escola*, de um certo peso da tradição, e depois uma gente nova ...*"[269] que apostava na modernidade, como repara o colega Sérgio Fernandez[270], colega que ingressou no curso dois anos antes, na *Antiga Reforma*. Este encontro e conciliação de diferentes pedagogias acaba por ser particularmente marcante, uma vez que ao

[267] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[268] *Ibidem.*

[269] **LOPES, Nuno Lacerda** – *Arquitectura e modos de habitar: Sérgio Fernandez.* (p. 18-19).

[270] **Sérgio Leopoldo Fernandez Santos** (1937-...) é um arquiteto natural do Porto. Frequentou a ESBAP entre 1954 e 1964, da qual foi docente de 1974 a 2006, já na FAUP. Colabora no atelier do arquiteto Alfredo Viana de Lima. Ao longo da sua carreira profissional trabalhou em coautoria com Pedro Ramalho e com Alexandre Alves Costa e José Luís Gomes no *Atelier 15*. Da sua vasta e premiada obra sobressaem os *Edifícios Residenciais da Pasteleira* (1965) com Pedro Ramalho, a *Casa de Caminha* (1971-73) e a Operação SAAL do *Bairro do Leal* (1975-78).

longo do terceiro ano, Pedro Ramalho vai recebendo diferentes ensinamentos que convergem em múltiplas e diversificadas experiências educativas, seja a partir das aprendizagens com o professor José Carlos Loureiro[271], seja pelo contacto com o professor Rogério de Azevedo[272].

De facto, o terceiro ano representava no curso de Arquitetura um ponto de viragem na cadeira de *Arquitetura*, com a conclusão dos primeiros anos de conhecimento e análise e a passagem para a cadeira de *Composição de Arquitetura*. Pedro Ramalho começou assim a primeira experiência académica propriamente dedicada ao exercício de projetar, com o arquiteto José Carlos Loureiro, que, para si, "*Como professor e arquitecto foi referência e exemplo de coerência e saber profissional na formação da minha geração.*"[273]. Juntamente com o professor Fernando Távora, Loureiro foi convidado pelo Mestre Carlos Ramos a iniciar atividade como assistentes do curso de Arquitetura da ESBAP, absolutamente gratuita, que se veio a prolongar por sete anos[274]. Essa prática pedagógica "*... nunca lhe impediu o exercício profissional, antes, ambas as actividades se qualificaram reciprocamente.*"[275], procurando conjugar um discurso disciplinar prático, encaminhado "*... sobretudo no sentido do cumprimento das suas funções programáticas e da busca de uma lógica construtiva. Nunca desenhava em cima dos nossos trabalhos nem nos deixava confusos e inquietos sobre o nosso futuro, como outros professores nossos mais pragmáticos ou mais profundamente teóricos, que nos bloqueavam com a sua agilidade prática ou a sua superioridade conceptual.*"[276]. Como denota Alves Costa, companheiro de curso de Pedro Ramalho, numa turma constituída por três ou quatro alunos, "*À nossa tagarelice, antes de ele chegar, seguia-se o silêncio expectante das suas correções do nosso trabalho. As críticas que ia fazendo, calmamente, como quem pensa alto, eram sempre úteis para o desenvolvimento da proposta que tínhamos esboçado, no estirador.*"[277].

[271] **José Carlos Loureiro** (1925-...) é um arquiteto e professor natural da Covilhã. Ingressou na ESBAP em 1941 e concluiu o curso em 1950, ano em que inicia simultaneamente a sua atividade profissional e de docência, até 1972, quando passa a dedicar-se inteiramente ao seu gabinete. Foi membro da ODAM. Defendendo a arquiteto ao serviço do Homem, o seu vastíssimo currículo profissional, pontua inúmeras vezes a cidade do Porto, de onde se destacam a sua casa própria (1949), o *Pavilhão dos Desportos* (1951), o edifício *Parnaso* (1955), e algumas obras em parceria com Luís Pádua Ramos.

[272] **Rogério dos Santos Azevedo** (1898-1983) foi um arquiteto e professor natural do Porto. Frequentou o curso de Arquitetura da antiga APBA entre 1912 e 1917, que repetiu depois da reforma do ensino até 1922 e estagiou com Marques da Silva. Em 1940 foi contratado para lecionar na EBAP, até 1968. A sua vastíssima obra foi influenciada por uma época controversa de classicismo e modernismo tentando conciliar restauro e inovação nos seus projetos de construção. Ressalvam-se os projetos para a *Garagem do Comércio do Porto* (1932), a creche (1934), mais modernas, e o edifício d'*O Comércio do Porto* (1933), mais tradicionalista. Manteve sempre o gosto pela Arqueologia e pela Música.

[273] **FERREIRA, Jorge (coord.)** – *J. Carlos Loureiro: arquitecto*. (p. 20).

[274] *Idem*. (p.296).

[275] **COSTA, Alexandre Alves** [et. al.] – *José Carlos Loureiro: homenagem 90 anos.* (Nota preambular).

[276] *Ibidem*.

[277] *Ibidem*.

Por outro lado, da *Escola* de Marques da Silva, de uma geração mais antiga de arquitetos, o arquiteto Rogério de Azevedo acabou por marcar o trajeto de Pedro Ramalho no curso de Arquitetura quando se encontram no terceiro ano. A sua presença como respeitado mestre, como a de outros docentes de grande prestígio profissional, advinha "*... mais pelas obras que tinham realizado do que pelo seu céptico e vazio discurso pedagógico e que, para serem entendidos como elos de uma cadeia, como hoje são, necessitavam do campo de debate que Carlos Ramos criou, que lhes veio dar sequência e razão de ser.*"[278]. Encarregue de várias cadeiras do grupo de Construção, de facto, apesar do seu vasto conhecimento e cultura, Rogério de Azevedo "*Passava as aulas a contar histórias, experiências de vida, falava dos gregos, falava dos romanos, mas de construção nada ...*"[279]. Dado que o próprio professor em diversos momentos se interrogava qual a aula ou o ano que estava a lecionar, tornava-se difícil para os seus alunos retirar profundos ensinamentos das suas aulas[280].

Os anos de estudo que se seguiram representam para a formação de Pedro Ramalho um momento no seu percurso inegavelmente distinto, posterior a uma experiência profissional profundamente profícua. Assim, quando chegou ao quarto ano, no ano letivo de 1963-64, "*... tinha ganho uma experiência muito grande, de maneira que fiz os três anos seguintes a trabalhar ...*"[281]. Comparativamente com alguns dos seus colegas, toda esta experiência deixou-o bastante capacitado, de modo que "*... os professores, conhecendo isso também me permitiam que não fosse assim muito assíduo, porque já tínhamos trabalho ...*"[282].

Depois do reencontro com o professor José Carlos Loureiro, no quarto ano, na cadeira de *Composição de Arquitetura* (2ª parte), com quem continuou naturalmente a consolidar a aprendizagem, importa salientar a importância de Fernando Távora, seu professor no quinto ano. Para Pedro Ramalho, não salientar a importância deste professor "*... por quaisquer pruridos ou por receio de más interpretações, seria faltar à verdade e ao rigor das influências deste período de formação. Como arquitecto e professor impôs-se às novas gerações pela actualidade da sua temática, pela pesquisa de novos valores, tanto formais como espaciais, pelo seu conhecimento vivo e pela forma directa de o comunicar.*"[283].

De facto, foi Távora quem proporcionou aos alunos "*... a emoção da obra visitada, como se sabe só*

[278] **COSTA, Alexandre Alves** – *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*. (p. 87).

[279] **RAMALHO, Pedro** – *Orgânico Racional: Entrevista a Pedro Ramalho*. [Entrevista concedida a] José Miguel Rodrigues.

[280] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[281] *Ibidem*.

[282] *Ibidem*.

[283] **RAMALHO, Pedro** – *Itinerário*. (p. 19).

a leitura directa, vivida, de uma obra, possibilita a sua global apreensão."[284]. No entanto, apesar de salientar algumas influências práticas da obra do arquiteto que o fascinaram bastante quando era aluno, Pedro Ramalho reitera principalmente a sua importância numa vertente teórica. A visão do espaço, das formas e das circunstâncias preconizada na publicação *Da organização do Espaço*, comprova e evidencia a pertinência das ideias e posições defendidas pelo arquiteto. Assim, as diversas produções, "*... desde o que escreve (a memória da tese da formatura, o panfleto de 47 sobre a casa portuguesa, o capítulo minhoto do* Inquérito à Arquitetura Popular*, o presente opúsculo...) ao que desenha (o citado projeto de tese, o Ramalde, a Casa de Ofir, o mercado da Feira...) e ao que ensina (porque terá sido, julgo, o menos formalista e o mais realista da equipa de Carlos Ramos no período áureo da Escola do Porto...).*"[285], tornou-se preponderante sobre as gerações que com ele puderam direta ou indiretamente contactar, prevalecendo até aos dias de hoje.

Reconhecendo as múltiplas influências e impactos, das várias relações e interações que Pedro Ramalho teve a possibilidade de construir e explorar ao longo da sua formação escolar, acresce-se ainda a figura de Alfredo Viana de Lima[286], seu professor de *Composição da Arquitetura* (4ª parte), no sexto ano do curso de Arquitetura. Este último ano, naturalmente de uma dificuldade e exigência superiores, proporia a concretização de três exercícios de programas públicos distintos de uma complexidade elevada, para os quais Pedro Ramalho se apresentava já claramente habilitado e preparado[287].

Nesse sentido, sendo os últimos três anos do curso de Arquitetura concluídos com relativa facilidade, Pedro Ramalho finaliza a formação académica no ano letivo de 1965-66. O tempo dividido entre escola e atividade profissional, permitiram-lhe ir conhecendo outras figuras preponderantes na narrativa da *Escola*. De facto, com o atraso consequente da frequência das cadeiras tecnocráticas da *Faculdade de Ciências*, acabou por frequentar os últimos anos de estudo com outros colegas de curso, como Manuel Correia Fernandes[288], Manuel

[284] **RAMALHO, Pedro** – *Itinerário*. (p. 19).

[285] **TÁVORA, Fernando** – *Da organização do espaço*. (p. VII).

[286] **Alfredo Evangelista Viana de Lima** (1913-1991) foi um arquiteto, urbanista e professor natural de Esposende. Em 1929 matriculou-se na ESBAP, obtendo o diploma de arquiteto em 1941, onde foi professor entre 1961 e 1983. Trabalhou na *Secção dos Monumentos Nacionais da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Ministério das Obras Públicas*, sob a orientação de Rogério de Azevedo, uma das suas primeiras referências. Foi membro da ODAM. Na sua vasta obra é legível uma profunda influência de Le Corbusier.

[287] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[288] **Manuel Correia Fernandes** (1941-...) é um arquiteto e professor natural de Espinho. Licenciou-se em Arquitetura pela ESBAP em 1966 e iniciou o exercício profissional. Exerceu, entre 1969 e 1971 a atividade de arquiteto militar em Angola. Em 1972 inicia a atividade docente na ESBAP que se prolonga até 2009, na FAUP, das quais foi Presidente dos concelhos Diretivo, Científico e Pedagógico. Dos seus inúmeros trabalhos podem salientar-se, entre outros, o *Conjunto habitacional de Aldoar* (1979-1996) e a *Cooperativa Habitacional Nova Ramalde*. Foi vereador da CMP.

fig. 20

Finalistas do curso de Arquitetura da ESBAP do ano letivo de 1965-66: Manuel Fernandes de Sá, Noé Diniz, Manuel Monteiro, Pedro Ramalho, Manuel Correia Fernandez e Francisco Olozabal (da direita para a esquerda).

Fernandes de Sá[289], Noé Diniz[290], Manuel Furtado de Mendonça, com os quais concluiu o percurso na ESBAP.

No quadro pedagógico do curso de Arquitetura, se em 1950, a proposta de reforma teria "... *substituído apropriadamente o sistema beaux-arts por um sistema moderno, de acordo com as propostas quer das escolas, quer dos arquitectos, quer das instâncias internacionais ...*"[291], sete anos mais tarde, com o adiamento político a que foi sujeita, a *Reforma de 1957* já se constituiria desatualizada e desenquadrada. Apesar do potencial que o modelo moderno incorporava, desde cedo, o seu desajuste e limitações conduziram a um natural descontentamento por parte dos alunos e professores e, inclusivamente, de alguns arquitetos, sendo por isso considerada "*... uma reforma* requentada*, esvaziada de qualquer debate sobre a* reforma de mentalidades e de processos didáticos ..."[292].

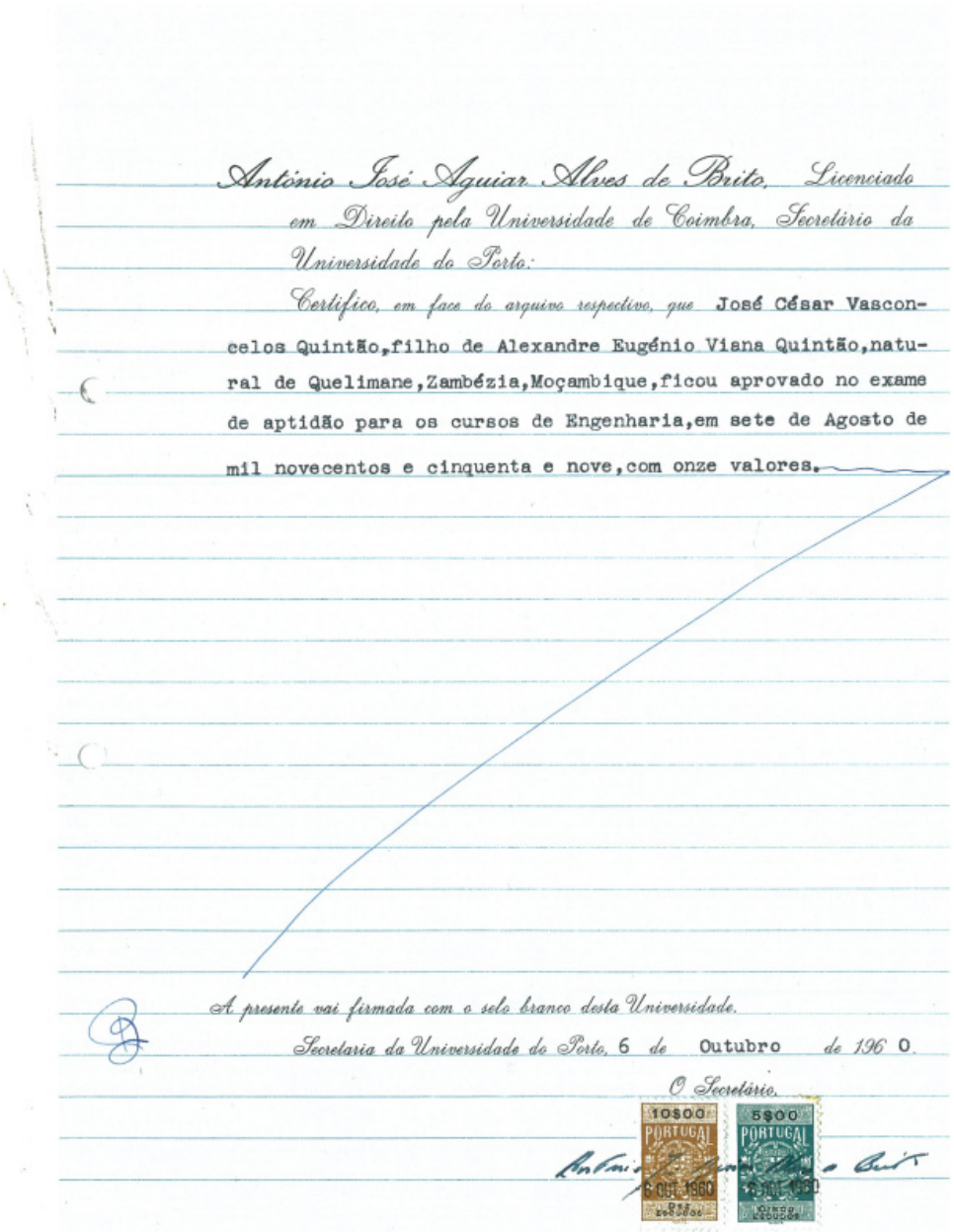
De facto, durante a formação escolar de Pedro Ramalho vários dos seus problemas e defeitos acabaram por ter repercussões negativas no seu percurso, motivo pelo qual este procurou reclamar por um melhor ensino, que atendesse às verdadeiras necessidades do ensino e do contexto social em que se iria atuar. Ainda assim, o jovem estudante sempre procurou atribuir e conferir à *Escola* aquela que considerava ser a sua verdadeira importância e significado na formação de qualquer jovem estudante de arquitetura, ressalvando o papel desta instituição enquanto lugar de partilha e interajuda.

[289] **Manuel Pinheiro Fernandes de Sá** (1943-...) é um arquiteto natural do Porto. Frequentou a ESBAP entre 1960 e 1968, na qual lecionou, e posteriormente na FAUP, de 1972 a 2013. Especializou-se em Planeamento Urbano e Regional na *Universidade de Manchester*. A par da carreira académica desenvolve atividades como arquiteto e especialista em requalificação urbana e espaços públicos.

[290] **Noé Silva Diniz** é um arquiteto, tendo concluído o Curso de Arquitetura em 1966. Da sua atividade profissional destaca-se o *Parque das Devesas*, o *Complexo Habitacional das Lameiras* e a *Residência de Estudantes* no Campo Alegre I da *Universidade do Porto*.

[291] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969". (p. 62).

[292] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A reforma de 57: Em direção a um Ensino Universitário da Arquitetura". (p. 10).



António José Aguiar Alves de Brito, Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, Secretário da Universidade do Porto:

Certifico, em face do arquivo respectivo, que José César Vasconcelos Quintão, filho de Alexandre Eugénio Viana Quintão, natural de Quelimane, Zambézia, Moçambique, ficou aprovado no exame de aptidão para os cursos de Engenharia, em sete de Agosto de mil novecentos e cinquenta e nove, com onze valores.

A presente vai firmada com o selo branco desta Universidade.

Secretaria da Universidade do Porto, 6 de Outubro de 1960.

O Secretário.

10$00 PORTUGAL 6 OUT 1960

5$00 PORTUGAL

fig. 21

Ficha de inscrição de José Quintão no curso de Engenharia na FEUP, em 1960.

José Quintão

Finda uma anterior experiência de frequência do ensino superior na área de Engenharia, em 1960, José Quintão iniciou o seu percurso na *Escola Superior de Belas-Artes do Porto*, no curso de Arquitetura. A sua entrada ocorreu num crítico momento de mudança de paradigma no âmbito escolar, que acompanhou o debate e preocupações sobre a arquitetura e o ensino, com a efetivação de uma nova metodologia e estratégica pedagógica no seio da *Escola*. A implementação do novo modelo de ensino (*Reforma de 1957*) manteve-se em vigor durante todo o período da formação de José Quintão, e encontrava-se, aquando da sua entrada, num período de fortes contestações.

Efetivamente, mesmo reclamando pelo verdadeiro potencial de uma integral e efetiva implementação do currículo moderno[293], o diretor Carlos Ramos rapidamente se apercebeu e tomou consciência dos problemas decorrentes da sua aplicação. Num quadro político e social de forte agitação, a lenta transição dos modelos de ensino, efetivada ao longo de sete anos de espera por uma regulamentação já demasiado tardia, acabou por resultar numa proposta de reforma obsoleta e desadequada[294]. Por isso, no momento de entrada de José Quintão na ESBAP esta acusava já várias adversidades e obstáculos, seja pelo cariz tecnocrático que o curso adquiriu, seja pelo problema da deslocação para outro edifício, ou ainda pela setorização do ensino, que resultava num somatório de cadeiras desligadas entre si.

Das primeiras vivências na *Escola* e do tipo de formação que vigorava no curso de Arquitetura com a *Reforma de 1957*, José Quintão relembra que "*... nos formatou bastante, e acho que tivemos sempre bons professores, uns melhores que outros, como é obvio, mas que nos formatou*

[293] Carlos Ramos acreditava que "*A Regulamentação da Reforma de 1950 em 1957 deveria possibilitar finalmente a implementação plena de um ensino moderno orientado, (...) para uma formação técnica do um arquitecto.*" **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69).* (p. 547).

[294] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A reforma de 57: Em direção a um Ensino Universitário da Arquitetura". (p. 8).

bastante ..."[295]. Assim, após um ano experimental, ingressa no ano letivo de 1961-62 no primeiro ano.

Foi na passagem pela cadeira de *Arquitetura Analítica I*, com o professor Octávio Lixa Filgueiras, que se apercebeu do valor do conhecimento, antecedente da criação e conceção. A exigência da cadeira, que considerava fazer falta no ensino da arquitetura, prendia-se com a obrigação de "*... olhar para as coisas, para a pormenorização. E portanto nós quando chegávamos ao terceiro ano, e era o nosso primeiro de composição, nós, (...) já estávamos um bocadinho mais embrenhados no estudo, na pormenorização ...*"[296]. Mesmo limitados por certos conhecimentos ou entendimentos base para reduzir o número de primeiros erros, esses acabavam por não ocorrer tão frequentemente, "*Porque já se estava mais informado, pelo menos mais medroso ...*"[297].

As opiniões sobre esta cadeira não eram unânimes, na medida em que a impressão de cada aluno era também influenciada pelo professor e pela relação que este estabelecia com os seus estudantes. Com Lixa Filgueiras, no seu discurso de tom um pouco *cínico* ou *untuoso*[298], pela forma como por vezes falava com os alunos, José Quintão "*... nunca sabia se ele estava a falar a verdade. Mas, de facto, acho que foi um bom professor, acho que era extremamente racional naquilo que dizia, às vezes dizia-o de uma maneira melíflua ...*"[299]. Não obstante acreditava que o conhecimento apreendido durante o primeiro e segundo ano de curso, de *Arquitetura Analítica* I e II, se "*... por um lado também nos turdia um pouco ou nos cortava um bocado as asas da imaginação. (...) penso que quando uma pessoa tem imaginação não há nada que a corte, penso eu.*"[300].

Seguidamente, o segundo ano acabava por ser maioritariamente marcado pelas reprovações constantes e sistemáticas nas cadeiras técnicas e científicas, que se observavam desde a aplicação da *Nova Reforma*. José Quintão iniciou, no ano letivo de 1962-63, o *Curso Geral de Física*, cuja frequência se estendeu durante três anos.

A presença preponderante do professor Arnaldo Araújo[301], uma figura por quem tinha um

[295] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[296] *Ibidem.*

[297] *Ibidem.*

[298] *Ibidem.*

[299] *Ibidem.*

[300] *Ibidem.*

[301] **Arnaldo Augusto Lopes de Araújo** (1925-1984) foi um arquiteto e pedagogo natural de Gondomar. Entrou na ESBAP em 1947 e conseguiu o diploma de arquiteto em 1957. Participou no *Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa*. Vindo a integrar a equipa de Mestre Carlos Ramos no ensino de arquitetura, tanto projeto como teoria, foi no campo da atividade pedagógica que se envolveu fervorosamente, mas após a crise académica de 1969 acabou por se afastar do ensino na *Escola*, que não viria mais a integrar.

PLANO DE ESTUDOS

REFORMA DE 57

1960-61	1961-62	1962-63	1963-64	1964-65	1965-66	1966-67	1967-68
Arquitetura Analítica I Octávio Lixa Filgueiras		***Arquitetura Analítica II*** Octávio Lixa Filgueiras	***Composição de Arquitetura I*** Arnaldo Araújo		***Composição de Arquitetura II*** Álvaro Siza Vieira	***Composição de Arquitetura III*** Fernando Távora	***Composição de Arquitetura IV*** Alfredo Viana de Lima
	Desenho de Estátua Júlio Resende	***Teoria das Sombras e Perspetivas*** António Brito Luís Pádua Ramos	***Teoria e História da Arquitetura I*** Arnaldo Araújo		***Teoria e História da Arquitetura II*** Fernando Távora	***Teoria e Conceção das Estruturas*** José de Brito António Cândido de Figueiredo	
	História Geral da Arte I Jorge Pais da Silva	***História Geral da Arte II*** Flórido Vasconcelos	***História da Arte em Portugal*** Jorge Pais da Silva		***Geografia Física*** Miguel Monteiro	***Urbanologia I*** João Andresen Duarte Castel Branco	***Urbanologia II*** Duarte Castel Branco Jorge Gigante
	Matemáticas Gerais –	***Estereotomia*** António Brito Luís Pádua Ramos	***Topografia Urbana*** Júlio José de Brito António Cândido de Figueiredo		***Higiene e Equipamento I*** Rogério de Azevedo Alfredo Viana de Lima	***Higiene e Equipamento II*** Rogério de Azevedo José Carlos Loureiro	***Estética e Teorias da Arte*** Flórido Vasconcelos
Geometria Descritiva Jayme Rios de Sousa		***Sociologia Aplicada*** Fernando Serrão	***Estática aplicada à Construção I*** António Cândido de Figueiredo		***Estática aplicada à Construção II*** António Cândido de Figueiredo	***Geografia Humana*** Miguel Monteiro	***Economia*** Pedro Leão da Silva Cunha
	Curso Geral de Química –	***Curso Geral de Física*** Pires de Carvalho			***Edificações*** Rogério de Azevedo	***Organização de Projetos e Estaleiros*** Alfredo Viana de Lima	***Conjugação das Três Artes*** Cristiano Moreira
			Materiais Rogério de Azevedo				

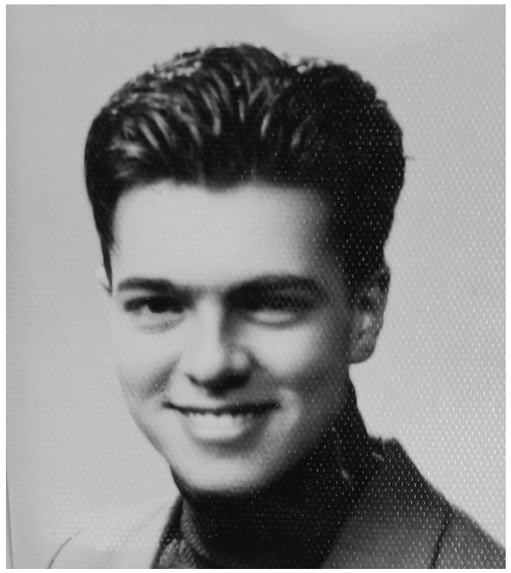


fig. 22

Fotografia de inscrição de José Quintão no curso de Arquitetura na ESBAP, em 1961.

grande apreço, marca decisivamente a entrada no terceiro ano. A motivação dessa grande estima e admiração não era, segundo José Quintão, resumível a uma ação ou motivo únicos. A influência sobre o jovem estudante multiplicava-se e reverberava assim por diversas razões. Talvez por ter sido o professor de composição na primeira experiência de projeto, talvez pela sua facilidade discursiva e pelo "*... dom de comunicação: apaixonado, mas ao mesmo tempo racional ...*"[302], talvez porque inexplicavelmente "*... quando falava parece que mostrava as coisas ...*"[303], ou pela sua bonomia e maneira de ser[304], Arnaldo Araújo inspirou e influiu sobre José Quintão uma forma de ensinar que este procurou espelhar nos seus próprios ensinamentos mais tarde. Para além disso, introduziu uma nova prática pedagógica que até então não se exercia, ao colocar os alunos a criticar o trabalho dos colegas no período de avaliação, procurando incutir-lhes "*... um certo poder de análise e uma certa capacidade de não ferir, de saber dizer as coisas de uma maneira, digamos, elegante*."[305].

Simultaneamente à frequência das aulas do curso era prática comum colaborar nos ateliers de arquitetos, muitas vezes prolongando o convívio entre professores e alunos para fora de São Lázaro. De facto, desde muito cedo os alunos iam ocupando os estiradores vazios dos vários escritórios do Porto para colaborar num ou outro projeto. José Quintão procurou ir compatibilizando e agilizando essas práticas profissionais também no ano letivo de 1964-65, momento em que se dedicou exclusivamente à conclusão do *Curso Geral de Física*.

Ao longo do curso acabavam por ir contactando com muitos dos novos assistentes que entraram com a *Nova Reforma*. A cadeira de *Composição de Arquitetura*, de maior peso no curso, possibilitava muitos destes cruzamentos e interações. José Quintão ainda recordava que Álvaro Siza havia sido seu professor no primeiro ano em que este lecionou na ESBAP, no quarto ano, em 1965[306].

No ano letivo seguinte teve como professor de *Composição de Arquitetura* (3ª parte), no quinto ano, o professor Fernando Távora, de quem recorda uma adoração e encantamento muito grande por parte de quase todo o corpo estudantil. Aliado a um grande sentido de respeito, integridade e interesse, relembra o sentido de equidade e neutralidade que procurava transpor sobre todos os seus alunos, para tentar não ser tendencioso, injusto ou parcial, qualidades que José Quintão considerava notáveis num professor. Encontrava por isso um professor que "*... tinha o condão de nos por a todos por igual. Não havia preferidos, nem preferidas (...) era sempre um sorriso naquela cara, sempre ...*"[307].

[302] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[303] *Ibidem.*

[304] *Ibidem.*

[305] *Ibidem.*

[306] *Ibidem.*

[307] *Ibidem.*

No último ano de *Composição de Arquitetura* (4ª parte), no ano letivo de 1967-68, teve como professor da cadeira o arquiteto Alfredo Viana de Lima, assistido por Cristiano Moreira[308], que acabava por ser com quem os alunos mais contactavam[309].

De facto, as vivências na ESBAP incitavam de uma forma muito orgânica e informal relacionamentos e interações quer entre alunos dos cursos de Arquitetura, Pintura e Escultura, quer entre alunos de vários anos, como com professores e colegas, dentro e fora dos seus portões. Dos colegas do quotidiano estudantil, salientam-se Manuel Correia Fernandes e Manuel Fernandes de Sá que também entraram no curso em 1960, António Madureira[310], de quem foi colega nos primeiros anos do curso, entre 1961 e 1963, aos quais se juntam outros colegas, um pouco mais velhos ou um pouco mais novos, como Domingos Tavares[311] e Ricardo Figueiredo[312], que frequentaram a ESBAP durante o percurso escolar de José Quintão.

Embora o jovem estudante se tenha naturalmente relacionado com muitas destas personagens da *Escola*, ao contrário de muitos dos seus colegas mais participativos, tinha pouco tempo para momentos de convívio ou para grandes intervenções na atividade social e cultural. As circunstâncias da vida obrigavam-no a trabalhar, e desde cedo começou a colaborar com alguns dos arquitetos do Porto. Nesse sentido, os cruzamentos mais marcantes dentro da esfera desta instituição cresceram e consubstanciaram-se já mais tarde, em ambiências posteriores de profissão e de docência.

[308] **Cristiano Moreira** (1931-2012) foi um arquiteto. Diplomado pela ESBAP em 1961, tendo sido convidado em 1964 para assistente da mesma. Iniciou a experiência profissional com o arquiteto João Andresen, e depois de uma colaboração de vários anos com os arquitetos José Coutinho, Mário Ramos e José Lencastre, formalizou um gabinete um gabinete de projetos, *Cristiano Moreira & Associados, Lda - Arquitectos*. Possuía uma ampla experiência na área da arquitetura industrial, na qual se destaca o projeto para a *Quinta do Seixo* (2007).

[309] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[310] **António Luís Novais Madureira** (1943-...) é um arquiteto natural de Barcelos. Frequentou a ESBAP entre 1961 e 1969. Colaborou com Álvaro Siza, enquanto estudante, desde 1965 a 1971, inclusivamente na Operação SAAL do *Bairro da Bouça* (1975), juntamente com Anni Günther, entre outros. Foi docente na ESBAP e, posteriormente, na FAUP de 1980 a 2010.

[311] **Domingos Manuel Campelo Tavares** (1939-...) é um arquiteto natural de Ovar. Trabalhou como colaborador de Fernando Távora entre 1964 e 1965, de Jorge Gigante e Francisco Melo entre 1967 e 1972 e, posteriormente, de Alcino Soutinho e Rolando Torgo entre 1972 e 1973. Foi também em 1973 que concluiu o curso de Arquitetura na ESBAP, após ter frequentado dois anos na ESBAL. Foi docente na ESBAP entre 1973 e 2010.

[312] **Ricardo Fernandes Tomaz de Araújo de Figueiredo** (1944 -...) é um arquiteto natural de Paranhos, no Porto. Frequentou o curso de Arquitetura da ESBAP entre 1962 e 1970. Participou na Brigada Técnica da *Operação SAAL* do Bairro Justino Teixeira, chefiada por Alcino Soutinho. Lecionou na ESBAP e, posteriormente, na FAUP de 1977 a 2010. É autor do blog *Do Porto e não só...* e foi vereador do urbanismo da CMP de 2001 a 2004.

Autorretrato

Há 35 anos....

Eu tinha um "carocha" branco (de 1956) chamado Ginjas, que comprei por 13.000$00 (65 euros) a meias com o Xico Barata – agora já tenho um carro só para mim;
Eu tinha uma camisa que só podia ser aos quadrados – agora prefiro as lisas;
Eu tinha uma "mariquinhas" sempre bamboleando no pulso – agora tenho uma carteira cheia de facturas que quase me rompe o bolso do casaco;
Eu tinha umas socas pretas que comprei na Finlândia – agora cultivo mais o estilo "bowling";
Eu tinha uma pasta com as coisas da escola, a escova de dentes e os preservativos – agora tenho a mala do portátil, cada vez mais repleta de papéis;
Eu tinha o cabelo comprido e algo desmazelado – agora, quando ando deprimido, em vez do psiquiatra prefiro o barbeiro;
Eu tinha no rosto imberbe uns raros pêlos a fingir de barba – agora tenho sempre a "gilette" à mão para mais um escanhoar perfeito;
Eu tinha uns óculos redondos à John Lennon – agora tiro os óculos para ler, pouso-os e, depois, nunca sei onde ficaram;
Eu tinha uma namorada chamada Fatinha – que há muito perdi e me deixou nas mãos um puto pequeno, agora barbudo e arquitecto...
Há 35 anos...
Eu tinha muitos amigos – e ainda tenho.

"Cum love" para todos
Zé Gigas

fig. 23

Autorretrato José Gigante,
Desenho, 1973.

José Gigante

Compreender verdadeiramente o percurso académico de José Gigante, implica contextualizar o quadro político, social e cultural, tanto nacional como internacional, no ano de 1968 – anterior à sua entrada na *Escola*. Entre a *Primavera de Praga*[313], o *Maio de 68*[314], a atividade cívica e política contra a ditadura salazarista, bem como outras inúmeras manifestações e movimentações estudantis, sobretudo contra vários dos regimes autoritários vigentes internacionalmente, aliados ao interesse pela guerra do Vietname, pela guerra do Ultramar, vários foram os acontecimentos que marcaram o ano de 1968. A par da *Primavera Marcelista*[315], também as movimentações da *Associação Académica de Coimbra*[316] e o início do ano letivo das *Escolas*

[313] A ***Primavera de Praga*** foi um período de tentativa de liberalização política da ocupação soviética por parte da Checoslováquia, que teve início a 5 de janeiro de 1968 e durou apenas até 21 de agosto do mesmo ano. Foi liderada por Alexander Dubček através da criação de várias reformas que apelavam à liberdade de expressão, de imprensa, de movimento e, sobretudo, à democratização política e descentralização económica. Os inúmeros protestos pacíficos vividos no país foram interrompidos pela União Soviética e restantes membros do *Pacto de Varsóvia* através de uma ocupação militar. A Checoslováquia só restituiu a sua independência em 1990.

[314] O ***Maio de 68*** foi um movimento político em França, iniciado por estudantes universitários contra o conservadorismo presenciado no país, que ficou assim marcado pela crescente força da cultura jovem. O conjunto de greves estudantis e manifestações em várias das universidades de Paris seriam confrontadas pela tentativa do Governo, nomeadamente pelo Presidente Charles de Gaulle, de suprimir essas contestações, intensificando o conflito e resultando em greves estudantis e operárias em todo o país.

[315] A ***Primavera Marcelista*** emerge inicialmente como uma onda de esperança suscitada pela substituição de António de Oliveira Salazar por Marcelo Caetano, em 1968. Foi nesta época que se ensaiaram as primeiras políticas de liberalização e modernização nacionais, que permitiriam a autorização do regresso de alguns exilados, abrandamento da vigilância dos serviços de censura e redução das funções e poder da PIDE. Sem pôr fim à Guerra Colonial, nem adotar completamente as prometidas reformas na economia, na sociedade e no ensino, estas novas políticas não conseguiriam travar a Revolução de 25 de abril.

[316] As ***Movimentações da Associação Académica de Coimbra*** constituíram um momento importante na luta contra o regime fascista. A recusa da palavra ao Presidente da *Associação Académica de Coimbra*, numa cerimónia da Universidade, em 1969, provoca uma grave crise académica, com a ocupação de Coimbra por forças militares e policiais, resultando num conjunto de greves e movimentações, às quais os estudantes do Porto e de Lisboa não são alheios. Este acontecimento durou apenas quatro meses, mas resultou na prisão ou obrigação de vários estudantes da academia a integrar as forças armadas, seguindo para a guerra do Ultramar.

de Belas Artes do Porto e Lisboa com uma nova direção[317], orientam e estabelecem o terreno propício para "*... uma forte consciência política, direccionada para a reforma do ensino da arquitectura e da formação-função do arquitecto.*"[318].

Impôs-se assim um intenso debate sobre o futuro do curso de Arquitetura, que aspirava pôr fim às pedagogias impostas pela *Reforma de 57*, com a demissão em bloco de uma grande percentagem do corpo docente[319], "*... por razões de ordem pedagógica e contratuais, o que paralisa a escola e tem como consequência a mais radical transformação no Curso: o Ministério de Educação aceita, como medida de recurso para o reingresso dos professores, um* regime experimental *que implica uma* comissão paritária *na gestão da Escola e a total autonomia do processo pedagógico.*"[320]. Foi nesta perspetiva que José Gigante iniciou o seu percurso académico na *Escola Superior de Belas Artes do Porto*.

A primeira aproximação, ainda antes do momento de entrada para o curso assinalava-se com as provas de aptidão. Para a prova de desenho de estátua, na qual coube a José Gigante desenhar a Vénus de Milo, teve umas aulas de explicação de desenho com a pintora Helena Alves[321], esposa do pintor Armando Alves[322]. Já para prova de *Geometria Descritiva* e de *Físico-Química*, principalmente para a parte de *Física*, estava preparado, "*... tudo o que era física estava certo, tudo o que era química não. (...) Tudo o que fosse desenho rigoroso, sempre tive um modo de pensar muito matemático. Eu costumo dizer que gosto mais de números que de letras.*"[323].

Não obstante, considerando o completo colapso em que se encontrava o curso de Arquitetura, *"... as aulas do ano lectivo 1969-70 no curso de arquitectura da ESBAP não têm início provocando uma crise académica mas também política ..."*[324]. A entrada na *Escola* é por isso marcada por reuniões incessantes, ou outros acontecimentos, encontros ou conferências. José Gigante, como "*Caloiro de uma Escola em crise, participei activamente nos grupos de trabalho que*

[317] Carlos Ramos, diretor da ESBAP, e Paulino Montez, diretor da ESBAL, atingem limite de idade.

[318] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969". (p. 64).

[319] Entre eles Fernando Távora, José Carlos Loureiro, Arnaldo Araújo, Cristiano Moreira, Álvaro Siza, Duarte Castel Branco, Alfredo Viana de Lima, Jorge Gigante e Pedro Ramalho. **PAULINO, Raquel** – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984*. (p. 157).

[320] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico*. (p. 59).

[321] Na altura era comum ter aulas preparatórias antes das provas, que eram maioritariamente dadas por mulheres.

[322] **Armando José Ruivo Alves** (1935-...) foi um pintor e artista plástico natural de Estremoz. Concluiu o curso de Pintura na ESBAP em 1962 com a classificação de vinte valores, tendo, em 1968, formado o grupo *Os Quatro Vintes* com José Rodrigues, Ângelo de Sousa e Jorge Pinheiro, expondo conjuntamente entre 1968 e 1970. Foi docente na ESBAP entre 1963 e 1973, introduzindo o estudo das Artes Gráficas.

[323] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[324] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969". (p. 67-68).

PLANO DE ESTUDOS

REGIME EXPERIMENTAL

1969-70	1970-71	1971-72	1972-73	1973-74	1974-75
*Arquitetura Analítica I **	*Arquitetura Analítica II*	*Arquitetura III*	*Arquitetura IV*	*Arquitetura V*	-
*Desenho de Estátua ***	*Geometria Descritiva II*	*Teoria e História III*	*Teoria e História IV*		
*História Geral da Arte I ***	*Teoria e História II*		*Resistência Materiais*	*Teoria e História V*	
*Matemáticas Gerais ***	*Sociologia Geral*	*Topografia*	*Urbanologia I*	*Urbanologia II*	
*Geometria Descritiva e Elementos de Geometria Projetiva ***	*Curso Geral de Física*	*Construção I*	*Construção II ****	*Construção III*	
	Matemática II	*Física*		*Estruturas*	
	*Desenho II ****			*Economia*	
	*Geografia I ****			*Sociologia*	
	*Geografia II ****				

fig. 24

Fotografia de inscrição de José Gigante no curso de Arquitetura na ESBAP, em 1969.

** Regime Experimental - Classificação atribuída de harmonia com o despacho de 30-10-70.*

*** Regime Experimental - Dispensado nos termos do despacho ministerial de 30-10-70.*

**** Considerados aprovados nos termos do n.2 do parecer da Junta Nacional de Educação.*

fig. 25 (acima)
"Requiem por uma Experiência", (Fernando Maia Pinto, Vítor Valente e Rui Louro), ESBAP, 1970.

fig. 26 (abaixo)
"GIJUCA – O Virgem dos 3", Desenho, 1970. (José Gigante, Carlos Guimarães, Domingos Júnior)

no início do ano procuraram preencher o vazio do espaço escolar, fui ao Encontro Nacional dos Arquitectos em Lisboa e fiz parte da Comissão de Arranque que então reunia nas instalações do ex-Sindicato Nacional dos Arquitectos."[325]. Viu-se assim imerso em discussões, e debates, que lhe possibilitaram conhecer alunos de todos os anos, e logo de início houve uma intenção ou perceção que se tornou clara, "*Não interessava se havia aulas ou não, nós vivíamos intensamente a* Escola.". Esse modo de estar, sempre na ESBAP, presente, tornou-se naturalmente um hábito.

Assim, perante a grande agitação vivida dentro da *Escola*, entrou em vigor uma experiência pedagógica, que funcionou entre abril e julho de 1970[326], no final do ano letivo de 1969-70. Conhecida como *Regime Experimental*, os fundamentos e as práticas em que assentava acabavam por a tornar, de certo modo, uma experiência surrealista, considerando o contexto político vigente no país, uma vez que "*... se atribuem notas colectivas, se decidem as reprovações em plenário, se criam grupos de trabalho compostos por alunos de vários anos. É neste ano que a faculdade entra numa espécie de auto-gestão, efectuada entre alunos e professores. Nos anos seguintes discute-se muito de política e de arquitectura.*"[327]. Essa coordenação numa comissão paritária funcionaria "*... com três professores (Filgueiras, Távora e Gigante) e três alunos (Ricardo Figueiredo, José Garrett e Rui Louro) ...*"[328], que, "*... misturando professores e alunos numa amálgama sem aparente hierarquia, começou a despertar em mim o bichinho do fazer colectivo e o gosto pela partilha ...*"[329].

Do primeiro ano, José Gigante, ou *Giginhas* para os amigos, recorda o seu grupo de trabalho – com mais dois elementos, os colegas Domingos Júnior[330], *Junoquinha*, e Carlos Guimarães[331], mais tarde conhecido por *Chefe* – cujo nome conjugava a primeira sílaba de um dos nomes

325 **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 5)

326 **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969". (p. 73).

327 Gigante, 2011 cit. in. **MILANO, Maria** – *José Gigante*. (p. 9).

328 **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969". (p. 73).

329 **GIGANTE, José** – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP. (p. 10).

330 **Domingos Borges Delgado Júnior** (1950-...) é um arquiteto e pintor natural de Lourenço Marques, atual Maputo, em Moçambique. Licenciou-se em Arquitetura pela ESAP, mas completou os três primeiros anos de Curso na ESBAP onde foi colega de José Gigante, Carlos Guimarães e Carlos Prata. Obteve ainda orientação do pintor António Quadros no núcleo de Arte em Moçambique entre 1964 e 1968.

331 **Carlos Alberto Esteves Guimarães** (1949-...) é um arquiteto e professor natural de Viana do Castelo. Frequentou a ESBAP entre 1969 e 1980. Iniciou a atividade docente em 1982 e foi presidente da Ordem dos Arquitetos, entre 1999 e 2004, e diretor da FAUP, de 2010 a 2018. Desenvolve atividade profissional que se alarga do projeto de edificação ao ordenamento de territórios, juntamente com Luís Soares Carneiro, com quem fundou o atelier CG+LSC, Arquitectos.

de cada constituinte: *Gijuca - O Virgem dos 3*. Os três alunos do primeiro ano, propuseram como professor para os acompanhar o arquiteto Nicolau Brandão[332], recém-licenciado, com quem Gigante acabou por ter uma relação próxima no tempo extra letivo. A conjugar com o pequeno grupo de trabalho que marcou o arranque dos seus anos na *Escola*, "*O Plenário, órgão deliberativo máximo, ao qual se passou a recorrer para a resolução de todo e qualquer assunto, cedo se transformou naturalmente no* grupo de trabalho *mais absorvente, extrapolando a sua tarefa de definição das grandes directrizes informadores do regime pedagógico.*"[333].

Este início do curso ficava assim contaminado pela forte presença de forças políticas, "*... sendo os instrumentos de projecto, como o desenho, substituídos pelos manifestos e pelas reuniões.*"[334], cujos temas e discussões foram várias vezes posteriormente declamados em poemas, que Gigante foi guardando ao longo dos anos[335]. Na verdade, a ausência deste instrumento de trabalho, "*... viria a revelar-se uma constante de todo o meu curso que, tardando o reencontro com a valorização dos meios gráficos de expressão, não quis e depois não soube encontrar o modo de interessar nessa disciplina os nossos hábitos de projecto. Por isso, o esforço individual não foi, para mim como para muitos, o bastante para superar essa falha de formação.*"[336].

Por muito positivos que possam ter sido os avanços do *Regime Experimental*, convergindo "*... no abandono de uma pedagogia reduzida ao virtuosismo do desenho e na aposta na arquitectura, ou na Escola, como campo de experimentação e reflexão para a transformação da sociedade.*"[337], o início do ano letivo de 1970-71, não compreenderia uma restituição da designada *experiência* de 69. Segundo José Gigante, junto com os seus colegas[338], "*Não tardámos a organizar o velório. Na subida para o anfiteatro da ESBAP surgiu então uma* instalação *(já naquela altura!!!) a que se chamou* Requiem por uma Experiência.[339]", que resultou num im-

[332] **Manuel Nicolau Costa Brandão** (1942-...) é um arquiteto natural do Porto. Licenciou-se na ESBAP no curso de Arquitetura, no qual depois lecionou durante a década de 70. Destaca-se a sua vertente dedicada à pedagogia também como Diretor do Departamento de Arquitetura da *Escola Superior Artística do Porto* e Diretor do curso de Mestrado integrado da ESAP.

[333] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 5)

[334] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969". (p. 68).

[335] Alguns desses poemas, escritos por Carlos Guimarães, Claúdio Ricca, Francisco Barata, Jorge Gigante, José Gigante, José Luís Carvalho Gomes, Ricardo Figueiredo, entre outros, foram posteriormente publicados no Blog *Arquitectadas*, de José Gigante.

[336] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 5)

[337] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969". (p. 73).

[338] Entre os quais Fernando Maia Pinto, conhecido por "Fernandinho", Manuel Teixeira de Carvalho, Rui Louro e Vítor Valente.

[339] **GIGANTE, José** – *Requiem por uma Experiência*. Texto sobre fotografias de Manuel Teixeira de Carvalho.

fig. 27 (acima)

Fernando Távora, desenho de Álvaro Siza, 1984.

fig. 28 (abaixo)

Fernando Távora.

provisado altar fúnebre, cujas "*Velas acesas recortavam, na penumbra da escadaria, a silhueta de um manto preto recebendo flores espalhadas. A cerimónia contou obviamente com um solene discurso fúnebre, lido na galeria superior.*"[340].

Da *experiência*, ainda assim, ficaram alguns reflexos. Nesta fundaram-se as linhas mestras de uma reformulação inovadora na *Escola*, "*... e que viria a marcar, decisivamente, o início de um processo de profunda reformulação do ensino da arquitetura no Porto.*"[341].

A partir do segundo ano, após um primeiro momento dedicado à reorganização de uma estrutura capaz de pôr o curso em funcionamento, as aulas foram novamente retomadas com grande parte das disciplinas, as quais voltaram a estar organizadas por anos, horizontalmente, e não por grupos, verticalmente. O início das aulas marcou uma das mais prazerosas e agradáveis experiências no percurso académico de José Gigante, uma vez que "*... tive a sorte de ter como professor de Projecto uma das cabeças mais arejadas da Escola, Fernando Távora, que nos falava da Arquitectura contando histórias sobre a Vida.*"[342]. Se habitualmente "*... a presença dos professores, retraída e carente de personalidade, não deixou marcas demasiado profundas na minha formação.*"[343], a pedagogia de Távora seriam uma das exceções que confirmam a regra. Este momento representou para Gigante "*... o ano da descoberta da arquitectura como concepção. Nas inesquecíveis aulas do professor Fernando Távora pegámos pela primeira vez no lápis com um sentido criativo, na projectação de um abrigo individual destinado a nós próprios.*"[344].

O seu discurso, ainda que parecesse deambular pelos mais variados temas menos pela arquitetura, agarrava[345]. Era um conversador nato, com uma cultura geral enorme. Considerando que o jovem estudante dava muito mais importância à cadeira de *Arquitetura* do que às restantes, as aprendizagens nesta disciplina e, neste caso, com o professor Távora foram múltiplas e marcantes. Do mesmo modo o exercício proposto nesse ano, "*Com um enquadramento por parte do professor sem paralelo na minha experiência escolar, apaixonante como tudo o que é feito pela primeira vez, (...) é para mim um trabalho sempre actual, com o qual exceptionalmente ainda me identifico e em relação ao qual encontro referências em vários projectos posteriores.*"[346].

[340] **GIGANTE, José** – *Requiem por uma Experiência*. Texto sobre fotografias de Manuel Teixeira de Carvalho.

[341] **PAULINO, Raquel** – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984*. (p. 170).

[342] **GIGANTE, José** – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP. (p. 11).

[343] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 7).

[344] *Idem.* (p. 9).

[345] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[346] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 10).

Assim, negligenciava algumas outras disciplinas, principalmente as de teor mais teórico. Tal como alguns colegas, a relação que tinha com o professor Octávio Lixa Filgueiras, de facto, não era a mais favorável, "*Porque nós não gostávamos* [dele]. *Ainda hoje me arrependo, porque acho que na altura éramos muito radicais. Mesmo radicais, mauzinhos. (...) o Filgueiras era muito inteligente. Se fosse hoje certamente gostaria de conversar com ele. Ele era muito autoritário. Nós não admitíamos.*"[347]. Quando no segundo ano foi proposto aos estudantes fazerem um trabalho, estes decidiram que após a experiência coletiva do ano anterior deveriam poder fazer o trabalho em grupo, algo com o qual o professor não concordava, mesmo depois de algumas tentativas para o convencer. Ainda assim, o grupo de José Gigante, com Francisco Barata e António Moura[348], bem como um segundo grupo constituído por Carlos Guimarães, Carlos Prata, Henrique de Carvalho[349], Virgínio Moutinho[350] e Domingos Júnior, tentaram levar o trabalho coletivo avante. O objetivo proposto seria para, a partir de jornais e revistas, "*... montar um trabalho com base em recortes. O nosso intitulava-se* O automóvel, prolongamento da virgindade do homem. *Não imaginam o que era, falar de máquinas e sexo.*"[351]. À cadeira de *Teoria e História* acabou por reprovar, avaliado com zero valores, e juntamente com os seus colegas foram a exame de segunda época. Mesmo com uma segunda oportunidade continuaram a procurar transpor as suas visões e convicções, por isso no exame de época especial – um exame que lhes havia sido comunicado que seria de consulta – levaram o maior número de bibliografia que conseguiam transportar, dentro de malas de viagem, repletas de livros, as quais espalharam pela sala.

José Gigante recorda outros vários momentos caricatos com o professor, uma personagem "*... muito british, muito pontual. (...) Chegávamos tarde à aula, ele não gostava, nem que fosse cinco minutos. Era num anfiteatro pequenino. (...) fechava a porta e punha a cadeira por trás. Quando nós entrávamos, empurrávamos a porta e a cadeira arrastava, e então apanhávamos um sermão. Aquilo era humilhante. Nós esperamos um dia que ele se atrasou e pusemos a cadeira.*"[352].

[347] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[348] **António Moura** é um arquiteto que concluiu o curso de Arquitetura na ESBAP em 1975. Integrou o *Comissariado da Reabilitação Urbana da Área da Ribeira-Barredo* (CRUARB) em 1978, no qual teve a oportunidade de trabalhar com arquitetos como Jorge Gigante e Viana de Lima, impulsionando esta zona do Porto como Património Histórico da Humanidade em 1996.

[349] **Henrique de Carvalho** (1950-2002) foi um arquiteto. Formou-se no curso de Arquitetura entre os anos de 1969 e 1975 na ESBAP. Trabalhou como colaborador de Arménio Losa, com quem formou sociedade, em conjunto com o arquiteto Carlos Prata, entre os anos de 1979 e 1985. Fez parte da Brigada Técnica do Bairro da Sé na *Operação SAAL*, entre 1974 e 1976.

[350] **Virgínio Moutinho** (1952-...) é um arquiteto e escultor natural de Avanca. Concluiu o curso de Arquitetura na ESBAP em 1956, ano em que fundou o seu escritório. Para além da prática na disciplina de Arquitetura, desenvolve atividade na área da Escultura e do Design, nomeadamente no desenho de mobiliário.

[351] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[352] *Ibidem*.

Naturalmente, a relação que estabeleciam com os professores ficava condicionada por estes vários atos de rebeldia ou de objeção que os estudantes tinham para com alguns docentes. Numa altura em que a ESBAP procurava encontrar e construir um sentido de *Escola*, encontrando-se altamente politizada, "*... a luta contra a Reforma transforma-se na luta contra o Regime, dentro da Escola.*"[353]. Assim, o curso era marcado por contestações sistemáticas às aulas de cadeiras consideradas pelos alunos como secundárias, subsidiárias, como *História de Arte*, *Matemática*, *Geometria Descritiva* e *Estereotomia*, que passavam "*... em certos casos pelo boicote ou greve às aulas e pelo apelo, lançado em constantes abaixo-assinados, aos professores coordenadores dos respectivos departamentos, que se revelam impotentes para controlar a situação.*"[354].

De facto, o clima de politização era de tal forma intenso que levava inclusivamente a algumas discussões e choques com colegas, culminando num momento dentro da turma onde se vai "*... operar uma importante clivagem que irá separar os elementos mais activos em dois grupos os quais, defendendo posições antagónicas, se vão guerrear numa acesa luta ideológica absurdamente culminada com inimizades e corte de relações pessoais.*"[355]. Ainda que José Gigante relembre a positiva experiência com o professor Pedro Ramalho, o terceiro ano demarca-se por isso pelo conflito e desentendimento com vários colegas, pelas diferentes perspetivas de atuação, "*... encurralado o professor entre dois fogos e marginalizando os alunos mais passivos que na sua generalidade integravam outros grupos.*"[356].

Esta polémica surgia com a crescente ligação dos alunos ao movimento estudantil, mais politizados, que os fazia "*... repensar o pensar do arquitecto na transformação da sociedade.*"[357]. Se José Gigante, juntamente com Francisco Barata e António Moura, achavam que "*... tínhamos de intervir através do Projeto.*"[358], já Carlos Guimarães e Carlos Prata, entre outros colegas, "*... defendiam uma posição mais de crítica à prática.*"[359]. De facto, essa tornou-se uma dicotomia muito comum nesses anos, que apesar de se generalizar a toda a *Escola*, se radicalizava de forma mais intensa neste terceiro ano. Por um lado, o ato de projetar era visto como uma ferramenta de atuação essencial para intervir positivamente na sociedade, por outro, surgiu o gesto dramático da *recusa do desenho*, que assumia o projeto como insuficiente, impotente, até mesmo desnecessário, uma vez que a sua intervenção não conseguiria atuar sobre os

[353] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico*. (p. 32).

[354] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 9).

[355] *Idem.* (p. 11).

[356] *Ibidem.*

[357] *Ibidem.*

[358] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[359] *Ibidem.*

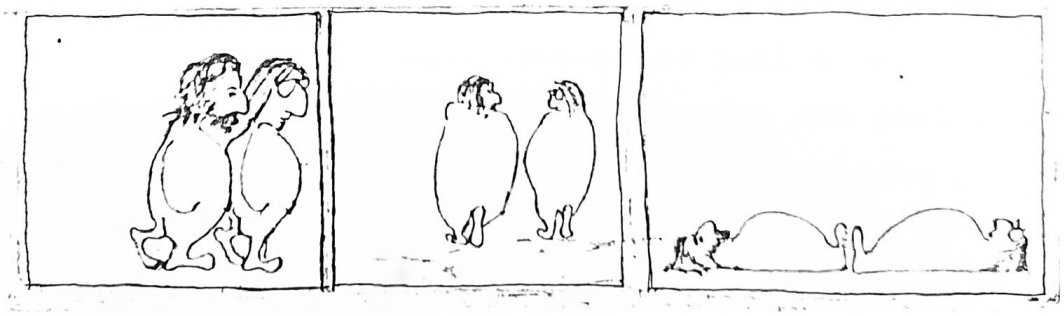


fig. 29 (acima)

José Gigante e Francisco Barata, desenho de Francisco Barata.

fig. 30 (abaixo)

"Sentença à Chefe", retratando Carlos Guimarães, desenho de José Gigante, 1975.

problemas da sociedade, apenas resolúveis com uma revolução. Nessa perspetiva, "*A política submerge a arquitectura. Destruir o estado vigente é mais urgente e vital do que empreender a laboriosa montagem de saberes que leva à edificação – à* arquitectura*.*"[360].

Ainda assim, "*... Pedro Ramalho aguentava com as críticas comuns.*"[361], tentando no seu papel de docente conciliar as duas posições. Para isso José Gigante recorda "*... que nos convidava para ir a casa dele, mas separados. Na altura havia muito esta... nós éramos muito íntimos dos professores. (...) Então, íamos para casa do Pedro, na altura era um professor novo, tinha trinta e poucos anos.*"[362].

Apesar de completamente absorvido nessa polémica, e contraditoriamente à posição que defendia, Gigante pensa mesmo assim não ter conseguido centrar a sua atenção em dominar o instrumento do desenho, "*... daí a má qualidade dos trabalhos de projectação, baseados no tema «Intervenção na Praça da Alegria»*."[363]. As suas preocupações centravam-se, na verdade, nessa altura com melhor correspondência no trabalho extraescolar que estava a desenvolver.

O ano letivo de 1972-73, pelo contrário, foi um ano de reconciliações e reaproximações, num recomeço das aulas "*... onde as relações pessoais parecem esquecer os maus momentos*"[364]. A cadeira de *Arquitetura*, lecionada pelo arquiteto Cristiano Moreira não se revelou a mais impactante, uma vez que "*A partir do quarto ano do curso, a formação de Gigante passa mais pela experiência de projecto desenvolvido fora da ESBAP do que pela frequência universitária propriamente dita.*"[365]. Se bem que recorda positivamente algumas aulas teóricas com o arquiteto Alexandre Alves Costa que, juntamente com outras cadeiras secundárias, eram rapidamente desconsideradas ou ignoradas.

Assim, será no equilíbrio entre o apoio que recebiam dos professores, conjugando ainda algumas colaborações em ateliers do Porto, e a constante entreajuda com os colegas que se baseia a formação de José Gigante, bem como a de muitos dos restantes estudantes do curso. Tal como refere Carlos Prata, "*Embora relembre com saudade as aulas de projeto do Arq. Fernando Távora no segundo ano e do Arq. Pedro Ramalho no terceiro ano, o que é certo é que o Grupo de Trabalho – Henrique de Carvalho, Carlos Guimarães, José Gigante, Francisco Barata Fer-*

[360] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico.* (p. 60).

[361] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[362] *Ibidem.*

[363] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 13).

[364] *Idem.* (p. 14).

[365] **MILANO, Maria** – *José Gigante*. (p. 9).

nandes e Domingos Borges Delgado Júnior – passa a ser cada vez mais a nossa Escola."[366], num autodidatismo constante, quer individual quer coletivo.

Acompanhando o movimento de viragem da *Escola* para o exterior, "*O quinto ano, (...) leva-o à rua, para, com um conjunto de colegas, trabalhar com associações de moradores nas zonas mais problemáticas da cidade do Porto.*"[367]. Decorre assim um ano de intenso trabalho, que vem a coincidir com o 25 de Abril de 1974, um marco indelevelmente celebrado na *Escola*, por possibilitar uma nova orientação do processo pedagógico sem marcas ou limitações impostas pelo regime. Naturalmente, a queda do fascismo teria reflexos em toda a vida escolar. Aquela data marca um ponto de mudança no percurso de José Gigante, uma vez que "*A partir daí a* Escola *deixou de existir para mim, ou seja, nós, quase todos os estudantes, tentaram – pelo menos os mais ativos – cumprir aquele desejo de vir cá para fora.*"[368]. Criavam-se assim grupos de trabalho, os quais se lançavam "*... numa decidida viragem para o exterior, espalhando-se pelas zonas de habitação degradada ou clandestina do Porto e arredores.*"[369]. Após estabelecerem contacto com os moradores do bairro da Sé, com o Centro Social de Santana, para oferecerem os seus serviços, esse tornou-se o seu lugar de pouso diário, bem perto do local onde se situava o atelier do seu pai, Jorge Gigante, e do seu colaborador, Francisco Melo, na rua D. Hugo[370].

Desta experiência nasce um *Abrigo para Crianças*, desenvolvida no âmbito escolar, que constituía para o grupo[371] um novo método de trabalho, em que "*... a nossa ligação à dinâmica organizativa dos moradores e a nossa participação na auto-construção desta obra subvertiam então a nitidez das fronteiras que separam correntemente o arquitecto do cliente e o arquitecto do executor.*"[372]. E na imersão de possibilidades, na procura de resoluções, na criação de condições, "*... encontrar-se-á uma fundamental razão de ser para o grupo da Escola.*"[373]. A criação do *Serviço de Apoio Ambulatório Local* (SAAL)[374], concentrando "*... a prática profissional que*

[366] **PRATA, Carlos** – *As determinantes do projeto e as circunstâncias do ato projetual e da obra*. (p. 26).

[367] **MILANO, Maria** – *José Gigante*. (p. 9).

[368] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[369] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 18).

[370] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[371] Formado por Carlos Guimarães, Carlos Prata, Francisco Barata, Henrique de Caravalho, José Manuel Oliveira Martins, Luís Piçarra, Manuela Antunes e Manuela Pereira.

[372] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 19).

[373] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico*. (p. 60).

[374] O ***Serviço de Apoio Ambulatório Local*** (SAAL) foi instituído a 31 de julho de 1974, ativado pelo arquiteto Nuno Portas, enquanto Secretário de Estado da Habitação, com o intuito de dar resposta às condições precárias da habitação sentidas no país. Surgiu como um serviço descentralizado, mobilizando Brigadas Técnicas que atuariam em bairros em condições de máxima degradação higiénica e ambiental, motivado, em grande parte, pelos alunos das escolas de Arquitetura, contando também com a participação de muitos professores destas instituições.

não se desliga da prática escolar ..."[375] concorre assim para o culminar do percurso académico de José Gigante. Uma experiência na qual "*... os grupos de trabalho constituídos espontaneamente por estudantes se convertem em «brigadas», cada uma coordenada por um arquitecto já formado.*"[376]. Inicialmente chefiada por Manuel Teles[377], o qual se afasta da responsabilidade que passa para Gigante, da brigada faziam parte Carlos Prata, Carlos Guimarães, Henrique de Carvalho e Manuela Antunes[378].

Como explica José Gigante, "*... nunca as circunstanciais presenças na turma do 6º. ano, onde a estrutura pedagógica e o alheamento de grande parte dos docentes estava longe de responder à problemática sugerida pela actividade que nos absorvia.*"[379], – neste âmbito, na Brigada da Sé – se revelava suficiente, pelo que já se havia habituado a procurar apoio fora da *Escola*, recorrendo "*... à opinião de arquitectos que, embora professores, (Fernando Távora, Álvaro Siza, Jorge Gigante, Bernardo Ferrão, etc.) não eram solicitados no âmbito escolar.*"[380]. Importa ainda salientar, que foi a *Operação SAAL*, que despoletou e potenciou a criação das condições necessárias para a reabilitação do desenho.

As memórias desses tempos são por isso naturalmente vastas, depois de "*... quase dois anos a pedalar na Brigada do SAAL da Zona da Sé, num intenso trabalho de grupo com os moradores onde a entrega e a entreajuda não conheciam limites.*"[381]. Num momento em que, "*... após os elementos da nossa Brigada terem exposto, um a um, os aspectos principais da Operação, nos mandaram em paz com a promessa de um lindo canudo guardado até à apresentação dos respectivos relatórios de estágio.*"[382], José Gigante e os seus colegas, sempre coletivamente, concluíram a parte escolar do curso.

[375] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico*. (p. 60).

[376] **MILANO, Maria** – *José Gigante*. (p. 9-11).

[377] **Manuel Luís Cabral Teles** (1936-2012) foi um arquiteto natural de Coimbra. Frequentou o curso de Arquitetura entre 1956 e 1964 na ESBAP. No início da sua atividade profissional trabalhou como colaborador de João Andresen entre 1962 e 1967, com Viana de Lima entre 1967 e 1968 e com Óscar Niemeyer entre 1968 e 1970. Foi arquiteto da CMP de 1968 a 1978 onde iria iniciar as operações SAAL no Campo Alegre e na Sé, tendo posteriormente abandonado a coordenação desta última. Através da CMP enquadrou também o Comissariado para a *Renovação da Área Urbana Ribeira-Barredo* (CRUARB) onde trabalhou com Fernando Távora. Foi docente na ESBAP e, posteriormente, na FAUP até à sua aposentação.

[378] **Manuela Antunes** é uma arquiteta licenciada no curso de Arquitetura na ESBAP na década de 70. Fez parte da Brigada Técnica do Bairro da Sé na *Operação SAAL*, entre 1974 e 1976.

[379] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 20).

[380] *Ibidem.*

[381] **GIGANTE, José** – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP. (p. 13).

[382] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 22).

fig. 31

Conclusão da parte escolar do curso de Arquitetura. (Carlos Prata, José Gigante, Carlos Guimarães, Francisco Barata, Henrique de Carvalho, Manuela Antunes, desenho de José Gigante, 1975.

3.1.2 o atelier: os trabalhos com os professores e as salas com os colegas

"*Para o Porto, trata-se de algo inabalável: o atelier de arquitectura funciona como uma célula, um lugar quase clandestino, onde em ligação constante e directa com a escola se funda uma prática de resistência cultural e política ao regime.*
Esta plataforma giratória entre o atelier e a Escola é um lugar conspirativo e prospectivo, onde as afinidades tanto se revelam no passado como numa aspiração de um futuro partilhado."[383]

[383] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico*. (p. 57).

Pedro Ramalho

"*Também a minha experiência pessoal está marcada por uma prática intensa que leva a sobre ela me debruçar primordialmente e (...) a ela recorrer para me definir, quer no que se refere à formação, quer no que se refere à prática profissional.*"[384]. Assim o refere Pedro Ramalho na *Prova de Habilitação para obtenção do Título de Professor Agregado*, clarificando o seu parecer face ao efetivo peso das diversas experiências profissionais que contribuíram para a construção da sua identidade enquanto estudante, enquanto arquiteto, enquanto cidadão. E de facto, no caso particular deste jovem profissional, o início da atividade surge logo nos primeiros anos de formação, uma vez que "*... a prática era muito feita nos ateliers ...*"[385].

A sua primeira experiência "*... como um* chiço*, um tipo que vai passar umas coisas a limpo... ...*"[386], surge no final do ano de 1958, quando iniciava o segundo ano da *Nova Reforma*. A convite do professor Filgueiras começa a colaborar no seu atelier, no edifício EIO[387], onde se encontra o *Hotel Infante de Sagres*, na Praça D. Filipa de Lencastre, juntamente com Alcino Soutinho. Foi junto do jovem arquiteto que Pedro Ramalho iniciou a vida profissional, com quem aprendeu e progrediu dentro do escritório, com que explicou as primeiras bases[388].

Ao fim de um ano, o atelier muda-se para uma nova sala na rua do Barão de São Cosme. Esta sala situava-se numa casa antiga, que acabava por ter alguma história e marcar quer a formação, quer a vida profissional das múltiplas personagens que por lá passaram. Com três

[384] **RAMALHO, Pedro** – *Itinerário*. (p. 7).

[385] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[386] *Ibidem*.

[387] Na sala 705 do mesmo edifício, trabalharam também Jorge Gigante e Francisco Melo, professores da ESBAP. **MALATO, Ana Rute** – *Francisco F. Melo e Jorge Gigante: a tradição não tem cobertura em telha*. (p. 29).

[388] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

pisos, o rés-do-chão destinava-se à moradia do Sr. Laurentino[389] e os restantes dois pisos da casa dividiam-se em quatro frações, duas por piso, voltadas ora para a frente de rua, ora para o logradouro. A curta distância entre a ESBAP e o atelier favorecia e facilitava a dinâmica entre escola-trabalho. Paralelamente, os professores, conhecendo o desenvolvimento que Pedro Ramalho ia estabelecendo profissionalmente permitiam-lhe que não tivesse uma presença muito assídua na frequência das aulas nos últimos anos escolares[390].

Esta casa tornou-se naturalmente um dos lugares mais frequentados pelo jovem estudante nos anos em que dividia o seu tempo entre aulas e prática profissional. Representando um marco fundamental na cidade de Pedro Ramalho, também os diferentes espaços do interior do antigo atelier sinalizaram diferentes etapas da sua caminhada profissional, uma vez que "*... havia quatro frações e nós percorremos aquelas quatro durante os anos que lá estivemos.*"[391].

As primeiras vivências no atelier da rua Barão de São Cosme surgiram da continuação da colaboração com Lixa Filgueiras, juntamente com Alcino Soutinho, na sala da frente do segundo andar. Seguidamente, "*... começaram a aparecer uns trabalhos, pequenos trabalhos. O Soutinho – que trabalhava com o Filgueiras – eu e o Sérgio (...) começámos a fazer alguns trabalhos. Continuávamos a dar algum apoio ao gabinete do Filgueiras, mas para nos estabelecermos, ocupamos uma sala que antigamente era no último piso, mas na parte de trás do prédio, que antes era do Arnaldo Araújo.*"[392].

Assim, em 1962, surgiu a sociedade entre Alcino Soutinho, Sérgio Fernandez e Pedro Ramalho. Apesar de irem concretizando alguns projetos, o trabalho era muito incerto. Por isso, em 1964, Alcino Soutinho, depois de casado, decidiu sair da sociedade para procurar uma possibilidade mais regular e segura. As personagens que iam arrendando estas salas como ateliers foram naturalmente variando, o que propiciou sempre grupos e ambiências diversificadas ao longo dos anos. Pouco era o tempo que uma sala passava vazia, já que rapidamente uma nova personagem nela se iria estabelecer. Até à saída de Alcino Soutinho, a sala da frente e das traseiras do primeiro piso eram, respetivamente, ocupadas pelo arquiteto Rui Pimentel[393]

fig. 32
Sérgio Fernandez, Pedro Ramalho e Alcino Soutinho.

[389] Conhecido pela sua tabacaria em São Lázaro, o Sr. Laurentino, decidiu comprar casa e arrendar as restantes salas dos pisos superiores. **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[390] *Ibidem.*

[391] *Ibidem.*

[392] *Ibidem.*

[393] **Rui Pimentel Ferreira** (1924-2005) foi um arquiteto e pintor natural de Massarelos. Inscreveu-se no curso de Arquitetura na ESBAP em 1942 e obteve o diploma em 1964. Foi docente na ESBAP entre 1962 e 1964. Integrou a equipa responsável pelo estudo da Zona 1 no *Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal*. Trabalhou como colaborador de Arménio Losa, em 1948, e participou no *Plano Regulador do Porto de Leixões* com Fernando Távora.

Percurso Profissional de Pedro Ramalho, 1956-1968.

1956 | 1957 | 1958 | 1959 | 1960 | 1961 | 1962 | 1963 | 1964 | 1965 | 1966 | 1967 | 1968

1931-1957
REFORMA DE 1931-32

1957-1969
REFORMA DE 1957

1958
HUMBERTO DELGADO PERDE ELEIÇÕES

1958
FUNDAÇÃO LIVRARIA *DIVULGAÇÃO*

1961
INÍCIO GUERRA COLONIAL

1961
PUBLICAÇÃO LIVRO *ARQUITETURA POPULAR EM PORTUGAL*

1963
FUNDAÇÃO *COOPERATIVA ÁRVORE*

1963
FUNDAÇÃO *UNICEPE*

1968
PRIMAVERA MARCELISTA

1968
MAIO DE 68

1968
PRIMAVERA DE PRAGA

CURSO DE ARQUITETURA

1956-57	1957-58	1958-59	1959-60	1960-61	1961-62	1962-63	1963-64	1964-65	1965-66	1968	1968-2007
										RELATÓRIO DE ESTÁGIO	DOCÊNCIA
1ª cadeira - 1ª parte	*Arquitetura Analítica I*	*Arquitetura Analítica II*	*Composição de Arquitetura I*	*Composição de Arquitetura I*			*Composição de Arquitetura II*	*Composição de Arquitetura III*	*Composição de Arquitetura IV*		
2ª cadeira - 1ª parte	*Desenho de Estátua*	*Teoria das Sombras e Perspetivas*	*Teoria e História da Arquitetura I*				*Teoria e História da Arquitetura II*	*Teoria e conceção das estruturas*	*Estética e Teorias da Arte*		
3ª cadeira - 1ª parte	*História Geral da Arte I*	*História Geral da Arte II*	*História da Arte em Portugal*	*História da Arte em Portugal*	*História da Arte em Portugal*		*Geografia Física*	*Urbanologia I*	*Urbanologia II*		
8ª cadeira - 1ª parte	*Matemáticas Gerais*	*Estereotomia*	*Topografia Urbana*	*Topografia Urbana*			*Higiene e Equipamento I*	*Higiene e Equipamento II*	*Economia*		
11ª cadeira - 1ª parte	*Geometria Descritiva*	*Sociologia Geral*	*Estática aplicada à Construção I*				*Estática aplicada à Construção II*	*Geografia Humana* •	*Geografia Humana*		
13ª cadeira - 1ª parte	*Curso Geral de Química Materiais*	*Curso Geral de Física* •	*Curso Geral de Física* •	*Curso Geral de Física* •	*Curso Geral de Física* •	*Curso Geral de Física* •	*Edificações*	*Organizações de projetos e estaleiros*	*Conjugação das Três Artes*		

PERCURSO PROFISSIONAL

1958-1962

COLABORADOR DE O. LIXA FILGUEIRAS

1962-1964

SOCIEDADE COM SÉRGIO FERNANDEZ E ALCINO SOUTINHO

1964-1974

SOCIEDADE COM SÉRGIO FERNANDEZ

1968-1973

ATELIER NA RUA MARQUES DA SILVA

1958-1959

EDIFÍCIO EIO

Alcino Soutinho também era colaborador

1959-1968

ATELIER BARÃO DE SÃO COSME

Mudaram-se para a sala da frente do 2º andar

Alcino Soutinho continuava como colaborador

Mudaram-se para a sala das traseiras do 2º andar

(onde esteve o arquiteto Arnaldo Araújo)

Mudaram-se para a sala das traseiras do 1º andar

(onde esteve a Cooperativa de Gravação)

Mudaram-se para a sala da frente do 1º andar

(onde esteve Rui Pimentel e, mais tarde, Álvaro Siza)

Ocupação Ateleier da rua Barão de São Cosme em 1959:

Rés-do-chão: moradia Sr. Laurentino

Sala da frente 1º andar: Rui Pimentel

Sala das traseiras 1º andar: Associação de Gravadores

Sala da frente 2º andar: Octávio Lixa Filgueiras

Sala das traseiras 2º andar: Arnaldo Araújo

1961
Obras em coautoria com Sérgio Fernandez e Alcino Soutinho

1963
Casa Emílio Peres

1964
Bloco Residenciais da Pasteleira (com Sérgio Fernandez)

1965
Colaboração com Arménio Losa no Plano Regulador do Concelho de Matosinhos

1966
Moradia em Gondomar

e por uma *Associação de Gravadores*, da qual faziam parte António Quadros[394] e António Bronze[395], onde tinham constituído uma espécie de estúdio, uma oficina de gravação[396]. A determinado momento o arquiteto Rui Pimentel vai para África e o arquiteto Álvaro Siza ocupa a sua sala. Paralelamente, a *Associação de Gravadores* acabava por sair do seu atelier, e Sérgio Fernandez e Pedro Ramalho, que haviam continuado a sua prática profissional juntos, transferem-se para esta sala. Foi com a saída de Álvaro Siza da sala da frente do primeiro andar, para a qual os dois jovens arquitetos se mudaram, que se assinalou e encerrou a passagem pelas quatro salas do atelier da rua Barão de São Cosme, onde se mantiveram até 1968, antes de mudarem de instalações.

Apesar do arranque de uma produção profissional própria, muitos dos projetos desenvolvidos por Pedro Ramalho e Sérgio Fernandez acabaram por nunca sair do papel, nem abandonar o estirador. Nesse sentido, a convivência com outros arquitetos de renome da cidade do Porto acabava por constituir para os jovens arquitetos uma boa oportunidade de colaborações profissionais. Arménio Losa, sogro de Pedro Ramalho, permitiu e favoreceu algumas dessas interações, entregando alguns dos seus projetos aos dois jovens estudantes, ou seja, "*Era ele que orientava o trabalho, portanto, nós acabávamos por ser uma prestação de serviços.*"[397]. Nesse sentido, a prática de Arménio Losa, que dividia profissionalmente com Cassiano Barbosa[398], dedicava-se quase exclusivamente à área do urbanismo, resultando para Pedro Ramalho, numa nova experiência, uma vez que "*... nós não tínhamos experiência naquela matéria, foi mesmo uma iniciação muito interessante, porque o Losa tinha também essa faceta pedagógica, ainda que tivesse uma formação muito diferente ...*"[399].

Assim, nesta primeira fase do seu percurso profissional algumas obras projetadas foram na-

[394] **António Augusto de Melo Lucena e Quadros** (1933-1994) foi um pintor e poeta natural de Tondela. Iniciou o curso de Pintura na ESBAL, que concluiu em 1961, após transferência para a ESBAP em 1952. Lecionou na ESBAP entre 1961 e 1964, data em que se mudou para Moçambique, regressando a Portugal em 1984. Não sendo aceite na ESBAP, retomou a docência como professor de Desenho na FAUP em 1984.

[395] **António Caetano Bronze** (1935-2003) foi um pintor natural de Lourenço Marques, atual Maputo, em Moçambique. Concluiu o curso de Pintura, em 1962, na ESBAP e foi bolseiro da *Fundação Calouste Gulbenkian*, em 1964. Fez parte do Grupo de Gravadores do Porto *21 g 7*, onde integraram também Ângelo de Sousa, António Quadros, Armando Alves, José Rodrigues e Manuel Pinto.

[396] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[397] *Ibidem*.

[398] **Cassiano Barbosa de Abreu e Lima Lopes Rodrigues** (1911-1998) foi um arquiteto natural do Porto. Formou-se na ESBAP entre 1928 e 1939 e obteve o diploma em 1944. Colaborou com Januário Godinho, mas, da atividade profissional, destaca-se o trabalho em coautoria com Arménio Losa entre 1939 e 1963, salientando-se o *Bloco da Carvalhosa* e o *Edifício Soares e Irmãos*.

[399] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

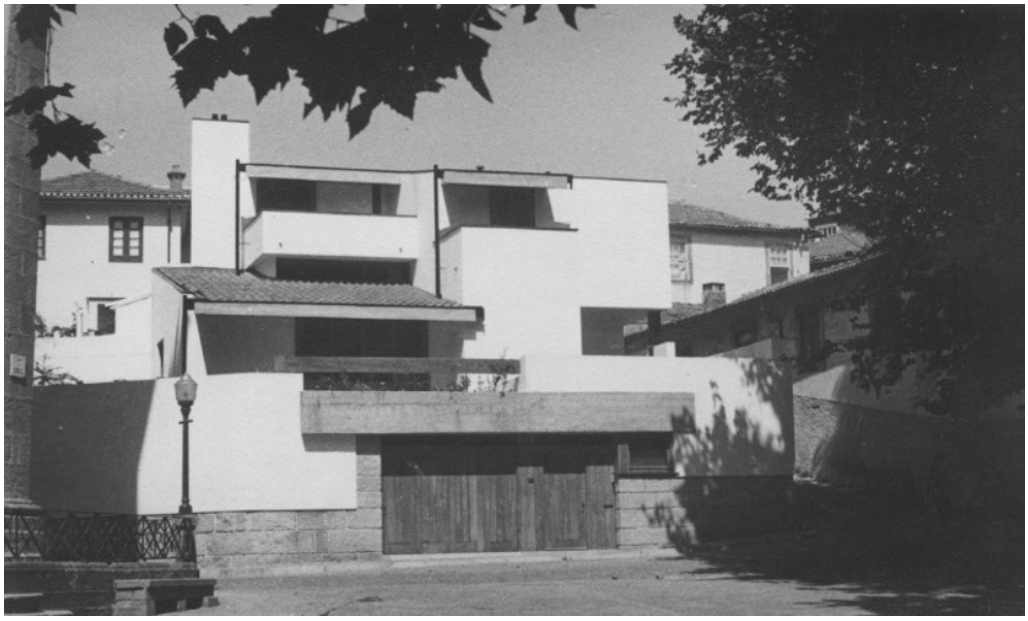


fig. 33 (acima)

Casa Emília Peres, Porto,
Pedro Ramalho, 1963-66.

fig. 34 (abaixo)

Bloco Residencial da Pasteleira,
Pedro Ramalho e Sérgio Fernandez,
1964-67.

turalmente mais marcantes, quer realizadas individualmente, quer desenvolvidas na sociedade que teve com os arquitetos Alcino Soutinho e Sérgio Fernandez[400]. A verdade é que a estas primeiras experiências nenhum mérito deve ser retirado, quer se tenham proporcionado a partir de alguns proveitosos relacionamentos e contactos com alguns arquitetos portuenses com atividade profissional consolidada, como Arménio Losa ou Alfredo Viana de Lima[401], ou por meras coincidências que acabavam por proporcionar possibilidades de desenvolvimento profissional. Porque, de facto, havia atrevimento e audácia, havia tentativa e procura, havia também menos dificuldades no processo de construção, e isso traduziu-se para Pedro Ramalho em oportunidades, concretas e merecidas. Destes projetos iniciais é por isso imperativo salientar a casa Emílio Peres (1963-66), a sua "*... primeira oportunidade de projectar um edifício.*"[402].

As memórias desta experiência recordam uma casualidade da vida. Até então já havia realizado alguns pavilhões para feiras de exposições ou outros trabalhos de menor dimensão. Foi num encontro proporcionado por um familiar de Pedro Ramalho, que fazia propaganda médica com Emílio Peres[403], que o jovem arquiteto se deparou com uma oportunidade profissional, e juntamente com Sérgio Fernandez foram contratados para desenhar e organizar umas novas instalações para um laboratório. O encanto de Emílio Peres neste primeiro contacto leva-o a decidir convidar os dois arquitetos para construir a sua casa, "*... uma moradia na zona antiga da Foz do Douro num local rico de pré-existências e significados.*"[404]. Sérgio Fernandez estava, na altura, a concluir o *Concurso para Obtenção de Diploma de Arquiteto* (CODA), em Rio de Onor, optando por isso por não participar, ao contrário de Pedro Ramalho que se encarrega do projeto.

Posteriormente, a primeira experiência colaborativa surge apenas um ano mais tarde, com os Blocos Residenciais na Pasteleira (1964-67 e 1968-73), que desenha com Sérgio Fernandez. Pedro Ramalho, "*... entretanto já tinha família constituída, com três filhos e tinha esta ideia de arranjar uma casa...*"[405]. Deparando-se com uma dificuldade em encontrar bons imóveis, inexistentes no mercado a preços acessíveis, Pedro Ramalho decide "*... convencer o Losa a for-*

[400] Depois de Alcino Soutinho sair da sociedade, continuou a colaborar com Sérgio Fernandez até 1973.

[401] Com quem Sérgio Fernandez tinha contactado a propósito da sua prova final de curso, seguido posteriormente de uma longa colaboração durante vários anos ainda enquanto estudante na ESBAP.

[402] **RAPAGÃO, João; PEREIRA, Rafael Gonçalves (coord.)** – *Pedro Ramalho: projectos e obras de 1963 a* 1995. (p. 8).

[403] **Emílio Fernando Alves Peres** (1932-2003) foi um médico natural de Ermesinde. Iniciou os estudos na *Faculdade de Medicina do Porto*, em 1949, e terminou a licenciatura, em 1957, em Lisboa. Desenvolveu um interesse por Endocrinologia e Doenças da Nutrição, sendo considerado atualmente o pai dos nutricionistas portugueses.

[404] **RAPAGÃO, João; PEREIRA, Rafael Gonçalves (coord.)** – *Pedro Ramalho: projectos e obras de 1963 a* 1995. (p. 8).

[405] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

mar um grupo de condóminos para fazer um bloco de habitações."[406], as quais foram projetadas em regime de condomínio, com vinte fogos[407].

Assim, e como resume Sérgio Fernandez, "*... Losa decidiu organizar um grupo de génese, mais ou menos, em torno de gente conhecida dele, para fazer um prédio, aproveitando uma coisa que era vulgar naquela altura e que agora creio que desapareceu praticamente, que eram as hastas públicas de terrenos municipais.*"[408]. Recorda ainda que, "*... eu e o Pedro acabamos por entrar um bocado atrapalhados, porque não tínhamos dinheiro, mas claro, jogávamos com a história do projecto, e fez-se um grupo de vinte pessoas.*"[409].

Para além de utente, o papel do arquiteto Arménio Losa ficou assim remetido à coordenação e organização do grupo, enquanto aos dois jovens lhes coube o desenvolvimento do projeto. Desses anos de colaboração e trabalho mútuo Sérgio Fernandez relembra a rapidez e habilidade do colega, salientando: "*... eu trabalhava com o Pedro, ou o Pedro comigo, trabalhávamos juntos, e de facto havia ali uma grande comunhão, mas o Pedro sempre foi muito mais capaz, se quisermos, do que eu e muito mais rápido. O Pedro produzia e encontrava soluções muito mais depressa do que eu, e portanto não me lembro exactamente, mas admito; nós repartíamos o trabalho...*"[410]. Com efeito, esta duradoura parceria gerou verdadeiras e boas experiências, não apenas a nível profissional, mas também pela relação que tinha naturalmente intrínseca um companheirismo incitado pelos tempos da *Escola*.

[406] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[407] **RAPAGÃO, João; PEREIRA, Rafael Gonçalves (coord.)** – *Pedro Ramalho: projectos e obras de 1963 a* 1995. (p. 10).

[408] **LOPES, Nuno Lacerda** – *Arquitectura e modos de habitar: Sérgio Fernandez.* (p. 54-55).

[409] *Ibidem*.

[410] *Idem*. (p. 55).

José Quintão

Os primeiros contactos de José Quintão com a realidade profissional ocorreram ainda nos seus tempos de estudante. Desde muito cedo, começou a conciliar os estudos com as colaborações em diversos ateliers da cidade do Porto, nunca exercendo atividade em nome próprio. No final do terceiro ano, chegou até a interromper praticamente todos os estudos, com a exceção do *Curso Geral de Física*, para trabalhar. As primeiras experiências na profissão acabam por ser naturalmente marcantes, pela novidade e revelações que introduzem. Para José Quintão o início da atividade profissional ocorreu no atelier do arquiteto Vieira da Fonseca.

Consequentemente, as experiências de trabalho que se seguiram, revelaram-se por outro lado colaborações profissionais ainda mais memoráveis, verificando-se de extrema importância e influência sobre o percurso do jovem estudante. De facto, se a primeira incursão na profissão tinha ocorrido durante uma estadia relativamente curta, a subsequente passagem no atelier dos arquitetos Jorge Gigante e Francisco Melo prolongou-se por largos e gratificantes anos[411].

Da dinâmica deste atelier, dividida pela habitual presença de Francisco Melo no atelier e pelas constantes visitas às obras e trabalho de campo de Jorge Gigante, resultava uma forte capacidade de desenvolvimento de trabalho em equipa, que, conciliando vontades individuais, dava espaço à participação de cada um dos colaboradores que pelas suas portas passaram. Desses muitos momentos, recorda que no início "*... comecei a trabalhar com eles ainda em São Lázaro, depois passei para a rua D. Hugo e estive até casar, com eles.*"[412]. Como desenhador, acabava por trabalhar em vários projetos, "*... dava umas horas por dia, duas, três no máximo, e andava muito mais preocupado com os meus estudos do que com as com as obras que fazia ...*"[413]. Trazia

[411] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[412] **MALATO, Ana Rute** – *Francisco F. Melo e Jorge Gigante: a tradição não tem cobertura em telha*. (p. 42).

[413] *Idem.*

Atelier Jorge Gigante e Francisco Melo

fig. 35

Atelier de Jorge Gigante e Francisco Melo, visto da Ponte Luís I.

Percurso Profissional de José Quintão, 1959-1971.

PERCURSO ESCOLAR

CURSO DE ARQUITETURA

1960-61	1961-62	1962-63	1963-64	1964-65	1965-66	1966-67	1967-68
Arquitetura Analítica I	*Arquitetura Analítica I*	*Arquitetura Analítica II*	*Composição de Arquitetura I*		*Composição de Arquitetura II*	*Composição de Arquitetura III*	*Composição de Arquitetura IV*
	Desenho de Estátua	*Teoria das Sombras e Perspetivas*	*Teoria e História da Arquitetura I*		*Teoria e História da Arquitetura II*	*Teoria e conceção das estruturas* •	*Teoria e conceção das estruturas*
	História Geral da Arte I	*História Geral da Arte II*	*História da Arte em Portugal*		*Geografia Física*	*Urbanologia I*	*Urbanologia II*
	Matemáticas Gerais	*Estereotomia*	*Topografia Urbana*		*Higiene e Equipamento I*	*Higiene e Equipamento II*	*Estética e Teorias da Arte*
Geometria Descritiva	*Geometria Descritiva*	*Sociologia Geral*	*Estática aplicada à Construção I*		*Estática aplicada à Construção II*	*Geografia Humana*	*Economia*
	Curso Geral de Química Materiais	*Curso Geral de Física* •	*Curso Geral de Física* •	*Curso Geral de Física*	*Edificações*	*Organizações de projetos e estaleiros*	*Conjugação das Três Artes*

1970
RELATÓRIO DE ESTÁGIO

PERCURSO PROFISSIONAL

?

COLABORADOR DE VIEIRA DA FONSECA

"Olha eu tive bastante sorte, porque comecei a trabalhar no Vieira da Fonseca."

?-1968

COLABORADOR DE JORGE GIGANTE E FRANCISCO MELO

? -1966?

ATELIER NO PASSEIO DE SÃO LÁZARO, 3

"Ainda estive com eles alguns anos, ainda... comecei a trabalhar com eles em São Lázaro ..."

"Depois passei para o arquiteto Gigante, e estive durante muitos anos com o Gigante e com o Francisco Melo. E depois o Gigante acabou por ser meu professor e eu ainda trabalhava lá. (...) E foram anos profícuos, acho que sim. Por exemplo, no arquiteto Gigante estive mais tempo, e com quem mais contactava era com o Melo como é óbvio, ele é que estava sempre lá. O Gigante é que ia às obras, etc, e foi muito gratificando, tive sempre muita sorte com eles, muita sorte."

"Ah! Aliás, o Domingos... eu trabalhava com o Gigante e com o Melo quando o Domingos apareceu, já éramos colegas lá. Portanto, sempre tivemos uma relação de amizade assim muito grande."

1966?-1968

ATELIER NA RUA D. HUGO, 37

"... depois passei para a rua D. Hugo e estive praticamente até casar com eles."

1968-1970

COLABORADOR DE ARMÉNIO LOSA

1968-1970

ATELIER NA RUA DA ALEGRIA, 402-412

Cruzou-se com Beatriz Madureira, colaboradora entre 1966 e 1969

"E depois fui para o Arménio Losa. Portanto, eu tive sempre muita sorte nos meus empregadores. E depois do Arménio Losa saí para ir para Luanda para ir fazer o estágio. Mas estive dois anos no Arménio Losa, e como podem imaginar, de facto, uma pessoa estar a trabalhar com um arquiteto daquela categoria, uma pessoa acaba por absorver alguma coisa, pode é não ficar tão bom, mas nesse aspeto tive muita sorte.

1970-1974

COLABORADOR DE VASCO VIEIRA DA COSTA

na memória, nesse sentido, uma experiência mais comedida, mais de assistência, uma vez que "*... praticamente nunca fui assim muito interventor na medida em que me limitava a passar a limpo, pronto. Mas isto, como estive lá alguns anos, trabalhei em muita coisa, acudia a muita coisa.*"[414].

A José Quintão juntaram-se, desse modo, vários outros estudantes da *Escola do Porto* que, neste atelier, tiveram oportunidade de crescer e com os seus arquitetos puderam privar, como Domingos Tavares, Manuel Mendes[415] e Manuel Correia Fernandes, e mais tarde João Álvaro Rocha[416] e, naturalmente, José Gigante. Nesse sentido, seria igualmente de salientar "*... o papel tutelar do atelier (...). Destaca-se a paciência que os arquitetos teriam para explicar, ensinar a projetar e, no limite, quando as capacidades estavam adquiridas, e esta era merecida, garantir autonomia dos projetos aos próprios colaboradores.*"[417].

A este sentido formativo, de prolongamento escolar, aliava-se igualmente o ofício de arquiteto, na verdadeira aceção da palavra, numa prática consciente da sua responsabilidade e propósitos de atuação, dedicada a um sentido ético e moral, com a qual José Quintão estava em plena concordância, "*Porque nesse aspeto eles eram daqueles arquitetos que tinham um cuidado extremo com o que faziam... e não queriam reclamações e muito bem, como qualquer arquiteto que se preze.*"[418].

De facto, é sobre esta perspetiva que se evidencia o prolongamento das relações entre professores e estudantes para o ambiente profissional, ou vice-versa, uma vez que José Quintão esteve "*... durante muitos anos com o Gigante e com o Francisco Melo. E depois o Gigante acabou por ser meu professor e eu ainda trabalhava lá. (...) Portanto, eu tive sempre muita sorte nos meus empregadores.*"[419].

[414] **MALATO, Ana Rute** – *Francisco F. Melo e Jorge Gigante: a tradição não tem cobertura em telha*. (p. 43).

[415] **Manuel Augusto Soares Mendes** (1949-...) é um arquiteto natural de Nova Lisboa, atual Huambo, em Angola. Concluiu o curso de Arquitetura na ESBAP em 1974. Trabalhou como colaborador de Cristiano Moreira entre 1970 e 1972, de Jorge Gigante e Francisco Melo entre 1972 e 1974 e, posteriormente, de Fernando Távora. Em 1974 integrou a *Operação SAAL* da Brigada Técnica do Bairro da Maceda, dirigida por Alcino Soutinho e em 1975 ingressou no *Setor de Planeamento e Apoio* desta operação. Entre 1975 e 1992, em gabinete próprio, realizou vários projetos em coautoria com Carlos Guimarães, Camilo Cortesão e Mercês Vieira, e Manuel Botelho. Foi docente na ESBAP e, posteriormente, na FAUP, entre 1980 e 2019.

[416] **João Álvaro Rocha** (1959-2014) foi um arquiteto natural de Viana do Castelo. Frequentou o curso de Arquitetura, entre 1977 e 1982, obtendo o diploma em 1986. Iniciou a carreira de docente em 1988 na *Escola Superior Artística do Porto* e, a partir de 1990, foi professor na FAUP até 2001. Iniciou a atividade profissional em 1982, e trabalhou como colaborador dos arquitetos Jorge Gigante e Francisco Melo, desde 1983. Realizou trabalhos de coautoria com José Gigante, entre 1990 e 1994, e inicia o gabinete *João Álvaro Rocha – Arquitetos* em 1996.

[417] **MALATO, Ana Rute** – *Francisco F. Melo e Jorge Gigante: a tradição não tem cobertura em telha*. (p. 30).

[418] *Idem*. (p. 43).

[419] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

fig. 36
Atelier de Arménio Losa.

A esta gratificante experiência, sucedeu-se uma proveitosa passagem no atelier do arquiteto Arménio Losa. Concluída a frequência dos seis anos do curso de Arquitetura, José Quintão, antes de iniciar o relatório de estágio de fim de curso, colaborou ainda neste atelier, uma das grandes referências pela intervenção na defesa da modernidade e mais influente e conceituada prática profissional desenvolvida no Porto e no norte do país, nas décadas de 40 e 50[420]. Neste atelier permaneceu durante dois anos, "*... e como podem imaginar, de facto, uma pessoa estar a trabalhar com um arquiteto daquela categoria, uma pessoa acaba por absorver alguma coisa. Pode é não ficar tão bom, mas nesse aspeto tive muita sorte.*"[421], motivo pelo qual, salientou naturalmente os profícuos e prolíferos momentos nele passados. Durante esse tempo, chegou ainda a ser colega de Beatriz Madureira[422], quando esta também colaborou no atelier do arquiteto Arménio Losa, entre 1966 e 1969[423].

Sucintamente, das várias experiências profissionais recorda que "*... estava muitas vezes com o Melo, eu fazia muitas perguntas na altura, era muito jovem. E ele era uma joia. Eles os dois, mas eu com o Melo tinha muito mais confiança e o outro depois era meu professor. Se bem que ele nunca fizesse qualquer... deus me livre, foi sempre gentilíssimo comigo e com todos os que lá trabalharam, ninguém se pode queixar daqueles dois, eram uns patrões excecionais e numa altura em que havia bastante segregação entre patronato* (...) *mesmo depois eu com o Losa nunca senti nada disso com o Losa, foram sempre impecáveis. Tive sempre essa sorte, eu e todos os que lá andaram, foram sempre criaturas excecionais.*"[424].

Em janeiro de 1970, a finalização do curso de Arquitetura levou-o para Luanda. Aí concluiu o estágio nos *Serviços de Obras Públicas e Transportes de Angola*, com a realização de um projeto para a *Sede da Polícia de Segurança Pública* de Luanda. Assim, em outubro de 1970, José Quintão conclui a sua última experiência prática para obtenção do diploma de arquiteto.

[420] **ANDRADE, Sérgio** – "O arquitecto que sabia resolver as esquinas".

[421] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[422] **Beatriz Madureira** (1940-2017) foi uma arquiteta natural de Barcelos. Terminou o curso de Arquitetura em 1964, obtendo o diploma de Arquitetura em 1966. Lecionou na ESBAP e, posteriormente, na FAUP entre 1985 e 2002. Trabalhou como colaboradora de Álvaro Siza enquanto estudante, posteriormente com o arquiteto Victor Figueiredo em Lisboa e Arménio Losa no Porto e, desde 1967, pontualmente, com o arquiteto Alfredo Matos Ferreira. Entre 1974 e 1976 dirigiu a *Operação SAAL* da Lapa em conjunto com o arquiteto Alfredo Matos Ferreira.

[423] **U. PORTO** – *Beatriz Madureira (1940-2017).*

[424] **MALATO, Ana Rute** – *Francisco F. Melo e Jorge Gigante: a tradição não tem cobertura em telha*. (p. 44).

José Gigante

A importância que os ateliers do Porto tinham na formação dos vários estudantes de arquitetura é, de facto, incontestável, e essa influência, no caso de José Gigante, não é exceção. A sua ligação a vários gabinetes, como espaços de ensino, informais e não oficiais, antecedia ainda os seus tempos de estudante, com as visitas ao atelier que o seu pai tinha com Francisco Melo. Após a entrada no curso e à medida que o seu percurso escolar se foi desenvolvendo, começou a contribuir algumas horas neste atelier[425]. Como a experiência e o conhecimento na altura eram ainda muito curtos, não sentia necessariamente que houvesse uma grande troca de ensinamentos entre as aprendizagens escolares e as experiências prática. Pelo contrário, o atelier e as práticas nele experienciadas permitiam expandir o campo de atuação, pelo que quase todos os seus colegas procuravam também colaborar num gabinete: "*Eu estava no meu pai, o Barata estava no Távora, o Carlos Prata e o Henrique estavam no Losa, quer dizer, os escritórios do Porto eram, de facto, a nossa* Escola."[426].

Seria assim durante o terceiro ano do curso de Arquitetura que Gigante se arriscaria naquela que pode ser considerada a sua primeira experiência de prática profissional. O estudo de remodelação da *Tipografia Inova*, em 1972, "*... realizado em colaboração com o Francisco Barata, (...) abriu-nos os olhos para a importância da relação arquitecto-cliente e para a efectiva limitação do nosso campo de actuação disciplinar, constituindo o suporte prático de algumas das questões debatidas nas aulas.*"[427]. Nunca tendo sido construído, este projeto – a par dos projetos para a fachada da *Panificadora Gaiense*, em Vila Nova de Gaia, em 1972, e para o *Complexo Desportivo e Pavilhão Gimno-Desportivo*, para o *Estrela Vigorosa Sport*, no Porto, em 1973[428] – tornara-se

[425] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[426] *Ibidem.*

[427] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 14).

[428] Ambos integrados no atelier de Jorge Gigante e Francisco Melo.

num dos primeiros momentos em que Gigante viria o contato com a realidade da obra ser-lhe impedido, obrigando-o a esperar por oportunidades futuras. Apesar de representarem experiências que recorda com grande frustração, foram estas que "*... iam clarificando o «carácter académico» dos trabalhos escolares ...*"[429].

Em todo o caso, essa espera não foi muito longa, quando logo, em 1973, inicia "*... a montagem, (juntamente com o Francisco Barata e um amigo «polivalente», o Pedro Campos) de uma exposição para a Estaco, na Cooperativa Árvore, integralmente executada por nossas próprias mãos no local, sem o recurso a qualquer forma de representação gráfica prévia.*"[430]. Resultou num exercício único, para sempre recordado, "*... recheado de gozo e espontaneidade.*"[431].

O 25 de Abril trouxe mudanças consideráveis na prática profissional de José Gigante, levando-o "*... à rua, para, com um conjunto de colegas, trabalhar com associações de moradores nas zonas mais problemáticas da cidade do Porto.*"[432]. Durante o decorrer do quinto ano, juntamente com o seu grupo de trabalho, entrou em contacto com o *Centro Social de Santana*, onde desenvolveu um *Abrigo para Crianças*, o qual foi apresentado como trabalho final, uma vez que "*... a* Escola *aceitava trabalhos feitos cá fora ...*"[433]. É neste contexto que, quando a estrutura da *Operação SAAL Norte* é implementada, aproveitando-se dos estudantes que já estão no terreno, Gigante, ainda enquanto estudante, integra – e mais tarde coordena – uma das suas brigadas técnicas, no Bairro da Sé.

Ainda que frequentemente procurando o auxílio de vários professores e arquitetos, *"As verdadeiras* aulas *passavam-se no nosso escritório, quando, com esses contributos ou mesmo entre nós, discutíamos o sentido de cada trabalho ..."*[434]. Após a saída do arquiteto Manuel Teles da brigada, cujo atelier[435] era utilizado pelo grupo no início do processo SAAL, mudaram-se para uma salas na rua Clube Fluvial Portuense, junto à entrada do túnel da Ribeira, e aí permaneceram até à extinção do programa[436].

Fora da *Escola*, o trabalho das várias brigadas ia progredindo a uma velocidade frenética, "*Pressionados pela urgência da resposta às reivindicações populares...*"[437]. Destas intensas aprendiza-

[429] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 16)

[430] *Ibidem*.

[431] *Ibidem*.

[432] **MILANO, Maria** – *José Gigante*. (p. 9).

[433] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[434] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 20).

[435] Situado no Passeio de S. Lázaro, precisamente onde Jorge Gigante e Francisco Melo tinham tido escritório alguns anos antes. **GIGANTE, José** – *Resposta Pedido Colaboração PROJETO VOZES VIVAS*.

[436] *Ibidem*.

[437] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 23).

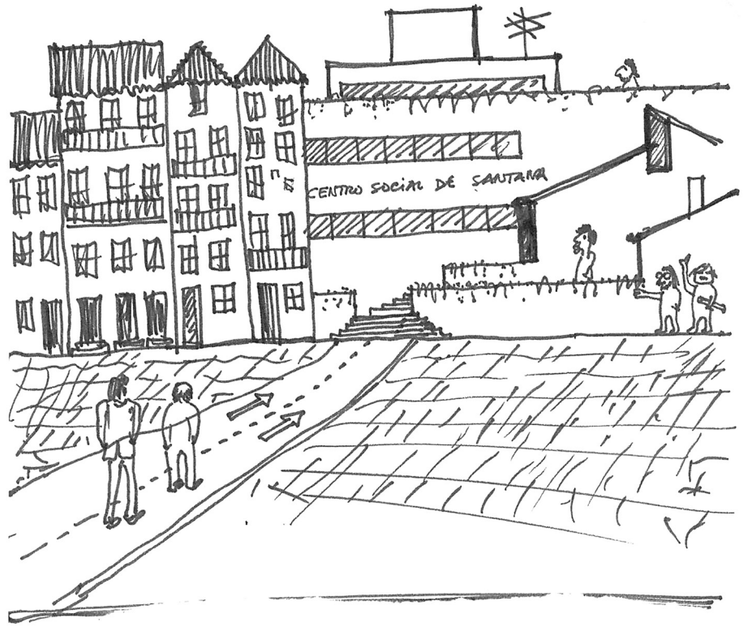


fig. 37 (acima)
Brigada SAAL da Zona da Sé, montagem de José Gigante.

fig. 38 (à esquerda)
"A nova Sede", desenho de José Gigante, 1974.

Percurso Profissional de José Gigante, 1969-1981.

1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981

1969
REGIME EXPERIMENTAL

1970
MORTE DE ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR

1974
REVOLUÇÃO 25 DE ABRIL

1974-1976
OPERAÇÃO SAAL

1976
CONSTITUIÇÃO REPÚBLICA PORTUGUESA

1979
CRIAÇÃO FAUP

PERCURSO ESCOLAR

CURSO DE ARQUITETURA

1969-70	1970-71	1971-72	1972-73	1973-74	1975-76
Arquitetura Analítica I	*Arquitetura Analítica I* *Desenho de Estátua* *História Geral da Arte I* *Matemáticas Gerais*	*Arquitetura Analítica II* *Teoria das Sombras e Perspetivas* *História Geral da Arte II* *Estereotomia*	*Composição de Arquitetura I* *Teoria e História da Arquitetura I* *História da Arte em Portugal* *Topografia Urbana*		*Composição de Arquitetura II* *Teoria e História da Arquitetura II* *Geografia Física* *Higiene e Equipamento I*
Geometria Descritiva	*Geometria Descritiva* *Curso Geral de Química*	*Sociologia Geral* *Curso Geral de Física*	*Estática aplicada à Construção I* *Curso Geral de Física* *Materiais*	*Curso Geral de Física*	*Estática aplicada à Construção II* *Edificações*

1981 RELATÓRIO DE ESTÁGIO

1981-2019 DOCÊNCIA

PERCURSO PROFISSIONAL

1971
COLABORADOR DE JORGE GIGANTE E FRANCISCO MELO

1971
ATELIER NA RUA D. HUGO, 37
Arquitetura Analítica I
Desenho de Estátua
História Geral da Arte I
Matemáticas Gerais
Geometria Descritiva
Curso Geral de Química

1972
Arranjo Fachada Panificadora Gaiense - anteprojeto

1973
Complexo Desportivo e Pavilhão Gimnodesportivo - anteprojeto

1972
Remodelação Tipografia Inova - anteprojeto (com Francisco Barata)

1973
Montagem Expo Estaco 73 (com Francisco Barata e Pedro Campos)

1974-1976
BAIRRO DA SÉ
OPERAÇÃO SAAL NORTE

1974-1975
ATELIER NO PASSEIO DE SÃO LÁZARO, 3
Enquanto Manuel Teles coordenou a Brigada Técnica

1975-1976
SALA NA RUA CLUBE FLUVIAL PORTUENSE
Junto à entrada do túnel da Ribeira (Com José Gigante como responsável)

1976
Casa de Férias em Viana do Castelo

1977-1992?
COLABORADOR DE JORGE GIGANTE E FRANCISCO MELO

1971
ATELIER NA RUA D. HUGO, 37

1977
Centro e Residência Paroquiais em Amarante (com Carlos Prata)

1978
Edifício Habitacional FFH em Lamego

1979
Edifício Banco Borges & Irmão

1979
Ampliação da Central Automática dos TLP de Gaia (2ª fase)

1981
Edifício de Habitação Coletiva - Cooperativa Cohaemato

gens, que ainda não conseguiam ter por base uma visualização global da operação, nasciam várias ideias de projetos, "*... nos quais quais a concepção nascia mais das imagens de que cada um dispunha no seu vocabulário pessoal do que de uma crítica colectiva ...*"[438]. Assim surge enquadrado um dos primeiros projetos realizados por José Gigante, integrados na *Brigada SAAL* da Sé, entre 1974 e 1981, um conjunto de equipamentos coletivos, dos quais faziam parte os *Balneários e Lavadouros*, ainda hoje em funcionamento[439].

A popular tradição em torno dos lavadouros públicos, onde habitualmente as mulheres se reuniam para lavar a roupa, e o número reduzido de balneários públicos na cidade do Porto, tornavam a proposta deste conjunto de equipamentos essencial à população do Bairro da Sé, já que resolvia duas questões urgentes, cumprindo as necessidades dos moradores[440].

Efetivamente, a abordagem do seu grupo centrava-se acima de tudo numa resposta eficaz que evitasse a desmobilização. Ainda assim, procuraram ir introduzindo critérios de intervenção, os quais partiram, principalmente, da "*... frequente participação de Fernando Távora, Álvaro Siza e Jorge Gigante na discussão dos últimos trabalhos da Brigada,* [que] *permitiu, aliás, uma maior consciência da importância destes temas numa relação directa com a definição das ideias base dos projectos e das directrizes gerais da operação de renovação da zona.*"[441].

Marcado pelos "*... acontecimentos que se sucediam num ritmo vertiginoso.*"[442], foi no decurso da sua participação nesta experiência que concluiu a parte escolar do curso de Arquitetura. No entanto, este momento foi acompanhado por uma certa sensação de frustração e "*... desespero e uma grande vontade de desistir.*"[443], pela extinção da *Operação SAAL*, em 1976. Após dois anos de trabalho árduo, a sua interrupção não permitiria que o estudo de recuperação dos edifícios da rua dos Mercadores chegasse a bom porto, vendo-se interrompido numa fase crucial, antes da sua construção. Terminava por isso esta experiência num momento de frustrantes incertezas, por não compreender "*Para que serviam afinal tantas ideias e projectos, se os desenhos estavam condenados a amarelecer no esquecimento dos arquivos?*"[444].

Foi por esse motivo que "*... nunca deixou de acompanhar a obra mesmo sem remuneração depois do fim do SAAL.*"[445]. Ainda em simultâneo com a permanência na Brigada, realizou

[438] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 23).

[439] *Idem*. (p. 23-24).

[440] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[441] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 24).

[442] *Idem*. (p. 18).

[443] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 25).

[444] *Ibidem*.

[445] **PRATA, Carlos** – *As determinantes do projeto e as circunstâncias do ato projetual e da obra*. (p. 28).

fig. 39 (acima)

Balneários e Lavadouros, *Operação SAAL* da Zona da Sé, 1974-77.

fig. 40 (abaixo)

Jorge Gigante, Francisco Melo, Fernando Santos, José Gigante e Pedro Mendo, desenho de José Gigante, 1981.

também uma recuperação de uma pequena *Casa de Férias*, em Viana do Castelo, entre 1976 e 1977. No entanto, considerando as circunstâncias de crise e instabilidade das condições de trabalho, o seu único recurso acabou por ser a entrada no ensino secundário, que procurou conciliar com alguns desses pequenos trabalhos[446], como os projetos para o concurso da *Grande Nave e Anexos*, em Braga, e do *Centro e Residência Paroquial* de Freixo de Cima. Como explica, "*Apenas o último, realizado com Carlos Prata, acabou por assumir a importância que a obra em construção naturalmente lhe conferia numa época em que permanecíamos desiludidos pelo espectro da não execução.*"[447].

Com o projeto de um *Edifício Habitacional para o FFH*, em Lamego, "*... na sequência da minha participação circunstancial no plano de pormenor que o integrava, (...) voltava de novo a sentar-me calmamente, a tempo inteiro, em frente ao estirador; e deixava que esse tempo corresse devagar, fixando os desenhos que fazia.*"[448]. Seria por isso com este projeto, no ano de 1978, que se consolidaria a entrada definitiva de José Gigante no atelier de Jorge Gigante e Francisco Melo, na rua D. Hugo, 37, um espaço que "*... funciona quase como «escola»,* [onde] *os colaboradores têm grande liberdade projectual.*"[449].

Dos longos anos de colaboração neste atelier, Gigante recorda os múltiplos ensinamentos que adquiriu, quer referentes a um campo disciplinar, quer ligados à forma de encarar o ofício e as pessoas com quem trabalha. A presença do pai, surgia como "*... o grilo de Pinóquio, uma consciência crítica que sem nos limitar, nos proporcionava uma natural sensação de segurança.*"[450], necessária para superar as limitações individuais. Para não pôr em causa uma sensação de autoria, "*... os projetos são assumidos em primeira mão pelos seus executores mais próximos,* [mas] *não deixa de existir um enquadramento crítico que (...) acaba sempre por filtrar as soluções e influir no seu desenvolvimento.*"[451].

Segundo José Gigante, "*... a um par com hábitos enraizados em anos de trabalhos comum – Jorge Gigante/Figueiredo Melo – vieram-se juntar colaboradores de outra geração, cada um por sua vez com os seus antecedentes e vícios próprios: é o meu caso, e, mais recentemente o do Pedro Mendo.*"[452], entre muitos outros colegas que por lá já haviam passado.

[446] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 25).

[447] *Ibidem*.

[448] *Idem*. (p. 26).

[449] **MILANO, Maria** – *José Gigante*. (p. 13).

[450] *Idem*. (p. 14).

[451] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 27).

[452] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 27-28).

Pedro Mendo é um arquiteto licenciado no curso de Arquitetura na ESBAP, em 1980. Trabalhou como colaborador no escritório de Jorge Gigante e Francisco Melo e exerce atividade profissional em escritório próprio desde 1999.

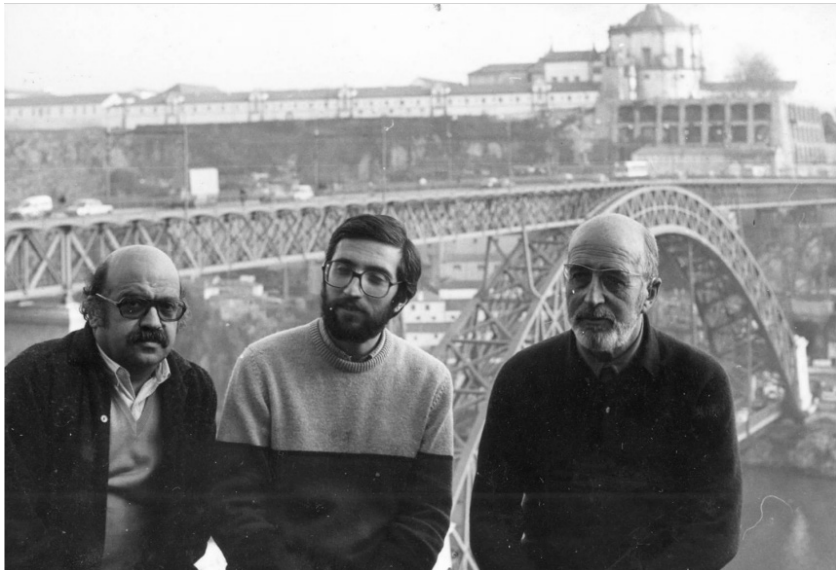


fig. 41 (acima)
José Gigante, 1973.

fig. 42 (abaixo)
Francisco Melo, José Gigante,
Jorge Gigante, 1983.

Se na altura Gigante não se apercebia de certos elementos que estavam em falta na formação escolar, as várias aprendizagens que foi recebendo no atelier permitiram colmatar algumas dessas lacunas. Como ilustra, "*... na Escola a concepção da obra esquecia quase sempre que ela se baseia fisicamente num sistema construtivo ...*"[453], entendimento que os seus primeiros projetos extraescolares também não compreendiam na totalidade, apenas encaixando o esquema estrutural após a forma estar desenhada. No entanto, ainda antes de entregar o diploma de arquiteto, já as várias experiências práticas haviam mudado a sua perceção sobre a verdadeira relação entre construção e arquitetura[454]. Salientam-se por isso os projetos para o *Edifício Banco Borges & Irmão*, em Braga, e a ampliação da *Central Automática dos TLP*, de Gaia, ambos iniciados em 1979.

Quando concluiu o curso de arquitetura, e recebeu o diploma de Arquitetura, em 1981, já outros projetos se encontravam por isso em desenvolvimento, "*...num atelier que pouco espaço de ventilação deixa entre trabalhos que se sucedem continuamente. O tempo de reflexão é, normalmente, o inerente ao desenvolvimento de cada tarefa.*"[455]. Por isso, o atelier de Jorge Gigante e Francisco Melo inevitavelmente representa, pelas diversas personagens que nele conheceu, pelos múltiplos ensinamentos que nele adquiriu e pelos imensos trabalhos que nele desenvolveu, um dos lugares de maior importância no percurso profissional de José Gigante, no qual a sua atividade, primeiro enquanto estudante, e depois como arquiteto formado, se estenderá ainda por largos anos.

[453] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 29).
[454] *Idem*. (p. 29-30).
[455] *Idem*. (p. 32).

3.1.3 a cidade: as atividades extracurriculares e os espaços culturais e recreativos

"*Continuamos construindo uma imensa cidade de evocações e recordações, e todas as cidades que visitamos são ambientes desta metrópole que chamamos de mente.*"[456]

[456] **PALLASMAA, Juhani** – *Os Olhos da Pele. A arquitetura e os sentidos*. (p. 64).

"Nós éramos sócios do Cineclube. Uma vez por semana havia uma sessão, em que se via cinema que não passava, digamos, nos circuitos. (...) um dos animadores era o Mário Bonito. Era arquiteto, também cinéfilo. Outra figura muito importante, que foi dirigente do Cineclube, e também do Cineclube infantil, era o pai do Alexandre Alves Costa, Henrique Alves Costa (...) conheci-os aí." [JG]

"Mas depois havia as pessoas que, no fundo, tinham outro tipo de pensamento que não aquele pensamento único do Estado Novo, que se reuniam através do Cineclube. O Cineclube teve uma importância muito grande, tínhamos o maior Cineclube do país..." [PR]

Rua do Rosário
CINECLUBE

"Havia, alia à beira do Piolho, uma livraria que era a UNICEPE, que tinha livros... encontravam-se livros que não havia." [JG]

Praça de Carlos Alberto, 128A
UNICEPE

PIOLHO
Praça de Parada Leitão, 45

"O Piolho, na altura, era um centro." [JG]

COOPERATIVA ÁRVORE
Rua de Azevedo de Albuquerque, 1

Rua de José Falcão, 78
DIVULGAÇÃO/LEITURA

CLUBE FENIANOS PORTUENSE
Rua Clube dos Fenianos, 29

"O Ateneu Comercial do Porto, os Fenianos, promovia m algumas coisas, lembro-me que havia bons concertos, houve bons concertos, houve bom teatro, esporádico. De maneira que como também não era muito, não havia muitas oportunidades, tudo isso eram pretextos para as pessoas irem e comentarem, isso é que era importante, comentava-se muito." [PR]

"... havia uma cena que era o Cineclube infantil, que pertencia ao Cineclube, e que era ao lado da Câmara, funcionava nos Fenianos. E o meu pai deixava-me lá ao Domingo à tarde..." [JG]

Rua do Bonjardim, 143
TEATRO RIVOLI

Rua do Ateneu Comercial do Porto (antiga Travessa de Passos Manuel)
TEP

"... quando eram filmes de outro tipo, íamos para o Teatro Experimental, que era em frente ao Restaurante Abadia." [JG]

PRIMUS
Rua do Dr. Magalhães Lemos
"Eu lembro-me de frequentar, por exemplo, a Primus, que era ali em Magalhães Lemos, em frente ao Rivoli ..." [PR]

Rua de Santa Catarina, 112
MAJESTIC

"Mas havia realmente o sítio onde a malta da Pintura e da Escultura e Arquitetura se juntavam, que era o Majestic. O Majestic era obrigatório, todas as noites a gente ia, saía de casa para ir ao Majestic." [PR]

"Havia um outro café, que eu lembro de ir com o meu pai, ainda não era aluno, que era o Magestic. (...) Eu ia lá à noite, muitas vezes, a seguir ao jantar, e encontrava-se ali malta de arquitetura, de pintura, de letras, escritores, etc." [JG]

A BRASILEIRA
Rua do Bonjardim, 116

ATENEU COMERCIAL DO PORTO
Rua de Passos Manuel, 44

TEATRO SÁ DA BANDEIRA
Rua de Sá da Bandeira, 108

COLISEU
Rua de Passos Manuel, 137

CONFEITARIA LOBITO
Largo do Padrão

"Nós convivíamos muito com raparigas e as raparigas só entravam em certas confeitarias, não entravam nos cafés, não era muito bem visto. De maneira que a gente ia ao Piolho, mas também ia a uma confeitaria que havia ali em Carlos Alberto (...) ou no Padrão, também havia uma confeitaria ali no Padrão..." [PR]

ASTÓRIA
Praça de Almeida Garrett

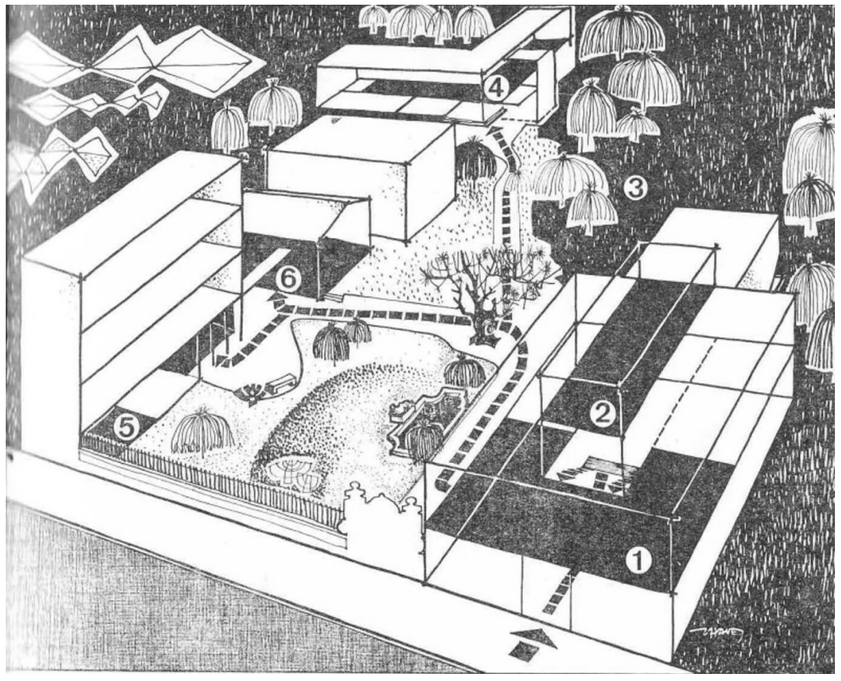
CINEMA BATALHA
Praça da Batalha, 47

"... tínhamos o maior Cineclube do país, com duas sessões que enchiam o Batalha e o Trindado, ao domingo ao fim da tarde." [PR]

SÃO LÁZARO
Avenida Rodrigues de Freitas, 335

ESBAP

"... uma cena passada no São Lázaro. Chama-se 'O Rapto do Serralho'. É engraçado, porque é um poster, salvo erro do ano 68, em que aparecem uma série de figuras no São Lázaro, entre eles o Zé Rodrigues, escultor, o Eugénio de Andrade, poeta, escritor, o Pacheco Pereira, que na altura era um intelectual maoista. (...) aparece o meu pai, aparece mais gente da arquitetura, e aparecem uns gajos numa mesa que são os cães da Pide. Na altura a gente via Pides em todo o lado. Eles tinham informadores a ouvir conversas, então quando estávamos no café tentávamos sempre adivinhar quem era os gajos da Pide." [JG]



[1] Salões do primeiro andar - Edifício Central.

[2] Salão Museu - Edifício Central.

[3] Jardim.

[4] Átrios e Salão - Pavilhão das Tecnologias.

[5] Átrio e Sala - Pavilhão de Arquitetuta.

[6] Pavilhão de Exposições.

fig. 43 (acima)

Da esquerda para a direita:

Cartaz de Exposição do escultor Henry Moore, no British Council.

Cartaz de Exposição do pintor António Quadros, na ESBAP.

Cartaz de Exposição do pintor Ângelo de Sousa.

fig. 44 (abaixo)

Esquema organizativa de Exposição Magna.

Pedro Ramalho

Nos idos de cinquenta e sessenta, vários eram os locais de profundas tradições culturais e académicas que se vivenciavam na Invicta. Era na simbiose da *Escola* com a cidade que se conformava todo um conjunto de interações e experiências culturais, numa época política e social extremamente vigiada. Ainda assim, segundo Pedro Ramalho, "*Vivia-se muito intensamente as oportunidades que iam surgindo ...*"[457]. Entre peças de teatro e filmes, concertos e bailes, livros e cimbalinos[458], fosse esporádica e rara ou quotidiana e rotineira, qualquer hipótese conformava um pretexto para convívios e discussões e abria novos palcos de aprendizagem. Nesse sentido, a relação entre colegas e professores, prolongada ainda para a vida profissional dos ateliers do Porto, fundia-se na vida dos cafés, dos cinemas, dos teatros e de tantos outros ambientes recreativos que na cidade se exploravam. E da opressão desabrochava um grupo de resistentes "*... ligados ao cinema, ao teatro, à arquitetura – a arquitetura tem um papel muito importante – gente de esquerda que convivia e promovia uma série de coisas ...*"[459].

Nesta perspetiva, a própria *Escola*, fomentando a comunicação entre as três artes e tentando não compartimentar o ensino, permitia proporcionar diversas interações e associações entre os estudantes dos diferentes cursos, abrindo inclusivamente as suas portas ao exterior, nas conhecidas *Exposições Magnas*[460]. O diretor Carlos Ramos, que fazia destas um grande acontecimento, procurava assim criar um espaço difusor de arte e de envolvimento académico e cultural, reunindo e expondo "*... os trabalhos dos alunos mais classificados durante o ano lectivo anterior a par dos dos professores a quem compete o ensino daquelas especialidades, dando*

[457] **LIVRARIA LELLO** – *Porto by Pedro Ramalho.*

[458] Expressão portuense para o expresso, derivada das máquinas de café italianas *La Cimbali.*

[459] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[460] As *Exposições Magnas* foram inauguradas no início da direção de Carlos Ramos, em 1952, e funcionavam como um catálogo anual de divulgação da produção artística da ESBAP.

assim a conhecer a seu tempo e publicamente, o produto das actividades profissionais e escolares de mestres e alunos."[461].

Foi nesse encontro entre pintura, escultura e arquitetura que Pedro Ramalho veio a conhecer várias personalidades e a estabelecer fortes amizades, algumas que se proporcionaram para toda a vida, nomeadamente com o pintor Ângelo de Sousa[462] e o fotógrafo Luís Ferreira Alves[463].

Simultaneamente, eram também promovidas na *Escola* outras manifestações, como a visita do arquiteto Lúcio Costa[464] à ESBAP, num encontro que se estendeu a uma aula no jardim. A estas juntam-se ainda diversas exposições extraescolares, onde surgia a oportunidade quer de divulgar a atividade de artistas portugueses, como o pintor António Quadros, ou de conhecer a produção artística de figuras internacionais, como o escultor Henry Moore. Seria nesse sentido que a *Escola* funcionava como um centro cultural, como reitera Pedro Ramalho, uma vez que "*Tinha um auditório, tinha uma sala de exposições. E isso não havia, não havia auditórios disponíveis, havia muito poucos auditórios, ou eram cinemas ou haveria... mesmo os auditórios que havia na Faculdade de Ciências eram os das aulas, não havia assim nada de especial. De maneira que se fazia muita coisa no auditório, é uma peça fundamental.*"[465].

Efetivamente, esta peça tornava-se essencial também como elemento de ligação entre a *Escola* e as atividades de âmbito profissional. Algumas das reuniões do Sindicato eram por isso organizadas na ESBAP, onde alguns alunos, com uma certa vocação para comunicar, eram convidados a participar. Desta forma, não era fomentada uma separação entre profissionais e aprendizes, ressaltando na verdade uma crença no "*... encontro dos mais velhos e dos mais novos...*"[466], propiciada por alguns arquitetos atentos às camadas mais jovens, como por exemplo Arménio Losa.

[461] **RAMOS, Carlos** – *Palavras Prévias. In* **ESBAP** – *I Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*.

[462] **Ângelo César Cardoso de Sousa** (1938-2011) foi um artista plástico e professor universitário natural de Moçambique. Em 1955 matriculou-se na ESBAP no curso de Pintura e viria a integrar o grupo denominado *Os Quatro Vintes*, juntamente com Armando Alves, Jorge Pinheiro e José Rodrigues. Foi um dos fundadores da Cooperativa Árvore (1964) e lecionou na ESBAP entre 1962 e 2000, destacando-se como um dos artistas marcantes da segunda metade do século XX português.

[463] **Luís Ferreira Alves** (1938-...) é um fotógrafo natural de Valadares. Em 1983 foi convidado pelo seu amigo Pedro Ramalho a apresentar num seminário da ESBAP um diaporama sobre a sua obra arquitectónica, e foi esse o ponto de partida para a sua actividade como fotógrafo profissional. Entre vela, corridas de moto, ralis e a sua paixão pelo cinema, tornou-se uma referência nacional da fotografia de arquitetura.

[464] **Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro Lima Costa** (1902-1998) foi um arquiteto e urbanista brasileiro natural de Toulon, na França. Concluiu o curso de Arquitetura e Pintura na *Escola Nacional de Belas Artes* (ENBA), do Rio de Janeiro, em 1924, da qual foi diretor entre 1930 e 1931. Foi o autor do *Plano Piloto da Cidade de Brasília*.

[465] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[466] *Ibidem*.

Este procurou ainda estimular um encontro entre diversas personagens, com a constituição de um grupo de urbanismo, onde se promoviam algumas reuniões, principalmente dedicadas a visitas de estudo, tendo em atenção que "*Era um período em que realmente não havia liberdade e a gente tentava conviver de outras maneiras ...*"[467]. Reuniam-se assim figuras de várias gerações, dinamizadas pelo arquiteto Losa, como José Forjaz[468], Sérgio Fernandez, Fernando Távora, Alcino Soutinho, Álvaro Siza, Jorge Gigante, Rui Pimentel, José Semide[469], ou o engenheiro Aires Pereira.

Paralelamente, como explica Pedro Ramalho, "*Ultrapassada a esperança da transformação política e cultural que o pós-guerra deveria proporcionar, vivia-se um período muito difícil em que a repressão se fazia em todos os campos. Apesar disso, ou por isso, o movimento renovador e a oposição ao regime continuou e foram muitas as figuras que nessa luta marcaram os anos 50. Entre eles Arménio Losa.*"[470]. A este se juntava Henrique Alves Costa[471], pai do seu companheiro na entrada para a ESBAP, Alexandre Alves Costa. Na rua do Campo Alegre, onde ficava a casa da família Losa, e na rua do Padre Alexandre[472], onde moravam os Alves Costa, encontravam-se as mais variadas coleções de discos, com muitos dos cantores sonantes na época[473]. Estas moradias representavam por isso alguns "*... dos poucos sítios abertos ao encontro e reunião dos que resistiam à apatia cívica e moral das instituições conservadoras.*"[474].

[467] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[468] **José Alberto Basto Pereira Forjaz** (1936-...) é um arquiteto natural de Coimbra. Começou a trabalhar como desenhador dos *Serviços Provinciais de Obras Públicas*, em Lourenço Marques, atual Maputo, e como estagiário de Pancho Guedes. Concluiu o curso de Arquitetura na ESBAP, em 1966, e trabalhou como colaborador de João Andresen, Arnaldo Araújo e Octávio Lixa Filgueiras. Abriu escritório próprio no Essuatíni e no Botswana entre 1968 e 1974, ano em que regressou a Moçambique, estabelecendo uma atividade profissional extremamente influente no continente africano.

[469] **José Baptista Semide** (1930-1985) foi um arquiteto natural de Coimbra. Concluiu o curso de Arquitetura em 1962 e obteve o Diploma de Arquitetura, em 1964, na ESBAP, com a prova *Plano Director da Cidade de Aveiro (Gabinete de Urbanização da CMA).*

[470] **RAMALHO, Pedro; MENDES, Manuel** – *Uma homenagem a Arménio Losa*. (p.5).

[471] **Henrique Alves Costa** (1910-1988) foi um Cineclubista natural do Porto. Desempenhou um papel fundamental na divulgação do cinema do Porto. Não tendo integrado o núcleo fundador do Clube Português de Cinematografia, em 1945, a ele aderiu logo dois anos depois. A História do Cinema Português não seria a mesma sem esta figura, que escreveu os livros *Breve História do Cinema Português*, *A Longa Caminhada para a Invenção do Cinematógrafo* e *Raul de Caldevilla*.

[472] Talvez se estivesse a referir à rua 15 de novembro transversal à rua do Padre Alexandre, onde atualmente se situa o atelier de Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez. **RAMALHO, Pedro** – *Resposta Pedido Colaboração PROJETO VOZES VIVAS.*

[473] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[474] **RAMALHO, Pedro; MENDES, Manuel** – *Uma homenagem a Arménio Losa*. (p. 5).

fig. 45

Grupo de Urbanismo 1: dinamizado pelo arquiteto Arménio Losa.

fig. 46

Grupo de Urbanismo 2: Pedro Ramalho, Alcino Soutinho, Sérgio Fernandez, Fernando Távora, Arménio Losa (em pé), José Forjaz, José Semide, Aires Pereira, Álvaro Siza, (desconhecido).

fig. 47

Grupo de Urbanismo 3: Alcino Soutinho, José Semide, Pedro Ramalho, Jorge Gigante, Fernando Távora, Rui Pimentel e Álvaro Siza.

fig. 48

Casa de Arménio Losa 1: Margarida losa, Arménio Losa, Alexandra Losa e Ilse Losa.

fig. 49

Casa de Arménio Losa 2: Alexandre Alves Costa, Carlos Simão (em pé), Alexandra Losa, Margarida Losa e Pedro Ramalho.

fig. 50

Casa de Arménio Losa 2: Convívio.

RESIDÊNCIA BOAVISTA [1]
Avenida da Boavista, 2343
(entrada no curso)

RESIDÊNCIA ALVES COSTA

CONFEITARIA PENINSULAR

"Uma casa em que eu morei - que era do Arménio Losa - enquanto era solteiro."

"Esta fotografia foi tirada na Carvalhosa, quando eu morava no prédio. Estou eu e o Alexandre a fazer o primeiro projeto ainda na Velha Reforma."

Rua da Boavista, 571
(estudante)

BLOCO DA CARVALHOSA [2]

"... começaram a aparecer uns trabalhos maiores e nós nessa altura mudámos para a rua Arquiteto Marques da Silva, aqui no Bom Sucesso."

Rua Arquiteto Marques da Silva
* com Sérgio Fernandez

ATELIER BOM SUCESSO

Rua Fernão Lopes, 157
(atual)

ATELIER FOZ

ATELIER PRAÇA GALIZA
Rua do Campo Alegre, 17
* com Sérgio Fernandez
* a título individual

"E depois quando o Losa nos propôs fazer a Quinta da Conceição, nós ocupamos então um escritório bastante maior, já era um escritório a sério, era um edifício de escritórios na Praça da Galiza. E estive lá muitos anos..."

"... depois o Sérgio começou a trabalhar com o Alexandre Alves Costa, nós já estávamos na rua do Campo Alegre e eu achava que aquilo não dava, ou trabalhava comigo ou trabalhava com a concorrência, e separámo-nos."

"Quando comecei a trabalhar com o Otávio Filgueiras, estava no segundo ano da Nova Reforma, no final de 58, e ele ainda tinha atelier no edifício do EIO, que é o edifício onde está o infante de Sagres, na Praça D. Filipa de Lencastre."

Praça D. Filipa de Lencastre

EDIFÍCIO EIO

"Isto já uma coisa familiar, a minha família, eu estou aqui com os meus filhos na altura, que anos teria eu... era em 60 e poucos."

Rua de Santo Ildefonso, 539
(estudante, com filhos)

RESIDÊNCIA CAMPO 24 DE AGOSTO [4]

FAUP

CARLOS ALBERTO

DIVULGAÇÃO

RESIDÊNCIA PASTELEIRA [5]
Rua João Baptista Lavanha, 55

RESIDÊNCIA FOZ [6]
Rua do Veludo, 58
(atual)

CINECLUBE

PIOLHO

PRIMUS

RIVOLI

TEP

ATENEU

MAJESTIC

COLISEU

LOBITO

A BRASILEIRA

SÁ DA BANDEIRA

FACULDADE CIÊNCIAS

JARDIM CORDOARIA

ASTÓRIA

JARDIM SÃO LÁZARO

BATALHA

ESBAP

ÁRVORE

RESIDÊNCIA CORDOARIA [3]
Rua do Dr. Barbosa de Castro
(estudante, casado)

"Isto é um convívio em nossa casa, eu já era casado."

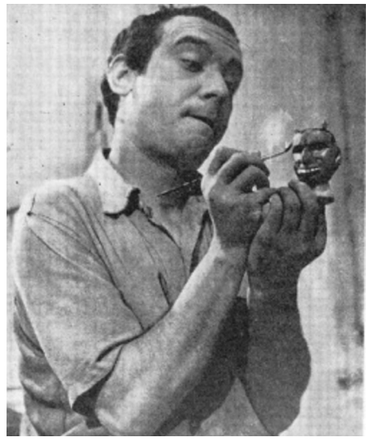
ATELIER RUA BARÃO DE SÃO COSME
Rua Barão de São Cosme
* colaborador de Lixa Filgueiras
* Sociedade com Sérgio Fernandez e Alcino Soutinho

"O Laurentino que era o dono da tabacaria morava aqui."
"Numa casa, ele ocupava o rés-do-chão, e havia dois andares. E nesses dois andares, um deles foi para o Filgueiras, outro para o Arnaldo, o de baixo suponho que era do Rui Pimentel, e o de trás era uma associação de gravadores, António Quadros, Bronze..."

Eu comecei neste [na frente do segundo andar]. *Depois fiz uma sociedade com o Sérgio, passámos para o segundo* [nas traseiras do segundo andar]. *Depois veio a cooperativa de gravação, saiu, nós passámos para lá* [nas traseiras do primeiro andar]. *E no fim passámos a ter o andar, o principal, que era este* [na frente do primeiro andar]."

"Aquela fotografia que está ali, que é o Sérgio, eu e o Soutinho chegámos a ter uma sociedade. Aqui já no andar de baixo, mas nas traseiras."

Residências, ateliers profissionais e espaços culturais e recreativos, do percurso de Pedro Ramalho.



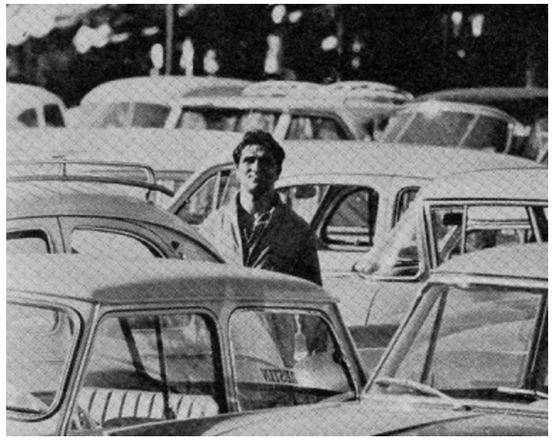


fig. 51 (acima)

Da esquerda para a direita:

Dom Roberto, Ernesto de Sousa, 1962.
Belarmino, Fernando Lopes, 1964.

fig. 52 (abaixo)

Da esquerda para a direita:

Verdes anos, Paulo Rocha, 1963.
Mudar de Vida, Paulo Rocha, 1966.

Figuras de relevo no panorama cultural portuense, ambos foram procurando estabelecer diversas ligações, dinamizando e criticando, unindo-se nos esforços pela divulgação de inúmeras iniciativas culturais. Henrique Alves Costa, uma figura incontornável da cinefilia nacional, suscitava justamente nestes jovens um enorme interesse pelo cinema. Foi sob a sua direção que o *Cineclube do Porto* (CCP) se tornou o maior do país, "*... com duas sessões que enchiam o Batalha e o Trindade, ao domingo ao fim da tarde.*"[475]. Pedro Ramalho relembra assim várias das inovadoras obras que marcaram a sua cultura cinematográfica da época: Ernesto de Sousa a realizar "Dom Roberto" (1962), Paulo Rocha com os "Verdes Anos" (1963) e "Mudar de Vida" (1966) ou Fernando Lopes e o seu "Belarmino" (1964)[476].

Noutros encontros culturais, o jovem arquiteto atendia a espetáculos promovidos pela Companhia Profissional do *Círculo de Cultura Teatral* (CCT) no *Teatro Experimental do Porto* (CCT-TEP), que pela mão de António Pedro[477] revolucionaram o teatro português. Funcionava na antiga Travessa de Passos Manuel, hoje denominada rua do Ateneu Comercial do Porto. No Coliseu do Porto, assistia a recitais de poesia, dos quais destaca a *Companhia Maria Della Costa* (1957), ou o espetáculo de Marcell Marceau (1962), ou ainda, no cinema Batalha, os concertos semiclandestinos de Fernando Lopes da Graça. Acompanhava também as palestras, conferências e exposições culturais da *Árvore – Cooperativa de Atividades Artística*, no Passeio das Virtudes, e aparece ocasionalmente nos bailes ou atividades do Clube Fenianos Portuenses e do Ateneu Comercial do Porto.

Recorda a livraria *Divulgação*, aberta ao público em 1958, primeiramente localizada na praça de D. Filipa de Lencastre, no sétimo andar do edifício número 22, e posteriormente denominada *Leitura*, e transferida para a esquina da rua de Ceuta, número 88, com a rua José Falcão[478]. Esta era conduzida por Fernando Fernandes[479], "*... um dos últimos livreiros na verdadeira aceção da palavra ...*"[480], e frequentada por inúmeras personagens, incluindo o pintor Armando Alves.

[475] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[476] **RAMALHO, Pedro** – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP.

[477] **António Pedro da Costa** (1909-1966) foi um encenador, poeta e pintor natural da Cidade da Praia, em Cabo Verde. Foi diretor do *Teatro Apolo* em Lisboa, no ano de 1949, e fundou e dirigiu o *Teatro Experimental do Porto* (TEP), entre 1953 e 1961. Foi crítico de arte e cronista da BBC em Londres entre 1944 e 1945. Em 1940, realizou a primeira exposição surrealista em Portugal com António Dacosta e Pamela Boden.

[478] **LEITE, Pedro Pereira** – *Pela Estrada Larga: Fernando Fernandes e a memória duma geração de livreiros*. (p. 13).

[479] **Fernando de Lima Pinho Fernandes** (1934-2018) foi um livreiro natural de Espinho. Entre 1952 e 1955 dirigiu a secção de livros da *Papelaria Aviz*. Foi preso pela PIDE, em 1955, pela afiliação ao *Movimento da Unidade Democrática* (MUD). Foi libertado em 1958, ano em que, com Carlos Porto, José Augusto Seabra e Vítor Alegria, fundou e dirigiu a *Livraria-Galeria Divulgação*, entretanto apelidada de *Leitura*.

[480] **CORREIA, André Manuel** – "A Leitura chega ao fim – o adeus a uma livraria onde se escreveu história".

Importa relembrar que "*... a* Divulgação *não foi só uma livraria. Ela teve também, logo de início, a componente de «galeria» de arte ...*". Nas livrarias do seu tempo, a inclusão de uma galeria representava uma grande inovação, principalmente por não ser utilizada para venda de arte. Pelo contrário "*Era uma galeria de «divulgação» da arte, dos trabalhos de novos autores, de novos temas de expressão estética.*"[481].

Depois da sua inauguração[482], entre 19 e 30 de junho de 1959, várias outras exposições foram organizadas com diversos autores, entre os quais a exposição de Ângelo de Sousa, organizada por José Pulido Valente[483].

Paralelamente, também os espaços públicos acomodavam muitas vivências exteriores, complementando as múltiplas atividades lúdicas e recreativas que se frequentavam ou participavam na cidade. A Praça da Liberdade e a Ribeira representavam pontos de paragem e convívio obrigatórios para Pedro Ramalho, bem como o Jardim de São Lázaro, conveniente pela sua proximidade à ESBAP.

No entanto, o principal lugar de encontro, informal e inevitável, era os cafés. Espaços de acolhimento e socialização, "*... conforme os grupos, conforme as tendências políticas ...*", os cafés surgiam como locais de paragem obrigatória, e estabeleceram-se como hábito diário durante largos anos, de modo que "*As pessoas reuniam-se nos cafés, e pessoas de várias gerações, (...) não era só gente nova, nem só gente de meia idade ou velha, havia uma mistura muito grande.*"[484].

Para além do *Astória*, no atual *Hotel Intercontinental*, e d'*A Brasileira*[485], na rua do Bonjardim, frequentava a *Primus*, "*... um misto de café e confeitaria à volta de cujas mesas eram certos, a determinadas horas do dia, o arquitecto* [Arménio] *Losa e a mulher, a escritora Ilse Losa...*"[486], em frente ao *Teatro Rivoli*. À noite refugiava-se no *Magestic*, imprescindível ponto de encontro, onde quer estudantes quer docentes de Pintura, Escultura e Arquitetura se juntavam, e onde se proporcionaram algumas tertúlias durante o período da *Faculdade de Ciências*[487]. Ao

[481] **LEITE, Pedro Pereira** – *Pela Estrada Larga: Fernando Fernandes e a memória duma geração de livreiros*. (p. 14).

[482] Contando com nomes das Belas Artes como Amadeu de Sousa Cardoso, Armando Basto, Carlos Botelho, Domingos Alvarez, Dórdio Gomes, Eduardo Viana, Júlio Resende, Manuel Ribeiro de Pavia, Mário Eloy, Vieira da Silva. *Ibidem*.

[483] *Ibidem*.

[484] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[485] "*Com uma curiosidade os homens da Esquerda sentavam-se ao lado direito; e os da Direita ocupavam as mesas dispostas no lado esquerdo.*". **DIAS, Teodósio** – "Cafés do Porto – A Brasileira". *Ruas da minha Terra – Porto*.

[486] **SILVA, Germano** – "Em Louvor dos Cafés do Porto". *In* **DIAS, Teodósio** – "Ainda os cafés do Porto". *Ruas da minha Terra – Porto*.

[487] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

mesmo tempo e dependendo da companhia, as visitas a determinados cafés eram conciliadas com a frequência de confeitarias, de boa imagem, uma vez que "*Nós convivíamos muito com raparigas e as raparigas só entravam em certas confeitarias, não entravam nos cafés, não era muito bem visto...*"[488]. De modo que, frequentavam a confeitaria *Lobito*, no Largo do Padrão, mas passavam também naturalmente pel'*O Piolho*.

O jovem estudante retrata assim uma geração que verdadeira e intensamente conheceu e viveu os grandes cafés portuenses, em que estes representavam um local obrigatório de paragem, indicavam um ponto de escala entre viagens, eram razão de ser de muitos percursos e caminhos pelo Porto. E de facto, para além dos cafés, que constituíam um expoente desse mundo de convivências, diversos lugares, públicos ou privados, interiores ou exteriores, mais ou menos informais, representaram marcos incomensuráveis de resistência contra o Estado Novo, preponderantes nas memórias da cidade vivida por Pedro Ramalho.

[488] *Ibidem*.

José Quintão

Atentando nas possibilidades e oportunidades de convívio e encontro que iam surgindo na altura em que José Quintão era estudante na *Escola do Porto*, mesmo vivendo um intenso clima de opressão, proporcionavam-se várias vivências e ambiências pela cidade.

Havia efetivamente várias formas de aprendizagem viabilizadas em momentos de caráter mais informal, noutras ambiências. Mas apesar deste conjunto de momentos menos institucionais que se iam realizando, a verdade é que a realidade experienciada por José Quintão, nos tempos fora da ESBAP, acabava por estar bastante condicionada, fosse pelo pouco tempo livre que este tinha, ou por outras casualidades ou inconveniências da vida, ou simplesmente pela sua maneira de ser.

Como explica, "*Havia muito disso lá, havia muito, sempre. Eu não... eu demarcava-me disso por uma razão muito simples, porque saía de lá a correr para ir trabalhar, porque eu precisava de dinheiro e não... e não podia. Ou também porque se calhar não se proporcionava, ou não era tão dado como isso, não sei... a gente vai-se modificando ao longo dos tempos.*"[489]. Nesta perspetiva, a sua intervenção ou participação em certos círculos culturais da cidade do Porto não era claramente a mais ativa ou intensa.

Não obstante, José Quintão acabou naturalmente por estabelecer várias relações, mesmo que originadas ou derivadas de um contexto sobretudo profissional, nos ateliers por onde colaborou no Porto. Talvez de uma forma bastante mais indireta ou meramente alusiva, o seu contacto com colegas mais velhos, com professores ou arquitetos com permitiu-lhe necessariamente adquirir certos fundamentos ou conhecimentos, privando dessas transmissões e comunicações.

Nesse sentido, seria de destacar o colega Domingos Tavares, uma vez que "*... sempre tivemos uma relação de amizade muito grande.*"[490]. Um ano mais velho, Domingos Tavares cruzou-se com José Quintão quando este já colaborava no atelier de Jorge Gigante e Francisco Melo. Esta relação prolongou-se também depois para futuros ambientes profissionais.

Também o final do curso o levou para um lugar novo, com o estágio em Luanda. Foi a partir dessa envolvência que o seu caminho se cruzou com o do colega Manuel Correia Fernandes, no atelier de Vasco Vieira da Costa[491], com quem estabelece uma forte relação que continuou quando ambos regressaram ao Porto.

No entanto, importa principalmente salientar que, com o passar dos anos, as vivências e experiências em diferentes contextos levaram José Quintão a reconhecer que "*... por exemplo, tive muito mais convivência com os meus colegas depois de docente do que propriamente enquanto aluno, mas de longe, de longe.*"[492].

Efetivamente, as memórias deste jovem estudante pela cidade do Porto ficaram marcadas pelas ambiências que mais o contextualizavam. Neste caso, considerando o tempo que o trabalho e a escola lhe tomavam os percursos do seu quotidiano prendiam-se principalmente com certos lugares, envolvendo principalmente locais em torno da *Escola*, locais onde trabalhou e locais onde residiu.

Desde a sua chegada ao Porto, aquando da entrada no ensino superior, e durante quase toda a duração do curso de Arquitetura na ESBAP, José Quintão residiu no primeiro andar de uma moradia na rua de Cedofeita, 381, bastante perto da zona central do Porto. Nesse sentido, durante os largos anos em que trabalhou no atelier dos arquitetos Jorge Gigante e Francisco Melo, as suas deslocações centraram-se entre a zona da Cedofeita e a zona da Sé, intercaladas com o percurso obrigatório até São Lázaro, para a *Escola*.

Paralelamente, antes de realizar o estágio de fim de curso, a cidade de José Quintão seria ainda marcada pela passagem na rua da Alegria, 402-412, onde se encontrava o atelier do arquiteto Arménio Losa. Nesta altura, as suas deslocações já não o levariam até à ESBAP, por isso concentravam-se mais fortemente apenas entre o lugar onde se localizava o atelier e a sua residência.

[489] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[490] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[491] **Vasco Vieira da Costa** (1911-1982) foi um arquiteto natural de Aveiro. Formou-se na ESBAP entre 1940 e 1946, prolongando os estudos como bolseiro no *Instituto de Urbanismo da Faculdade de Ciências de Paris*, colaborando no atelier de Le Corbusier. Completou a sua prova final intitulada *Uma Cidade Satélite para a Capital de Angola*, em 1949, a primeira prova prestada na área de urbanismo. Em 1950, regressa a Angola, onde exerceu maioritariamente a sua atividade profissional, da qual se destaca o *Mercado de Quinaxixe* (1950).

[492] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

RESIDÊNCIA MATOSINHOS [6]
Rua Teixeira Pascoaes, 139

TORRE MONTEPIO [5]

Rua Júlio Dinis, 656, 8º (antes de ir para Luanda, casado)

"Depois, tirei cá o curso, casei, tive o meu primeiro filho e depois fui para África..."

"... eu quando venho aos 16 anos vivia em Braga com a minha mãe, porque a minha mãe tinha lá os irmãos, os meus tios, a família toda de Braga. Depois, venho para o Porto quando resolvo ir estudar arquitetura, e nessa altura venho para o Porto."

Rua da Cedofeita, 381 (chegada ao Porto)
RESIDÊNCIA CEDOFEITA [4]

FAUP

FACULDADE CIÊNCIAS
JARDIM CORDOARIA

ATELIER MANUEL CORREIA FERNANDES
Rua dos Navegantes (Operação SAAL)

"Fiz parte das brigadas SAAL, da maior brigada SAAL, que era de São Pedro da Cova, que é do Manuel Correia Fernandes. E foram uns anos em que deu tudo quanto tinha para dar às noites, aos dias. E de facto, foi uma experiência notável, isso foi."

ATELIER ARMÉNIO LOSA
Rua da Alegria, 402-412

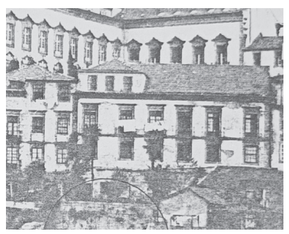
"... estive 2 anos no Arménio Losa, e como podem imaginar, de facto, uma pessoa estar a trabalhar com um arquiteto daquelas categorias, uma pessoa acaba por absorver alguma coisa, pode é não ficar tão bom, mas nesse aspeto tive muita sorte. E foram anos profícuos, acho que sim."

"A Beatriz Madureira, por exemplo, fui depois colega dela enquanto trabalhava no Losa."

"E depois do Arménio Losa saí para ir para Luanda para ir fazer o estágio."

ESBAP
SÃO LÁZARO

ATELIER JORGE GIGANTE E FRANCISCO MELO
Rua D. Hugo, 37



"... depois passei para o arquiteto Gigante, e estive durante muitos anos com o Gigante e com o Francisco Melo. E depois o Gigante acabou por ser meu professor e eu ainda trabalhava lá."

"No arquiteto Gigante estive mais tempo, e com quem mais contactava era com o Melo, como é óbvio. Ele é que estava sempre lá, o Gigante é que ia às obras, etc. E foi muito gratificante, tive sempre muita sorte com eles, muita sorte."

RESIDÊNCIA QUELIMANE [1]
Moçambique, África

"... saí de lá com dois anos, nunca lá mais voltei."

RESIDÊNCIA MOÇAMBIQUE [2]
África

"Eu vim para Portugal continental, na altura aquilo era Portugal Ultramarino, eu vim com dezasseis anos e nunca mais voltei a Moçambique."

RESIDÊNCIA BRAGA [3]
Família materna

"Eu quando venho aos 16 anos vivia em Braga com a minha mãe, porque a minha mãe tinha lá os irmãos, os meus tios, a família toda de Braga."

Residências, ateliers profissionais e espaços culturais e recreativos, do percurso de José Quintão.

Concluídos os seis anos de percurso escolar, "*... casei-me, tive o primeiro filho e depois fui para África.*"[493].

Antes de partir para Luanda durante quatro anos, as vivências de José Quintão seriam também marcadas pela conhecida torre de habitação desenhada pelo arquiteto Agostinho Ricca[494]. Mandada contruir pelo *Montepio Geral* é o primeiro dos edifícios em altura destinado a habitação plurifamiliar a ser concebido na cidade do Porto (1959-1964). Foi num dos apartamentos do oitavo andar que José Quintão viria a constituir residência. As suas memórias são por isso, nesta fase da sua vida, marcadas por dois lugares plenamente distintos, o Porto e Luanda.

[493] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[494] **Agostinho Ricca Gonçalves** (1915-2010) foi um arquiteto natural do Porto. Concluiu o curso de Arquitetura na ESBAP, em 1941, e durante este período foi discípulo de Marques da Silva. Após a licenciatura trabalhou como colaborador de Januário Godinho, entre 1940 e 1945, integrou o *Gabinete de Urbanização* da *Câmara Municipal do Porto* e, em 1943, iniciou atividade profissional em regime liberal. Lecionou a cadeira de *Arquitetura* na ESBAP entre 1953 e 1959, por convite de Carlos Ramos e regressou mais tarde, lecionando entre 1977 e 1980.

fig. 53
Jorge Gigante, livro dos
Quartanistas da ESBAP, 1954.

José Gigante

Pautado por uma familiar ligação às estórias e memórias da *Escola do Porto*, José Gigante cedo ficou "*... marcado pelo abraço do meu pai e, no seu livro do Curso de Arquitectura da ESBAP, ainda com 2 anos, eu já ali estava.*"[495]. Assim, quando entrou no curso de Arquitetura da ESBAP, rapidamente tomou consciência que entre "*... a Arquitectura e a Vida, não existia, afinal, qualquer diferença...*"[496], e no seu encontro afloravam e divergiam múltiplas possibilidades, numa natural interdisciplinaridade de campos culturais, sociais e políticos.

Da *Escola* emergia assim um núcleo de amizades e cumplicidades que não se cingiam unicamente ao campo da arquitetura, prolongando-se inclusivamente pelos cursos de Pintura e Escultura. Essa relação definia uma certa proximidade comum dentro dos muros de São Lázaro, já dos tempos do seu pai, que "*... entre os amigos contava com muita gente. Lembro-me do Ângelo de Sousa, o José Rodrigues, uma série deles.*"[497]. E, de facto, entre companheirismos ou camaradagens, encontros amorosos ou afeições românticas, esses envolvimentos até eram mais comuns fora do tempo de aulas.

Traçando ainda uma clara associação entre os alunos e os vários espaços da cidade, num foro mais privado, as casas dos professores e dos colegas, surgiam como complemento de vivências e partilhas, numa simples relação que, nascendo na *Escola*, era perpetuamente continuada fora da mesma. José Gigante recorda Nicolau Brandão, recém professor do curso, que "*... morava na esquina da ESBAP, na Avenida Rodrigues de Freitas, na esquina com a rua de São Vítor. No sótão, ele tinha uma coleção de discos espantosa. Para já tinha todos os discos dos Beatles, entre muitos discos de música anglo-saxónica. Então, aprendi muito aí a ouvir música.*

[495] **GIGANTE, José** – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP. (p. 5).

[496] *Idem*. (p. 11).

[497] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

Íamos para lá, para casa dele, e ouvíamos música, a dar com um pau. Íamos para lá desenhar ..."[498]. Por lá passavam colegas de vários anos, como Manuel Mendes, Carlos Prata, Francisco Barata, Domingos Júnior, Fernando Maia Pinto, Ricardo Figueiredo, e ainda o arquiteto José Pulido Valente[499]. Naturalmente, não seria unicamente com o arquiteto Nicolau Brandão que partilhou este género de afinidades, aliás "*... mais tarde tive outro professor, que também nos levava para casa dele ouvir música, que era o Alberto Carneiro, escultor. Aí já era Pink Floyd.*"[500]. A sua formação partia por isso dos mais múltiplos campos, que não se cingindo apenas às ambiências escolares, passava "*... pelo folhear de livros e revistas, pela vivência do atelier da Rua de S. Vitor, pelas conversas do S. Lázaro, pelos tempos livres passados em comum, pelos memoráveis encontros de futebol no campo da Ervilha e as decorrentes petiscadas.*"[501].

Favorecendo neste sentido o encontro e partilha entre colegas mais velhos ou mais novos, as casas e salas que dividiu conjuntamente tornavam-se assim lugares de debate e cruzamento de ideais, marcando indelevelmente as suas memórias e estórias. Apesar de nunca lá ter morado verdadeiramente, a pequena meia-cave que durante a década de 70 partilhou com o seu amigo António Amorim dos Santos[502], na rua da Cruz, "*... servia para estar com uns amigos e com a minha namorada. Nunca me esquecerei que estava lá quando acordei na manhã do 25 de Abril de 1974 e ouvi na rádio a notícia do golpe revolucionário.*"[503], o dia mais feliz da sua vida, "*Nem quando tive filhos fui tão feliz. A sensação de liberdade. Indescritível.*"[504].

Já num foro mais público, nas ambiências coletivas que se desenvolviam pelo Porto, a panóplia de atividades, dentro dos limites impostos pelo regime ditatorial, eram várias e José Gigante procurava expandir os seus gostos e interesses para além do campo da arquitetura. Como explica, "*... os meus amigos a maior parte, metade ou mais, não são arquitetos. E isso salvou-me um bocado desta onda de só falar de arquitetura. (...) ainda hoje eu gosto muito, um dos maiores prazeres que eu tenho é ir ao cinema. Adoro. O teatro, também... embora, o teatro a maior parte às vezes chateia-me. É muito intelectual, muito... eu não tenho paciência para*

[498] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[499] **GIGANTE, José** – *Resposta Pedido Colaboração PROJETO VOZES VIVAS*.

[500] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[501] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio*. (p.7).

[502] **António Manuel Amorim dos Santos** é um biólogo e professor. Licenciado em Biologia pela FCUP em 1974, concluiu em 1983 o Doutoramento na mesma instituição e área de investigação. Em 1992 concluiu as provas de Agregação para o mesmo Curso na FCUP. É investigador no IPATIMUP.

[503] **GIGANTE, José** – *Resposta Pedido Colaboração PROJETO VOZES VIVAS*.

[504] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

intelectualisses. Quando uma coisa é boa, mas é chata, eu fujo."[505]. E, de facto, no Porto de então, em frente ao restaurante *Abadia*, o TEP surgia como uma das várias peças ligadas a uma espécie de rede cultural, ao qual se juntava o *Cineclube do Porto*, sediado junto ao jardim do Carregal, com duas sessões de cinema regulares semanais no *Cinema Batalha*[506], "*... em que se via cinema que não passava, digamos, nos circuitos.*"[507]. Um dos seus grandes dinamizadores era o arquiteto Mário Bonito, também cinéfilo[508].

Sócio até ao final da década de setenta[509], José Gigante desde os seus cinco anos frequentou as sessões do *Cineclube Infantil* – pertencente ao *Cineclube* – nos Fenianos ao lado da *Câmara Municipal do Porto* (CMP), onde assistia a filmes do Charlot, do Bucha e Estica, do Teatro de Marionetas[510].

Paralelamente ao gosto pelo cinema e teatro, assomavam-se ainda outros diversos interesses, quer mais criativos, desportivos ou informais, mas sempre com uma grande dedicação aos outros, à partilha, ao coletivo. Já desde criança trouxe consigo por um lado, um jeito inato pelo hóquei, carreira que se prolongou entre o *Estrela e Vigorosa Sport* e o *Centro de Desporto da Universidade do Porto* (CDUP), até 1983[511], e por outro, uma habilidade para a poesia despreocupada, livre, popular. Esta atividade intensificou-se "*... sobretudo, na ESBAP, no primeiro ano, aquele na experiência (...). Fui um bocado exercitando, e aquele gosto de: fazer, imediatamente ler, por toda a gente a rir ...*". A poesia foi-se tornando assim prática rotineira, que, para José Gigante, surge como "*... uma espécie de projeto: tem uma métrica, as quadras; implica uma organização de pensamento, o tema; dá-me um certo gozo ...*"[512], alimenta-se das pessoas, dos acontecimentos, emerge de uma vontade de descontrair, de querer poder fazer poesia, de a ler e de pôr as pessoas a rir[513].

De facto, importa recordar novamente o contexto político que vigorava, num quadro social e cultural de repressão. No entanto, ainda iam surgindo diversas associações ou cooperativas

[505] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[506] **GIGANTE, José** – *Resposta Pedido Colaboração PROJETO VOZES VIVAS.*

[507] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco. .*

[508] *Ibidem.*

[509] **GIGANTE, José** – *Resposta Pedido Colaboração PROJETO VOZES VIVAS.*

[510] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[511] **GIGANTE, José** – *Resposta Pedido Colaboração PROJETO VOZES VIVAS.*

[512] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[513] *Ibidem.*

Olá queriduchos,

Pois é! Foi assim que me iniciei na nobre arte do transformismo.
Em casa do Ricardo Figueiredo e da Anabela, que muito assiduamente frequentávamos então em longas noites de copofonia e cavaqueira, eu e o Junoquinha improvisámos esta sessão, com pano de fundo e cadeira de palco, num jogo de mútua sedução que muito impressionou todos os presentes.

Beijos escaldantes
Gigas

fig. 54 (acima)
Domingos Júnior e José Gigante, 1970.

fig. 55 (a meio)
José Gigante, 1970.

fig. 56 (abaixo)
Daniela Trigo Soares, José Gigante, Lourença e Domingos Júnior, Carnaval da ESBAP, 1971.

ATELIER PRÓPRIO
Rua da Graciosa, 3º

ATELIER ATUAL
Rua D. António Barroso, 289

▲ RESIDÊNCIA CIRCUNVALAÇÃO [7]
Estrada Circunalação, esquina com Rua do Amial

Rua Nova de S. Crispim
RESIDÊNCIA JARDIM RAINHA D. AMÉLIA [9]

▲ RESIDÊNCIA TALHO PACHECO [1]
Rua Costa Cabral, esquina com rua Júlio de Matos

▲ RESIDÊNCIA COSTA CABRAL [2]
Rua Costa Cabral, 1882 (casa independente)

▲ BAIRRO BORGES IRMÃO [3]
Rua Costa Cabral, 2037

▲ RESIDÊNCIA COSTA CABRAL [4]
Rua Costa Cabral, 1799

"Em 1963, após a morte do meu avó paterno, (que morava connosco), fomos para um prédio projectado pelo meu pai quando ainda não era arquitecto, situado na Rua de Costa Cabral, n.º 1789 (?). Morámos no 3.º andar e mais tarde no r/chão, onde a minha mãe viveu até à sua morte em 2009."

▲ APARTAMENTO PARTILHADO [5]
Rua da Cruz, meia-cave partilhada com amigos

"... durante a década de 70 partilhei uma pequena meia-cave na Rua da Cruz (paralela a Costa Cabral) com um amigo meu, António Amorim dos Santos (...). Nunca morei lá verdadeiramente, mas servia para estar com uns amigos e com a minha namorada. Nunca me esquecerei que estava lá quando acordei na manhã do 25 de Abril de 1974 e ouvi na rádio a notícia do golpe revolucionário."

▲ RESIDÊNCIA DISCOTECA NUMBER ONE [8]
Rua João Lúcio de Azevedo, 2º (sobre o Centro Comercial Raione)

"Finalmente, em 2005, comprei o andar onde hoje vivo, na Rua João Baptista Lavanha, n.º 33 r/c direito, na Pasteleira (Porto) num edifício dos anos 60 projectado por Sérgio Fernandez e Pedro Ramalho."

RESIDÊNCIA PASTELEIRA [10]
Rua João Batista Lavanha, 33 (atual)

FENIANOS

"No início do processo SAAL (1974) a Brigada da Sé, à qual pertencia, trabalhou no atelier do Arq. Manuel Teles, no Passeio de S. Lázaro, precisamente onde o meu pai, Jorge Gigante, e Francisco Melo, tinham tido escritório alguns anos antes."

"Quando vem o SAAL... já depois das férias de 74, nós falámos na altura com o Manuel Teles. O Manuel Teles encabeça a Brigada, mas passado uns meses entrámos em conflito com ele, houve umas faíscas. Foi precisamente a obra dos balneários."

Passeio de São Lázaro, 3 (Operação SAAL)

ATELIER MANUEL TELES

FAUP

DIVULGAÇÃO

UNICEPE

CINECLUBE

PIOLHO

RIVOLI

TEP

MAJESTIC

COLISEU

SÁ DA BANDEIRA

RESIDÊNCIA NICOLAU BRANDÃO

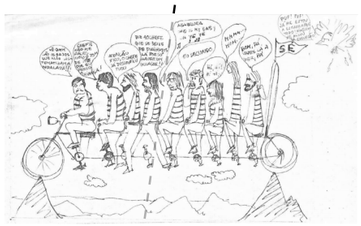
BATALHA

SÃO LÁZARO

ESBAP

JARDIM CORDOARIA

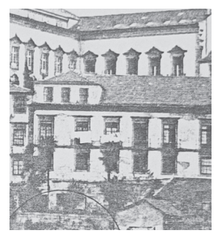
ÁRVORE



"A partir de 1975, já sem o Arq. Manuel Teles, a Brigada mudou para umas salas na Rua Clube Fluvial Portuense, mesmo junto à entrada do túnel da Ribeira, e aí permaneceu até final de 1976, quando o SAAL foi extinto."

SALA TÚNEL RIBEIRA
Rua Clube Fluvial Portuense (Operação SAAL)

ATELIER JORGE GIGANTE E FRANCISCO MELO
Rua D. Hugo, 37



"Em 1977-78, após um período em que dei aulas no ensino secundário, comecei a trabalhar mais regularmente no escritório do meu pai e do Francisco Melo, na Rua D. Hugo, 37, onde estive até 1996, quando saí para formar o meu próprio escritório."

Residências, ateliers profissionais e espaços culturais e recreativos, do percurso de José Quintão.

RESIDÊNCIA VILA NOVA DE GAIA [6]
Rua Leote do Rego, 12º (casado com Fátima)

fig. 57
"O Rapto do Serralho", Banda Desenhada, 1969.

que reivindicavam um local de liberdade de expressão e de circulação de ideias, ou particularmente, de livros. Nesse sentido, José Gigante relembra a *Unicepe – Cooperativa Livreira de Estudantes do Porto*[514], na Praça Carlos Alberto, "*... especializada em poesia e romance português, com edições próprias. É também um espaço de cultura, de tertúlia e de criação de uma comunidade de leitores – no fundo, uma* comunidade de afectos ..."[515], cuja "*... a ideia inicial era conseguir livros mais baratos e os livros proibidos pelo regime ...*"[516]. Focada na criação de uma comunidade que unisse os seus utentes em torno da cultura, pela venda de livros e discos, de discussão de ideias e declamação de poesia, nesta cooperativa "*Havia também encontros com músicos, escritores e outras personalidades, e tertúlias, muitas em parceria com a Cooperativa Árvore, o Cineclube do Porto ou o Teatro Experimental do Porto. Funcionava o espírito da cooperação, do trabalho em conjunto, não só na organização de atividades como nas regalias.*"[517].

A par destes vários espaços, cinemas ou teatros, associações ou cooperativas, a verdadeira ambiência de debate cultural, de tertúlia, de convívio e encontro experienciava-se nos cafés do Porto. Este ritual marca as memórias de José Gigante ainda antes de entrar no curso de Arquitetura, quando juntamente com o seu pai se lembra de frequentar o café *Magestic*, costume que se prolongou depois para as vivências do seu quotidiano. Deste café recorda que "*... não era o que é hoje, um sítio chique. É um café emblemático, porque é um café à Arte Nova. Eu ia lá à noite, muitas vezes, a seguir ao jantar, e encontrava-se ali malta de arquitetura, de pintura, de letras, escritores, etc.*"[518].

Por sua vez, frequentar o café *São Lázaro* tornou-se também prática consagrada. A sua posição na vizinhança próxima da ESBAP colocava-o no centro de grandes momentos de convívio, onde, para além da arquitetura, diversas personagens de universos distintos se reuniam, como o poeta Eugénio de Andrade, o escultor José Rodrigues, José Pacheco Pereira, conhecido intelectual maoísta, bem como o seu pai, e ainda os possíveis infiltrados da Pide, que "*... tinham informadores a ouvir conversas, então quando estávamos no café tentávamos sempre adivinhar quem eram ...*"[519].

No entanto, recordar as memórias e vivências nos cafés do Porto e não referir o café *Ânco-*

[514] A *Unicepe – Cooperativa livreira de estudantes do Porto*, fundada em 1963, surgiu num ambiente muito característico da década de 60, na sequência da revolta académica dos estudantes da Universidade de Coimbra de 1962 e num contexto citadino e nacional pouco propício à livre circulação de ideias e de livros. **TIMEOUT – *Unicepe*. .**

[515] *Ibidem.*

[516] **LEITE, Maria João** – "Unicepe: 50 anos de resistência e de afectos".

[517] *Ibidem.*

[518] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[519] *Ibidem.*

ra d'Ouro, normalmente conhecido como o *Piolho*, seria fugir a um fiel, sincero e autêntico retrato da sua importância na cidade. Numa localização privilegiada pela sua centralidade e contiguidade a outros pontos de encontro, a importância deste café como espaço público de reuniões e ligações, de descontração e informalidade é verdadeiramente incontestável, resultando para José Gigante num local preponderante nas suas memórias. Para si, "*O Piolho na altura era um centro. A minha mulher, com quem vivo à trinta e tal anos, conheci-a no Piolho, anos mais tarde.*"[520].

Como espaços necessariamente ligados à oposição política, cada um associado a uma certa posição partidária, os espaços de cafés, juntamente com outros tantos lugares recreativos e lúdicos, emergiam ainda como "*... locais que tinham um bocado a ver com a resistência cultural ao regime, digamos assim.*"[521]. Expressavam e reproduziam por isso um possível quadro social, de vivências e interações culturais, de interdisciplinaridade, que, dentro das contingências existentes, procuravam e reivindicavam pela liberdade.

[520] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[521] *Ibidem.*

3.2 Entre a docência e a profissão

Tendo estabelecido no subcapítulo anterior algumas considerações relativamente aos estudos no curso de Arquitetura, sobre o início da atividade profissional enquanto estudantes, e sobre as experiências na cidade do Porto, torna-se agora pertinente abordar a fase posterior das vidas e carreiras destas três personagens, enquanto professores e arquitetos.

Ao percorrer os seus percursos após a obtenção do diploma de arquiteto, a par das possíveis relações e cruzamentos com outras personagens, procura-se, por um lado, destacar o momento de regresso à *Escola* como docentes, esclarecendo a ação e visão pedagógica de cada uma das personagens e, por outro, explorar o trajeto das suas atividades profissionais, salientando algumas das experiências enquanto arquitetos formados.

3.2.1 a decisão pelo ensino e a atividade pedagógica

"*O que penso da arquitectura e o que ensino é o que sou. Só possuído e possuindo é possível a apropriação completa do que sei. Por isso o ensino da arquitectura é um acto de intensa comunicação, para que a arquitectura o seja.*"[522]

[522] **COSTA, Alexandre Alves** – *Dissertação expressamente elaborada para o concurso de habilitação para a obtenção do título de professor agregado*. (p. 11).

Pedro Ramalho

Retratando os inúmeros propósitos e objetivos de Pedro Ramalho enquanto professor, a sua "*... actividade pedagógica a partir de 68, é um reflexo dessa prática* [profissional]*, campo experimental sem o qual não haveria justificação para a docência.*"[523]. Com a conclusão do relatório de estágio foi logo convidado pelo diretor Carlos Ramos para complementar o corpo docente da ESBAP, como assistente do professor Octávio Lixa Filgueiras, na cadeira de *Arquitetura Analítica*.

Do momento da sua reentrada na *Escola,* circunscrito ao contexto adverso que a envolvia, acabou por surgir a orientação principal em que procurava centrar a sua pedagogia, os alunos. Como explicita, "*... a minha única posição ali era defender os estudantes, porque a minha experiência era essa.*"[524].

A consequente sucessão de acontecimentos, que leva à implementação do *Regime Experimental*, é por isso determinante sobre os primeiros anos da sua atividade como professor, tal como o próprio explica, constituindo-se como a experiência de referência que orienta a sua pedagogia. Talvez se, em 1968, Carlos Ramos não tivesse atingido o limite de idade e António Brito não o tivesse substituído na direção da *Escola*, a *Reforma de 57* não havia tido as mesmas consequências, que culminaram na demissão do corpo docente. Este afastamento coletivo[525], motivado pela falta de condições para lecionar, abrangia a maior parte dos professores, entre eles Pedro Ramalho, com a exceção do professor Octávio Lixa Filgueiras, que estabeleceria

[523] **RAMALHO, Pedro** – *Itinerário*. (p. 8).

[524] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[525] A saber, Alfredo Viana de Lima, Álvaro Siza, Arnaldo Araújo, Cristiano Moreira, Duarte Castel Branco, Fernando Távora, Jorge Gigante e José Carlos Loureiro. Esta demissão seria apenas comum aos professores do curso de Arquitetura, não se estendendo aos docentes do curso de Pintura e Escultura, que se recusaram a participar e acompanhar as contestações à *Reforma de 57*. Este representa por isso um primeiro momento de rutura entre as três artes. **PAULINO, Raquel** – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984*. (p. 157).

uma ponte de diálogo com o *Ministério da Educação Nacional*. Assim, perante uma *Escola* paralisada, lança-se a *Experiência de 69*, também esta acompanhada pelo seu conjunto de debates e conflitos.

Num processo em que alunos e professores estavam intensamente envolvidos, "*... pelos menos aqueles mais novos e mais intervenientes no curso ...*"[526], foram emergindo posições e discursos divergentes, criando-se duas fações de professores, encabeçadas pelo arquiteto Filgueiras e pelo arquiteto Távora. Se o primeiro era apoiado pelo conjunto de professores mais antigos, que defendiam uma posição "*... mais pelo conhecimento alargado, com muitas cadeiras ...*"[527], muito em linha com o proposto na *Reforma de 57*, o último, juntamente com a maioria dos alunos e professores mais novos[528], e por quem Pedro Ramalho tomava partido[529], acreditava que a *Escola* "*... era muito mais aquela ideia do próprio Ramos, quer dizer, a arquitetura é o centro do curso e as outras matérias são matérias que, no fundo, convergem e não são coisas isoladas.*"[530].

O início das aulas via-se assim arrastado para os meses de março ou abril, com discussões e debates incessantes, após os quais, como descreve, "*... os alunos entretinham-se muito no exterior, nos inquéritos, que já vinha um bocado do próprio Inquérito.*"[531].

A par das constantes reuniões que procuravam delimitar uma estrutura para o curso de Arquitetura, durante os primeiros anos da experiência letiva, Ramalho iniciaria a docência e regência da cadeira de *Arquitetura III*, entre os anos letivos de 1970-71 e 1974-75. Seria durante esta prática que se veria confrontado com as duas convicções opostas tomadas pelos estudantes, em que "*... há o grupo dos alunos que querem o curso e, portanto, querem ter as aulas, e os alunos que começam a criar uma consciência social muito forte e política e fazem a recusa do desenho.*"[532]. Perante tais posições, acreditava, ainda assim, que o exercício deveria incluir "*... temas de composição, que obrigava os alunos a fazer um projeto.*", permitindo o trabalho em grupo, mas apresentações de propostas em separado. Foram anos verdadeiramente proveitosos dos quais considera ter saído "*... uma geração de arquitetos muito boa. São muitos,*

[526] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[527] *Ibidem.*

[528] Com a grande falta de professores para compôr um corpo docente suficiente, a maioria dos assistentes tornava-se rapidamente professor contratado, tendo por isso o mesmo voto nos debates da *Escola*. *Ibidem.*

[529] Ainda que tivesse uma ligação profissional com o António Lixa Filgueiras que, como explica, depois se desfez exatamente por causa desta tomada de posições. *Ibidem.*

[530] *Ibidem.*

[531] *Ibidem.*

[532] *Ibidem.*

fig. 58
Pedro Ramalho, 2019.

1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993

CONTEXTO SOCIO-CULTURAL

1968
PRIMAVERA MARCELISTA

1968
MAIO DE 68

1968
PRIMAVERA DE PRAGA

1969
REGIME EXPERIMENTAL

1970
MORTE DE ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR

1974
BASES GERAIS

1974
REVOLUÇÃO 25 DE ABRIL

1974-1976
OPERAÇÃO SAAL

1976
CONSTITUIÇÃO REPÚBLICA PORTUGUESA

1979
CRIAÇÃO FAUP

1983
TOMADA POSSE COMISSÃO INSTALADORA DA FAUP

1984
TRANSIÇÃO PARA NOVAS INSTALAÇÕES DA FAUP

1985
CONSTRUÇÃO PAVILHÃO CARLOS RAMOS

1986
ADESÃO À UNIÃO EUROPEIA

1987
CRIAÇÃO PROGRAMA ERASMUS

1992
CRIAÇÃO FBAUP

PERCURSO DOCENTE

1968-1970
ASSISTENTE EVENTUAL

1970-1973
PROFESSOR CONTRATADO ESBAP

1973-1985
ASSISTENTE FAUP

1985-1988
ASSISTENTE CONVIDADO FAUP

1988-2007
PROFESSOR AUXILIAR FAUP

1968-1974
ARQUITETURA III (3º ANO)

1974-1975
TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA (6º ANO)

1976-1977
ARQUITETURA V (5º ANO)

1977-1978
CONSTRUÇÃO VI (6º ANO)

1976-1978
ARQUITETURA VI (6º ANO)

1979-1980
ANÁLISE DO TERRITÓRIO (6º ANO)

1980-1983
ARQUITETURA V (5º ANO)

1982-1983
TEORIA E COORDENAÇÃO (6º ANO)

1983-1985
ARQUITETURA IV (4º ANO)

1983-1986
TEORIA DA ARQUITETURA (4º ANO)

1985-86
SEMINÁRIO DE PREPROFISSIONALIZAÇÃO (4º ANO)

1986-1999
PROJETO II (4º ANO)

1987-1988
TEORIA DA ARQUITETURA III (6º ANO)

1988-2007
PROJETO III (4º ANO)

PERCURSO PROFISSIONAL

1968-1974
SOCIEDADE COM SÉRGIO FERNANDEZ

1974-1998
ATELIER PRÓPRIO

1968-1973
ATELIER BOM SUCESSO
Rua Arquitecto Marques da Silva

1973-2004
ATELIER PRAÇA GALIZA
Rua do Campo Alegre, 17

1973
Conjunto Habitacional FFH, Guimarães

1974
Museu e Auditório na Rua de D. Hugo, Porto

1974-1976
ANTAS
OPERAÇÃO SAAL NORTE
Brigada Técnica coordenada por Pedro Ramalho

1975
Tanques aprendizagem de natação, Matosinhos

1976
Programa Habitacional CHE HABITOVAR, Ovar

1978
3 Casas na Foz do Douro, Porto (Residência própria)

1978
Conjunto Habitacional na Zona da Balsa para FFH, Viseu

1978
Conjunto Habitacional CHE PLENICOOPE, Ílhavo

1979
Conjunto Habitacional CHE NABÂNCIA, Tomar

1980
Bloco Residencial para Câmara Municipal, Matosinhos

1980
Complexo Desportivo para Clube de Ténis, Guimarães

1981
Paços do Concelho e Biblioteca Municipal, Agueda

1981
Plano de Pormenor Zona Sul e Zona Estádio para Câmara Municipal, Guimarães

1983
Pavilhão dos Desportos, Francisco de Holanda, Guimarães

1983
Casa Carlos de Sousa, Nevogilde (com Luís Ramalho e Teresa Vaz)

1983
Piscinas de Natação em Recinto Coberto para Câmara Municipal, Matosinhos

1985
Conjunto Habitacional CHE "15 de Fevereiro", Senhora da Hora

1986
Plano de Pormenor da Zona das Azenhas de Cima, Matosinhos

1986
Casa Dr. Sílvio de Matos, Gondomar

1987
Conjunto Habitacional CHE "As Sete Bicas" (com Luís Ramalho)

1987
Programa Habitacional FENACHE, Matosinhos

1988
Novas Instalações da FEUP, Pólo II (com Luís Ramalho)

1988
Edifício do Departamento de Gestão da Universidade de Aveiro (com Luís Ramalho)

1989
Palácio da Justiça, Matosinhos

1989
Plano de Pormenor dos terrenos da FACAR, Leça da Palmeira

1992
Recuperação Teatro Municipal Rivoli, Porto

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005 2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019

1999
TRATADO DE BOLONHA

2002
INTRODUÇÃO DO EURO

1999-2007

PROJETO IV
(4º ANO)

Regente

1998-2013

**SOCIEDADE COM
LUÍS RAMALHO**

2013-

ATELIER PRÓPRIO

2005-

ATELIER FOZ

*Rua Fernão Lopes, 157
(atual)*

1999
Casa das Artes, Vila Nova de Famalicão

2002
Edifício INEGI, Porto

2003
POLIS - Plano de Pormenor para a Frente Ribeirinha, Vila Nova de Gaia

2005
Casa Atelier Ângelo de Sousa, Porto

2009
Escola Secundária Santa Maria Maior, Viana do Castelo

mas para relembrar alguns, o Eduardo Souto de Moura, o Adalberto Dias, a Teresa Pires da Fonseca... E há uma geração, o Carlos Guimarães, (...) o Carlos Prata (...) depois vai tudo entrar no SAAL ..."[533].

A Revolução traria o paradigma de mudança necessário também no curso de Arquitetura. Após o esforço de alienar vários dos professores da ESBAP, durante os tumultuosos anos que sucederam o *Regime Experimental*, "*... veio o 25 de abril e abortou aquela tentativa.*"[534], como Pedro Ramalho explica. Esses docentes, cujos contratos há medida que foram terminando e não foram renovados[535], voltaram a ser readmitidos, entre eles Pedro Ramalho.

Paralelamente, com a queda da ditadura, e face à necessidade de criar em Portugal habitação com condições condignas, emerge a *Operação SAAL*. Num momento em que toda a *Escola* se mobiliza em torno desta operação, os alunos que já se encontravam *espalhados pela cidade* foram essenciais para a estruturação das brigadas de trabalho. Como explica, "*... a Escola* centralizou *o processo do SAAL. Quer dizer, o SAAL era um departamento do Fundo de Fomento da Habitação, mas rapidamente quem estava a trabalhar no SAAL era aluno ou professor da* Escola*, de maneira que as reuniões dos moradores se passavam lá, nos auditórios.*"[536]. Também Ramalho, convidado por vários alunos chefiava uma das equipas, no Bairro das Antas. Na sua perspetiva acredita que os reflexos desta experiência na *Escola* sedimentaram, acima de tudo, a extinção da ideia da *recusa do desenho*, uma vez que "*... os que recusaram o desenho, no fundo, não tinham capacidade de dar resposta. Podiam dar uma resposta política, apoio de outra natureza, mas a função específica, que era de fazer melhorar as condições de habitabilidade, não tinham essa capacidade.*"[537].

Neste seguimento, o período que a *Escola* atravessava refletia-se sobretudo pelo forte envolvimento, quer dos alunos, quer dos professores, nas sucessivas propostas de *Bases Gerais*, que anualmente procuraram a reorientação do curso, rejeitando a anterior *Reforma de 57*. Foram estas *Bases* que "*... deram origem à entrada da arquitectura na universidade (1979) e à criação das faculdades de arquitectura do Porto e de Lisboa.*"[538].

[533] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[534] *Ibidem.*

[535] Com a exceção dos docentes que ou tinham alguma simpatia pelo regime ou não partilhavam as mesmas ideologias. **PAULINO, Raquel** – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984.* (p. 668).

[536] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[537] *Ibidem.*

[538] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969". (p. 74).

Durante este processo, continuou sempre a lecionar como professor de *Arquitetura V* e de *Arquitetura VI*, juntamente com Manuel Fernandes de Sá, no ano letivo de 1976-77, e ainda como docente responsável pelas áreas de *Arquitetura* e *Construção*, do sexto ano, no ano letivo de 1977-78.

Com esta transição colocava-se uma questão relativa à evolução da carreira docente de vários dos professores da *Escola*, "*... ou nós fazíamos o Doutoramento para poder entrar na Universidade ou nós fazíamos a Agregação e entrávamos na Universidade como Professores Agregados.*". Foi nesse momento que Pedro Ramalho, com os colegas Alexandre Alves Costa, Cristiano Moreira, Domingos Tavares e Manuel Correia Fernandes, decidiram conjuntamente fazer a *Prova de Habilitação para obtenção do título de Professor Agregado* sobre um tema comum, que procurava "*... refletir sobre o ensino da arquitetura, a partir de uma auto reflexão crítica – um testemunho na primeira pessoa ...*"[539].

Recordando a interajuda, com que recíproca e solidariamente cooperaram para completar uma das fases daquela Prova – uma aula sorteada de um conjunto de trinta temas possíveis – o seu colega Domingos Tavares salienta o momento em que, ao invés de "*... estudar os trinta temas, preparar aqueles trinta temas e depois um deles era matéria da aula...*", decidiram que "*Cada um de nós fica com seis temas escolhidos por nós, (...) reunir a bibliografia e fazer um esquema base de cada um dos seus seis temas. (...) Portanto, trocamos o material de forma a termos rapidamente matéria substância suficiente para poder organizar uma aula ...*"[540]. Apresentadas em 1979, estas provas, das quais todos os candidatos foram aprovados por unanimidade, contribuíam "*... de uma forma mais ou menos direta para a legitimação do projeto pedagógico construído.*"[541].

Se até aí a sua prática docente consistia sobretudo numa atividade em torno da cadeira de *Arquitetura*, nos anos que se seguiram a essa atividade acresce-se a docência numa nova disciplina, a *Teoria*. Assim, entre os anos letivos de 1980-81 e 1982-83 foi regente de *Arquitetura V*, seguido de dois anos como regente de *Arquitetura IV*, que conciliou com a regência de *Teoria e Coordenação*, no ano letivo de 1982-83, de *Teoria da Arquitetura IV*, entre 1983-84 e 1985-86, e de *Teoria da Arquitetura III*, até 1987-88. Na verdade, mesmo após a criação da FAUP, desde 1986-87 que se manteria como docente de *Projeto* de quarto ano, durante muitos anos.

Não obstante, seria aquando da abertura das candidaturas para o preenchimento do quadro

[539] **PAULINO, Raquel** – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984.* (p. 562).

[540] **TAVARES, Domingos** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Domingos Tavares, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[541] **PAULINO, Raquel** – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984.* (p. 562).

de professores, em 1991, que surgiria aquele que, para Pedro Ramalho, representa um dos primeiros sinais do fim da *Escola do Porto*. Como explica, resultou num momento em que sentiu que a experiência profissional começava a perder alguma importância, para dar espaço à evolução das carreiras de cariz mais teórico, isto é, que um certo equilíbrio entre os professores doutorados com produção teórica e os professores arquitetos com produção construída ia desaparecendo. A par da vasta experiência profissional, aclamada e premiada, que à data do concurso já havia conformado, também a sua prática pedagógica se estendia já por longos e profícuos anos, mas foi neste momento que, um pouco insatisfeito, acabou por eventualmente se afastar da academia e de uma possível progressão na carreira docente.

Esse longo percurso de docência foi feito ao lado de muitas personagens da *Escola*, visto que "*... a* Escola*, até por influência se calhar do Ramos, mantinha muitos ex-estudantes ligados à* Escola *que no fundo iam entrando* [como docentes]."[542]. Tendo sido regente desde muito cedo, passou "*... a ter a possibilidade de escolher as pessoas, e também as pessoas que não trabalhavam comigo.*"[543]. Nesse sentido, da maioria dos anos resultava uma experiência que recorda gratificantemente.

Cruzou-se com vários colegas, entre os quais, na cadeira de *Arquitetura*, Cristiano Moreira, com quem estabeleceu corregência, e António Menéres, Bernardo Távora, Teresa Fonseca e Nuno Lacerda Lopes, como assistentes. Também Manuel Botelho foi assistente desta cadeira durante vários anos.

Não obstante, os anos que melhor recorda, e que se revelaram dos mais interessantes, foram "*... aqueles em que eu trabalhei com o Eduardo Souto de Moura, que também tinha sido meu aluno, com o Carlos Guimarães e com o Menéres.*"[544]. Na sua perspetiva, "*... o Projeto não é qualquer coisa que se rege por regras. E cada um dos professores que está a lecionar tem uma maneira de pensar própria e acho que isso é enriquecedor, não é limitativo.*"[545]. De maneira que os possíveis conflitos que se geravam, sempre de natureza pedagógica, não surgiam propriamente entre si e os assistentes, mas mais entre os últimos. Defendendo perspetivas e métodos próprios, e acreditando por isso nas aprendizagens dos alunos por si conduzidos, cada um procuraria garantir que as classificações refletissem esses resultados, por vezes discordando das notas propostas pelos colegas. Pedro Ramalho, mesmo não tendo "*... estabelecido um padrão de ensino ...*"[546], procurava ainda assim manter uma orientação geral, e nivelar esses desequilíbrios.

[542] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[543] *Ibidem.*

[544] *Ibidem.*

[545] *Ibidem.*

[546] *Ibidem.*

Assim, sempre defendeu que "*... o ensino não é uma coisa rígida, tem de ser participada por gente muito diferente. E no quarto ano, nos últimos anos em que eu estive na* Escola*, havia gente de todas as tendências (...) Com o Adalberto, o Carlos Prata, o Nuno Brandão, o Camilo Rebelo, éramos cinco nessa altura.*"[547]. Durante esses anos mantiveram como prática a apresentação coletiva de alguns trabalhos de cada turma, escolhidos pelos professores, e debatidos por todos, num momento que procurava reunir, justa e equitativamente, as críticas dos vários docentes[548].

Nesse sentido, Ramalho procurou "*... sobretudo, na Escola, comunicar e discutir essa visão pessoal da arquitectura a que não se alheia a interpretação dos dados subjectivos e a teorização dos factos. Forçosamente, essa visão é consequência de uma síntese própria elaborada a partir de outras visões, pessoais ou de grupos, da convivência profissional e cultural e da evolução da própria arquitectura ...*"[549]. Também a sua longa experiência, já desde o *Regime Experimental*, lhe demonstrou algumas das fragilidades do trabalho em grupo, que procurava contrariar, já que na maior parte das situações, "*... havia um projeto e toda a gente se encostava àquele projeto e passava toda a gente com a mesma nota. Eu achava aquilo uma injustiça tremenda.*"[550]. Se, por um lado, considerava a ideia de trabalho coletivo bastante positiva, por outro, pensava que se deveria limitar a uma primeira fase do trabalho, "*... quando nós estávamos numa fase de equacionar as questões: vai toda a gente para o terreno, há uma interajuda muito grande, toda a gente faz a maquete do terreno...*"[551].

No desempenho de regente e docente de *Projeto* no quarto ano da FAUP, vários foram os obstáculos com quais se foi deparando, quer na estrutura e organização da cadeira, quer na sua relação e coordenação horizontal com as restantes disciplinas. Como explica, apesar de procurar "*... contrariar o problema das cadeiras que se fecham em si, nas suas próprias matérias...*"[552], nomeadamente com a tentativa de conciliar e interligar *Projeto*, *Construção* e *Estruturas*, "*... essa tendência é muito universitária e hoje é muito difícil de integrar isso ...*"[553].

[547] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[548] Também o quarto ano, representando um dos anos do curso de Arquitetura que tinha maior afluência dos estudantes do Programa *Erasmus*, passou gradualmente a ser constituído por turmas cada vez mais numerosas, pelo que a crítica coletiva, procurando garantir um maior consenso e equilíbrio entre todas as turmas, ganhava ainda maior importância.

[549] **RAMALHO, Pedro** – *Itinerário*. (p. 8).

[550] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[551] *Ibidem.*

[552] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[553] *Ibidem.*

Na convivência partilhada com os alunos, destaca também experiências impactantes, que se revelaram para si verdadeiras lições. O ter de "*... perceber que há alunos que têm qualidades diferentes quando trabalham projeto, que têm uma sensibilidade maior ao pormenor, à obra final, do que em relação ao planeamento, ao plano geral.*"[554], isto é, aperceber-se que as dificuldades de um aluno podem ser completamente distintas das dos colegas, e que essas não significam que não tenha qualidades. Aprender a lidar com os alunos, compreendê-los, interpretar as suas dúvidas, tornou-se uma importante aquisição na sua prática pedagógica. Por isso acredita que "*... é na* Escola*, na relação que se faz no dia a dia entre os estudantes, naturalmente com a orientação possível dos professores, que a* Escola *tem algum sentido. (...) O magistério que era catedrático, em que há um professor que debita matéria e há outro que está passivamente... não é a* Escola ..."[555].

A atividade de Pedro Ramalho como pedagogo, refletindo naturalmente esta visão, acabou por se realizar e, no fundo, por se justificar a partir da sua atividade profissional, uma vez que "*... podia ter tido outra atividade, sei lá, podia ter sido fotógrafo, podia ter sido isto ou aquilo, mas estou convencido que se tivesse sido outra coisa qualquer não era professor.*"[556]. Apesar de as outras artes também o seduzirem, "*Se não fosse arquiteto não ensinava.*"[557].

[554] *Ibidem.*

[555] *Ibidem.*

[556] *Ibidem.*

[557] *Ibidem.*

fig. 59
José Quintão, 1985.

José Quintão

O momento de reentrada de José Quintão na *Escola de Belas-Artes do Porto* ocorre depois do seu regresso de Luanda, e após alguns anos de desenvolvimento de prática profissional. Aliciado por um colega com quem trabalhava na *Junta Distrital do Porto*, que permanentemente lhe questionava o motivo de não ter ainda iniciado um percurso na docência, muito relutantemente, decide ir ao encontro do amigo e colega Manuel Correia Fernandes, na altura professor dessa *Escola*, para o consultar. De facto, José Quintão encontrava-se algo receoso em relação a esse desafio, já que tinha consciência do tempo de estudo necessário para se preparar, bem como da dedicação que a docência iria requerer[558].

No entanto, quando Correia Fernandes o informa da abertura de um concurso para um lugar de professor, Quintão decide candidatar-se, iniciando a atividade docente no ano letivo de 1981-82[559]. Efetivamente, o apoio dos colegas no início desta nova experiência revelou-se fundamental, facilitando o processo de integração. Foram, por isso, "*... anos maravilhosos. Gostei imenso. Os meus colegas foram também sempre muito bons. O Sérgio, o Manuel* [Correia] *Fernandes, depois o António Madureira, a Maria José Casanova, enfim, vários, o Henrique Carvalho. Fui sempre muito bem acompanhado pelos meus colegas que lá estavam já, que me deram a mão, que me ensinaram, digamos, no fundo, a ser professor.*"[560].

A sua primeira experiência como professor da cadeira de *Projeto*, no primeiro ano, prolongou-se assim durante oito anos, de tal forma intensos que dificilmente se imaginava a lecionar essa

[558] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[559] Porventura, a introdução de José Quintão no ensino não poderia ser considerada como representativa das restantes circunstâncias que normalmente envolviam o início dessa atividade, uma vez que durante muitos anos a entrada de novos arquitetos para o corpo docente se realizava por convite, e não por concurso, para que se pudessem construir ou manter os anteriores bons relacionamentos existentes no ambiente escolar.

[560] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

fig. 60 (acima)

Sérgio Fernandez, Beatriz Madureira (de costas) e José Quintão, durante viagem do primeiro ano a Évora.

fig. 61 (abaixo)

José Quintão e estudantes, durante viagem do primeiro ano a Évora.

cadeira num ano diferente[561]. Apesar de ter lecionado praticamente em todos os anos, a sua prática pedagógica no primeiro ano foi, manifestamente, a mais marcante. Trazia na memória as suas vivências individuais enquanto estudante de arquitetura e a lembrança das pedagogias que o teriam mais influenciado, nomeadamente, pela preponderância dos métodos de ensino de alguns professores. Por isso, reconhece assumidamente que "*... quis imitar o Arnaldo* [Araújo] ..."[562], evidenciando a influência deste sobre a própria pedagogia.

Paralelamente, também salientava da experiência nos primeiros anos no curso, marcada pelos ensinamentos da cadeira de *Arquitetura Analítica*, múltiplos benefícios. Ainda que não defendendo que esta seria uma pedagogia melhor ou pior que a praticada enquanto foi professor, sentia que "*... quando tentava que os alunos se imiscuíssem um bocadinho mais no pormenor – porque é que se podia fazer assim e não se podia fazer assado – eu tenho impressão de que aquele tipo de análise arquitetural, era uma componente que fazia falta.*"[563].

Nos últimos anos em que lecionava *Projeto*, em que o Pavilhão *Carlos Ramos* estava em construção, as aulas do curso de Arquitetura eram conciliadas entre as instalações da ESBAP e a *Casa Cor-de-Rosa*, a antiga mansão da *Quinta da Póvoa*[564]. Assim, frequentava o *Palacete Braguinha* para lecionar as aulas de *Projeto*, e deslocava-se até à *Casa Cor-de-Rosa*, onde primeiro iniciou a docência da cadeira de *Teoria da Arquitetura II*, como assistente de Manuel Correia Fernandes, nos anos letivos de 1986-87 e 1987-88, e posteriormente, lecionou a cadeira de *Teoria da Arquitetura Contemporânea II*, como regente, nos anos letivos de 1989-90 e 1990-91[565].

Já a posterior transição para a cadeira de *História da Arquitetura Portuguesa I*, lecionada no quarto ano – após a dispensa de serviço letivo, como aluno de doutoramento, em 1991-92[566] – prolongou-se até ao ano letivo de 2004-05. Após largos e gratificantes anos de experiência como professor de *Projeto*, no primeiro ano, José Quintão, como confessou, "*... estava um bocado cansado de* Projeto*, devo dizer. Sentia que tinha que fazer mais coisas ...*"[567]. Apesar da renovação de turmas a cada ano, tinha uma sensação repetitiva no quotidiano, em que parecia que estava sempre a dizer a mesma coisa. Era uma sensação que não lhe agradava, mesmo considerando que "*... praticamente nunca dei duas aulas iguais, mudava sempre nem que*

[561] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[562] *Ibidem.*

[563] *Ibidem.*

[564] *Ibidem.*

[565] **QUINTÃO, José** – *José César Vasconcelos Quintão*. Abr. 2009. Curriculum Vitae. (p.1).

[566] Sob a orientação de Manuel Correia Fernandes: "A Arquitectura da Transição – Fixação dos Códigos Portugueses". *Ibidem.*

[567] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

fosse um bocadinho aqui, outro acolá, para eu próprio ter a ilusão de que estava a fazer umas coisas de novo."[568].

Quando decidiu deixar de lecionar *Projeto*, para experimentar outras áreas, ingressou na cadeira de *História*. Foram doze longos anos, que lhe deram muito gosto, em que "*... tive de aprender tudo, começar do zero praticamente. Fui muito ajudado pelo Alexandre Alves Costa e pela Marta Oliveira*."[569], seus colegas nesta cadeira, que o acompanharam na progressão de carreira até se ter tornado regente.

Tendo em consideração a experiência que tinha tido anteriormente, Quintão destacou a principal diferença e dificuldade que sentiu ao iniciar o ensino nesta nova disciplina, uma vez que "*... a aprendizagem da História não é muito fácil, porque as coisas estão feitas e a gente tem que saber falar sobre elas e porque é que foram feitas assim.*"[570]. No entanto, não considerava que o ensino de *Projeto* fosse uma tarefa mais simples.

Seguidamente, lecionou o *Seminário Linguagem Arquitetural*, do sexto ano, nos anos letivos de 2005-06 e 2006-07. A par desta nova experiência, em 2006-07, leciona a cadeira de *História da Arquitetura Moderna*, como regente, quer na *Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto*, quer prolongando-se para o *Departamento de Arquitetura* da *Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra*, onde substituiu o professor Domingos Tavares, quer ainda, a cadeira de *História da Arquitetura Antiga e Medieval*, também em Coimbra.

Da experiência que teve a lecionar nos anos finais do curso recordava, principalmente, o *Seminário Análise Arquitetural*, que lecionou nos anos letivos de 2007-08 e 2008-09, onde incentivava os alunos a analisar e discutir os projetos que tinham feito no ano anterior, ou seja, numa turma de cerca de doze alunos, pedia a um estudante para "*... explicar o projeto que tinha feito. Na sessão seguinte os alunos faziam críticas a esse projeto. Era interessante, porque eles já tinham tido a nota no ano anterior, portanto não havia problema nenhum em se dizer o que se pensava.*"[571]. Constitui por isso uma experiência que Quintão considerou muito gratificante, um momento de análise que se revelante muito interessante, uma vez que os alunos "*... abriam-se completamente. Ouviam as críticas já com uma paz de espírito muito grande ...*"[572], completamente distinto da experiência que têm "*... ao fim de um ano, está a lutar para passar, para ter boa nota...*"[573]. Este foi um exercício que, até certo ponto, espelhava a experiência

[568] *Ibidem.*

[569] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[570] *Ibidem.*

[571] *Ibidem.*

[572] *Ibidem.*

[573] *Ibidem.*

que havia tido com o professor Arnaldo Araújo, que colocava cada um dos alunos a criticar o trabalho de um colega no final do ano. Foi um momento em que aprendeu a construir uma crítica que não fosse destrutiva, e que procurou trazer para a sua pedagogia, adaptando essa prática de uma forma que considerava ser bastante produtiva e humana[574].

Considerando que, no momento em que ingressou como docente na *Escola*, eram poucos os professores cujo percurso escolar coincidia com o seu tempo de estudante[575], com a exceção de Correia Fernandes e de António Madureira, que iniciou a sua atividade docente pouco depois de Quintão, o corpo de docentes da ESBAP era praticamente constituído por colegas que José Quintão não conhecia pessoalmente. No entanto, o arquiteto Manuel Correia Fernandes, pela sua relação e afinidade com muitas destas personalidades, como Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez e Pedro Ramalho, estabelecia "*... no fundo, um elo de ligação entre mim e os outros.*"[576].

Nesse sentido, talvez um dos principais aspetos positivos que a atividade docente introduziu na vida de José Quintão, tenha sido, como este reconhecia, a oportunidade de estabelecer novas dinâmicas e relações com os docentes da ESBAP, uma vez que conviveu muito mais proximamente com os seus colegas depois de reentrar na *Escola*. A atividade docente, permitindo-lhe colaborar e privar junto de muitos desses professores, possibilitou-lhe também fortalecer anteriores relações, nomeadamente com o arquiteto Manuel Correia Fernandes, cuja relação e amizade já se estendia por largos anos, que assistiu na área da Teoria, ou ainda estabelecer novos relacionamentos de maior proximidade e amizade, como, por exemplo, com o arquiteto Alexandre Alves Costa, que em muito o ajudou na entrada para a área da História, ou ainda o arquiteto Domingos Tavares[577], com quem colaborava no *Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura* (CEFA)[578].

Por outro lado, recordava também a importância de outras figuras com quem se cruzou mais tarde na sua carreira docente, como Marco Ginoulhiac, José Miguel Rodrigues, Eliseu Gonçalves, ou outros tantos dos seus antigos alunos. Era essa relação e ciclo geracional que achava "*... mais interessante, o conhecer o aluno, aquele que está meio que na dependência, digamos, e depois ser nosso colega. Acho muito interessante essas duas aproximações.*"[579].

[574] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[575] *Ibidem.*

[576] *Ibidem.*

[577] *Ibidem.*

[578] Unidade que promove e enquadra ações de prestação de serviços da FAUP à comunidade, que envolve docentes e investigadores da instituição, e cujo enquadramento está definido no artigo 6º dos Estatutos da FAUP, publicados em Diário da República, II série, n.º 43, 20.fev.1990.

[579] *Ibidem.*

fig. 62

José Grade (em pé), Rui Tavares, José Santos, José Quintão, Paula Ranhada, Joaquim Vieira, José Manuel Soares, Fernando Távora, Henrique Carvalho e Sérgio Fernandez, jantar com alunos do primeiro ano, 1985.
Em primeiro plano: José Quintão numa conversa animada com aluno.

1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993

CONTEXTO SOCIO-CULTURAL

1969
REGIME EXPERIMENTAL

1974
BASES GERAIS

1968
PRIMAVERA MARCELISTA

1970
MORTE DE ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR

1974
REVOLUÇÃO 25 DE ABRIL

1976
CONSTITUIÇÃO REPÚBLICA PORTUGUESA

1979
CRIAÇÃO FAUP

1983
TOMADA POSSE COMISSÃO INSTALADORA DA FAUP

1985
CONSTRUÇÃO PAVILHÃO CARLOS RAMOS

1987
CRIAÇÃO PROGRAMA ERASMUS

1992
CRIAÇÃO FBAUP

1968
MAIO DE 68

1974-1976
OPERAÇÃO SAAL

1984
TRANSIÇÃO PARA NOVAS INSTALAÇÕES DA FAUP

1986
ADESÃO À UNIÃO EUROPEIA

1968
PRIMAVERA DE PRAGA

PERCURSO DOCENTE

1981-1983
ASSISTENTE EVENTUAL ESBAP

1983-1986
ASSISTENTE ESBAP

1986-1998
ASSISTENTE FAUP

1981-1989
INICIAÇÃO AO PROJETO (1º ANO)
Corresponsável

1989-1991
TEORIA DA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA II (3º ANO)
Regente

1991-1992
DISPENSA DE SERVIÇO LETIVO
Aluno de doutoramento

1992-1994
HISTÓRIA DA ARQUITETURA PORTUGUESA I (4º ANO)
Assistente de Alexandre Alves Costa

1986-1988
TEORIA DA ARQUITETURA II (3º ANO)
Assistente de Manuel Correia Fernandes

PERCURSO PROFISSIONAL

1968-1970
COLABORADOR DE ARMÉNIO LOSA

1970-1974
COLABORADOR DE VASCO VIEIRA DA COSTA

Antiga avenida dos Restauradores, atual avenida Rainha Ginga, Prédio Totobolo, 7º, Luanda

1970
[1] *Edifício de Laboratórios, Bloco Cirúrgico e Administração para Faculdade de Medicina de Nova Lisboa, Universidade de Luanda*
[2] *Agência Bancária - Totta e Açores, Luanda*

1971
[1] *Cinema S. Paulo, Luanda*
[2] *Instalações Fisioterapia, Luanda*
[3] *Edifício para Armazém de peças, oficinas e venda de automóveis, Nova Lisboa*

1972
[1] *Dormitórios, Salas Estudo, Bloco Administrativo, Capela, Anfiteatro e Biblioteca para Lar de Estudantes da Mocidade Portuguesa, Luanda*
[2] *Edifício de Habitações e Escritórios CAOP, Luanda*
[3] *Ampliação e Remodelação do Hotel Turismo, Luanda*
[4] *Instituto de Assistência Social Pio XII, Luanda*

1973
[1] *Snack-bar, Restaurante e Salão de Chá "Mutamba", Luanda*

1975-1981
ARQUITETO PARA JUNTA DISTRITAL DO PORTO

1974?-1978?
COLABORADOR DE MANUEL CORREIA FERNANDES

1974-1976
S. PEDRO DA COVA
OPERAÇÃO SAAL NORTE
Brigada Técnica coordenada por Manuel Correia Fernandes

1977
Edifício de Habitação e Comércio em Guimarães

1983
Mercado Municipal de Valongo

1985
Remodulação de Interiores Estúdio Fotográfico, Porto

1983
Mercado Municipal de Ermesinde

1985
Remodulação de Prédio Urbano, Porto

1989?-2002?
REGIME COLABORAÇÃO COM CEFA

Em colaboração com Domingos Tavares e Lúcio Parente

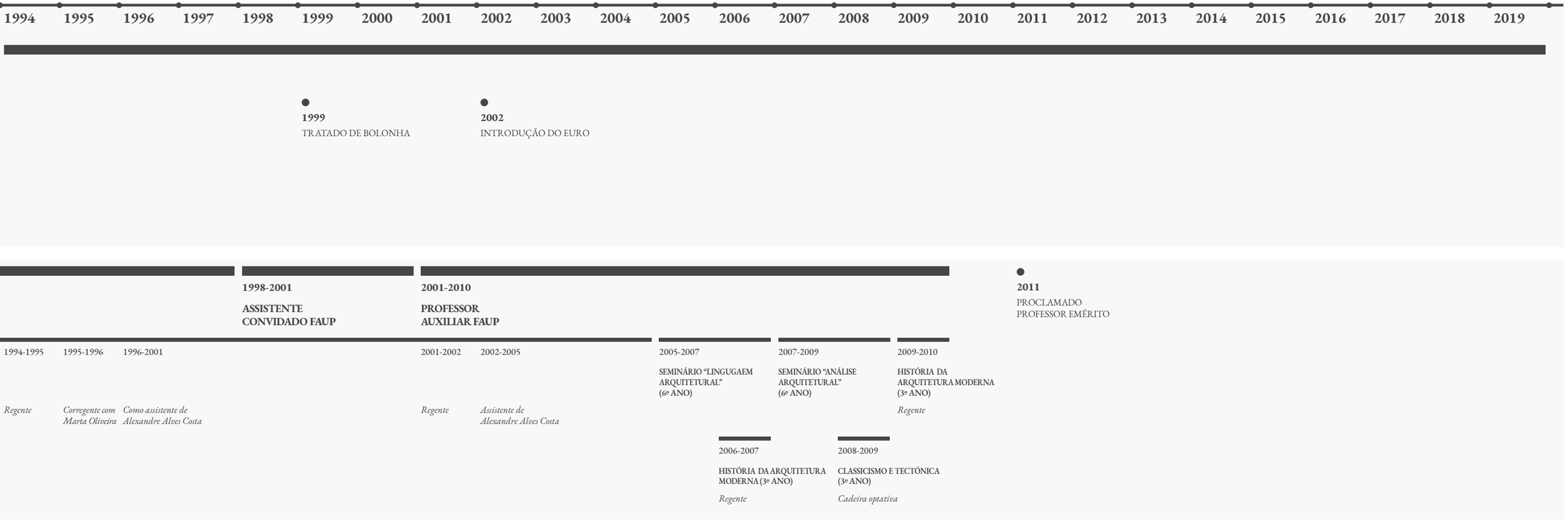
1989
FMDUP

1990-1996
ASSESSORIA CM PÓVOA DE VARZIM

1991
Remodulação de Moradia Unifamiliar, Viana do Castelo

1993
Edifício Delegação Saúde, Gaia (A Miranda)

1993
Moradia Unifa (Assessoria a Lú


1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
1999
TRATADO DE BOLONHA
2002
INTRODUÇÃO DO EURO
1998-2001
ASSISTENTE
CONVIDADO FAUP
2001-2010
PROFESSOR
AUXILIAR FAUP
2011
PROCLAMADO
PROFESSOR EMÉRITO
1994-1995
Regente
1995-1996
Corregente com
Marta Oliveira
1996-2001
Como assistente de
Alexandre Alves Costa
2001-2002
Regente
2002-2005
Assistente de
Alexandre Alves Costa
2005-2007
SEMINÁRIO "LINGUAGEM
ARQUITETURAL"
(6º ANO)
2007-2009
SEMINÁRIO "ANÁLISE
ARQUITETURAL"
(6º ANO)
2009-2010
HISTÓRIA DA
ARQUITETURA MODERNA
(3º ANO)
Regente
2006-2007
HISTÓRIA DA ARQUITETURA
MODERNA (3º ANO)
Regente
2008-2009
CLASSICISMO E TECTÓNICA
(3º ANO)
Cadeira optativa
1995-2002
ASSESSORIA OBRAS
REMODULAÇÃO FEUP
Moradia Unifamiliar, Cristelo
1995
Moradia Unifamiliar,
Monserrate
(Assessoria a João Quintão)
1997
Moradia Unifamiliar, Seixas
(Assessoria a Paula Petiz)
1994
Remodelação Moradia
Unifamiliar, Argela
1994

Guarda por isso, "*... das melhores recordações (...) da* Escola de Belas-Artes*, da Faculdade...*"[580], quer das experiências de ensino de *Projeto* no primeiro ano, por "*... ver o aluno a desabrochar ...*"[581], quer dos momentos nos restantes anos, que "*... também têm outras compensações, também desabrocham de outra maneira. Quer dizer, já são mais informados, já têm as suas opiniões bastante formadas ...*"[582]. Este gosto pelo ensino, pelos alunos, por poder partilhar e trocar ideias, experiências e vivências com eles, advinha em grande parte por sentir que era extremamente positivo a proximidade com os jovens, estar com os estudantes no dia-a-dia, "*... parece que nós regressamos, que não envelhecemos tanto.*"[583].

Acreditava genuinamente que a atividade que um indivíduo pratica se torna indissociável da sua identidade, "*... isso aí é que nos define a todos. (...) ser pintor, ou ser escultor, ou ser outra coisa qualquer, eu tenho a impressão que é isso que nos marca.*"[584]. Acreditava, por isso, que só sabia ser arquiteto, e que foi essa prática que lhe permitiu conhecer a outra atividade que mais gozo lhe dava, a docência, que se prolongou até 2010. Apesar de ter começado a dar aulas já com quarenta anos, José Quintão construiu e teceu um enorme apreço pela atividade letiva, pela qual não tem dúvidas de ter acabado por ter uma paixão tão grande como pela arquitetura[585].

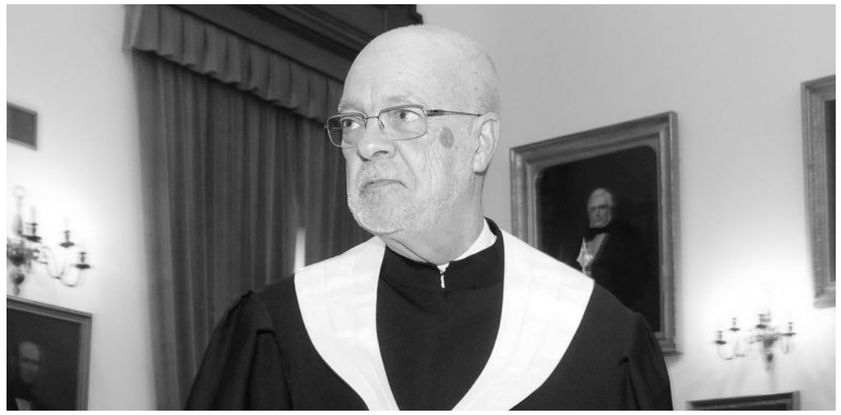


fig. 63
José Quintão, título de Professor Emérito da UP, 2014.

[580] *Ibidem.*

[581] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[582] *Ibidem.*

[583] *Ibidem.*

[584] *Ibidem.*

[585] *Ibidem.*

José Gigante

A primeira experiência de José Gigante na docência ocorreu ainda antes de reingressar na ESBAP. Com o fim da *Operação SAAL*, e ainda antes de concluir o relatório final de curso, começou a dar aulas no ensino secundário. Numa altura marcada pela "*... crise de trabalho por que passava a maioria dos gabinetes, sobretudo aqueles que mais haviam apostado no processo S.A.A.L...*"[586], a alternativa foi ingressar no ensino. Primeiro no *Liceu Soares dos Reis*, durante menos de um ano, depois, na *Escola Secundária da Maia*, no ano letivo de 1977-78, esta resultou numa experiência curta, em que deambulava "*... pelos corredores das escolas secundárias ensinando as mais díspares disciplinas, desde a* vulgar *Educação Visual à* pomposa *Teoria do Design e Comunicação.*"[587]. lecionava a disciplina de *Educação Visual*, onde sentia "*... que não percebia nada*."[588], e que surgia, acima de tudo, para conciliar com o trabalho que continuava a realizar no atelier do seu pai.

A verdadeira experiência de Gigante na docência surge quando reingressa na ESBAP, uns anos mais tarde, após a *Prova Pública de Apresentação* do relatório de Estágio. Como explica, "*Em 1981 tudo era muito diferente do que é hoje. O curso de arquitectura da ESBAP era um dos dois únicos cursos existentes em Portugal (...) e com poucos alunos. Quando comecei a dar aulas, no terceiro ano, este tinha apenas duas turmas com cerca de vinte alunos cada.*"[589]. Também o número de professores era reduzido, de modo que vários dos seus colegas que estavam a concluir ou tinham já concluído o curso foram rapidamente convidados para integrar o corpo docente da *Escola*[590].

[586] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 25).

[587] *Ibidem.*

[588] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[589] **GIGANTE, José** – *Resposta Pedido Colaboração PROJETO VOZES VIVAS.*

[590] Iniciou a prática letiva no mesmo ano que o arquiteto José Quintão e o arquiteto Adalberto Dias. No ano anterior, em 1980, tinham também ingressado no ensino alguns dos seus colegas de curso, a saber, Carlos Guimarães, Carlos Parta, Francisco Barata, Henrique Carvalho, e ainda Eduardo Souto Moura e Teresa Fonseca.

A partir desse momento "*... dedica-se ao ensino, aceitando a função de docente da disciplina de Projecto ...*"[591], no terceiro ano, como assistente do arquiteto Alfredo Matos Ferreira[592], conjugado com a atividade prática. Esta atividade pedagógica prolonga-se até ao ano letivo de 1987-88, momento em que começa a lecionar a cadeira de *Ciências da Construção*, até 1991. A partir do momento em que inicia a prática docente, "*... contribui, de forma clara, para a disciplina de Construção, complementar à disciplina de Projecto. A Construção, até então algo estranha ao Projecto, passa progressivamente a estar integrada ...*"[593]. Recorda, nesse sentido, as aulas de construção de Álvaro Siza e de Eduardo Souto Moura[594], que na verdade correspondiam a "*... uma aula de Projeto, era uma extensão. Nem se está a imaginar o Siza ou o Souto Moura a fazer de outro modo.*"[595]. Também a docência do seu pai na cadeira de *Construção*, teve uma forte influência na sua atividade.

De facto, muitas vezes atingiu determinadas conclusões projetuais através do pensamento construtivo, ainda que considere que este não deve ser determinante. Considerando-se um homem dos números, racional, e com poucas aptidões para o desenho, "*... sempre achei que construção me ajudava um bocadinho a superar essa dificuldade e o conhecimento dos materiais vai desempatando. Portanto, eu tentei sempre legar essa atenção que vem das aulas do Siza, do Souto Moura, do meu pai, com tentar formular um bocadinho com esse corpo teórico.*"[596], ou seja, atentar ao caminho que estas figuras já tentaram organizar, mas também formular um conjunto, estruturado e sistematizado, de aulas teóricas. É nesse sentido que hoje se pode considerar Gigante como "*... o grande mentor desta dimensão dialéctica, herdeira das visões de Jorge Gigante, Siza Vieira e outros mestres ligados ao ensino da construção.*"[597].

O último ano em que leciona na FAUP antes de ingressar no *Departamento de Arquitetura* da *Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra* (FCTUC) foi docente de

[591] **MILANO, Maria** – *José Gigante*. (p .22).

[592] **Alfredo Durão de Matos Ferreira** (1928-2015) foi um arquiteto natural de Lisboa. Concluiu o curso de Arquitetura, em 1959, e obteve o diploma, em 1973, na ESBAP. Foi membro do grupo *Sala 35* com Alberto Neves, Álvaro Siza Vieira, António Menéres, Joaquim Sampaio e Vasco Macieira Mendes. Trabalhou como colaborador de Arménio Losa, entre 1970 e 1972 e, entre 1972 e 1982, trabalhou em sociedade com Fernando Távora. Entre 1974 e 1976 organizou a *Operação SAAL* para o bairro da Lapa, com Beatriz Madureira. Lecionou na ESBAP e, posteriormente, na FAUP entre 1976 e 1998. Exerceu atividade profissional em escritório próprio entre 1983 e 2008.

[593] **MILANO, Maria** – *José Gigante*. (p. 22).

[594] **Eduardo Elísio Machado Souto de Moura** (1952-...) é um arquiteto natural do Porto. Licenciou-se em Arquitetura na ESBAP, em 1980, onde lecionou entre 1981 e 1990, regressando mais tarde em 2003. Trabalhou como colaborador de Álvaro Siza, entre 1974 e 1979, período em que integrou também a Brigada Técnica da *Operação SAAL*, no bairro de S. Vítor. Assim que concluiu os estudos, desenvolve atividade profissional em nome próprio.

[595] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[596] *Ibidem.*

[597] **MILANO, Maria** – *José Gigante*. (p. 22).

Projeto III e de *Ciências da Construção II*, no ano letivo de 1991-92. Tinha decidido começar o doutoramento nesse ano. Já havia iniciado um curso de pós-graduação na *Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto* (FEUP), quando, em 1993, o seu pai começou a ficar muito doente, e "*Acabei por me agarrar ao trabalho de projeto que é, no fundo, o que eu gostava.*"[598]. Durante cerca de dois ou três anos ainda tentou conciliar as duas tarefas, mas acabou por nunca concluir o doutoramento.

Seria também nessa altura, em 1992, que recebe um convite para lecionar em Coimbra, na FCTUC, como professor de *Construção I* e *II*. Ainda que desse aulas apenas uma tarde da semana, foi nesse momento que começou a criar uma maior ligação e proximidade com o curso de Arquitetura de Coimbra, principalmente porque sentia que na FAUP "*... comecei a ser um bocado, não é encostado, mas como não tinha o doutoramento era sempre assistente de alguém.*"[599]. Nunca teve problemas em ocupar esse papel, tendo auxiliado vários docentes, entre os quais Álvaro Siza e Alcino Soutinho, durante os vários anos em que lecionou. No entanto, houve um momento de rutura em que decide sair da FAUP, quando lhe "*... pediram para ser assistente de um engenheiro, que era o Vítor Abrantes. É uma pessoa por quem tenho muita admiração, é um belíssimo engenheiro, é uma pessoa muito conhecedora.*"[600], mas sentia que as responsabilidades de organização e estruturação das aulas caiam todas sobre si. Nesse momento conclui que não queria ser "*... assistente de um engenheiro numa Escola de Arquitetura.*"[601]. Não podendo ser o responsável da disciplina e constatando ainda várias falências da relação entre *Projeto* e *Construção*, em que "*Cada vez mais a construção tem menos importância. Cada vez mais me sinto, um bocado, um pendericalho do Projeto...*", decidiu sair da FAUP.

Assim, após os últimos anos de ensino na FAUP, em que lecionou, em 1995, de *Ciências da Construção III*, em 1996, de *Projeto IV*, e em 1997, de *Sistemas e Materiais de Construção*, sempre no papel de assistente, no ano letivo de 1998-1999 ingressou no Departamento de Arquitetura da FCTUC, como professor auxiliar. Recorda o convite do arquiteto Alexandre Alves Costa, que tinha sido um dos responsáveis pela instalação do curso de Arquitetura de Coimbra, juntamente com Fernando Távora e Domingos Tavares, para integrar o corpo docente e ajudar a montar o programa da cadeira de *Construção*[602]. Lecionou em Coimbra até 2010, onde sente que a importância da cadeira de Construção era bastante impactante. A constituição das turmas com menor quantidade de alunos, permitia-lhe ensaiar melhor a compatibilização dos professores de *Construção* e *Projeto* na mesma sala ao mesmo tempo,

[598] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[599] *Ibidem.*

[600] *Ibidem.*

[601] *Ibidem.*

[602] *Ibidem.*

prática que durante muitos anos batalhou para ser implementada na FAUP, e que atualmente se tentava executar.

Por esse motivo sente que "*... passei uns anos muito bons em Coimbra. Formei lá muita gente.*"[603]. Acabou por encontrar na FCTUC vários dos seus antigos alunos ou personagens que reconhecia do ambiente da FAUP, como João Mendes Ribeiro, Paulo Providência, Nuno Grande, José António Bandeirinha e António Lousa. A saída de Coimbra foi, por isso, difícil. Na altura era já Professor Associado, quando decidiu abandonar o ensino na FCTUC, saída que em nada teria a ver com a prática pedagógica. Pelo contrário, resultava de um episódio lateral, concernindo questões de renovações de contrato, que levaram José Gigante, a escolher regressar para a FAUP.

Na verdade, também a posição em que reingressou na docência na FAUP, em 2010, era sintomática das circunstâncias que anteriormente o tinham feito sair em primeiro lugar, uma vez que entraria como assistente em *Projeto*, no terceiro ano, do arquiteto Rui Ramos[604], que havia sido seu aluno. Foi nessa lógica que "*... sugeri à FAUP para me passar para Construção, porque achava que tinha alguma coisa a dar.*"[605]. No entanto, a prática que testara no curso de Arquitetura em Coimbra, que procurava melhor conciliar as áreas de *Projeto* e *Construção*, na FAUP "*... convenci-me que não funcionava, mais, que não funciona, porque é tanta gente que o professor de Construção mal sabe o nome dos alunos.*"[606].

Na sua experiência, enquanto professor no quarto ano, da cadeira de *Construção III*, "*... é de tal forma assimétrica a relação com o professor de Construção da com o professor de Projeto, que o aluno só liga ao professor de Projeto.*"[607], sendo que o discurso do professor de *Construção* nunca consegue ser tão importante. Logo, mesmo que considere vivamente positivo "*... terem conseguido finalmente juntar professores de Projeto e Construção na mesma sala, um está lá doze horas, outro está três, e anda a saltar.*"[608], tendo pouca influência sobre o aluno. Foi, nesse sentido, que acabou por se sentir sempre um pouco lateral, "*... não porque os colegas me tenham secundarizado, mas porque é tão poucas horas com tanta gente que o trabalho acabava por não ser muito rentável.*"[609].

[603] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[604] **Rui Jorge Garcia Ramos** (1961-...) é um arquiteto natural de Viana do Castelo. Concluiu o curso de Arquitetura em 1986 na ESBAP, obtendo o diploma em 1991. Leciona na ESBAP e, posteriormente, na FAUP desde 1986 e é investigador do CEAU desde 1997. Trabalhou como estagiário no escritório de Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, entre 1982 e 1983, e de Carlos Guimarães, entre 1983 e 1984. Trabalhou na *Câmara Municipal de Vila do Conde*, entre 1986 e 1987, e exerceu atividade profissional em escritório próprio, entre 1983 e 2003.

[605] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[606] *Ibidem.*

[607] *Ibidem.*

[608] *Ibidem.*

[609] *Ibidem.*

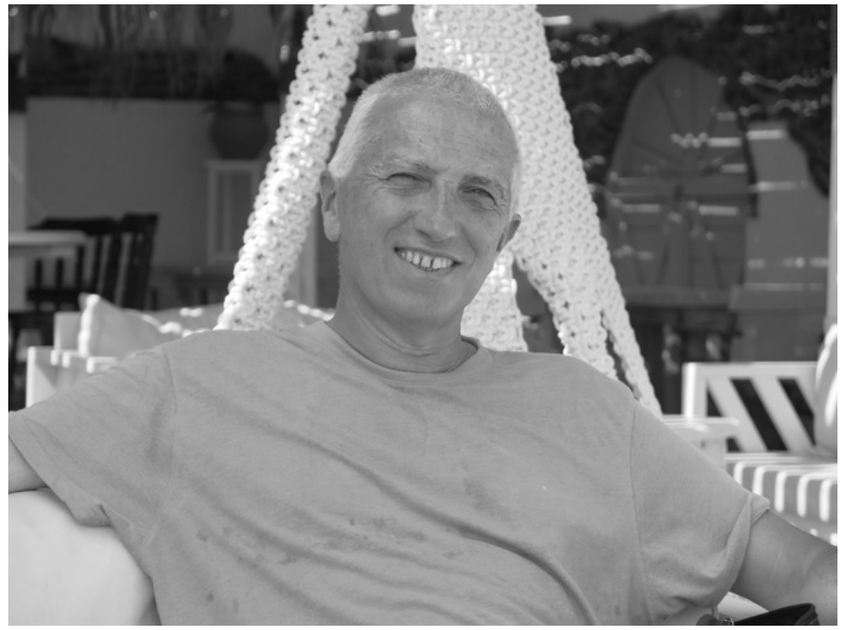


fig. 64
José Gigante.

1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993

CONTEXTO SOCIO-CULTURAL

1969
REGIME EXPERIMENTAL

1974
BASES GERAIS

1968
PRIMAVERA MARCELISTA

1970
MORTE DE ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR

1974
REVOLUÇÃO 25 DE ABRIL

1976
CONSTITUIÇÃO REPÚBLICA PORTUGUESA

1979
CRIAÇÃO FAUP

1983
TOMADA POSSE COMISSÃO INSTALADORA DA FAUP

1985
CONSTRUÇÃO PAVILHÃO CARLOS RAMOS

1987
CRIAÇÃO PROGRAMA ERASMUS

1992
CRIAÇÃO FBAUP

1968
MAIO DE 68

1974-1976
OPERAÇÃO SAAL

1984
TRANSIÇÃO PARA NOVAS INSTALAÇÕES DA FAUP

1986
ADESÃO À UNIÃO EUROPEIA

1968
PRIMAVERA DE PRAGA

PERCURSO DOCENTE

1969-1976
CURSO DE ARQUITETURA

1981
RELATÓRIO DE ESTÁGIO

1981-1983
ASSISTENTE ESBAP

1983-1986
ASSISTENTE FAUP

1981-1984
ARQUITETURA III (3º ANO)

1984-1988
PROJETO III (3º ANO)

1988-1991
CIÊNCIAS DA CONSTRUÇÃO
Regente

1991-1992
CIÊNCIAS DA CONSTRUÇÃO II
Regente

1991-1992
PROJETO III

PERCURSO PROFISSIONAL

1971
COLABORADOR DE JORGE GIGANTE E FRANCISCO MELO

1974-1976
BRIGADA TÉCNICA *OPERAÇÃO SAAL NORTE*

1981-1994?
COLABORADOR DE JORGE GIGANTE E FRANCISCO MELO

Rua D. Hugo, 37

1983
Entrada de João Álvaro Rocha como colaborador

1981
Edifício de Habitação Coletiva - Cooperativa Cohaemato

1983
Ampliação da Central Telefónica da Boavista

1986
Ampliação da Central Telefónica de Rio Tinto

1989
Reconversão de Moinho, Vilar de Mouros

1991
Laboratório Nacional de Investigação Veterinária (com João Álvaro Rocha)

1986
Residência Hermenegildo Pais

1989
Conjunto Habitacional e Equipamentos Gondifelos (com João Álvaro Rocha)

1991
Teatro de Belomonte

1986
Reconversão de Construção Rural Casa Deolinda Castro

1992
Instituto das Comunicações de Portugal (com João Álvaro Rocha)

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005 2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019

1999
TRATADO DE BOLONHA

2002
INTRODUÇÃO DO EURO

1995-1998

ASSISTENTE
FAUP

1995-1996
CIÊNCIAS DA CONSTRUÇÃO III
Regente

1996-1997
PROJETO IV

1997-1998
SISTEMAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
Regente

1995-1998

PROFESSOR
AUXILIAR FAUP

2010-2011
PROJETO III

2011-2012
PROJETO IV

2012-2013
CONSTRUÇÃO III
Regente

2017-2018
CONSTRUÇÃO III

1996-

ATELIER PRÓPRIO

1996-2005

PRÉDIO NA RUA DA GRACIOSA, 3º PISO

Nuno Valentim e Fernando Santos como colaboradores

1996
Casa Clementina Loureiro (com João Gomes)

1998
Casa da Oliveira (com Vítor Silva)

2000
Casa Gabriela Pinheiro - Reconstrução

2002
Museu-Auditório do Teatro de Marionetas do Porto (com Vítor Silva)

2004
Casa Cristina Silva

1995
Casa Ramos, Gondomar

1997
Edifícios Quinta do Louredo (com João Gomes)

1999
Conjunto de Habitações em Banda, Gavião (com Nuno Valentim)

1999
Casa António Teixeira, Vila Nova de Famalicão (com João Gomes)

1999
Teatro do Bolhão - Reconversão Palácio do Conde de Bolhão (com João Gomes e Fernando Santos)

2002
Reconstrução de Sequeiro (com Vítor Silva)

2002
Casa Unifamiliar, Guimarães (com Vítor Silva)

2002
Casa Laura Fonseca, Felgueiras (com Vítor Silva)

2005-

RUA D. ANTÓNIO BARROSO, 289

2007
Escola Secundária Rocha Peixoto (com João Gomes)

2005
Estação de Metro da Póvoa de Varzim (com Fernando Santos e João Gomes)

2008
Escola Secundária Tomaz Pelayo (com João Gomes, José Almeida, André Gigante, João Castanheira e Carlos Azevedo)

2008
Escola Secundária Francisco de Holanda (com João Gomes, José Almeida, André Gigante, João Castanheira e Carlos Azevedo)

2012
Pavilhão de Bilhar (com José Almeida e Fernando Santos)

Paralelamente, esta experiência no quarto ano ficou marcada pelo reencontro de muitas personagens que havia acompanhado nos seus tempos de estudante e ainda outros que haviam sido seus alunos. Como identificou "*... o Serôdio foi meu aluno, o Nuno Brandão Costa, foi meu aluno, o* [Francisco] *Vieira de Campos, não foi, mas era da turma ao lado, a Raquel* [Paulino] *foi minha aluna, o Adalberto foi meu colega no ano seguinte, o Prata é do meu ano. Mas confesso, a gente vai-se encontrando mais em jantares ...*". Foi, nesse sentido, uma experiência a partir da qual fortaleceu múltiplas relações de amizade e proximidade fora de um âmbito profissional.

Esta sua reentrada na FAUP, a tempo parcial, foi mais tarde acompanhada, pelo convite do arquiteto Pedro Ramalho[610] para ser o coordenador pedagógico da área de Construção na *Universidade Lusófona do Porto* (ULP), em 2012, e ainda da entrada na *Escola Superior de Artes e Design* (ESAD), a convite da Diretora Maria Milano, onde lecionava uma cadeira no curso de Design. Esta incursão na ESAD prolongou-se até 2015. Ainda que tivesse sido um exercício interessante, acabou por escolher manter as funções docentes na ULP, onde teve a oportunidade de definir os programas de Construção para todos os anos escolares[611], uma vez que representava "*... um desafio mais importante e mais complexo, do que a ESAD que era uma escola de desenho.* [A ESAD] *É uma Escola muito simpática, eu gostei de lá estar, mas não preenchia, digamos, o que eu pretendia num curso de Arquitetura.*"[612].

É, no ano de 2018, que acaba por terminar a sua experiência de docência na FAUP, pelo agravar da sua saúde. Nesse tempo de adaptação, apercebeu-se principalmente que queria "*... continuar a trabalhar no escritório, porque sem escritório também não sou professor, porque o que eu ensino é o que eu vou apreendendo.*"[613].

Efetivamente, para Gigante "*... o ensino é o prolongamento do ateliê e vice-versa. O que nas duas situações emerge é uma capacidade de coordenar grupos e de efectuar críticas, que nas aulas tendem a não condicionar o aluno com as suas próprias lógicas de projecto, ...*"[614]. Procurou sempre não impor estilos ou apelar a gostos, até porque pode não gostar de um trabalho de um aluno, mas ainda assim concluir que é meritoso de uma boa classificação[615]. Nesse sentido, "*... uma coisa que eu aprecio numa pessoa e que aprecio no que faz é a integridade, isto é, a relação entre o que faz e o que pensa e o que ele é. O mundo é feito de pessoas diferentes, e ainda bem. Eu gosto do mundo com pessoas diferentes, que pensam de modo diferente, desde que se respeite a liberdade do outro.*"[616]. Estes foram alguns dos valores e ensinamentos que adquiriu nos seus tempos de estudantes, e que procura também transmitir aos seus alunos, considerando fulcrais que os alunos os apreendam durante a sua formação, mas nunca numa tentativa "*... de fazer o que acham que o professor gosta. Têm de fazer aquilo que eles constroem como um modo de estar, de pensar, e habituarem-se a ouvir o que o outro diz, discutir, criticar, mas nunca impondo princípios estéticos, ou de estilo. O estilo não me interessa.*"[617]. Até porque quando "*... sinto que os alunos estão a querer agradar, a fazer o que pensam que nós queremos, é uma sensação de algum desconforto.*"[618].

O seu gosto pelo ensino, tal como em grande parte dos seus interesses, advém da convivência com as pessoas, e neste caso, com os alunos, motivo pelo qual "*A instituição Faculdade não me diz muito, nem me interessa muito. Interessa-me mais os alunos do que a instituição em si, porque gosto de ensinar também, porque aprendo muito. Muito do que eu faço aprendi com os alunos.*"[619]. Esta interação constante, de a troca e partilha de ideais, de crítica e debate, de um modo inconsciente tornou-se o método de fazer e pensar de Gigante. É nessa dialética que se alimenta e prospera a sua prática, quando parte do trabalho coletivo, *"... a essência do meu trabalho.*"[620]. Por esse motivo, tem especial gosto quando, ao insistir sobre o trabalho que um aluno faz, pressente que este ganha autonomia, e que consequentemente "*... questiona o professor, encosta o professor à parede, aperta o professor ...*"[621].

Esta atitude de procura e interrogação do aluno, a par da preparação necessária para as aulas constituem uma das principais motivações, porque o obrigam a estudar e investigar, a procurar essa preparação. Acredita nesse sentido que precisa muito de dar aulas, de interagir nesse ambiente, para também crescer com os alunos e com eles rejuvenescer[622].

É esse sentido de *Escola*, enquanto espaço de interação de pessoas, sobretudo com os alunos, que o cativa, porque a "... Escola *faz parte da vida e é tão importante como a nossa casa, o nosso trabalho, é onde encontramos pessoas. E aquelas pessoas que eu acho que me seduzem mais são os alunos, porque estão em formação.*"[623]. É essa osmose, em que procura alimentar-se e privar com os alunos, que aprecia no ensino, e que procurou manter viva durante os longos anos em que foi docente.

610 Enquanto diretor do *Departamento de Arquitetura* da *Universidade Lusófona do Porto* (ULP).

611 Paralelamente, José Gigante considera também as condições de ensino na ULP são bastante favoráveis, onde consegue estar reunido com cerca de dez alunos numa mesa a discutir.

612 **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

613 *Ibidem.*

614 **MILANO, Maria** – *José Gigante*. (p. 22).

615 **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

616 **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

617 *Ibidem.*

618 *Ibidem.*

619 *Ibidem.*

620 *Ibidem.*

621 *Ibidem.*

622 *Ibidem.*

623 *Ibidem.*

3.2.2 o primeiro trabalho e as experiências profissionais

"*Cada um de nós é arquitecto à sua maneira e esse ser arquitecto releva de uma história pessoal, de uma praxis persistente e de uma considerável dose de meditação teórica, ideológica, sociológica, etc.; isto é, uma cultura com tudo o que esta palavra implica de totalidade.*"[624]

[624] **RAMALHO, Pedro** – *Itinerário*. (p. 7).

Pedro Ramalho

A atividade profissional de Pedro Ramalho, como arquiteto, surge no prolongamento das várias experiências práticas que já se vinha a proporcionar enquanto estudante. Nessa altura desenvolveu várias colaborações, quer com professores ou arquitetos do Porto, quer com colegas com quem estabeleceu sociedade, como ainda projetos a título individual. Encontrava-se, por isso, ainda antes de terminar o curso de Arquitetura já bastante habilitado.

Assim, quando entrega o relatório de estágio, em 1968, "*... começaram a aparecer uns trabalhos maiores e mudámo-nos para a rua Arquiteto Marques da Silva, aqui no Bom Sucesso.*"[625]. A sociedade que havia estabelecido – primeiro com Alcino Soutinho e Sérgio Fernandez e, posteriormente, apenas com o último – decorria já ao longo de seis largos anos de colaboração, durante os quais cada um dos arquitetos ia desenvolvendo também os seus projetos individuais.

Nessa altura, havia já iniciado a sua atividade letiva na *Escola do Porto*. As vivências que estabelecia pela cidade, potenciadas quer pelo conjunto de personagens com o qual se havia relacionado durante os seus tempos de estudante, quer pelas experiências que havia estabelecido em torno desse núcleo e dos vários espaços e lugares que juntos frequentavam, prendiam-se em grande parte com as envolvências da *Escola*. Recorda-se por isso de já morar no edifício que havia projetado "*... na Pasteleira, tínhamos um escritório na rua Marques da Silva, a antiga rua da Friagem, e eu ia, depois do almoço, tomar o café ao S. Lázaro, e depois do café vinha para o escritório. Isso hoje é uma coisa absolutamente impensável (...) demoro no mínimo meia hora, é preciso ter sorte com o trânsito...*"[626].

Seria nesse atelier que permaneceriam até 1973. Contudo, "*... quando o Losa nos propôs fazer a Quinta da Conceição, nós ocupámos então um escritório bastante maior, (...) um edifício de*

[625] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[626] *Ibidem.*

escritórios na Praça da Galiza."[627]. Sérgio Fernandez acabou por sair desse espaço ainda antes do 25 de Abril, onde Ramalho se manteve até 2004 e "*... começou a trabalhar com o Alexandre Alves Costa ...*"[628], no atelier da rua 15 de novembro.

Assim, quando a *Operação SAAL* foi montada, em 1974, os dois arquitetos estavam já separados, e cada um comprometido com uma Brigada Técnica – Pedro Ramalho nas Antas e Sérgio Fernandez no Leal. As várias brigadas eram constituídas com base em grupos de estudantes de arquitetura que se encontravam a trabalhar com a população, e coordenadas por um ou mais arquitetos responsáveis. No caso do Bairro das Antas, teria origem num grupo de trabalho vertical, englobando alunos de vários anos, que desenvolviam um trabalho de análise urbana nessa zona e iam recorrendo ao apoio dos professores da *Escola*. Como um dos estudantes da brigada, Francisco Machado Lima, era já colaborador no atelier de Pedro Ramalho desde 1973, "*... entendemos convidá-lo para coordenar a equipa.*"[629].

Como recorda "*... apareceram-me lá uma equipa de maçaricos, alguns nem sequer tinham entrado na* Escola. *Estavam matriculados, mas nunca tinham tido aulas.*"[630]. De facto, ainda que a ação dos estudantes tenha sido muito importante, o trabalho "*... exigia a profissão, e aliás, só as equipas que tinham arquitetos habilitados é que fizeram alguma coisa. Os outros não podiam fazer nada, porque (...) ou não tinham capacidade ou não tinham um gabinete profissional a apoiá-los. Havia algumas coisas que era preciso chamar de estruturas, instalações elétricas, água de esgotos, como não tinham um gabinete, não tinham laços profissionais, não conseguiam fazer.*"[631].

É nesse sentido que Francisco Machado Lima salienta a "*... muita competência profissional e tutela firme com a qual [Ramalho] conduzia os trabalhos de nove estudantes – Pedro Borges de Araújo, Teresa Fonseca, José Lencastre, Mário Fróis Amaral, Lídia Costa, Miguel Pais Vieira, Vítor Bastos, Orlando Sequeira e eu próprio.*"[632]. Foram mais de dois anos a trabalhar arduamente, entre o Bairro das Antas e o atelier da rua do Campo Alegre. Esta experiência revelou-se por isso indubitavelmente marcante para todos os estudantes que integravam esta brigada,

[627] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[628] *Ibidem.*

[629] **COSTA, Ana Alves; FERNANDEZ, Sérgio (coord.)** – *Cidade participada: arquitectura e democracia: Antas, Pedro Ramalho.* (p. 135).

Francisco Machado Lima vem a substituir Luís Ramalho, que fazia parte do gabinete, como segundo responsável pela Brigada Técnica, quando este foi prestar serviço militar.

[630] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[631] *Ibidem.*

[632] **COSTA, Ana Alves; FERNANDEZ, Sérgio (coord.)** – *Cidade participada: arquitectura e democracia: Antas, Pedro Ramalho.* (p. 135).

fig. 65
Visita ao Bairro das Antas com Pedro Ramalho, organizada pela AEFAUP, 2020.

1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993

CONTEXTO SOCIO-CULTURAL

1969
REGIME EXPERIMENTAL

1974
BASES GERAIS

1968
PRIMAVERA MARCELISTA

1968
MAIO DE 68

1968
PRIMAVERA DE PRAGA

1970
MORTE DE ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR

1974
REVOLUÇÃO 25 DE ABRIL

1974-1976
OPERAÇÃO SAAL

1976
CONSTITUIÇÃO REPÚBLICA PORTUGUESA

1979
CRIAÇÃO FAUP

1983
TOMADA POSSE COMISSÃO INSTALADORA DA FAUP

1984
TRANSIÇÃO PARA NOVAS INSTALAÇÕES DA FAUP

1985
CONSTRUÇÃO PAVILHÃO CARLOS RAMOS

1986
ADESÃO À UNIÃO EUROPEIA

1987
CRIAÇÃO PROGRAMA ERASMUS

1992
CRIAÇÃO FBAUP

PERCURSO DOCENTE

1968-1970
ASSISTENTE EVENTUAL

1970-1973
PROFESSOR CONTRATADO ESBAP

1973-1985
ASSISTENTE FAUP

1985-1988
ASSISTENTE CONVIDADO FAUP

1988-2007
PROFESSOR AUXILIAR FAUP

1968-1974
ARQUITETURA III (3º ANO)

1974-1975
TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA (6º ANO)

1976-1977
ARQUITETURA V (5º ANO)

1977-1978
CONSTRUÇÃO VI (6º ANO)

1976-1978
ARQUITETURA VI (6º ANO)

1979-1980
ANÁLISE DO TERRITÓRIO (6º ANO)

1980-1983
ARQUITETURA V (5º ANO)

1982-1983
TEORIA E COORDENAÇÃO (6º ANO)

1983-1985
ARQUITETURA IV (4º ANO)

1983-1986
TEORIA DA ARQUITETURA (4º ANO)

1985-86
SEMINÁRIO DE PREPROFISSIONALIZAÇÃO (4º ANO)

1986-1999
PROJETO II (4º ANO)

1987-1988
TEORIA DA ARQUITETURA III (6º ANO)

PROJETO III (4º ANO)

PERCURSO PROFISSIONAL

1968-1974
SOCIEDADE COM SÉRGIO FERNANDEZ

1968-1973
ATELIER BOM SUCESSO
Rua Arquitecto Marques da Silva

1974-1998
ATELIER PRÓPRIO

1973-2004
ATELIER PRAÇA GALIZA
Rua do Campo Alegre, 17

1973
Conjunto Habitacional FFH, Guimarães

1974
Museu e Auditório na Rua de D. Hugo, Porto

1974-1976
ANTAS
OPERAÇÃO SAAL NORTE
Brigada Técnica coordenada por Pedro Ramalho

1975
Tanques aprendizagem de natação, Matosinhos

1976
Programa Habitacional CHE HABITOVAR, Ovar

1978
3 Casas na Foz do Douro, Porto (Residência própria)

1978
Conjunto Habitacional na Zona da Balsa para FFH, Viseu

1978
Conjunto Habitacional CHE PLENICOOPE, Ílhavo

1979
Conjunto Habitacional CHE NABÂNCIA, Tomar

1980
Bloco Residencial para Câmara Municipal, Matosinhos

1980
Complexo Desportivo para Clube de Ténis, Guimarães

1981
Paços do Concelho e Biblioteca Municipal, Águeda

1981
Plano de Pormenor Zona Sul e Zona Estádio para Câmara Municipal, Guimarães

1983
Pavilhão dos Desportos, Francisco de Holanda, Guimarães

1983
Casa Carlos de Sousa, Nevogilde (com Luís Ramalho e Teresa Vaz)

1983
Piscinas de Natação em Recinto Coberto para Câmara Municipal, Matosinhos

1985
Conjunto Habitacional CHE "15 de Fevereiro", Senhora da Hora

1986
Plano de Pormenor da Zona das Azenhas de Cima, Matosinhos

1986
Casa Dr. Silvio de Matos, Gondomar

1987
Conjunto Habitacional CHE "As Sete Bicas" (com Luís Ramalho)

1987
Programa Habitacional FENACHE, Matosinhos

1988
Novas Instalações da FEUP, Pólo II (com Luís Ramalho)

1988
Edifício do Departamento de Gestão da Universidade de Aveiro (com Luís Ramalho)

1989
Palácio da Justiça, Matosinhos

1989
Plano de Pormenor dos terrenos da FACAR, Leça da Palmeira

1992
Recuperação Teatro Municipal Rivoli, Porto

1999
TRATADO DE BOLONHA

2002
INTRODUÇÃO DO EURO

1999-2007

PROJETO IV
(4º ANO)

Regente

1998-2013

**SOCIEDADE COM
LUÍS RAMALHO**

2013-

ATELIER PRÓPRIO

2005-

ATELIER FOZ

*Rua Fernão Lopes, 157
(atual)*

1999

Casa das Artes, Vila Nova de Famalicão

2002

Edifício INEGI, Porto

2003

POLIS - Plano de Pormenor para a Frente Ribeirinha, Vila Nova de Gaia

2005

Casa Atelier Ângelo de Sousa, Porto

2009

Escola Secundária Santa Maria Maior, Viana do Castelo

tornando-se, como Ramalho salienta, num período muito importante para a própria *Escola*.

Alguns desses alunos já colaboravam no atelier de Ramalho, ainda antes de integrarem a Brigada, e lá se mantiveram, como Teresa Fonseca, Francisco Machado Lima e Pedro Borges de Araújo, enquanto outros, depois dessa experiência, foram convidados a continuar, como José Lencastre. Essa relação de colaboração que Pedro Ramalho também procurava preservar com os estudantes do curso de Arquitetura é indicativa dos laços e proximidades que na época costumavam existir entre *Escola* e atelier. Assim, a maioria dos colaboradores que por lá passaram eram, quase na totalidade, alunos da *Escola*, e lá complementaram a sua formação.

Paralelamente, mantinha "*... uma colaboração de dois ou três funcionárias que não eram propriamente da* Escola*. Um deles acabou por se formar em Engenharia (...) outro, que era um bom colaborador (...) e tinha uma secretária. (...) esses dois rapazes, um deles até entrou muito novo, com catorze anos, lá para o escritório, e o outro, era eletricista, mas tinha umas mãos... era um desenhador espantoso.*"[633]. A par destes colegas, que acabaram por ser os colaboradores que mais anos o acompanharam, trabalhou ainda com o irmão, Luís Ramalho, que veio para o Porto quando os pais estavam na Madeira. Dez anos mais novo, ao chegar ao Porto para frequentar o curso de Arquitetura na ESBAP, Pedro Ramalho leva-o para sua casa, "*... e era como um filho.*"[634].

Vários foram os anos em que Luís Ramalho colaborou no atelier do irmão Pedro, mas foi apenas em 1998 que estabeleceram uma sociedade. Esta foi dissolvida em 2013, por causa da crise económica que se encontrava no país, num momento em que "*... o escritório já estava com algumas dificuldades (...) e nós tivemos que fechar, e nunca mais consegui repor, (...) ficou só o espaço.*"[635].

Ainda assim, depois de muitos anos com várias colaborações, quer ainda enquanto estudante, como depois já com escritório próprio, acredita que o seu percurso "*... nesse aspeto é bastante independente, se calhar mal.*"[636]. Desde muito novo que se lançava em várias projetos e oportunidades, e sente que "*... devia ter trabalhado se calhar em mais ateliers, conhecido outras experiências. (...) A experiência que eu tive com o Filgueiras... nunca o vi pegar num lápis para traçar. Falava, falava, falava, e falava brilhantemente. Mas tive (...) uma certa independência profissional, comecei cedo de mais.*"[637].

Considerava que em certos momentos tinha também "*... um defeito grave, uma coisa que me prejudicou imenso, que era muito convencido na maneira de projetar. Isso prejudicou-me no sentido de autocrítica.*". Aquilo que hoje possa rever como uma atitude um pouco convencida, talvez pelo contrário revele a convicção, autossuficiência e persistência com que sempre se dedicou à profissão. Mais ou menos autónomo, a verdade é que foi desenvolvendo inúmeros projetos ao longo dos anos, nos quais está intrínseca uma ética profissional indissociável da prática deste arquiteto.

Se a obra de arquitetura, como explica Sérgio Fernandez, "*... não deixa (...) de traduzir com especial incidência, a personalidade de um dos seus principais actores, o arquitecto.*"[638], então os vários campos de atuação para os quais a prática de Pedro Ramalho se alarga revelam as diferentes formas em que "*... se vão conformando os seus saberes.*"[639]. Assim, é também nessa multiplicidade de interesses que assenta a sua atividade profissional, na qual "*... a gravura, a composição gráfica, o teatro, o cinema, o desenho de mobiliário, a intervenção política e a arquitectura tecem teias indissolúveis que integram a acção quotidiana...*"[640]. A obra de Pedro Ramalho, "*... onde está patente a determinação da procura de uma maneira diferente de viver e de intervir no ambiente urbano, constituirá, por isso, um permanente ponto de referência.*"[641].

fig. 66
Pedro Ramalho, no escritório atual,
2020.

[633] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[634] *Ibidem.*

[635] *Ibidem.*

[636] *Ibidem.*

[637] *Ibidem.*

[638] **RAPAGÃO, João; PEREIRA, Rafael Gonçalves (coord.)** – *Pedro Ramalho: projectos e obras de 1963 a* 1995. (p. 3).

[639] *Ibidem.*

[640] *Ibidem.*

[641] *Idem.* (p. 7).

José Quintão

O recém-formado arquiteto José Quintão guardava consigo na memória as vivências na cidade de Luanda, onde iniciou a sua atividade profissional depois de receber o diploma de Arquitetura[642]. Essas memórias tinham permanentemente presentes a figura do arquiteto Vasco Vieira da Costa, uma personagem inquestionavelmente preponderante na formação e crescimento de Quintão. Esta experiência de colaboração iniciou-se ainda durante a realização do estágio nos *Serviços de Obras Públicas e Transportes de Angola*, quando o jovem começou a ocupar os finais de tarde no atelier de Vieira da Costa. As suas idades distavam quase trinta anos, mas ainda assim Quintão recordou com muita saudade as convivências que partilharam, durante "*... quatro anos intensos de uma relação maravilhosa. Ele fez-me seu associado ...*".

Sendo Vieira da Costa "*... um apaixonado pelo continente africano, do qual privilegiava a sua terra de adopção – Angola – a que aludia como o último paraíso terrestre.*"[643], então as memórias do jovem arquiteto em Luanda, tão influenciadas por esta personagem, são relembradas sempre muito positivamente.

Tinha por ele uma admiração infindável. Apesar de o ter conhecido num contexto completamente distinto da *Escola do Porto*, recorda que também Vieira da Costa "*... era dessa* Escola. *(...) foi fazer o seu estágio de urbanismo para o atelier de Corbusier, onde conheceu a mulher, que era uma Rockefeller, nova-iorquina.*"[644], Barbara Gratz-Carr[645]. Definia-o, pela sua postura e ética profissional, como "*... um Arquiteto com «A» grande, (...) sempre nesta perspetiva de não*

[642] A 5 de Novembro de 1970.

[643] **UNIVERSIDADE DO PORTO, FACULDADE DE ARQUITECTURA** – *Arquitectura, pintura, escultura, desenho: património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. (p. 78).

[644] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[645] **CRUZ, Diogo** – *Memórias de um Mercado Tropical: O Mercado de Kinaxixe e Vasco Vieira da Costa*. (p. 71).

gastar mais do que o necessário, este economicismo..."[646], consequências do pós-guerra que saltavam e se transpunham para a esfera da profissão. Considerava que "*Angola poderá ostentar, com justificado orgulho, a sua Obra ...*", onde reconhecia um respeito profundo "*... pelo Homem como destino primeiro da Arquitectura.*"[647]. Considerava-o por isso o seu *pai espiritual*[648].

Para além da especial relação que teceu com Vasco Vieira da Costa, as vivências em Luanda possibilitaram-lhe por um lado estabelecer novas ligações, nomeadamente com José Troufa Real[649] e Júlio Saint-Maurice[650], mas também reavivar ligações antigas, nomeadamente com António Madureira e, sobretudo, com Manuel Correia Fernandes[651].

Depois dos seus caminhos se terem tocado quando, juntos, entraram no curso de Engenharia, e descruzado no desenrolar do percurso escolar no curso de Arquitetura, foi posteriormente em Luanda que estabeleceram uma relação de proximidade, quando Manuel Correia Fernandes esteve na tropa. Este, na altura, repartia o seu horário entre momentos que disponibilizava ao atelier de Vieira da Costa e o tempo que, efetivamente, ocupava nos serviços da tropa. Tinha nesse sentido, os dias divididos em vários momentos. No entanto, como recorda Correia Fernandes, "*... às noites, aos fins-de-semana, ao jantar, na praia, encontrávamo-nos. E algumas, bastantes vezes, com o próprio Vieira da Costa. Portanto, associava-se um pouco a nós. Ele tinha realmente uma grande amizade também com o arquiteto José Quintão, por mim também e acabamos por fazer um trio, era claro bastante mais velho e nós ainda com crianças, ele já não...*"[652].

Esse reencontro com Quintão foi, para Correia Fernandes, o momento em que "*Retomamos*

[646] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[647] **UNIVERSIDADE DO PORTO, FACULDADE DE ARQUITECTURA** – *Arquitectura, pintura, escultura, desenho: património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. (p. 79).

[648] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[649] **José Deodoro Faria Troufa Real** (1941-...) é um arquiteto e urbanista natural de Luanda, em Angola. Licenciou-se no curso de Arquitetura em 1967, na ESBAP, e acabou o curso de Urbanismo com distinção, em 1983, na *Architectural Association*, em Londres. De regresso a Luanda, trabalhou como colaborador de Vasco Vieira da Costa. Lecionou na *Universidade Técnica de Lisboa*, obtendo o cargo de professor catedrático em 1999. Desenvolveu atividade profissional em Angola, Cabo Verde, Macau e Portugal.

[650] **Júlio Torres de Saint-Maurice** (1942-...) é um arquiteto natural de Lisboa. Trabalhou como estagiário de Luís Vassalo Rosa, entre 1969 e 1970, e como colaborador de Vasco Vieira da Costa, na década de 70. Exerce atividade profissional em escritório próprio em Lisboa, destacando-se o *Campus Universitário de Campolide*, em Lisboa, realizado com Alberto de Souza Oliveira.

[651] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[652] **FERNADES, Manuel Correia** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Manuel Correia Fernandes, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

a nossa relação pessoal. Ele já levava mulher e filhos, eu também já tinha lá mulher e um filho, o meu filho mais velho. Pronto, e aí também, por razões evidentemente de consonância, de amizade também entre os membros da família, a minha mulher com a mulher do José Quintão..."[653]. Entre esta nova experiência de trabalho e a convivência nos tempos livres, curiosamente foi principalmente "*... no deslocamento do nosso lugar natural, que se cria, de facto, uma amizade que foi desenvolvida e que nunca mais se perdeu.*"[654].

Paralelamente, importa salientar a preponderância de Vieira da Costa como "*... impulsionador e responsável do Curso de Arquitectura em Angola, que tomou as primeiras iniciativas nos contactos entre as duas escolas (...). É a sua situação singular neste processo que o qualifica como símbolo maior de amizade e cooperação entre dois cursos ...*"[655]. Durante a estadia de José Quintão no seu atelier, Vieira da Costa, juntamente com outros professores da *Escola do Porto*, entre os quais Manuel Correia Fernandes, procuravam impulsar a criação do curso de Arquitetura na *Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola*. Esta proposta, no entanto, não contava com a participação de Quintão, uma vez que "*... o escritório tinha que continuar e havia vários projetos em mão, tanto em projeto como em acompanhamento de obra ...*"[656]. À data, também ainda não havia iniciado a sua prática docente, uma vez que "*... nessa altura nem sequer me passava pela cabeça um dia vir a ser professor de arquitetura. Isso só nasceu cá, muito depois já.*"[657]. Em todo o caso, essa proposta "*... não teve acolhimento junto do poder colonial instalado no Governo de Lisboa.*"[658], vindo apenas a concretizar-se em 1979, já após a independência de Angola[659].

O regresso de Quintão a Portugal ocorreu apenas após o 25 de abril, data que, apesar de não se considerar politicamente ativo, recordava vividamente. Estava por isso em Luanda, e procurava marcar uma viagem para, juntamente com a família, virem a Portugal. Assim, à hora de almoço deslocou-se à agência de viagens, que o avisa que não seria possível viajar de avião, porque tinha ocorrido algum acontecimento em Lisboa, motivo pelo qual o aeroporto dessa cidade se encontrava encerrado. Regressando ao trabalho, questionou o arquiteto Vieira da

[653] **FERNANDES, Manuel Correia** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Manuel Correia Fernandes, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[654] *Ibidem.*

[655] **UNIVERSIDADE DO PORTO, FACULDADE DE BELAS ARTES** – *Ensino da Arquitectura: uma experiência de cooperação entre duas escolas Porto e Luanda.*

[656] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[657] *Ibidem.*

[658] **SEABRA, Matilde** – "Manuel Correia Fernandes, uma biografia desenhada em papel de *segundas vias*", *in* **PROVIDÊNCIA, Paulo; BAÍA, Pedro** – *Manuel Correia Fernandes: 18 obras.* (p. 162).

[659] A 15 de janeiro de 1975.

fig. 67
Eliseu Gonçalves (moderador), Manuel Correia Fernandes, José Quintão e António Madureira, na mesa redonda de abertura da mostra "Vasco Vieira da Costa: Biblioteca de Detalhes", 2019.

1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993

1969
REGIME EXPERIMENTAL

1974
BASES GERAIS

1968
PRIMAVERA MARCELISTA

1968
MAIO DE 68

1968
PRIMAVERA DE PRAGA

1970
MORTE DE ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR

1974
REVOLUÇÃO 25 DE ABRIL

1976
CONSTITUIÇÃO REPÚBLICA PORTUGUESA

1974-1976
OPERAÇÃO SAAL

1979
CRIAÇÃO FAUP

1983
TOMADA POSSE COMISSÃO INSTALADORA DA FAUP

1984
TRANSIÇÃO PARA NOVAS INSTALAÇÕES DA FAUP

1985
CONSTRUÇÃO PAVILHÃO CARLOS RAMOS

1986
ADESÃO À UNIÃO EUROPEIA

1987
CRIAÇÃO PROGRAMA ERASMUS

1992
CRIAÇÃO FBAUP

PERCURSO DOCENTE

1981-1983
ASSISTENTE EVENTUAL ESBAP

1983-1986
ASSISTENTE ESBAP

1986-1998
ASSISTENTE FAUP

1981-1989
INICIAÇÃO AO PROJETO (1º ANO)
Corresponsável

1986-1988
TEORIA DA ARQUITETURA II (3º ANO)
Assistente de Manuel Correia Fernandes

1989-1991
TEORIA DA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA II (3º ANO)
Regente

1991-1992
DISPENSA DE SERVIÇO LETIVO
Aluno de doutoramento

1992-1994
HISTÓRIA DA ARQUITETURA PORTUGUESA I (4º ANO)
Assistente de Alexandre Alves Costa

PERCURSO PROFISSIONAL

1968-1970
COLABORADOR DE ARMÉNIO LOSA

1970-1974
COLABORADOR DE VASCO VIEIRA DA COSTA

Antiga avenida dos Restauradores, atual avenida Rainha Ginga, Prédio Totobolo, 7º, Luanda

1970
[1] *Edifício de Laboratórios, Bloco Cirúrgico e Administração para Faculdade de Medicina de Nova Lisboa, Universidade de Luanda*
[2] *Agência Bancária - Totta e Açores, Luanda*

1971
[1] *Cinema S. Paulo, Luanda*
[2] *Instalações Fisioterapia, Luanda*
[3] *Edifício para Armazém de peças, oficinas e venda de automóveis, Nova Lisboa*

1972
[1] *Dormitórios, Salas Estudo, Bloco Administrativo, Capela, Anfiteatro e Biblioteca para Lar de Estudantes da Mocidade Portuguesa, Luanda*
[2] *Edifício de Habitações e Escritórios CAOP, Luanda*
[3] *Ampliação e Remodelação do Hotel Turismo, Luanda*
[4] *Instituto de Assistência Social Pio XII, Luanda*

1973
[1] *Snack-bar, Restaurante e Salão de Chá "Mutamba", Luanda*

1974?-1978?
COLABORADOR DE MANUEL CORREIA FERNANDES

1974-1976
S. PEDRO DA COVA
OPERAÇÃO SAAL NORTE
Brigada Técnica coordenada por Manuel Correia Fernandes

1977
Edifício de Habitação e Comércio em Guimarães

1975-1981
ARQUITETO PARA JUNTA DISTRITAL DO PORTO

1983
Mercado Municipal de Valongo

1983
Mercado Municipal de Ermesinde

1985
Remodulação de Interiores Estúdio Fotográfico, Porto

1985
Remodulação de Prédio Urbano, Porto

1989?-2002?
REGIME COLABORAÇÃO COM CEFA

Em colaboração com Domingos Tavares e Lúcio Parente

1989
FMDUP

1990-1996
ASSESSORIA CM PÓVOA DE VARZIM

1991
Remodulação de Moradia Unifamiliar, Viana do Castelo

1993
Edifício Delegaç Saúde, Gaia (A Miranda)

1993
Moradia Unifa (Assessoria a Lú

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005 2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019

1999
TRATADO DE BOLONHA

2002
INTRODUÇÃO DO EURO

1998-2001
ASSISTENTE CONVIDADO FAUP

2001-2010
PROFESSOR AUXILIAR FAUP

2011
PROCLAMADO PROFESSOR EMÉRITO

1994-1995 *Regente*

1995-1996 *Corregente com Marta Oliveira*

1996-2001 *Como assistente de Alexandre Alves Costa*

2001-2002 *Regente*

2002-2005 *Assistente de Alexandre Alves Costa*

2005-2007
SEMINÁRIO "LINGUAGEM ARQUITETURAL" (6º ANO)

2006-2007
HISTÓRIA DA ARQUITETURA MODERNA (3º ANO)
Regente

2007-2009
SEMINÁRIO "ANÁLISE ARQUITETURAL" (6º ANO)

2008-2009
CLASSICISMO E TECTÓNICA (3º ANO)
Cadeira optativa

2009-2010
HISTÓRIA DA ARQUITETURA MODERNA (3º ANO)
Regente

1995-2002
ASSESSORIA OBRAS REMODULAÇÃO FEUP

1995
Moradia Unifamiliar, Monserrate (Assessoria a João Quintão)

1997
Moradia Unifamiliar, Seixas (Assessoria a Paula Petiz)

ão Regional de
ssessoria a Luís

miliar, Gaia
cio Parente)

1994
Remodelação Moradia Unifamiliar, Argela

1994
Moradia Unifamiliar, Cristelo

Costa que também apenas sabia que algo se havia passado. Efetivamente, a Luanda a notícia chegou já com dois dias de atraso, e unicamente comunicada pela *Rádio Congo*[660].

Foi então no contexto pós-revolucionário que regressou ao Porto, transportando para Portugal a renovada amizade com o arquiteto Manuel Correia Fernandes, que já havia retornado a Portugal em dezembro de 1971, para quem foi trabalhar[661]. Nesse sentido, também a oportunidade de participar na *Operação SAAL Norte* surgiu aliada a Correia Fernandes, que chefiava a brigada técnica de *S. Pedro da Cova*.

Identificado como um dos maiores bairros clandestinos existentes na zona do Porto[662], que cobria áreas muito vastas, a operação em *S. Pedro da Cova*, contava já com a colaboração de um conjunto de alunos[663], que estavam a trabalhar com a organização de moradores da Bela Vista, a estabelecer contactos e dar ajuda, tendo elegido o arquiteto Correia Fernandes como representante. Toda a comoção e mobilização em torno do processo desenvolvido na Bela Vista, iniciado em novembro de 1974, despoletou os restantes processos desenvolvidos nos bairros vizinhos, num total de doze operações todas coordenadas por Correia Fernandes. Assim, esta operação, "*Genericamente referida como S. Pedro da Cova, deu, na realidade origem a um trabalho de apoio técnico às comissões de moradores de: Bela Vista, vale do Souto e Aldeia, Vila Verde, Casa da Malta, Cabine, Ervedosa, Silveirinhos, Mó, Farrobo, Passal – que era a das minas –, Cimo da Serra e Bairro Norte.*"[664]. Durante os dois anos de existência do SAAL, a operação em São Pedro da Cova, diferenciando-se do realojamento das *ilhas* que outras operações desenvolviam, procurou "*... infraestruturar toda a zona e dotar as casas de condições habitacionais. (...) Assim, para além dos projectos de infraestruturas – vias, iluminação pública, abastecimento de água e de electricidade, drenagens pluviais e domésticas – a brigada elaboraria dezenas de desenhos para pequenos melhoramentos nas casas existentes...*"[665].

A participação no SAAL ficou assim marcados na vida de José Quintão, pelos anos "*... em que deu tudo quanto tinha para dar às noites, aos dias e, de facto, foi uma experiência notável.*"[666].

[660] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[661] *Ibidem*.

[662] **FERNADES, Manuel Correia** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Manuel Correia Fernandes, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[663] A Brigada Técnica seria assim constituída por Alexandra Gesta, Francisco Morais, José Quintão, Luísa Brandão, Virgínio Moutinho, Luís Miranda, Rui Pinto, Luísa Cerveira Pinto, Isabel Teixeira e Albertina Lourenço, e encabeçada por Manuel Correia Fernandes. **BANDEIRINHA, José António** – *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. (p. 402).

[664] *Idem.*(p. 153).

[665] *Idem.* (p. 245).

[666] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

Durante o ano de 1975 presta ainda serviços como arquiteto na *Junta Distrital do Porto*[667], atividade que se prolonga até 1981, momento em que inicia a atividade docente.

Posteriormente, após ter iniciado a sua atividade docente, realizou ainda diversos projetos, em regime de colaboração no *Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura* (CEFA), dos quais importa destacar três participações.

Ainda que não recordasse como surgiu esta oportunidade, foi convidado por Domingos Tavares[668], e juntamente com Lúcio Parente[669], que em 1989-90, formou equipa para o projeto da *Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto* (FMDUP)[670]. A pedido da *Universidade do Porto*, este surgiu associado a dois outros projetos, para a *Universidade de Aveiro*, encabeçado por Nuno Portas, e para o *Teatro Viriato*, encabeçado por Sérgio Fernandez.

Já das intervenções e assessoria para a *Câmara Municipal de Póvoa de Varzim*, também em regime de colaboração com o CEFA, entre 1990 e 1996, recordava a relação de proximidade e debate que criou com os seus colegas. Juntamente com Domingos Tavares e Lúcio Parente, deslocava-se à Póvoa de Varzim semanalmente, onde se encontravam com três estudantes estagiários, e resultando numa espécie de "*... gabinete de consultor, (...) tentávamos dar uma certa solução a muitos dos demandos que apareciam na Câmara.*"[671]. Constitui-se numa experiência em que procuraram manter coerência, integridade e ética profissional, num meio por vezes refém a corrupção ou pagamentos indevidos. Mas acima de tudo, para José Quintão foram "*... anos assim bastante duros, mas gratificantes. Até porque não estávamos sozinhos, estávamos sempre em discussão uns com os outros, mesmo os alunos connosco. Tínhamos uma relação de proximidade de colega para colega.*"[672]. Apercebendo-se que Domingos Tavares apresentava à altura maior experiência profissional, ou pelo menos maior sensibilidade para campos mais focados na área urbanística, reconheceu naturalmente que "*... ouvia mais atentamente o Domingos do que ele a mim (...). Eu toda a vida fui sobretudo ligado ao projeto arquitetónico.*"[673].

Salienta-se ainda a participação de José Quintão nas obras de remodelação e manutenção da

[667] **QUINTÃO, José** – *José César Vasconcelos Quintão*. Curriculum Vitae. Abr. 2009. (p. 7).

[668] Com quem, já desde os tempos em que se cruzou no atelier de Jorge Gigante e Francisco Melo, tinha uma relação próxima. **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[669] **Lúcio Parente** é um arquiteto. Concluiu o curso de Arquitetura na ESBAP. Foi investigador do CEAU e trabalhou em coautoria com Domingos Tavares e José Quintão. Trabalha na *Câmara Municipal de Viana do Castelo*, desde 2008.

[670] **QUINTÃO, José** – *José César Vasconcelos Quintão*. Curriculum Vitae. Abr. 2009. (p. 8).

[671] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[672] *Ibidem.*

[673] *Ibidem.*

Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEUP), que foram para si "*... dos exercícios que mais gozo me deu.*"[674].

Efetivamente, o gosto pelo ensino tornou-se uma paixão tão forte para José Quintão, que este acabou decisivamente por se dedicar à atividade docente. Ainda assim, enquanto lecionava chegou a realizar mais algumas obras. Para além da sua casa em caminha, "*Fiz uma em Viana, que era uma recuperação, fiz outra em Seixas, com a Paula Petiz, e fiz aqui uma em Gaia, com o Lúcio Parente.*"[675].

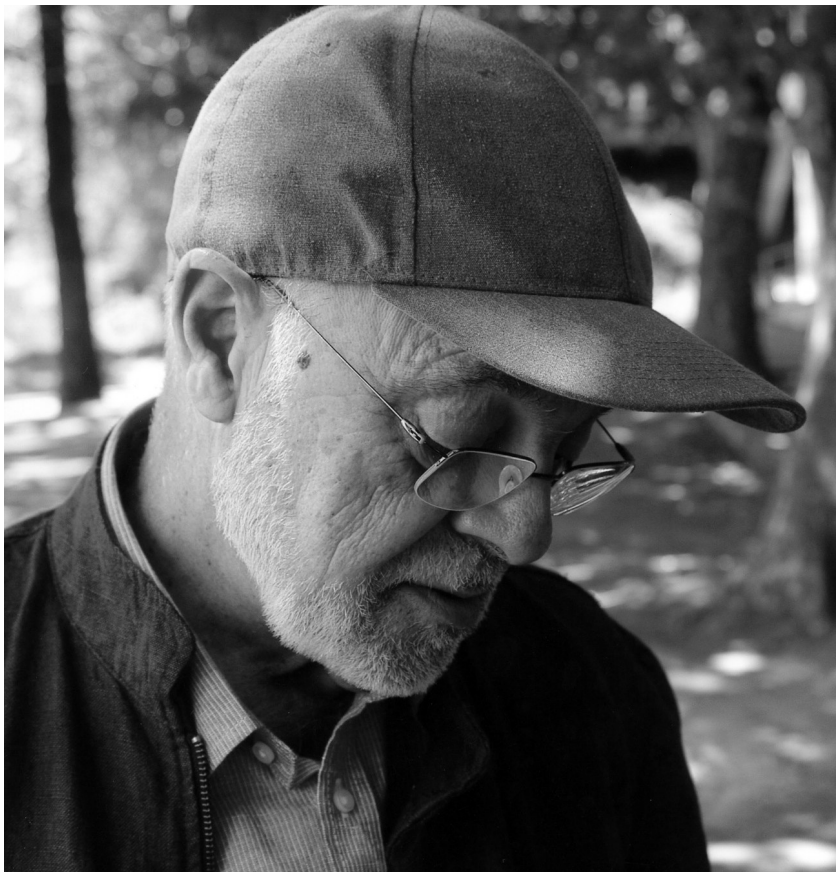


fig. 68
José Quintão, 2020.

[674] *Ibidem.*
[675] *Ibidem.*

José Gigante

José Gigante iniciou a sua atividade profissional muito cedo, ainda enquanto estudante. Logo após ter concluído a parte escolar do curso de Arquitetura e a experiência na *Operação SAAL* do *Bairro da Sé*, esteve "*... mais de um ano a dar aulas no secundário,* [e] *comecei então a trabalhar no escritório do meu pai e do Francisco Melo.*"[676], em 1978, ainda antes de ter entregado o relatório final.

Obtido o diploma de arquiteto, em 1981, continuou a prática profissional neste atelier, onde deu continuidade aos vários projetos que já vinha a desenvolver. "*A vida corria-me bem e, ainda no escritório do meu pai, conheci o João Álvaro Rocha. Tínhamos formações bem diversas, modos de olhar a vida também, mas a paixão pela arquitectura e a persistência do trabalho em comum soube esbater essas diferenças ...*"[677]. A sua entrada para o escritório, em 1983, marca o início de uma forte amizade, prolongando-se durante muitos anos, e que se mantinha também num campo profissional, com diversas colaborações. Entre elas, salientam-se os *Edifícios de Habitação e Equipamentos* em Vila Nova de Famalicão, projetado entre 1988 e 1997, o *Laboratório Nacional de Investigação Veterinário* em Vila do Conde, entre 1991 e 2000, e ainda o *Instituto das Comunicações de Portugal* no Porto, entre 1993 e 1996.

Assim, durante vários anos, continuaria a trabalhar no atelier do seu pai e de Francisco Melo, "*... com trabalhos que eu fazia, alguns meus que eu arranjava, outros o meu pai arranjava e que eu fazia integrado naquele escritório ...*"[678]. No entanto, durante o início da década de noventa o estado de saúde de Jorge Gigante foi piorando. Nos últimos dois anos de fim de vida do seu pai, ainda com Francisco Melo presente no atelier, embora Gigante estivesse a iniciar o doutoramento, acaba por decidir tomar conta de vários projetos que estavam em desenvolvimento

[676] **GIGANTE, José** – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP. (p. 16).

[677] *Ibidem*. (p. 24).

[678] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

no escritório. De facto, essa era verdadeiramente a sua paixão, "*Projeto e obra. Eu gosto sempre de construir.*"[679].

Durante muitos anos o atelier de Jorge Gigante e Francisco Melo surgiu como um lugar que prolongava as aprendizagens da *Escola*, complementando a formação de muitos dos colaboradores que por lá passaram. Por períodos mais ou menos prolongados, muitas foram as personagens que usufruíram desta *escola* prática e, em particular, dos múltiplos conhecimentos da dupla de arquitetos que o encabeçava. No entanto, após quase quatro décadas de trabalho, o gabinete fecharia as suas portas. Segundo Gigante, "*Depois do meu pai morrer, o escritório começou a desfazer-se.*"[680].

Assim, após a saída de João Álvaro Rocha, em 1996, "*... constituí o meu próprio escritório. Nada que fosse absolutamente novo – apenas um outro espaço, com pessoas que sucessivamente o foram renovando.*"[681]. Dessas personagens, houve algumas cuja presença se tornou uma constante no seu atelier. Durante a transição entre ateliers, tanto Gigante com Álvaro Rocha procuraram manter vários dos colaboradores que trabalhavam com Jorge Gigante e Francisco Melo, sendo que alguns seguiram a sua prática profissional com Álvaro Rocha, enquanto outros permaneceram com Gigante. "*Na altura tinha muito pouco trabalho, (...) e fiquei com o Nuno Valentim e com um colaborador que ainda hoje trabalho comigo ...*"[682]. Refere-se a Fernando Santos, uma figura que entrou no atelier de Jorge Gigante e Francisco Melo muito novo, com quinze anos, apenas com o nono ano concluído, mas que rapidamente se tornou imprescindível. Na altura, servindo como um elo comum entre os vários trabalhos individuais em processo, ocupava um lugar como "*... desenhador permanente, (...) cuja rodagem nos esquemas de trabalho do atelier e a invulgar capacidade de entender o projecto, transformaram a sua colaboração num complemento sempre indispensável ao longo de todo o trabalho de concepção/desenho.*"[683]. Com a passagem para o atelier de José Gigante, continua a ser dos colaboradores "*... mais consistentes. Ele é muito bom a detalhar, sabe muito de carpintaria, de serralharia...*". De facto, uma colaboração que se manteve durante tantos anos torna-se naturalmente muito profícua. O hábito de trabalharem juntos criou uma natural confiança, em que os dois "*... quase que por meias palavras já comunica.*".

Dos vários ensinamentos que adquiriu enquanto estudante, nas primeiras experiências pro-

[679] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[680] *Ibidem.*

[681] **GIGANTE, José** – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP. (p. 28).

[682] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[683] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.* (p. 27).

fig. 69
José Gigante e João Álvaro Rocha, no atelier de Jorge Gigante e Francisco Melo, 1986.

1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993

1969
REGIME EXPERIMENTAL

1974
BASES GERAIS

1968
PRIMAVERA MARCELISTA

1968
MAIO DE 68

1968
PRIMAVERA DE PRAGA

1970
MORTE DE ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR

1974
REVOLUÇÃO 25 DE ABRIL

1974-1976
OPERAÇÃO SAAL

1976
CONSTITUIÇÃO REPÚBLICA PORTUGUESA

1979
CRIAÇÃO FAUP

1983
TOMADA POSSE COMISSÃO INSTALADORA DA FAUP

1984
TRANSIÇÃO PARA NOVAS INSTALAÇÕES DA FAUP

1985
CONSTRUÇÃO PAVILHÃO CARLOS RAMOS

1986
ADESÃO À UNIÃO EUROPEIA

1987
CRIAÇÃO PROGRAMA ERASMUS

1992
CRIAÇÃO FBAUP

PERCURSO DOCENTE

1969-1976
CURSO DE ARQUITETURA

1981
RELATÓRIO DE ESTÁGIO

1981-1983
ASSISTENTE ESBAP

1983-1986
ASSISTENTE FAUP

1981-1984
ARQUITETURA III (3º ANO)

1984-1988
PROJETO III (3º ANO)

1988-1991
CIÊNCIAS DA CONSTRUÇÃO
Regente

1991-1992
CIÊNCIAS DA CONSTRUÇÃO II
Regente

1991-1992
PROJETO III

PERCURSO PROFISSIONAL

1971
COLABORADOR DE JORGE GIGANTE E FRANCISCO MELO

1974-1976
BRIGADA TÉCNICA *OPERAÇÃO SAAL/ NORTE*

1981-1994?
COLABORADOR DE JORGE GIGANTE E FRANCISCO MELO

Rua D. Hugo, 37

1983
Entrada de João Álvaro Rocha como colaborador

1981
Edifício de Habitação Coletiva - Cooperativa Cohaemato

1983
Ampliação da Central Telefónica da Boavista

1986
Ampliação da Central Telefónica de Rio Tinto

1986
Residência Hermenegildo Pais

1986
Reconversão de Construção Rural Casa Deolinda Castro

1989
Reconversão de Moinho, Vilar de Mouros

1989
Conjunto Habitacional e Equipamentos Gondifelos (com João Álvaro Rocha)

1991
Laboratório Nacional de Investigação Veterinária (com João Álvaro Rocha)

1991
Teatro de Belomonte

1992
Instituto das Comunicações de Portugal (com João Álvaro Rocha)

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005 2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019

1999
TRATADO DE BOLONHA

2002
INTRODUÇÃO DO EURO

1995-1998

ASSISTENTE FAUP

1995-1996 — CIÊNCIAS DA CONSTRUÇÃO III — *Regente*

1996-1997 — PROJETO IV

1997-1998 — SISTEMAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO — *Regente*

1995-1998

PROFESSOR AUXILIAR FAUP

2010-2011 — PROJETO III

2011-2012 — PROJETO IV

2012-2013 — CONSTRUÇÃO III — *Regente*

2017-2018 — CONSTRUÇÃO III

1996-

ATELIER PRÓPRIO

1996-2005

PRÉDIO NA RUA DA GRACIOSA, 3º PISO

Nuno Valentim e Fernando Santos como colaboradores

- 1995 — *Casa Ramos, Gondomar*
- 1996 — *Casa Clementina Loureiro (com João Gomes)*
- 1997 — *Edifícios Quinta do Louredo (com João Gomes)*
- 1998 — *Casa da Oliveira (com Vítor Silva)*
- 1999 — *Conjunto de Habitações em Banda, Gavião (com Nuno Valentim)*
- 1999 — *Casa António Teixeira, Vila Nova de Famalicão (com João Gomes)*
- 1999 — *Teatro do Bolhão - Reconversão Palácio do Conde de Bolhão (com João Gomes e Fernando Santos)*
- 2000 — *Casa Gabriela Pinheiro - Reconstrução*
- 2002 — *Museu-Auditório do Teatro de Marionetas do Porto (com Vítor Silva)*
- 2002 — *Reconstrução de Sequeiro (com Vítor Silva)*
- 2002 — *Casa Unifamiliar, Guimarães (com Vítor Silva)*
- 2002 — *Casa Laura Fonseca, Felgueiras (com Vítor Silva)*
- 2004 — *Casa Cristina Silva*

2005-

RUA D. ANTÓNIO BARROSO, 289

- 2005 — *Estação de Metro da Póvoa de Varzim (com Fernando Santos e João Gomes)*
- 2007 — *Escola Secundária Rocha Peixoto (com João Gomes)*
- 2008 — *Escola Secundária Tomaz Pelayo (com João Gomes, José Almeida, André Gigante, João Castanheira e Carlos Azevedo)*
- 2008 — *Escola Secundária Francisco de Holanda (com João Gomes, José Almeida, André Gigante, João Castanheira e Carlos Azevedo)*
- 2012 — *Pavilhão de Bilbar (com José Almeida e Fernando Santos)*

fig. 70
Filomena Gigante, Fernando Santos, João Castanheira, José Gigante, Carlos Azevedo, João Gomes, André Gigante, José Almeida, Susana Martins e Helena Melo.
(em baixo: "um promissor estagiário")

fissionais, alguns tornaram-se práticas que utiliza desde que estabeleceu atelier em nome próprio. Tal como o seu pai, que "*... punha a malta que entrava a participar.*"[684], também o conjunto de pessoas que para o seu atelier "*... vai estagiar, sabe que a partir do momento em que entra começa a fazer projetos, e eu divido a própria autoria com eles, se sentir que tiveram influência no projeto.*"[685]. Essa experiência em constante debate e discussão revelou-se essencial ao seu trabalho, e em parte advém ainda de um "*... percurso de seis anos na Escola, em que eu estive sempre a trabalhar em grupo ...*"[686].

"*A experiência do trabalho em colectivo, o da osmose das referências pessoais no caldo da dinâmica de grupo tornou-se prática diária.*"[687], de tal modo que se tentar desenvolver um projeto sozinho em casa os resultados, sem essa crítica, nunca serão satisfatórios.

No mesmo sentido, esse gosto pelo trabalho coletivo, para si uma aquisição metodológica que ainda hoje procura manter, estende-se não apenas aos seus colaboradores, mas também aos clientes, no sentido de precisar "*... também de discutir com quem me encomenda o trabalho. Eu não sou nada sem um cliente, ou sem um grupo.*"[688], até porque acredita que "*... um projeto não é feito por mim, ou pelo arquiteto. Antes de mim há uma pessoa que desejou fazer aquilo. É o primeiro autor.*"[689]. Considera por isso que a relação que se estabelece com essa pessoa, pessoas ou instituição, as quais estão a promover o trabalho, é uma relação muito exigente, "*... em que aprendemos muito porque vamos ter sempre de ir fazendo cedências. (...) Vai-se vivendo intensamente esse ato de partilha ...*"[690], que implica alguma resiliência, uma grande vontade e convicção de que o projeto se irá compor.

Essa forma de encarar o ofício, de entender "*... antes de mais a arquitetura como um serviço social*"[691], isto é, como uma forma de contribuir para a cidadania, resulta de uma mistura de circunstâncias, às quais nem os ensinamentos do seu pai, nem as aprendizagens na *Escola* são alheias[692]. Como ilustra, "*... isso está tudo ligado, a formação, a sociedade, a política. Nós temos de ser mestres em tudo. Habituei-me muito a discutir. (...) tem a ver com o facto de eu fazer*

[684] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*
[685] *Ibidem.*
[686] *Ibidem.*
[687] **GIGANTE, José** – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP. (p. 28).
[688] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*
[689] *Ibidem.*
[690] *Ibidem.*
[691] *Ibidem.*
[692] *Ibidem.*

arquitetura, e também gostar de fazer outras brincadeiras que estão à volta. Isto ainda vem da Escola."[693]. Talvez por isso também o seu relatório final demonstre essa amálgama de referências, cruzando autores de várias áreas para além da arquitetura[694].

Nesse sentido, acredita que "*... a arquitetura é, essencialmente, a experiência de a viver. (...) pertence às pessoas (...) pressupõe pessoas.*"[695]. Por isso não entende a arquitetura apenas como um fenómeno visual, porque para si "*... um desenho não é arquitetura, um 3D não é arquitetura, a arquitetura é construída. Quando eu desenho é para construir.*"[696]. Concluir um projeto, levá-lo até à pormenorização, e acabar por não o construir é um enorme desgosto. A obra constitui por isso, para si, uma outra *escola*, uma vez que "*Quando comecei a desenhar, e quando comecei a construir eu dei um salto enorme (...) o desenho para mim, até aí, era uma coisa que eu tinha ali nas mãos, muito exigente, e que eu não estava a ver a relação com a realidade. Há coisas no desenho que deixam de ter importância quando é transformado em realidade.*"[697]. Tendo a experiência da obra se constituído como uma importante parte da sua formação, procura possibilitar também aos colaboradores que entram no seu atelier esse mesmo exercício, prática onde vê resultados imediatos, uma vez que "*Perdem aquela espécie de inocência que nós temos com o desenho, quando partem para a obra é outra realidade.*"[698].

Acima de tudo, transporta para a sua atividade profissional os vários prolongamentos da sua personalidade. Acredita por isso que "*... somos feitos do que somos, das pessoas com quem estamos, da sociedade em que vivemos, o trabalho faz parte. Nós sem querer levamos para o que fazemos parte da nossa vida.*"[699].

[693] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[694] **GIGANTE, José** – *Relatório de Estágio.*

[695] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[696] *Ibidem.*

[697] *Ibidem..*

[698] *Ibidem.*

[699] *Ibidem.*

3.3 Entre a Memória e a Identidade

Dos relatos partilhados por estas personagens várias são as vivências, os lugares e os significados preponderantes que se retiram das suas experiências, os quais, numa perspetiva pessoal, importam ser recontados.

Assim, o presente subcapítulo procura: por um lado, destacar acontecimentos da *Escola do Porto* que esclarecem a conformação de alguns dos traços identitários destas personagens, testemunhados a partir das suas memórias, das suas visões sobre o passado; e por outro lado, perceber como é que estes intervenientes contribuíram e participaram na narrativa da instituição, ou seja, de que forma é que nela se refletem enquanto indivíduos. Isto é, salientar contributos da *Escola* para a construção das suas Identidades, e contributos das suas Identidades na construção da *Escola*.

Explorando as relações e vínculos de cada uma das personagens com esta instituição, salientam-se certas aquisições que marcaram os seus percursos e alguns dos contributos e das intervenções de cada um na conformação de um sentido identitário da *Escola do Porto*.

"*Este momento construiu um conjunto de leituras individuais apoiadas na memória, na circunstância da experiência vivida, ou relatada, e em factos, por vezes, documentados, mas também apenas recordados. Com isto se construíram os grandes temas da Escola, os momentos mais significativos, os personagens mais interventivos, as ideias fortes, mas também ficaram esquecidos, aleatoriamente ou não, outros episódios e outros personagens eventualmente relevantes.*"[700]

Os relatos das estórias, sempre parciais e subjetivas, de Pedro Ramalho, de José Quintão e de José Gigante correspondem a uma das muitas verdades possíveis. Os seus testemunhos procuram assinalar e sobressair diferentes marcos da vida escolar, académica e formativa, sejam os mais formais e preponderantes para a história da *Escola*, sejam mais informais e próximos do quotidiano, mais reconfortantes e preponderantes para a memória da *Escola*.

A implementação da *Reforma de 57* a que Pedro Ramalho assistiu, numa clara distinção de valores dos que enquadravam a geração precedente, marcada pelo período do Movimento Moderno; as crescentes incertezas e inquietações, associadas ao surgimento das primeiras contestações às imposições da *Nova Reforma* que enquadraram o início do curso de José Quintão; e as fortes reivindicações por uma reorientação do ensino, encontradas na ausência de uma direção forte e na saída de grande parte do corpo docente, que culminam no fim da *Reforma de 57*, dos seus métodos de ensino[701] e introduzem a célebre *experiência* de 1969, marcando o percurso académico de José Gigante na ESBAP, concorrem para clarificar e caracterizar o quadro escolar destas gerações, entre meados da década de cinquenta e finais da década de setenta, a partir dos seus testemunhos, das suas partilhas, das suas memórias.

Marcados pelas saudades do jardim da *Escola de Belas-Artes*, das pessoas e dos tempos, "*Os cursos de escultura, pintura e arquitectura viviam laboriosamente numa ilha de harmonia a que Mestre Ramos gostava de chamar Convento de S. Lázaro, mundo dentro do mundo, refúgio ordenado do caos, festa na penumbra do fascismo ...*"[702].

Entre possíveis ruturas e assumidas permanências, ao longo deste processo a *Escola do Porto* foi construindo a sua identidade, ansiando por assumir um papel de vanguarda sobre o debate cultural da cidade, "*... onde as exposições são o espaço de mediação entre a actividade pedagógica e a actividade cultural, mas também o espaço de relação entre a Escola e a cidade.*"[703]. A *Escola* assumia-se assim como um ponto de interseção entre cultura e formação. A sua história "*... construída de Sardinha a Távora, passando por Marques da Silva e Carlos Ramos.*"[704], percorreu já inúmeras gerações, num moroso processo de desenvolvimento do ensino e da formação do arquiteto, que concebeu e finalmente alcançou "*... uma didática tão árdua e convictamente conquistada ...*"[705].

De facto, só foi possível constituir esta dinâmica formativa pelo tipo de relações que a *Escola* procurou potenciar, uma vez que contratava profissionais para o seu corpo docente, para além da sua competência, e possivelmente do seu reconhecimento público, pelo relacionamento que estes teciam com a *Escola*. Procurava-se assim "*... favorecer contactos e relações muito estreitas entre alunos e docentes numa tentativa de manter, numa cadeia de fidelidades múltiplas, a consciência de um corpo colectivo construído ao longo de anos na chamada Escola do Porto.*"[706].

Possibilitava-se, por isso, uma transmissão direta de conhecimentos e experiências, entre professores e estudantes, na *Escola*, complementada pela formação profissional, entre arquitetos e colaborados, nos ateliers da cidade, uma vez que o ensino da arquitetura foi, desde muito cedo, fortemente enraizado na sua relação com a profissão. Este vínculo era tão próximo que quase sempre, professores e profissionais se confundiam.

De facto, a formação não se limitava meramente a uma escola formal. Segundo Pedro Ramalho, "*O período de formação tem necessariamente de ser continuado e desenvolvido através dos contactos com a realidade concreta, o mesmo é dizer, com os utentes, com os processos técnicos da realização, com os suportes físicos onde se vai actuar.*"[707]. Assim, tornava-se possível utilizar a experiência prática, como uma forma de aprendizagem.

[700] **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. (p. 50).

[701] **MONIZ, Gonçalo Canto** – "A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969". (p. 60-67).

[702] **COSTA, Alexandre Alves** – *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*. (p. 79-80).

[703] **MONIZ, Gonçalo Canto** – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69).* (p. 214).

[704] **MILHEIRO, Ana Vaz; AFONSO, João (ed.)** – *Alexandre Alves Costa: candidatura ao Prémio Jean Tschumi: Prize nominee UIA 2005.* (p. 101).

[705] *Ibidem.*

[706] *Ibidem.*

[707] **RAMALHO, Pedro** – *Itinerário*. (p. 26).

1956 1957 1958 1959 1960 1961 1962 1963 1964 1965 1966 1967 1968

CONTEXTO SOCIO-CULTURAL

1931-1957
REFORMA DE 1931-32

1957-1969
REFORMA DE 1957

1958
HUMBERTO DELGADO PERDE ELEIÇÕES

1958
FUNDAÇÃO LIVRARIA *DIVULGAÇÃO*

1961
INÍCIO GUERRA COLONIAL

1961
PUBLICAÇÃO LIVRO *ARQUITETURA POPULAR EM PORTUGAL*

1963
FUNDAÇÃO *COOPERATIVA ÁRVORE*

1963
FUNDAÇÃO *UNICEPE*

1968
PRIMAVERA MARCELISTA

1968
MAIO DE 68

1968
PRIMAVERA DE PRAGA

PEDRO RAMALHO

CURSO DE ARQUITETURA

1956-57	1957-58	1958-59	1959-60	1960-61	1961-62	1962-63	1963-64	1964-65	1965-66
1ª cadeira - 1ª parte	*Arquitetura Analítica I*	*Arquitetura Analítica II*	*Composição de Arquitetura I*	*Composição de Arquitetura I*			*Composição de Arquitetura II*	*Composição de Arquitetura III*	*Composição de Arquitetura IV*
2ª cadeira - 1ª parte	*Desenho de Estátua*	*Teoria das Sombras e Perspetivas*	*Teoria e História da Arquitetura I*				*Teoria e História da Arquitetura II*	*Teoria e conceção das estruturas*	*Estética e Teorias da Arte*
3ª cadeira - 1ª parte	*História Geral da Arte I*	*História Geral da Arte II*	*História da Arte em Portugal*	*História da Arte em Portugal*	*História da Arte em Portugal*		*Geografia Física*	*Urbanologia I*	*Urbanologia II*
8ª cadeira - 1ª parte	*Matemáticas Gerais*	*Estereotomia*	*Topografia Urbana*	*Topografia Urbana*			*Higiene e Equipamento I*	*Higiene e Equipamento II*	*Economia*
11ª cadeira - 1ª parte	*Geometria Descritiva*	*Sociologia Geral*	*Estática aplicada à Construção I*				*Estática aplicada à Construção II*	*Geografia Humana* •	*Geografia Humana*
13ª cadeira - 1ª parte	*Curso Geral de Química*	*Curso Geral de Física* •	*Curso Geral de Física* • *Materiais*	*Curso Geral de Física* •	*Curso Geral de Física* •	*Curso Geral de Física* •	*Edificações*	*Organizações de projetos e estaleiros*	*Conjugação das Três Artes*

1968 **1968-2007**
RELATÓRIO DE ESTÁGIO DOCÊNCIA

1958-1969
COLABORADOR DE OCTÁVIO LIXA FILGUEIRAS

1962-1964
SOCIEDADE COM SÉRGIO FERNANDEZ E ALCINO SOUTINHO

1964-1974
SOCIEDADE COM SÉRGIO FERNANDEZ

JOSÉ QUINTÃO

CURSO DE ARQUITETURA

1960-61	1961-62	1962-63	1963-64	1964-65	1965-66	1966-67	1967-68
Arquitetura Analítica I	*Arquitetura Analítica I*	*Arquitetura Analítica II*	*Composição de Arquitetura I*		*Composição de Arquitetura II*	*Composição de Arquitetura III*	*Composição de Arquitetura IV*
	Desenho de Estátua	*Teoria das Sombras e Perspetivas*	*Teoria e História da Arquitetura I*		*Teoria e História da Arquitetura II*	*Teoria e conceção das estruturas* •	*Teoria e conceção das estruturas*
	História Geral da Arte I	*História Geral da Arte II*	*História da Arte em Portugal*		*Geografia Física*	*Urbanologia I*	*Urbanologia II*
	Matemáticas Gerais	*Estereotomia*	*Topografia Urbana*		*Higiene e Equipamento I*	*Higiene e Equipamento II*	*Estética e Teorias da Arte*
Geometria Descritiva	*Geometria Descritiva*	*Sociologia Geral*	*Estática aplicada à Construção I*		*Estática aplicada à Construção II*	*Geografia Humana*	*Economia*
	Curso Geral de Química	*Curso Geral de Física* •	*Curso Geral de Física* • *Materiais*	*Curso Geral de Física*	*Edificações*	*Organizações de projetos e estaleiros*	*Conjugação das Três Artes*

?
COLABORADOR DE VIEIRA DA FONSECA

? -1968
COLABORADOR DE JORGE GIGANTE E FRANSCISCO MELO

1968-1970
COLABORADOR DE ARMÉNIO LOSA

JOSÉ GIGANTE

1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981

1969
REGIME EXPERIMENTAL

1970
MORTE DE ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR

1974
BASES GERAIS

1974
REVOLUÇÃO 25 DE ABRIL

1974-1976
OPERAÇÃO SAAL

1976
CONSTITUIÇÃO REPÚBLICA PORTUGUESA

1979
CRIAÇÃO FAUP

1970
RELATÓRIO DE ESTÁGIO

1970-1974
COLABORADOR DE VASCO VIEIRA DA COSTA

1974-1998
ATELIER PRÓPRIO

1974/75?-1978?
COLABORADOR DE MANUEL CORREIA FERNANDES

1975-1981
ARQUITETO PARA JUNTA DISTRITAL DO PORTO

1981-2010
DOCÊNCIA

CURSO DE ARQUITETURA

1969-70	1970-71	1971-72	1972-73	1973-74	1975-76
*Arquitetura Analítica I **	*Arquitetura Analítica II*	*Arquitetura III*	*Arquitetura IV*	*Arquitetura V*	–
*Geometria Descritiva ***	*Geometria Descritiva I*	*Teoria e História III*	*Teoria e História IV*	*Teoria e História IV*	
*História Geral da Arte I ***	*Teoria e História II*	*Teoria e História II*	*Resistência Materiais*	*Teoria e História V*	
*Matemáticas Gerais ***	*Matemática II*	*Topografia*	*Urbanologia I*	*Urbanologia II*	
*Desenho de Estátua ***	*Curso Geral de Física*	*Construção I*	*Construção II ****	*Construção III*	
*Geometria Descritiva ***	*Sociologia Geral*	*Física*	*Física*	*Estruturas*	
	*Desenho II ****			*Economia*	
	*Geografia I ****			*Sociologia*	
	*Geografia II ****				

1971
COLABORADOR DE JORGE GIGANTE E FRANCISCO MELO

1974-1976
RESPONSÁVEL BRIGADA TÉCNICA BAIRRO DA SÉ *OPERAÇÃO SAAL NORTE*

1977-1992?
COLABORADOR DE JORGE GIGANTE E FRANCISCO MELO

1981 **1981-2019**
RELATÓRIO DE ESTÁGIO DOCÊNCIA

Nesse sentido, a permanente passagem dos estudantes do curso de Arquitetura pelos vários ateliers do Porto foi ocorrendo de modo constante e sucessivo, consolidando-se como prática recorrente e inalterável no paradigma formativo do aluno, como comprovam os percursos destas três personagens. Configurava-se desse modo um inegável vínculo entre escola e atelier, num prolongamento da aprendizagem pedagógica para fora dos tempos de aulas. Assim, os professores com prática profissional ativa acabavam por transportar as múltiplas fidelidades e convivências estabelecidas no núcleo escolar para o interior do atelier, ao convidar alguns dos seus alunos para trabalharem consigo, resultando num estreitamento de relações que se constituía de uma forma muito orgânica e natural.

Em meados dos anos 60, "*Neste momento decisivo de consolidação do seu programa, a Escola vive da dinâmica cumplicidade que pequenos grupos de arquitectos criam nos seus ateliers, conjurando um projecto comum.*"[708], como dá conta Jorge Figueira. A importância e valor do atelier na formação de muitos dos estudantes de arquitetura da *Escola do Porto* era por isso indiscutível.

Como explica Pedro Ramalho, a quantidade de professores com atividade profissional ou de arquitetos era reduzida, os alunos eram também poucos, logo, facilmente se estabelecia uma relação muito grande entre estudantes e ateliers: "*Os bons alunos iam para os ateliers e era nos ateliers que faziam uma grande parte da sua formação. Porque a prática era muito feita nos ateliers ...*"[709]. Essa prática prolongou-se ainda durante o percurso escolar de José Quintão, que conciliava os estudos com as colaborações com vários arquitetos portuenses, e até aos tempos de José Gigante que, atentando ao número reduzido de estudantes por ano – vinte e dois alunos quando entrou no primeiro ano do curso – esclarece que "*... no segundo* [ano] *a gente tinha poucas aulas, a carga horária era pequena. E então, quase todos nós, pelo menos estes do meu ciclo, estávamos muitas horas nos escritórios. Eu estava no meu pai, o Barata estava no Távora, o Carlos Prata e o Henrique estavam no Losa, quer dizer, os escritórios do Porto eram, de facto, a nossa* Escola*. Foi no escritório que eu aprendi mais projeto que na Escola.*"[710].

Uma vez que o número de personagens que acabava por não desenvolver qualquer tipo de experiência profissional até à finalização do período escolar seria reduzido, representando esses até os elementos de exceção, torna-se evidente o vínculo de proximidade entre escola e atelier. Reflexo disso é, de igual forma, o percurso destas três personagens, que desde cedo se lançaram ao mundo profissional, quer a partir de colaborações com vários ateliers, ou até mesmo em projetos próprios, tanto individuais, como em parceria com outros colegas.

[708] **FIGUEIRA, Jorge** – *Escola do Porto: um mapa crítico*. (p. 57).

[709] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[710] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

Nesse sentido, foi na harmonia desta aliança que se foi desenvolvendo a formação destes três jovens estudantes, num momento em que "*O atelier privado e a escola vão sendo plataformas complementares de aprofundamento e garantia de vínculos culturais e disciplinares duráveis e transmissíveis.*"[711]. Esta comunhão, no entanto, não estaria completa sem o conjunto de vivências e múltiplas experiências que a cidade do Porto lhes proporcionou ao longo dos anos.

De facto, estes três estudantes da ESBAP, inevitavelmente, entre a década de cinquenta e a década de setenta, expressam a partir das suas memórias um sentimento de pertença, revelado por profundas ligações afetivas com os espaços da Invicta, em múltiplas formas e expressões de identificação com esta cidade, única, presas a laços que se vincam firmemente e entranhadamente aos lugares do Porto. Ainda assim, naturalmente não viviam a cidade da mesma forma. As marcas que nela deixaram, vincadas pelas circunstâncias de cada um, muito próprias de si mesmos e das suas identidades, são por isso necessariamente diferentes.

Importa ressalvar que nenhuma destas personagens se encerra apenas na sua relação com a *Escola*, desmultiplicando-se e reproduzindo-se em vínculos particulares com a cidade, sejam esses mais profissionais, mais culturais, ou mais sociais. A verdade é que o Porto lhes possibilitava vivenciar e experienciar muitos outros palcos de aprendizagem, que complementavam a aprendizagem da ESBAP, numa fusão de campos lúdicos e recreativos, mas também formativos.

Pedro Ramalho, desde muito cedo, circulava em diversos circuitos culturais, conheceu personagens de vários campos fora da arquitetura, e interessava-se por várias atividades como o teatro e o cinema, ou outras dinâmicas promovidas pela *Escola*. Por outro lado, José Quintão ocupava maioritariamente o seu tempo com o trabalho profissional que ia desenvolvendo nos ateliers em que colaborava, restando-lhe poucos momentos de liberdade para grandes convívios. Já José Gigante, sempre motivado pelas pessoas e pelo coletivo, procurava expandir as suas múltiplas facetas nas mais variadíssimas dimensões, dedicando-se ao teatro, à poesia e ao hóquei, interesses didáticos, nunca imóveis ou estanques, que mais tarde se vieram a prolongar para novas áreas. Frequentava por isso, diversos espaços da cidade que promoviam debates e discussões culturais.

Entre estórias e memórias, são incontáveis as marcas que estas personagens deixam pelo Porto, por todos os seus míticos lugares. As pegadas das suas rotinas preencheram o quotidiano desta cidade durante longos anos, e conformaram os seus espaços a partir das suas vivências. Cinemas, teatros, associações, cooperativas, livrarias, cafés, estas espaços de lazer acomodavam as suas vidas fora da *Escola* e do atelier. Mas mais do que espaços de lazer, eram espaços de aprendizagem, de crescimento, de prolongamento da sua formação. Espaços de cultura e de resistência.

[711] **MILHEIRO, Ana Vaz; AFONSO, João (ed.)** – *Alexandre Alves Costa: candidatura ao Prémio Jean Tschumi: Prize nominee UIA 2005*. (p. 98).

E se todos eles representavam incontestáveis pontos de encontro na cidade, alguns seriam frequentados mais pontual e circunstancialmente ou estariam mais dependentes do programa que promoviam. Poder-se-ia excluir desse retrato, o local cuja frequência seria quase obrigatória, uma prática diária de múltiplas gerações, o café. Como espaços públicos, "*... como lugares do intercâmbio de ideias e centros de difusão de culturas, tanto modernas como antigas ...*"[712], os cafés do Porto tiveram um significado de tal modo preponderante no debate e discussão de diversas áreas e fenómenos culturais, que este se estabeleceu numa verdadeira instituição da cidade do Porto, chegando em alguns casos a rivalizar "*... as academias e, pode mesmo dizer-se, até com a própria Universidade. Ao redor das suas mesas, com tampos de mármore ou de vidro, travaram-se autênticas batalhas de estética, deram-se a conhecer, em primeira mão, tratados, romances, poemas. Congeminaram-se formas de resistência à ditadura e deram-se a conhecer alguns planos de luta contra o poder instituído. A determinados movimentos ou correntes correspondiam determinados* cafés."[713].

À típica frequência dos cafés pode-se ainda juntar, as múltiplas atividades de âmbito cultural e artístico operadas na cidade através do *Círculo de Cultura Teatral – Teatro experimental do Porto* (TEP), da *Unicepe*, da livraria *Divulgação* sucedida pela livraria *Leitura*, "*... do Cine Clube do Porto (...); da Cooperativa Artística Árvore que continua a produzir frutos em abundância e de excelente qualidade; e da própria Escola Superior de Belas Artes dirigida, então, por esse homem superior que foi o mestre Carlos Ramos.*"[714].

Como Bosi esclarecia, "*Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. O caudal das lembranças, correndo sobre o mesmo leito* (...) *guarda esses episódios notáveis, que ouvimos sempre retomados na fabulação de seus moradores.*"[715]. Assim, demarcando e fixando diversos lugares da cidade, as estórias e memórias destas personagens traçam uma relação com a cidade do Porto que a define e caracteriza, enquadrando por isso um tempo cultural e social que marcou as gerações de Pedro Ramalho, de José Quintão e de José Gigante, quer enquanto estudantes, quer posteriormente enquanto docentes.

Nesse sentido, essa relação com a cidade não permaneceu estanque ao longo dos anos. Como Pedro Ramalho explica, "*Eu ainda me lembro de já estar a morar na Pasteleira, tínhamos um escritório na Rua Marques da Silva,* (...) *e eu ia depois de almoço tomar o café ao São Lázaro, e depois do café vinha para o escritório. Isso hoje é uma coisa absolutamente impensável...*"[716]. Isto

[712] **SILVA, Germano** – "Em Louvor dos Cafés do Porto". *In* **DIAS, Teodósio** – "Ainda os cafés do Porto".

[713] *Ibidem*.

[714] *Ibidem.*

[715] **BOSI, Ecléa** – *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. (p. 339).

[716] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

é, ainda que procurassem manter vivos esses vínculos espaciais, o próprio desenvolvimento da cidade muitas vezes dificultava essas permanências. Como este refere, "*Desapareceram os cafés, começaram-se a criar algumas distâncias. Eu lembro-me que quando os cafés perderam moda, perdeu-se muito também os contactos. Os cafés transformaram-se em bancos e as pessoas já tinham o automóvel, já se deslocavam de outra maneira, já começaram a frequentar outros sítios...*"[717].

Se num primeiro momento de discência as vivências destas três personagens estariam principalmente balizadas nos arredores de São Lázaro, a passagem para o Campo Alegre com a criação da *Faculdade de Arquitectura* rapidamente alargou esses horizontes para a zona ocidental do Porto, criando algum distanciamento aos lugares que frequentavam anteriormente.

Da mesma forma, o forte vínculo estabelecido entre a Escola e a profissão foi-se perdendo, face a uma maior distância entre a Faculdade e grande parte dos ateliers do Porto, que se mantiveram no centro da cidade. Como o número de alunos foi também aumentando rapidamente, apenas passou a ser possível que uma pequena percentagem de estudantes pudesse continuar a estabelecida prática de colaboração nos escritórios de professores ou de arquitetos do Porto.

Este tipo de vínculo tornava-se até representativo do tipo de relações que estas personagens procuravam estabelecer com os alunos durante o seu percurso docente. De facto, o testemunho e relato de qualquer uma das três personagens demonstrou a sua grande dedicação ao ensino, que no decorrer das suas práticas pedagógicas se desmultiplicou em ações muito singulares e, até mesmo, num interesse e posicionamento para com o aluno muito próprio.

Ainda assim, os seus contributos não devem ser resumidos a um único ou específico vínculo com a *Escola do Porto*. Pelo contrário, salientam-se dentro das diversas contribuições de cada um, nos seus distintos paradigmas e facetas, aquelas nas quais tiveram um papel mais preponderante na sua relação com valores, práticas coletivas e ligações interpessoais desta instituição.

Para Pedro Ramalho, a transição – quase direta – entre a experiência como estudante e a consequente experiência pedagógica, motivaram e estimularam o seu modo de se relacionar com os estudantes e com a sua prática, que surgia no prolongamento da atividade que realizou desde muito cedo profissionalmente. As suas primeiras experiências pedagógicas ver-se-iam envoltas pelas divergências de discursos que marcaram os tempos da *recusa do desenho*, momento que rapidamente chegaria a um fim. A implementação da *Operação SAAL* imporia uma enorme necessidade e capacidade de intervir e o regresso ao desenho, mais propriamente ao projeto, os quais sempre considerou fulcrais para o desenvolvimento e aprendizagem da disciplina. Pedro Ramalho manteve por isso um forte vínculo entre a atividade profissional e

[717] **RAMALHO, Pedro** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

a atividade pedagógica, ou seja, entre *Escola* e profissão.

Esta seria uma preocupação constante no seu percurso profissional que, quando estabeleceu escritório próprio, procurou continuar a conservar, convidando muitos dos seus alunos, quer da ESBAP, como posteriormente da FAUP, para ingressarem no seu atelier.

Nesse sentido, a dissertação expressamente elaborada para as *Provas de Habilitação para obtenção do título de Professor Agregado* do curso de Arquitetura da ESBAP, constitui-se como um claro retrato desta sua perspetiva. Apesar de testemunhar uma experiência e perspetiva pessoal – incidindo sobre os vários contextos que concorreram para a sua formação, desde as aprendizagens escolares até às experiências de prática profissional, a partir de alguns obras construídas –, a realização desta prova resultou num momento que, juntamente com as restantes provas, procurou refletir o coletivo, isto é, a *Escola do Porto* e o ensino da arquitetura. A estratégia previamente estabelecida de contribuir "*... de uma forma mais ou menos direta para a legitimação do projeto pedagógico construído ...*"[718], que clarificasse a essência da Escola, ver-se-ia assim comprovada pelo contexto em que as provas foram elaboradas, num momento de partilha e interajuda entre os concorrentes.

Por sua vez, José Quintão descobriu no ensino uma forte paixão, que motivaria o empenho que sempre procurou dedicar aos alunos. Acreditava, por isso, que "*... uma pessoa, quer queira, quer não, olha para uma coisa, mesmo que não seja arquitetura, e já está a desfazê-la, já está com sentido crítico.*"[719]. Daí que, incitando o debate e a discussão, o sentido crítico e rigoroso, procurou transportar as maiores influências da sua aprendizagem como estudante para os seus próprios métodos de ensino, renovando-as. O seu discurso expressava "*... o motor de aprendizagem continua que os docentes encontram no contacto com os discentes* [mas também uma inquietação, que] *surge também pela limitação que cada docente sente na sua acção...*"[720].

Com a criação do blog *Veracidade – versus – Verosimilhança: a Arquitectura da Idade Moderna*, procurou expandir esse campo de partilha e transmissão de ensinamentos. Um blog que desenvolvia prazerosamente, e que se pretendia interativo, no sentido de abrir espaço à reflexão, mas também à contribuição, algo que tentava estimular nos alunos.

No fundo, tinha "*... uma crença profunda na bondade dos outros, seguindo o princípio do benefício da dúvida, não julgar sem compreender. O que fazia dele um professor de grande empatia, atento ao que cada aluno tinha de melhor e orientando-o no pressuposto dessa*

[718] **PAULINO, Raquel** – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984.* (p. 561).

[719] **QUINTÃO, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[720] **SILVA, Ana Sofia** – *Arquitectura: como aprendemos?.* (p. 10).

individualidade."[721]. Foi no desenvolvimento da sua prática pedagógica que reconheceu e ganhou um forte apreço pela aproximação entre professor e aluno, no momento em que os alunos que ajudava a formar passavam a ser seus colegas de docência, numa constante renovação de uma espécie de ciclo geracional.

Considerando que "*... as relações humanas estabelecidas entre os vários elementos de uma comunidade académica são fundamentais para o alcance de aprendizagens significativas, tanto para docentes como para discentes.*"[722], José Gigante manifesta uma clara necessidade de aprendizagem através do contacto, da interação e cooperação, de um debate e crítica permanentes.

A herança paterna influenciaria notoriamente a sua atividade docente, mas seria a sua versatilidade, nos seus interesses e nas suas interrelações, os quais se foram naturalmente entrelaçando nos seus vários papeis, que marcaria o percurso de José Gigante como professor. Assim, de uma forma muito própria, muito despreocupada, mas também muito prazerosa – no sentido de acreditar que "*A vida não é feita para se pensar, é para viver.* (...) *O prazer tem de existir, se não houver prazer não há nada na vida* (...) *para mim é um prazer viver ...*"[723] – procurou sempre relacionar-se e interagir com os alunos, sem os quais não teria interesse pelo ensino.

Porque o seu "*... mundo está muito além do escritório, da escola ou da arquitectura e só nessa condição reconhece a sua possível identidade.*"[724], é da multidisciplinaridade que advém a sua forma de encarar tudo o que faz, motivo pelo qual não quer "*... de modo nenhum, que me cortem um lado menos erudito. Sempre gostei desse* lado B *da vida.*"[725].

Desenvolvida desde os tempos de estudante nas Belas-Artes, a prática do transformismo vê-lo-ia a tomar vários papeis, ora vestido como um palhaço de patins, para uma trupe de teatro de rua, ora, de uma forma mais arrojada, vestido de várias figuras femininas de renome, como Tina Turner, Ágata, Jessica Rabbit, Madonna ou Carmen Miranda. Mesmo dentro da *Escola* o transformismo continuaria a ter a sua visibilidade, quando, no Carnaval de 2014, criaria a figura da empregada de limpeza, Maria Encarnação dos Prazeres[726].

[721] **QUINTÃO, João** – "José Quintão, Professor, Doutor, Emérito - memória e retrato pela família".

[722] **SILVA, Ana Sofia** – *Arquitectura: como aprendemos?*. (p. 10-11).

[723] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[724] **GIGANTE, José** – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP. (p. 49).

[725] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*.

[726] **GIGANTE, José** – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP. (p. 51).

Paralelamente, a declamação de poesia que, ainda em criança, apresentava à família, tornou-se, anos mais tarde, prática consolidada, na qual José Gigante surge como "*... um poeta de circunstância, fazedor de rimas foleiras, temperadas com aquele toque azeiteiro da minha cidade.*"[727], marcando assim muitas das vivências escolares, familiares e afetivas. Daqui nasce o livro *Zé Gigas, Poeta Popular. Antologia poética 1962-2017*, onde estão recolhidos mais de 250 poemas. Este seria também um interesse que levava para o ambiente da Escola, quando aproveitava as reuniões escolares para exercitar "*... aquele gosto de fazer, imediatamente ler, por toda a gente a rir.* (...) *Fazer um poema, também, para mim, é uma espécie de projeto. Tem uma métrica, as quadras, implica uma organização de pensamento, o tema, dá-me um certo gozo.*"[728].

E se o poema é uma construção, a solução de um enigma é outra. Considera que "*O jogo dedutivo de um enigma policial é um jogo muito cerebral, racional, matemático. Portanto, estruturar uma solução é um desafio. Sempre gostei de charadas, enigmas* (...) *de livros policiais.*"[729]. É nesta continuidade que se intitula *Inspetor Gigas*, quando, sem contar a ninguém, a partir dos anos noventa começa a resolver enigmas para o jornal *Público*, com soluções em verso, em fotonovelas. Pentacampeão nacional, as suas soluções foram premiadas durante longos anos como solução mais original[730]. Foi também neste âmbito que surgiu um dos vários blogs que veio a desenvolver onde apresentava para vários amigos os enigmas e projetava a solução.

Primeiro com os *Registos de Arquitectura*, enviados por e-mail aos amigos, posteriormente com uma página privada do *Facebook*, e também com o blog *Arquitectadas*, ainda em construção, o ato de colecionar e partilhar registos tornou-se ainda mais um dos projetos que procurou explorar, uma vez que "*Eu acredito na memória. Para mim, a memória é das coisas mais fascinantes que há.*"[731], permitindo-lhe fixar estórias e vivências, e cruzar as múltiplas facetas da sua vida.

Não obstante, se a diversidade de sensibilidade que as ações de cada uma destas personagens imprimem na comunidade escolar é inegável e, de certo modo, representativa da essência da *Escola do Porto*, já a perceção de cada um sobre o significado e valor da instituição é talvez um dos principais pontos de divergência entre estes.

Pedro Ramalho, ao participar e contribuir, desde os primeiros momentos em que se procurou construir um sentido de *Escola*, para a legitimação da instituição, apropriou-se destas preo-

[727] **GIGANTE, José** – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP. (p. 51).

[728] **GIGANTE, José** – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

[729] *Ibidem.*

[730] *Ibidem.*

[731] *Ibidem.*

fig. 71

José Quintão, num almoço de amigos em Moledo, 1999. Entre eles, Alexandre Alves Costa, Manuel Fernandes de Sá, Alcino Soutinho, José Grade, José Manuel Soares, Álvaro Siza, Luísa Brandão, Laura Soutinho e Maria de Fátima Távora.

CONTEXTO SOCIO-CULTURAL

1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993

1969
REGIME EXPERIMENTAL

1974
BASES GERAIS

1968
PRIMAVERA MARCELISTA

1970
MORTE DE ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR

1974
REVOLUÇÃO 25 DE ABRIL

1976
CONSTITUIÇÃO REPÚBLICA PORTUGUESA

1979
CRIAÇÃO FAUP

1983
TOMADA POSSE COMISSÃO INSTALADORA DA FAUP

1985
CONSTRUÇÃO PAVILHÃO CARLOS RAMOS

1987
CRIAÇÃO PROGRAMA ERASMUS

1992
CRIAÇÃO FBAUP

1968
MAIO DE 68

1974-1976
OPERAÇÃO SAAL

1984
TRANSIÇÃO PARA NOVAS INSTALAÇÕES DA FAUP

1986
ADESÃO À UNIÃO EUROPEIA

1968
PRIMAVERA DE PRAGA

PEDRO RAMALHO

ASSISTENTE EVENTUAL | **PROFESSOR CONTRATADO ESBAP** | **ASSISTENTE FAUP** | **ASSISTENTE CONVIDADO FAUP** | **PROFESSOR AUXILIAR FAUP**

1968-69 1969-70 1970-71 1971-72 1972-73 1973-74 1974-75 1975-76 1976-77 1977-78 1978-79 1979-80 1980-81 1981-82 1982-83 1983-84 1984-85 1985-86 1986-87 1987-88 1988-89 1989-90 1990-91 1991-92 1992-93 1993-94

Arquitetura III (3º ano)
Teoria e História da Arquitetura (3º ano)
Arquitetura VI (6º ano)
Arquitetura V (5º ano)
Construção VI (6º ano)
Análise do Território (6º ano)
Arquitetura V (5º ano)
Teoria e Coordenação (6º ano)
Arquitetura IV (4º ano)
Teoria da Arquitetura (4º ano)
Seminário de Pré profissionalização (4º ano)
Projeto II (4º ano)
Teoria da Arquitetura III (6º ano)
Projeto III (4º ano)

1964-1974
SOCIEDADE COM SÉRGIO FERNANDEZ

1974-1998
ATELIER PRÓPRIO

JOSÉ QUINTÃO

ASSISTENTE EVENTUAL | **ASSISTENTE ESBAP** | **ASSISTENTE FAUP**

1981-82 1982-83 1983-84 1984-85 1985-86 1986-87 1987-88 1988-89 1989-90 1990-91 1992-93 1993-94

Iniciação ao Projeto (1º ano)
Teoria da Arquitetura II (3º ano)
Teoria da Arquitetura Contemporânea II (3º ano)
História da Arquitetura Portuguesa I (4º ano)

1970
RELATÓRIO DE ESTÁGIO

1974?-1978?
COLABORADOR DE MANUEL CORREIA FERNANDES

1968-1970
COLABORADOR DE ARMÉNIO LOSA

1970-74
COLABORADOR DE VASCO VIEIRA DA COSTA

1975-1981
ARQUITETO PARA JUNTA DISTRITAL DO PORTO

1989?-2002?
REGIME COLABORAÇÃO COM CEFA

JOSÉ GIGANTE

1969-1976
CURSO DE ARQUITETURA

1981
RELATÓRIO DE ESTÁGIO

ASSISTENTE ESBAP | **ASSISTENTE FAUP**

1981-82 1982-83 1983-84 1984-85 1985-86 1986-87 1987-88 1988-89 1989-90 1990-91 1991-92

Arquitetura III (3º ano)
Projeto III (3º ano)
Ciências da Construção
Ciências da Construção II
Projeto III

1971
COLABORADOR DE JORGE GIGANTE E FRANCISCO MELO

1974-1976
BRIGADA TÉCNICA
OPERAÇÃO SAAL NORTE

1981-1994?
COLABORADOR DE JORGE GIGANTE E FRANCISCO MELO

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005 2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019

1999
TRATADO DE BOLONHA

1999
INTRODUÇÃO DO EURO

1994-95 1995-96 1996-97 1997-98 1998-99 1999-00 2000-01 2001-02 2002-03 2003-04 2004-05 2005-06 2006-07

Projeto IV (4º ano)

1998-2013
SOCIEDADE COM LUÍS RAMALHO

2013-
ATELIER PRÓPRIO

ASSISTENTE CONVIDADO FAUP

PROFESSOR AUXILIAR FAUP

1994-95 1995-96 1996-97 1997-98 1998-99 1999-00 2000-01 2001-02 2002-03 2003-04 2004-05 2005-06 2006-07 2007-08 2008-09 2009-10

Seminário "Linguagem Arquitetural" (6º ano)

Seminário "Análise Arquitetural" (6º ano)

História da Arquitetura Moderna (3º ano)

História da Arquitetura Moderna (3º ano)

Classicismo e Tectónica

2011
PROCLAMADO PROFESSOR EMÉRITO

ASSISTENTE FAUP

1995-96 1996-97 1997-98

Ciências da Construção III

Projeto IV

Sistemas e Materiais de Construção

PROFESSOR AUXILIAR FAUP

2010-11 2011-12 2012-13 2013-14 2015-16 2017-18

Projeto III

Projeto IV

Construção III

Construção III

1996-
ATELIER PRÓPRIO

cupações que, para além de pedagógicas, demonstram um intento, dedicação e preocupação pela afirmação de um lado institucional. Percebe-se no seu discurso uma certa nostalgia. Não num sentido de vontade de regressar ao passado, mas decorrente de uma perceção própria de um legado abandonado.

Ainda que menos assumidamente, também José Quintão demonstra uma certa preocupação pela valorização da instituição. Após uma vivência como estudante mais lateral e uma experiência profissional mais externa, a reaproximação de José Quintão à *Escola do Porto* concretiza-se mais tardiamente, com a sua entrada no corpo docente. Talvez por esse motivo e por recear "*... não ser par suficiente entre os pares na sua capacidade doutrinária; e sofrer profunda e longamente dessa insegurança ...*"[732], mesmo depois de muitos anos de docência, tinha alguma dificuldade em acreditar que alguma vez tenha feito verdadeiramente parte desta instituição. No entanto, as suas visões e ações de José Quintão acabaram por demonstrar e representar os valores identitários desta instituição, motivo pelo qual era visto pelos seus colegas como "*... um símbolo humanizado para os nossos desejos fundacionais ...*"[733].

Pelo contrário, o discurso de José Gigante revela uma posição diferente relativamente à valorização da *Escola do Porto* enquanto instituição. A sua entrada na *Escola* num período de colapso do curso de Arquitetura, de desorganização, de greves e contestações, de grandes reformulações, durante o volátil *Regime Experimental*, moldaria a sua perspetiva sobre a mesma. Esta experiência fez com que o lado institucional não fosse uma preocupação realmente presente. Por isso, e pelo seu lado mais lúdico e descomprometido, afirma abertamente que "*A instituição Faculdade não me diz muito, nem me interessa muito. Interessa-me mais os alunos do que a instituição em si ...*"[734].

Os testemunhos destas três personagens, ainda que individuais, refletem um fragmento do percurso coletivo da instituição, constituindo-se como um elemento fulcral para perceber um sentido de continuidade e coerência da Identidade da mesma. Percorrendo estas memórias individuais, mas também (e sempre) coletivas e institucionais, tornou-se possível reconhecer nos seus discursos um sentimento de perda dessa continuidade, da coerência identitária que movia o fazer institucional.

[732] **QUINTÃO, João –** "José Quintão, Professor, Doutor, Emérito - memória e retrato pela família".

[733] **COSTA, Alexandre Alves –** "À memória do José Quintão, Professor Emérito da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto".

[734] **GIGANTE, José –** *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"*Uma escola tem de abrir espaço ao desalinho e ao desafio entre caminhos individuais e expectativas coletivas.*"[735]

Os percursos de Pedro Ramalho, de José Quintão e de José Gigante na *Escola do Porto* são, naturalmente, distintos. A partir das memórias de cada uma destas três personagens procurou-se contribuir para a construção de um retrato e enquadramento parciais do longo processo de desenvolvimento do ensino no curso de Arquitetura da *Escola do Porto*. Cada um experienciando tempos distintos, as suas vivências proporcionam uma leitura, ainda que fragmentada, do contexto escolar, profissional, social e cultural da *Escola*: desde a transição da *Antiga Reforma* para a *Nova Reforma* até ao *Regime Experimental*, no seu prolongamento para a profissão e na sua relação com a cidade do Porto; e durante a Revolução e a proposta das *Bases Gerais* até à entrada na Universidade e posterior deslocação para o Campo Alegre, quer enquanto discentes, como docentes.

Os testemunhos partilhados permitiram compreender as circunstâncias distintivas que envolveram cada uma das três personagens. As vivências de Pedro Ramalho enquanto estudante, muito interligadas ao contexto de construção da reforma de Belas-Artes e, nesse sentido, ao legado do diretor Carlos Ramos, revelar-se-iam preponderantes nas suas visões e ações enquanto pedagogo. Desde o momento da sua entrada como professor na ESBAP, logo após a obtenção do diploma de arquiteto, demonstrou claras preocupações por garantir e acautelar a partilha e transmissão dessa herança até à *Faculdade de Arquitetura*, preocupação expressa também em momentos coletivos, como na elaboração da *Provas de Habilitação para obtenção do título de Professor Agregado.* Motivada pela profícua prática profissional que veio a desenvolver desde os tempos de estudante, a atividade enquanto docente surgiu na continuidade dessa experiência e como reflexo das aprendizagens que até então havia consolidado.

[735] **SILVA, Ana Sofia –** *Arquitectura: como aprendemos?*. (p. 8).

Se, durante a primeira passagem na ESBAP, na altura das fortes contestações à *Reforma de 57*, José Quintão, por motivos principalmente pessoais e circunstanciais, acabou por ter um percurso como estudante de certa forma isolado, já a sua reentrada como professor foi completamente distinta, marcada pelo reencontro com alguns colegas, que abertamente lhe deram a mão, o reintegraram e o procuraram incluir no espírito grupal comum aos vários intervenientes da *Escola*. José Quintão, perspetivando os vários discursos, saberes, comportamentos e valores que estabeleceram a génese desta instituição e, por isso dentro dela eram partilhados e praticados, procurou também apropriar-se desse modo de atuar, mas nunca numa pretensão de protagonismo. Representava nesse sentido, para muitos dos seus colegas, uma espécie de símbolo do espírito do que era a *Escola do Porto*, pela sua lealdade, dedicação, interesse e paixão genuína pelo ensino, atividade que marcou o seu percurso.

José Gigante sendo de uma geração diferente, a do *Regime Experimental* de 69, vive a *Escola* de uma forma completamente distinta, marcada pelas fortes crises académicas, mas também políticas, reuniões e discussão constantes, que culminariam com o colapso do curso de Arquitetura, aquando da revolução de abril. As consequentes discussões das *Bases Gerais* e a *Operação SAAL* balizaram assim o momento de conclusão do seu período escolar. Muito marcadas pelo trabalho em equipa e em coletivo, foi destas experiências que nasceu o seu apreço, e até necessidade, pela troca e pela partilha de ideias, pela discussão e pela interação, isto é, pelo grupo e pelo convívio, uma forma de ver o mundo que o influenciou indelevelmente e que transportou para as múltiplas facetas da sua vida, como hoquista, transformista, poeta popular, inspetor, pedagogo e como arquiteto.

Se é certo que as instituições às quais se pertence e nas quais se participa, se tornam quadros relevantes na estruturação das identidades dos seus membros, também estas três personagens, intervenientes na narrativa desta instituição, imprimem nesta, na sua essência, na sua identidade, as suas marcas próprias. Por isso, para a *Escola do Porto* estas personagens revestem-se de um significado especial, pelo quanto a sua prática, a sua relação com docentes e com estudantes, as suas ligações a outros campos e interesses, representam todo um legado, não só de consolidação e transmissão de conhecimentos e saberes, mas também de conformação de círculos geracionais e de partilha de estórias e de memórias. Os três, no decurso de décadas, mantiveram uma presença singular. Juntamente com outras várias gerações de intervenientes nesta instituição, tiraram proveito dessas idiossincrasias que, ao serem refletidas no seu modo de trabalho, engrandeceram a *Escola*.

Assim, para além das semelhanças nas suas ações, identificam-se e reconhecem-se também as individualidades dos seus contributos. Cada um à sua maneira deixou o seu traço na *Escola*, sinal esse reconhecido e distinguido por muitos dos seus colegas.

A reconstrução das lembranças e vivências individuais destas três personagens, baseadas nos acontecimentos por eles partilhados e contando a realidade de cada um, conformam passo a passo uma Memória e um passado comuns, que configuram uma cartografia possível do mapa coletivo da *Escola do Porto*. Assim, a relevância da partilha das suas experiências individuais é incontornável e densifica a experiência vivida coletivamente, acrescentando-lhe valor, perpetuando-a.

Efetivamente, considerando a Memória como "*... uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.*"[736], esta não ultrapassa os limites desse grupo ou instituição. Por esse motivo, importou contribuir para a divulgação dos testemunhos destas personagens, que conjuntamente reconfiguram um possível retrato desses valores, dessas práticas e desse modo de ver e atuar no mundo, enquanto pessoas, enquanto pedagogos e enquanto profissionais.

Se para a *Escola do Porto* haveria um conjunto de dinâmicas e interações que estariam na base do modo de pensamento e atuação da maioria dos seus intervenientes, possivelmente estas características, até à atual *Faculdade de Arquitetura*, foram já renovadas. Isto porque, "*Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: há, na realidade, dois grupos que se sucedem.*"[737].

Nesse sentido, embora a FAUP não tenha perdido o interesse ou alienado o legado que a *Escola do Porto* lhe transmitiu, talvez represente um coletivo distinto, um novo grupo, formado na base dessas heranças, mas também com novos pressupostos, com valores, objetivos, perspetivas e visões sobre a sociedade distintas, num tempo que precisou de ser ajustado e adaptado ao contexto e necessidades contemporâneas.

Como afirma Dubar, a Identidade não é transmissível de geração em geração. Herdando o legado que a antecede, é construída por cada geração, através das iniciativas, princípios e ações identitárias desenvolvidos pelos seus participantes[738]. Ao contrário destas três personagens que, através de diferentes práticas, contribuíram para a conformação e reconhecimento da Identidade da *Escola do Porto*, atualmente esse processo já não passa tanto pela mão dos estudantes, os quais já não têm um papel real na transformação da Identidade Institucional.

De facto, o tempo não recua, não há esse retrocesso. Esse reavivar dos tempos da *Escola do Porto*, da essência das suas memórias, fica apenas dependente do testemunho daqueles que ainda a podem recontar. Num mundo de novas circunstâncias e novos desafios onde a in-

[736] **HALBWACHS, Maurice** – *A memória coletiva*. (p. 81).

[737] *Ibidem.*

[738] **DUBAR, Claude** – *A Socialização. Construção das Identidades Sociais*. (p. 100).

formatização e os recursos contemporâneos cada vez mais substituem as práticas coletivas, os valores e sentimentos partilhados e os vínculos interpessoais, a revalorização da Memória da *Escola* e a consciencialização da sua Identidade parecem tornar-se ainda mais essenciais. Porque, "*Para sentir o espírito de um tempo que já não existe, para fazer-se contemporâneo dos homens de outrora* (...) *a dificuldade não está tanto no que é preciso saber, mas no que é preciso não saber mais.*"[739].

Foi a partir de uma consciência e visão pessoal sobre o relato das experiências vividas por cada uma das personagens que se pretendeu explorar, ensaiar e testar cruzamentos entre os seus percursos e, assim, assinalar as aquisições, os valores, as visões e as atuações que entre eles são partilhadas e às quais atribuem o mesmo significado. Perspetivas que se aproximam e, muitas vezes, reproduzem e representam as defendidas pelo coletivo da *Escola do Porto* e, por isso, se poderiam presumir institucionalizadas.

Cada uma destas personagens, à sua maneira, contribuiu para o reconhecimento da *Escola do Porto*, enquanto lugar de aprendizagem e desenvolvimento, quer individual como coletivo, de partilha e interajuda, como centro de Memória, como lugar de conformação de Identidade.

[739] **FRANCE, Anatole** – *Vie de Jeanne d'Arc*. (p. LXXV).

REFERÊNCIAS E FONTES

Bibliografia:

BANDEIRINHA, José António – *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2011. ISBN 978-972-8704-76-6. Disponível em WWW: <URL: https://doi.org/10.14195/978-989-26-1265-2>.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas – *The Social Construction of Reality. A Treatise in the Sociology of Knowledge*. England: Penguin Books, 1991. Disponível em WWW:<URL: http://perflensburg.se/Berger%20social-construction-of-reality.pdf>.

BERGSON, Henri – *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.* São Paulo: Martins Fontes, 1999. ISBN 85-336-1021-1.

BERGSON, Henri – *Memória e Vida.* São Paulo: Martins Fontes, 2006. ISBN 85-336-2244-9.

BOSI, Ecléa – *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* São Paulo: tao, 1979. Disponível em WWW: <URL: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4214438/mod_resource/content/1/BOSI%2C%20E.%20Mem%C3%B3ria%20e%20sociedade.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf>.

CIAMPA, Antônio – "Identidade". *In* **LANE, Silvia; CODO, Wanderley (orgs.)** – *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1989. ISBN 85-11-15023-4. pp.58-75. Disponível em WWW: <URL: https://www.academia.edu/16367699/LIVRO_Psicologia_social_o_homem_em_movimento_LANE_Silvia_CODO_Wanderley_Orgs_>.

COSTA, Alexandre Alves – *Dissertação expressamente elaborada para o concurso de habilitação para a obtenção do título de professor agregado*. Porto: ESBAP, 1982.

COSTA, Alexandre Alves – *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*. 2ª ed. Porto: FAUP Publicações, 2007, (Série 2: Argumentos; 10. Seis Lições. 2). ISBN 978-972-9483-81-3.

COSTA, Alexandre Alves [*et. al.*] – *José Carlos Loureiro: homenagem 90 anos.* Porto: Fundação Marques da Silva, 2015.

COSTA, Alexandre Alves [*et. al.*] – *Só nós e santa tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez.* Porto: Dafne, 2008, (Equações de arquitectura; 71). ISBN 989-8217-02-8.

COSTA, Ana Alves; FERNANDEZ, Sérgio (coord.) – *Cidade participada: arquitectura e democracia: Antas, Pedro Ramalho*. Lisboa: Tinta da China, 2020. (Operações SAAL; 3). ISBN 978-989-671-566-3.

DUBAR, Claude – *A Crise das Identidades. A interpretação de uma mutação.* Porto: Afrontamento, 2006. Disponível em WWW: <URL: https://www.academia.edu/29636937/Claude_Dubar_A_CRISE_DAS_IDENTIDADES>. ISBN 978-972-36-0835-9.

DUBAR, Claude – *A Socialização. Construção das Identidades Sociais.* Porto: Porto Editora, 1997.

ESBAP – *I Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Porto: Escola Superior de Belas Artes, 1952.

EUSÉBIO, Jaime (coord.) – *Páginas Brancas II.* Porto: AEFAUP, 1991.

FARIA, Nuno; BANDEIRA, Pedro – *Escola do Porto: Lado B, 1968-1978 (Uma história Oral)*. Guimarães: Centro internacional das artes José de Guimarães, 2014. ISBN 978-989-8474-27-8.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris – *Social Memory: New Perspectives on the Past*. Oxford: Blackwell, 1992. ISBN 0-631-16618-1.

FERNANDES, Manuel Correia – *ESBAP: arquitectura anos 60 e 70: apontamentos.* 2ª ed. Porto: FAUP Publicações, 1988, (Textos Teóricos; 5).

FERNANDEZ, Sérgio – *Percurso: arquitectura portuguesa: 1930-1974*. Porto: FAUP Publicações, 1988, (Textos teóricos; 7).

FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto: um mapa crítico*. Coimbra: Ed. DARQ, cop.2002, (Debaixo de telha: Série B; 5). ISBN 972-97383-6-X.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa – "A Escola do Porto (1940-69)". *In* **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN** – *Carlos Ramos: Exposição Retrospectiva da sua obra*. Lisboa: FCG, 1986.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa – *Da função social do arquitecto: para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*. 2ª ed. Porto: ESBAP, 1985, (Textos Teóricos; 3).

GIDDENS, Anthony – *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. ISBN 978-972-31-1075-3.

GOFFMAN, Erving – *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. ISBN 85-326-0875-2. Disponível em WWW: <URL: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/203915/mod_resource/content/1/U-3%20-%20%2810%29%20GOFFMAN%2C%2BE.%2BA%2Brepresenta%C3%A7%C3%A3o%2Bdo%2Beu%2Bna%2Bvida%2Bcotidiana.pdf.>.

GOMES, João; SILVA, Vítor; LOPES, Nuno Valentim – *José Gigante: habitar*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2008. ISBN 989-8010-53-7.

HALBWACHS, Maurice – *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. ISBN 85-7115-038-9.

HALL, Stuart – "Quem precisa de identidade?". *In* **SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn** – *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. ISBN 85.326.2413-8. pp. 103-133.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles – *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Temas & Debates, 2003. ISBN 972-759-664-9. Tomo II.

LE GOFF, Jacques – "Memória". *In* **ROMANO, Ruggiero (dir.); GIL, Fernando (coord**.) – "Memória-História". In *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. ISBN 972-27-0923-2. Vol. 1. p. 11-50.

LEITE, Pedro Pereira – *Pela Estrada Larga: Fernando Fernandes e a memória duma geração de livreiros*. Porto: Marca D'Agua, 2009. ISBN 978-972-8750-05-2. Disponível em WWW: <URL: http://hdl.handle.net/10437/3746>.

LOPES, Nuno Lacerda – *Arquitectura e modos de habitar: Manuel Correia Fernandes.* Porto: CIAMH, 2012, (Conversas com arquitectos; 3). ISBN 978-989-98073-2-7.

LOPES, Nuno Lacerda – *Arquitectura e modos de habitar: Sérgio Fernandez.* Porto: CIAMH, 2012, (Conversas com arquitectos; 10). ISBN 978-989-98808-9-4.

MENDES, Manuel (coord.) – *Alfredo Durão de Matos Ferreira: Memória*. Porto: Fundação Instituto Marques da Silva, 2017. ISBN 978-972-36-1541-8.

MILANO, Maria – *José Gigante*. Vila do Conde: Quidnovi, 2011, (Arquitetos portugueses; 11). ISBN 978-989-554-903-0.

MILHEIRO, Ana Vaz; AFONSO, João (ed.) – *Alexandre Alves Costa: candidatura ao Prémio Jean Tschumi: Prize nominee UIA 2005*. Lisboa: Ordem dos Arquitecto, 2006. ISBN 972-8897-07-3.

MONIZ, Gonçalo Canto – *O Ensino Moderno da Arquitetura: A formação do Arquiteto nas Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-1969)*. Porto: FIAJMS, 2019. ISBN 978-972-36-1767-2.

PALLASMAA, Juhani – *Os Olhos da Pele. A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011. ISBN 978-85-7780-777-2.

PORTAS, Nuno – *Arquitecturas: história e crítica, ensino e profissão*. Porto: FAUP Publicações, 2005, (Série 2: Argumentos; 23). ISBN 972-9483-72-8.

PORTAS, Nuno – *Arquitecturas: teoria e desenho, investigação e projecto*. Porto: FAUP Publicações, 2005, (Série 2: Argumentos; 3). ISBN 972-9483-71-x.

PORTAS, Nuno; COSTA, Alexandre Alves [*et. al.*] – *Páginas Brancas*. Porto: ESBAP, 1986.

PROVIDÊNCIA, Paulo; BAÍA, Pedro – *Manuel Correia Fernandes: 18 obras.* Porto: Circo de Ideias, 2021. ISBN 978-989-54636-4-0.

QUINTÃO, José (coord.) – *O pavilhão Carlos Ramos: colectânea de textos de professores e estudantes*. Porto: Faup publicações, 2008, (Série 3: manual; 7). ISBN 978-972-9483-86-8.

RAMALHO, Pedro – *Concurso para professor associado do 1º grupo*. Porto: [s.n.], 1991. (1º vol. – Curriculum Vitae)

RAMALHO, Pedro – *Concurso para professor associado do 1º grupo*. Porto: [s.n.], 1991. (2º vol. – Projectos e Obras, 1980-1990)

RAMALHO, Pedro – *Concurso para professor associado do 1º grupo*. Porto: [s.n.], 1991. (3º vol. – Programa, conteúdo e método de ensino)

RAMALHO, Pedro – *Itinerário*. Porto: FAUP Publicações, 1989, (Textos Teóricos; 8).

RAMALHO, Pedro; MENDES, Manuel – *Uma homenagem a Arménio Losa*. Matosinhos: Edições Afrontamento, 1995. ISBN 972-36-0363-2.

RAPAGÃO, João; PEREIRA, Rafael Gonçalves (coord.) – *Pedro Ramalho: projectos e obras de 1963 a 1995*. Porto: AAP, 1995. ISBN 972-95943-4-1.

RISLER, Julia; ARES, Pablo – *Manual de mapeo colectivo: recursos cartográficos críticos para proce-*

sos territoriales de creación colaborativa. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013. ISBN 978-987-27390-7-2. Disponível em WWW: <URL: https://geoactivismo.org/wp-content/uploads/2015/11/Manual_de_mapeo_2013.pdf>.

SILVA, Ana Sofia – *Arquitectura: como aprendemos?*. Lisboa: Note, 2022. ISBN 978-989-99673-3-5.

TAVARES, Domingos – *Da Rua Formosa à Firmeza*. 2ª ed. Porto: ESBAP, 1985, (Textos Teóricos; 4).

TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra; OLIVEIRA, Cláudia (org.) – *Identidades*. Jundiaí: Paco Editorial, 2020. Disponível em WWW: <URL: https://pt.scribd.com/read/496491424/Identidades>. ISBN 978-65-5840-196-4.

TÁVORA, Fernando – "Para a História do Futuro: um texto de 1991". *In* **VIEIRA, Álvaro Siza; DIAS, Adalberto (sel.) –** *Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Percursos do Projecto.* Porto: FAUP, 2003. (Série 4: Edições especiais; 3). ISBN 972-9483-59-0.

TÁVORA, Fernando – *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações, 2008. ISBN 978-972-9483-22-6.

UNIVERSIDADE DO PORTO, FACULDADE DE ARQUITECTURA – *Arquitectura, pintura, escultura, desenho: património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto: UP, 1987. Exposição integrada nas comemorações do 75º Aniversário da Universidade do Porto.

UNIVERSIDADE DO PORTO, FACULDADE DE ARQUITECTURA – *Desenho de Arquitectura: Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto: UP, 1987. Exposição integrada nas comemorações do 75º Aniversário da Universidade do Porto.

UNIVERSIDADE DO PORTO, FACULDADE DE BELAS ARTES – *Ensino da Arquitectura: uma experiência de cooperação entre duas escolas Porto e Luanda*. Porto: ESBAP, 1984.

UNIVERSIDADE DO PORTO, FACULDADE DE BELAS ARTES – *O livro dos quartanistas, 1953-54*. Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto, 1954.

Artigos:

BAPTISTA, Marisa – "As relações entre identidade, memória e pesquisa da história da psicologia". *Memorandum*. Vol. 4, (2003). Disponível em WWW:<URL: http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos04/baptista02.htm>.

BAPTISTA, Marisa – "O Estudo de Identidades Individuais e Coletivas na Constituição da História da Psicologia". *Memorandum*. Vol. 2, (2002). Disponível em WWW:<URL: http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/artigo04.pdf>.

BETHANCOURT, Eliana Rezende – "Memória Institucional: uma relação íntima com Identidade

e Cultura Organizacional". *In A Pátria* (2019). Disponível em WWW: <URL: https://apatria.org/economia/memoria-institucional-uma-relacao-intima-com-identidade-e-cultura-organizacional/>.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor – "Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora*". Revista Brasileira de História.* São Paulo. Vol. 13, n. 25/26 (1992), pp.97-103. Disponível em WWW: <URL: http://snh2013.anpuh.org/resources/download/1423519676_ARQUIVO_7_memorialeiturasdemhalbwachs.pdf>.

FIALHO, Joaquim – "A Construção da Identidade Social e Profissional através da Ação das Redes de Sociabilidade Laboral". *Revista Argumentos.* Vol.14, n.1 (2017), pp.138-162. Disponível em WWW:<URL: https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/21991/1/565-2020-1-PB.pdf>. ISSN: 1806-5627.

KESSEL, Zilda – "Memória e memória coletiva". *Museu da Pessoa.* (2014). Disponível em WWW: <URL: https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/mem%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_coletiva.pdf>.

MONIZ, Gonçalo Canto – "A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969". *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra. ISSN 0254-1106. Vol. 91, (2010), pp. 56-76. Disponível em WWW: <URL: http://hdl.handle.net/10316/33726>.

MONIZ, Gonçalo Canto – "A reforma de 57: Em direção a um Ensino Universitário da Arquitetura". *In* IX Congresso Luso-Brasileiro da História da Educação. Rituais, Espaços & Patrimónios Escolares, Lisboa, (2012), p. 155-168. Disponível em WWW: <URL: https://www.researchgate.net/publication/257366937>.

MONIZ, Gonçalo Canto – "O legado do ensino moderno na Escola de Coimbra: experiências pedagógicas nas Escolas do Porto e de Lisboa". *Joelho – Revista de Cultura Arquitetónica*. n. 03, (2012), p. 146-156. ISSN 1647-9548. Disponível em WWW: <URL: https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/o_legado_do_ensino_moderno_na_escola_de_coimbra_experi%C3%AAncias_pedag%C3%B3gicas_nas_escolas_do_porto>.

NORA, Pierre – "Entre história e memória: a problemática dos lugares". *Revista Projeto História*. Vol. 10, História & Cultura (1993), pp. 7-28. Disponível em WWW: <URL: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>.

OLIVEIRA, Carmen – "Memória e Identidade Institucional: um estudo de caso". *In Vivência*. n. 34 (2008), pp.91-111. Disponível em WWW: <URL: https://www.academia.edu/11304671/Mem%C3%B3ria_e_identidade_institucional_um_estudo_de_caso>.

OLIVEIRA, Rita – "Memória individual e memória coletiva". *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ed. 01, Vol. 13, (2017), pp.339-348. Disponível em WWW: <URL: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wp-content/uploads/kalins-pdf/singles/memoria-individual-e-coletiva.pdf>. ISSN: 2448-0959.

POLLAK, Michael – "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 5, n. 10 (1992), pp.200-212. Disponível em WWW: <URL: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos – "Sobre a Autonomia das Novas Identidades Coletivas: Alguns Problemas Teóricos". *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* Vol. 13, n. 38 (1998). Disponível em WWW: <URL: https://www.researchgate.net/publication/26361443_Sobre_a_autonomia_das_novas_identidades_coletivas_alguns_problemas_teoricos>.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos – "O Pesadelo da Amnésia Coletiva: Um Estudo sobre os Conceitos de Memória, Tradição e Traços do Passado". *Cadernos de Sociomuseologia*. Vol.19, n. 19 (2002), pp.121-150. Disponível em WWW: <URL: https://www.researchgate.net/publication/279415980_O_PESADELO_DA_AMNESIA_COLETIVA_UM_ESTUDO_SOBRE_OS_CONCEITOS_DE_MEMORIA_TRADICAO_E_TRACOS_DO_PASSADO>.

TAVARES, Domingos – "Memórias: razões e sentido de uma aprendizagem em arquitectura". *Joelho: Revista de Cultura Arquitectónica*. Nº 03 (2012). Disponível em WWW: <URL: https://impactum-journals.uc.pt/joelho/article/view/_3_10/357>.

TOGNOLI, Sônia – "Maurice Halbwachs. A memória coletiva". *Revista Scripta Alumni, Uniandrade*, Vol. 2, n. 02 (2009), pp.124-134. Disponível em WWW: <URL: https://www.researchgate.net/publication/286087054_Maurice_Halbwachs_A_Memoria_Coletiva>.

Teses de Doutoramento e Dissertações de Mestrado:

BORGES, Maria Paula – *Professores. Imagens e Auto-Imagens*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, 2007. Tese de Doutoramento. Disponível em WWW: <URL: http://hdl.handle.net/10451/1700>.

COSTA, Icléia Thiesen – *Memória Institucional. A construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1997. Tese de Doutoramento. Disponível em WWW: <URL: http://ridi.ibict.br/handle/123456789/686>.

CRUZ, Diogo – *Memórias de um Mercado Tropical: O Mercado de Kinaxixe e Vasco Vieira da Costa*. Coimbra: FCTUC, 2012. Dissertação de Mestrado.

FERNANDES, Eduardo – *A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola*. Guimarães: Universidade do Minho, 2010. Tese de Doutoramento. Disponível em WWW: <URL: http://hdl.handle.net/1822/12009>.

KESSEL, Zilda – *A memória escolar no virtual: Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), lugares da memória e da cultura escolar*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2014. Tese de Doutoramento. Disponível em: <URL: https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/9785/1/Zilda%20Kessel.pdf>.

MALATO, Ana Rute – *Francisco F. Melo e Jorge Gigante: a tradição não tem cobertura em telha*. Porto: FAUP, 2021. Dissertação de Mestrado.

MENDES, Nuno – *Cafés históricos do Porto: na demanda de um património ignoto*. Por-

to: FLUP, 2012. Dissertação de Mestrado. Disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/10216/66775>.

MONIZ, Gonçalo Canto – *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Coimbra: FCTUC, 2011. Tese de Doutoramento.

OLIVEIRA, Ana Filipa – *Uma Escola, Dois Percursos: Reflexão sobre a evolução do ensino de arquitectura na escola do Porto*. Porto: FAUP, 2008. Dissertação de Mestrado.

PAULINO, Raquel – *ESBAP, FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projecto pedagógico entre 1969 e 1984*. Porto: Faup, 2013. Tese de Doutoramento.

PRATA, Carlos – *As determinantes do projeto e as circunstâncias do ato projetual e da obra*. Porto: FAUP, 2014. Tese de doutoramento.

QUINTÃO, José – *Fachadas de igrejas portuguesas de referente clássico: uma sistematização classificativa.* Porto: FAUP, 2000. Tese de Doutoramento.

SILVA, Ana Maria – *Formação e Construção de Identidade(s). Um Estudo de Caso centrado numa Equipa Multidisciplinar*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, 2005. Tese de Doutoramento. Disponível em WWW: <URL: http://hdl.handle.net/1822/3319>.

Blogs, revistas e sítios online:

ANDRADE, Sérgio – "O arquitecto que sabia resolver as esquinas". *Público, ípsilon*, 28. out. 2008. Disponível em WWW: <URL: https://www.publico.pt/2008/10/28/jornal/o-arquitecto-que-sabia-resolver-as-esquinas-281537>.

CARNEIRO, Mariana (coord.) – "Mulheres de Abril: Testemunho de Manuela Barros". *Esquerda*. 2 abr. 2019. Disponível em WWW: <URL: https://www.esquerda.net/artigo/mulheres-de-abril-testemunho-de-manuela-barros/60532>.

CENTRO DE INOVAÇÃO EM ARQUITECTURA E MODOS DE HABITAR – *Pedro Ramalho – Coleção "Conversas com Arquitectos"*. Porto: CIAMH, 2019. Disponível em WWW: <URL: https://www.ciamh.up.pt/website/publicacoes-2/pedro-ramalho-coleccao-conversas-com-arquitectos/>.

CORREIA, André Manuel – "A Leitura chega ao fim – o adeus a uma livraria onde se escreveu história". *Expresso*, 26 jan. 2018. Disponível em WWW: <URL: https://expresso.pt/cultura/2018-01-26-A-Leitura-chega-ao-fim---o-adeus-a-uma-livraria-onde-se-escreveu-historia>.

DIAS, Teodósio – "Cafés do Porto – A Brasileira". *Ruas da minha Terra – Porto*, Porto, 28 jan. 2009. Disponível em WWW: <URL: https://ruasdoporto.blogspot.com/2009/01/cafes-do-porto-brasileira.html>.

GIGANTE, José (José Gigante) – *Hoje, pela noite, enquanto lá fora a chuva caía, recebi a triste notícia.* Porto, 15 nov. 2020. Facebook: josemanuelgigante. Disponível em WWW: <URL: https://www.

facebook.com/plugins/post.php?href=https%3A%2F%2Fwww.facebook.com%2Fjosemanuelgigante%2Fposts%2F10221283482574411>.

LEITE, Maria João – "Unicepe: 50 anos de resistência e de afectos". *A Página da educação*. Edição n. 201, série II (2013). Disponível em WWW: <URL: https://www.apagina.pt/?aba=7&cat=561&doc=14513&mid=2>.

LIVRARIA LELLO – *Porto by Pedro Ramalho*. Porto: Livraria Lello, jan. 2018. Disponível em WWW: <URL: http://portoby.livrarialello.pt/porto-by-pedro-ramalho/>.

RAMALHO, Pedro – *Orgânico Racional: Entrevista a Pedro Ramalho*. [Entrevista concedida a] José Miguel Rodrigues. Casa da Arquitetura. Porto, 6 ago. 2019. Disponível em WWW: <URL: https://www.youtube.com/watch?v=J1ZtamLj-ig&ab_channel=CasadaArquitectura>.

SILVA, Germano – "Em Louvor dos Cafés do Porto". *In* **DIAS, Teodósio** – "Ainda os cafés do Porto". *Ruas da minha Terra – Porto*, Porto, 7 mai. 2012. Disponível em WWW: <URL: https://ruasdoporto.blogspot.com/2012/05/ainda-os-cafes-do-porto.html>.

SIZA, Álvaro – *A primeira obra foi a sensação incrível de ver pela primeira vez no espaço o que antes só tinha desenhado*. [Entrevista concedida a] Valdemar Cruz. Expresso. 7 fev. 2017. Disponível em WWW: <URL: https://expresso.pt/sociedade/2017-02-07-A-primeira-obra-foi-a-sensacao-incrivel-de-ver-pela-primeira-vez-no-espaco-o-que-antes-so-tinha-desenhado>.

SIZA, Álvaro – *Siza fala da vida de Álvaro*. [Entrevista concedida a] Anabela Mota Ribeiro. Público. Porto, 5 abr. 2009. Disponível em WWW: <URL: https://www.publico.pt/2009/04/05/jornal/siza-fala-da-vida-de-alvaro-301742>.

TIMEOUT – *Unicepe*. Porto, 17 dez. 2021. Disponível em WWW: <URL: https://www.timeout.pt/porto/pt/compras/unicepe>.

U. PORTO – *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: José Gigante*. Porto: Universidade do Porto, 2016. Disponível em WWW: <URL: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1005962>.

U. PORTO – *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: Jorge Gigante*. Porto: Universidade do Porto, 2016. Disponível em WWW: <URL: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20jorge%20gigante >.

U. PORTO – *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: Pedro Ramalho*. Porto: Universidade do Porto, 2016. Disponível em WWW: <URL: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20pedro%20ramalho>.

U. PORTO – *Beatriz Madureira (1940-2017)*. FAUP. 22 fev. 2017. Disponível em WWW: <URL: https://sigarra.up.pt/faup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=34717>.

Conversas:

RAMALHO, Pedro – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Pedro Ramalho, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*. Porto, 21 jun. 2021; 28 jun. 2021; 8 jul. 2021.

QUINTÃO, José – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Quintão, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*. Porto, 8 dez. 2020.

GIGANTE, José – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com José Gigante, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*. Porto, 15 dez. 2020; 20 jan. 2021.

FERNADES, Manuel Correia – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Manuel Correia Fernandes, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*. Porto, 29 jun. 2021.

TAVARES, Domingos – *Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Domingos Tavares, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco*. Porto, 24 nov. 2020.

Documentos partilhados:

RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP.

GIGANTE, José – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP.

GIGANTE, José – *Requiem por uma Experiência*. Texto sobre fotografias de Manuel Teixeira de Carvalho.

GIGANTE, José – *Relatório de Estágio.* Porto: ESBAP, 1981.

QUINTÃO, José – *José César Vasconcelos Quintão*. Abr. 2009. Curriculum Vitae.

Emails:

GIGANTE, José – *Resposta Pedido Colaboração PROJETO VOZES VIVAS*. Mensagem recebida por <nita_fsc@hotmail.com> em 17 out. 2021.

GIGANTE, José – *Resposta Pedido Colaboração PROJETO VOZES VIVAS*. Mensagem recebida por <nita_fsc@hotmail.com> em 27 fev. 2022.

RAMALHO, Pedro – *Resposta Pedido Colaboração PROJETO VOZES VIVAS*. Mensagem recebida por <nita_fsc@hotmail.com> em 20 out. 2021.

Arquivos:

"Ficha de Matrícula de Pedro Ramalho", *in* Arquivo FBAUP, Livro de Matrícula, n.8, Cursos Especiais, Cota – ESBAP S-EXP 27-3, (p. 200).

"Ficha de Matrícula de José Quintão", *in* Arquivo FBAUP, Livro de Matrícula, n.8, Cursos Especiais, Cota – ESBAP S-EXP 27-3, (p. 7).

"Ficha Mecanográfica de José Gigante", ESBAP *in* Arquivo FBAUP.

REIMÃO, Rute; CRUZ, Maria João – "Inventário Arquivo: Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (1836-1911)". Porto: FBAUP: 2000.

REIMÃO, Rute; CRUZ, Maria João – "Inventário Arquivo: Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (1911-1957)". Porto: FBAUP: 2000.

ÍNDICE DE IMAGENS

fig. 1 Salvador Dalí, *A Persistência da Memória*, 1931. (p. 16).
Disponível em WWW: <URL: https://questaodeacaso.files.wordpress.com/2014/07/a_persistencia_da_memoria_1931.jpg?w=615&h=448.html>.

fig. 2 O mistério do *Eu* sem memória. (p. 20).
NOLAN, Christopher – *Memento*. Los Angeles: Summit Entertainment; Team Todd, 2000 (113 min.).

fig. 3 Milan Kundera, *O Livro do Riso e do Esquecimento* (*Kniha smíchu a zapomnění*), 1978. (p. 24).
Disponível em WWW: <URL: https://deliriumnerd.com/2017/11/16/o-livro-do-riso-e-do-esquecimento-resenha>.

fig. 4 René Magritte, *Decalcomania*, 1966. (p. 28).
Disponível em WWW: <URL: https://cdn.culturagenial.com/imagens/decalcomania-cke.jpg.>.

fig. 5 Da memória à compreensão da realidade. (p. 30).
ZELLER, Florian – *O Pai*. Londres: F Comme Film; Trademark Films; Cine@, 2021 (97 min).

fig. 6 José Saramago, *A Viagem do Elefante*, 2008. (p. 34).
Fotografia pela autora.

fig. 7 René Magritte, *Valores Pessoais*, 1952. (p. 38).
Disponível em WWW: <URL: https://cdn.culturagenial.com/imagens/valores-pessoais-cke.jpg.>.

fig. 8 Franz Kafka, *A metamorfose* (*Die Verwandlung*), 1912. (p. 40).
Disponível em WWW: <URL: https://silenciosquefalam.blogspot.com/2014/01/a-metamorfose-de-franz-kafka.html>.

fig. 9 O desafio da perceção da identidade. (p. 44).
WEIR, Peter – *The Truman Show - A vida em direto*. Los Angeles: Scott Rudin Productions, 1998 (103 min).

fig. 10 Robert Louis Stevenson, *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde* (*The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*), 1886. (p. 46).
Capturada pela autora.

fig. 11 René Magritte, *Golconda*, 1953. (p. 50).
Disponível em WWW: <URL: https://cdn.culturagenial.com/imagens/golconda-cke.jpg.>.

fig. 12 Sob falsas premissas e novas identidades. (p. 52).
BONG, Joon-ho – *Parasitas*. Seoul: Barunson E&A, 2019 (132 min.).

fig. 13 Pedro ramalho, autorretrato. (p. 74).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*.
8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 45.

fig. 14 José quintão, desenho de Gustavo Fernandes. (p. 74).
Disponível em WWW: <URL: http://2.bp.blogspot.com/-7m_tQZgWFbU/Tyfws4rxi4I/AAAAAAAAA_g/qMgDPm-OgmY/s1600/DSC00426.jpg>.

fig. 15 José gigante, desenho de Álvaro Siza, 1985. (p. 75).
MILANO, Maria – José Gigante, p. 9.

fig. 16 Pedro Ramalho, 1957. (p. 90).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória.*
8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 51.

fig. 17 Estudantes inscritos na ESBAP no ano de 1956-57, na Reforma Antiga. (p. 90).
OLIVEIRA, Ana Filipa – *Uma Escola, Dois Percursos: Reflexão sobre a evolução do ensino de arquitectura na escola do Porto*, p. 70.

Cronologia do percurso escolar de Pedro Ramalho. (p. 97).
Realizada pela autora. (com base na "Ficha de Matrícula de Pedro Ramalho", in Arquivo FBAUP, Livro de Matrícula, n.8, Cursos Especiais, Cota – ESBAP S-EXP 27-3, p. 200).

fig. 18 Carlos Simão, Manuela Alexandra, Alexandre Alves Costa, Alexandra Losa e Pedro Ramalho. (p. 98).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*.
8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 23.

fig. 19 Alexandre Alves Costa e Pedro Ramalho durante uma entrega de projeto escolar. (p. 98).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*.
8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 50.

fig. 20 Finalistas do curso de Arquitetura da ESBAP do ano letivo de 1965-66: Manuel Fernandes de Sá, Noé Diniz, Manuel Monteiro, Pedro Ramalho, Manuel Correia Fernandez e Francisco Olozabal (da direita para a esquerda). (p. 102).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*.
8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 96.

fig. 21 Ficha de inscrição de José Quintão no curso de Engenharia na FEUP, em 1960. (p. 104).
"Processo de aluno de José César Vasconcelos Quintão", ESBAP, in Arquivo FBAUP.

Cronologia do percurso escolar de José Quintão. (p. 107).
Realizada pela autora. (com base na "Ficha de Matrícula de José Quintão", in Arquivo FBAUP, Livro de Matrícula, n.8, Cursos Especiais, Cota – ESBAP S-EXP 27-3, p. 7).

fig. 22 Fotografia de inscrição de José Quintão no curso de Arquitetura na ESBAP, em 1961. (p. 108).
"Ficha de Matrícula de José Quintão", in Arquivo FBAUP, Livro de Matrícula, n.8, Cursos Especiais, Cota – ESBAP S-EXP 27-3, (p. 7).

fig. 23 Autorretrato José Gigante, Desenho, 1973. (p. 110).
Autoria de José Gigante (cedido por José Gigante).

Poema "Auto-retrato"
Autoria de José Gigante (cedido por José Gigante).

Cronologia do percurso escolar de José Gigante. (p. 113).
Realizada pela autora. ("Ficha Mecanográfica de José Gigante", ESBAP in Arquivo FBAUP).

fig. 24 Fotografia de inscrição de José Quintão no curso de Arquitetura na ESBAP, em 1961. (p. 113).
"Ficha Mecanográfica de José Gigante", ESBAP in Arquivo FBAUP.

fig. 25 Requiem por uma Experiência, 1970. (p. 114).
Autoria de Manuel Teixeira de Carvalho (cedido por Manuel Teixeira de Carvalho).

fig. 26 "GIJUCA – O Virgem dos 3", Desenho, 1970. (José Gigante, Carlos Guimarães, Domingos Júnior). (p. 114).
Autoria de José Gigante.

fig. 27 Fernando Távora, desenho de Álvaro Siza, 1984. (p. 116).
GIGANTE, José – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP, p. 18.

fig. 28 Fernando Távora. (p. 116).
GIGANTE, José – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP, p. 11.

fig. 29 José Gigante e Francisco Barata, desenho de Francisco Barata. (p. 120).
GIGANTE, José – *Relatório de Estágio*, p. 13.

fig. 30 "Sentença à Chefe", desenho de José Gigante, 1975. (p. 120).
(cedido por José Gigante).

fig. 31 Conclusão da parte escolar do curso de Arquitetura. (Carlos Prata, José Gigante, Carlos Guimarães, Francisco Barata, Henrique de Carvalho, Manuela Antunes, desenho de José Gigante, 1975. (p. 124).
GIGANTE, José – *Relatório de Estágio*, p. 22.

fig. 32 Sérgio Fernandez, Pedro Ramalho e Alcino Soutinho. (p. 127).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 66.

Cronologia do percurso profissional de Pedro Ramalho, enquanto estudante. (p. 128).
Realizada pela autora.

fig. 33 Casa Emília Peres, Porto, Pedro Ramalho, 1963-66. (p. 130).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*.
8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 72.

fig. 34 Bloco Residencial da Pasteleira, Pedro Ramalho e Sérgio Fernandez, 1964-67. (p. 130).
RAPAGÃO, João; PEREIRA, Rafael Gonçalves (coord.) – *Pedro Ramalho: projectos e*

obras de 1963 a 1995, p. 11.

fig. 35 Atelier de Jorge Gigante e Francisco Melo. (p. 133).
Autoria de Michele Razzi, Street View, fevereiro de 2019.

Cronologia do percurso profissional de José Quintão, enquanto estudante. (p. 134).
Realizada pela autora.

fig. 36 Atelier de Arménio Losa (p. 136).
Disponível em WWW: <URL: http://www.oasrn.org/pdf_upload/mapa_losa_PT_EN_w.pdf>.

fig. 37 Brigada SAAL da Zona da Sé, montagem de José Gigante. (p. 139).
GIGANTE, José – *Relatório de Estágio*, p. 23.

fig. 38 "A nova Sede", desenho de José Gigante, 1974. (p. 139).
(cedido por José Gigante)

Cronologia do percurso profissional de José Gigante, enquanto estudante. (p. 140).
Realizada pela autora.

fig. 39 Balneários e Lavadouros, Operação SAAL da Zona da Sé, 1974-77. (p. 142).
MILANO, Maria – *José Gigante*, p. 11 (cedido pelo Arquivo do gabinete José Gigante).

fig. 40 Jorge Gigante, Francisco Melo, Fernando Santos, José Gigante e Pedro Mendo, desenho de José Gigante, 1981. (p. 142).
GIGANTE, José – *Relatório de Estágio*, p. 27.

fig. 41 José Gigante, 1973. (p. 144).
GIGANTE, José – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP, p. 15.

fig. 42 Francisco Melo, José Gigante, Jorge Gigante, 1983. (p. 144).
GIGANTE, José – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP, p. 16.

Mapa da cidade do Porto. (p. 146-147).

Cineclube: **RAMALHO, Pedro** – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 18.

Cooperativa Árvore: Disponível em WWW: <URL: https://www.heyporto.com/cooperativa-arvore-uma-casa-que-respira-arte/>.

Piolho: Disponível em WWW: <URL: https://portodeantanho.blogspot.com/2017/03/continuacao-6.html>.

UNICEPE: Disponível em WWW: <URL: https://portodeantanho.blogspot.com/

search?q=unicepe>.

Divulgação/Leitura: Fotografia da autora.

Clube Fenianos Portuense: Fotografia da autora.

Astória: Disponível em WWW: <URL: https://portodeantanho.blogspot.com/2017/03/continuacao-6.html>.

Teatro Rivoli: Disponível em WWW: <URL: https://portodeantanho.blogspot.com/search/label/Cine-Teatro%20Rivoli>.

A Brasileira: Fotografia pela autora.

Teatro Sá da Bandeira: Fotografia pela autora.

TEP: **RAMALHO, Pedro –** *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 19.

Cinema Batalha: Disponível em WWW: <URL: https://restosdecoleccao.blogspot.com/search?q=cinema+batalha>.

Majestic: Disponível em WWW: <URL: http://portoarc.blogspot.com/search/label/Caf%C3%A9%20Majestic>.

Coliseu: Disponível em WWW: <URL: https://restosdecoleccao.blogspot.com/2012/12/coliseu-do-porto.html>.

São Lázaro: Fotografia pela autora.

fig. 43 Cartaz de Exposição do escultor Henry Moore, no British Council. (p. 148).
Cartaz de Exposição do pintor António Quadros, na ESBAP. (p. 148).
Cartaz de Exposição do pintor Ângelo de Sousa. (p. 148).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 53, p. 52 e p. 73 (respetivamente).

fig. 44 Esquema organizativa de Exposição Magna. (p. 170).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 65.

fig. 45 Grupo de Urbanismo 1: dinamizado pelo arquiteto Arménio Losa. (p. 151).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 80.

fig. 46 Grupo de Urbanismo 2: Pedro Ramalho, Alcino Soutinho, Sérgio Fernandez, Fernando Távora, Arménio Losa (em pé), José Forjaz, José Semide, Aires Pereira, Álvaro Siza, (desconhecido). (p. 151).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 70.

fig. 47 Grupo de Urbanismo 3: Alcino Soutinho, José Semide, Pedro Ramalho, Jorge Gigante,

Fernando Távora, Rui Pimentel e Álvaro Siza. (p. 151).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*.
8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 81.

fig. 48 Casa de Arménio Losa 1: Margarida losa, Arménio Losa, Alexandra Losa e Ilse Losa. (p. 151).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*.
8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 24.

fig. 49 Casa de Arménio Losa 2: Alexandre Alves Costa, Carlos Simão (em pé), Alexandra Losa, Margarida Losa e Pedro Ramalho. (p. 151).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*.
8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 24.

fig.50 Casa de Arménio Losa 3: Convívio. (p. 151).
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*.
8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 24.

Mapa das vivências de Pedro Ramalho no Porto. (p. 152-153).

Bloco da Carvalhosa: **RAMALHO, Pedro –** *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 15.
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 50.

Residência Cordoaria: **RAMALHO, Pedro –** *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 23.

Residência Campo 24 de Agosto: **RAMALHO, Pedro –** *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 15.

Residência Pasteleira: **RAMALHO, Pedro –** *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 82.

Residência Foz: **RAPAGÃO, João; PEREIRA, Rafael Gonçalves (coord.) –** *Pedro Ramalho: projectos e obras de 1963 a 1995*, p. 43.

Edifício EIO: Fotografia da autora.

Atelier rua Barão de São Cosme: **RAMALHO, Pedro –** *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 66.

fig. 51 Da esquerda para a direita: (p. 154).
Dom Roberto, Ernesto de Sousa, 1962.

Belarmino, Fernando Lopes, 1964.
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 18.

fig. 52 Da esquerda para a direita: (p. 154).
Verdes anos, Paulo Rocha, 1963.
Mudar de Vida, Paulo Rocha, 1966.
RAMALHO, Pedro – *Na Escola e Na Cidade 1956-1966: memórias de memória*. 8 nov. 2007. PowerPoint de Apresentação de Aula Inaugural, apresentado na FAUP, p. 18.

Mapa das vivências de José Quintão pelo Porto. (p. 158-159).

Torre Montepio: Fotografia pela autora.

Atelier Jorge Gigante e Francisco Melo: **GIGANTE, José –** *Relatório de Estágio*, p. 42.

Atelier Arménio Losa: Disponível em WWW: <URL: http://www.oasrn.org/pdf_upload/mapa_losa_PT_EN_w.pdf>.

fig. 53 Jorge Gigante, livro dos Quartanistas da ESBAP, 1954. (p. 160).
UNIVERSIDADE DO PORTO, FACULDADE DE BELAS ARTES – *O livro dos quartanistas, 1953-54*, p.35.

fig. 54 Domingos Júnior e José Gigante, 1970. (p. 163).
Autoria de Ricardo Figueiredo (cedido por José Gigante).
Texto da autoria de José Gigante.

fig. 55 José Gigante, 1970. (p. 163).
Autoria de Ricardo Figueiredo (cedido por José Gigante).

fig. 56 Daniela Trigo Soares, José Gigante, Lourença e Domingos Júnior, Carnaval da ESBAP, 1971. (p. 163).
Autoria não identificada (cedido por José Gigante).

Mapa das vivências de José Gigante pelo Porto. (p. 164-165).

Residência Costa Cabral: **MALATO, Ana Rute –** *Francisco F. Melo e Jorge Gigante: a tradição não tem cobertura em telha,* p. 72.

Residência Pasteleira: Disponível em WWW: <URL: https://cnll.pt/portfolio-item/05-pedro-ramalho/>.

Atelier Jorge Gigante e Francisco Melo: **GIGANTE, José –** *Relatório de Estágio*, p. 42.
GIGANTE, José – *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP, p. 16.

Sala Túnel Ribeira: **GIGANTE, José –** *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP, p. 13.

Atelier Manuel Teles: Fotografia da autora.

fig. 57 “O Rapto do Serralho”, Banda Desenhada, 1969. (p. 166).
Autoria: João Machado / José Pacheco Pereira / José Pulido Valente)

fig. 58 Pedro Ramalho, 2019. (p. 171).
Printscreen retirado a partir de: https://www.youtube.com/watch?v=BQpHeDJrgj4&ab_channel=CasadaArquitectura

Cronologia do percurso docente de Pedro Ramalho. (p. 172-173).
Realizada pela autora.

fig. 59 José Quintão, 1985. (p. 178).
Fotografia de Sérgio Fernandez, disponível em WWW: <URL: https://sigarra.up.pt/faup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=64182

fig. 60 Sérgio Fernandez, Beatriz Madureira (de costas) e José Quintão, durante viagem do primeiro ano a Évora. (p. 180).
Conferência “A descoberta do Sul | FAUP 40 anos”, 25.07.2021. Disponível em WWW: <URL: https://www.youtube.com/watch?v=zDDEBl2r5G4&ab_channel=FAUP>.

fig. 61 José Quintão e estudantes, durante viagem do primeiro ano a Évora. (p. 180).
Conferência “A descoberta do Sul | FAUP 40 anos”, 25.07.2021. Disponível em WWW: <URL: https://www.youtube.com/watch?v=zDDEBl2r5G4&ab_channel=FAUP>.

fig. 62 José Grade (em pé), Rui Tavares, José Santos, José Quintão, Paula Ranhada, Joaquim Vieira, José Manuel Soares, Fernando Távora, Henrique Carvalho e Sérgio Fernandez, jantar com alunos do primeiro ano, 1985. Em primeiro plano: José Quintão numa conversa animada com aluno. (p. 183).
Fotografia de Paulo Seco (cedida por José Gigante).

Cronologia do percurso docente de José Quintão. (p. 184-185).
Realizada pela autora.

fig. 63 José Quintão, título de Professor Emérito da UP, 2014. (p. 186).
Fotografia de Egídio Santos (UP). Disponível em WWW: <URL: https://noticias.up.pt/morreu-jose-quintao-professor-emerito-da-u-porto/>.

fig. 64 José Gigante. (p. 189).
Autoria não identificada. Disponível em WWW: <URL: https://www.facebook.com/FAUPorto/photos/10157631406336042/>.

Cronologia do percurso docente de José Gigante. (p. 190-191).
Realizada pela autora.

fig. 65 Visita ao Bairro das Antas com Pedro Ramalho, organizada pela AEFAUP, 2020. (p. 195).
Fotografia de Ana Alves Costa. Disponível em WWW: <URL: https://www.facebook.com/FAUPorto/photos/10158752242121042/>.

Cronologia do percurso profissional de Pedro Ramalho, após receção do diploma de Arquitetura. (p. 196-197).
Realizada pela autora.

fig. 66 Pedro Ramalho, no escritório atual, 2020. (p. 198).
Fotografia da Casa da Arquitetura. Disponível em WWW: <URL: https://www.facebook.com/FAUPorto/photos/10159145197681042/>.

fig. 67 Eliseu Gonçalves (moderador), Manuel Correia Fernandes, José Quintão e António Madureira, na mesa redonda de abertura da mostra "Vasco Vieira da Costa: Biblioteca de Detalhes", 2019. (p. 201).
Fotografia da Fundação Marques da Silva. Disponível em WWW: <URL: https://www.facebook.com/fundacao.marquesdasilva/photos/a.1164237450453475/1164237753786778>.

Cronologia do percurso profissional de José Quintão, após receção do diploma de Arquitetura. (p. 202-203).
Realizada pela autora.

fig. 68 José Quintão, 2020. (p. 205).
Fotografia de António Madureira. Disponível em WWW: <URL: https://www.facebook.com/FAUPorto/photos/10159079842841042/>.

fig. 69 José Gigante e João Álvaro Rocha, no atelier de Jorge Gigante e Francisco Melo, 1986. (p. 207).
Autoria não identificada (cedida por José Gigante).

fig. 70 Filomena Gigante, Fernando Santos, João Castanheira, José Gigante, Carlos Azevedo, João Gomes, André Gigante, José Almeida, Susana Martins e Helena Melo. (em baixo: "um promissor estagiário") (p. 207).
Fotomontagem de José Gigante, in **GIGANTE, José –** *A minha obra*. PowerPoint de Apresentação de Referências na Arquitetura, apresentado na FAUP, p. 30.

Cronologia do percurso profissional de José Gigante, após receção do diploma de Arquitetura. (p. 208-209).
Realizada pela autora.

Cronologia comparativa do percurso escolar das três personagens. (p. 214-215).

Cronologia comparativa do percurso profissional das três personagens. (p. 220-221).

fig. 71 José Quintão, num almoço de amigos em Moledo, 1999. Entre eles, Alexandre Alves Costa, Manuel Fernandes de Sá, Alcino Soutinho, José Grade, José Manuel Soares, Álvaro Siza, Luísa Brandão, Laura Soutinho e Maria de Fátima Távora.
Fotografia de Carlos Campos Morais, pertencente ao arquivo pessoal do Arquiteto António Choupina.

ABREVIATURAS

APBA	Academia Portuense de Belas Artes
CCP	Cineclube do Porto
CCT	Círculo de Cultura Teatral
CDUP	Centro Desportivo Universitário do Porto
CEAU	Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo
CMP	Câmara Municipal do Porto
CODA	Concurso para Obtenção do Diploma de Arquiteto
EBAL	Escola de Belas Artes de Lisboa
EBAP	Escola de Belas Artes do Porto
ENSBAP	École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris
ESBAP	Escola Superior de Belas Artes do Porto
FAUP	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
FBAUP	Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
FFH	Fundo de Fomento da Habitação
MEN	Ministério da Educação Nacional
ODAM	Organização dos Arquitetos Modernos
PIDE	Polícia Internacional e de Defesa do Estado
SAAL	Serviço de Apoio Ambulatório Local
TEP	Teatro Experimental do Porto

Vozes Vivas da *Escola do Porto*.

Entre estórias e partilhas, o ontributo da Memória no reconhecimento da Identidade.

Ana Filipa Sousa Capela

FACULDADE DE ARQUITETURA